

Abbi Waxman

«Um romance
peculiar e excêntrico
que irá encantar
qualquer leitor.»

ENTERTAINMENT
WEEKLY

A stylized illustration of a woman with long, wavy red hair and blue-rimmed glasses. She has her eyes closed and a gentle smile, appearing to be in a state of peaceful reading. She is wearing a blue and white horizontally striped shirt. The background is a solid warm yellow. The title of the book is written in a large, white, cursive script across the center of the image, partially overlapping the woman's face and shirt. At the bottom, a pair of hands is shown holding an open book with orange pages. The text 'BESTSELLER IMEDIATO DO USA TODAY' is written in white capital letters across the top of the open book. In the bottom right corner, there is a black rectangular badge with the words 'TOP SEL' and 'LER' in white capital letters.

A vida
livresca
de
Nina Hill

BESTSELLER IMEDIATO DO USA TODAY

TOP
SEL
LER



Abbi Waxman

«Um romance
peculiar e excêntrico
que irá encantar
qualquer leitor.»

ENTERTAINMENT
WEEKLY

A vida
liwresca
de
Nina Hill

BESTSELLER IMEDIATO DO USA TODAY

TOP



Para o meu padrasto, John, que chegou tarde à festa mas ficou para limpar. Amo-te e respeito-te com todo o meu coração.

E para todos os livreiros e bibliotecários que se preocupam igualmente com os escritores e os leitores, e que os juntam todos os dias. O mundo seria muito mais solitário sem vocês.

«Solitude é independência.»

HERMANN HESSE

«Independência é felicidade.»

SUSAN B. ANTHONY

«Felicidade é teres um cartão da biblioteca em teu nome.»

SALLY BROWN, *Peanuts*

Hoje é o dia

DATA Terça-feira, 30 de abril

S T Q Q S S D
△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

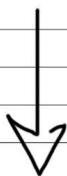
17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho



Spin

QUIZ



LISTA DE AFAZERES

☐

☐ Comprar garrafa de água

☐

☐ Arranjar clips

☐

☐ Agrafos

☐

☐ Comida para o gato

☐

☐

OBJETIVOS

BEBER MAIS
ÁGUA!!

NOTAS

Acabar de ler
«A Educação
de Eleanor»

+ PEQUENO-ALMOÇO

Smoothie ☺

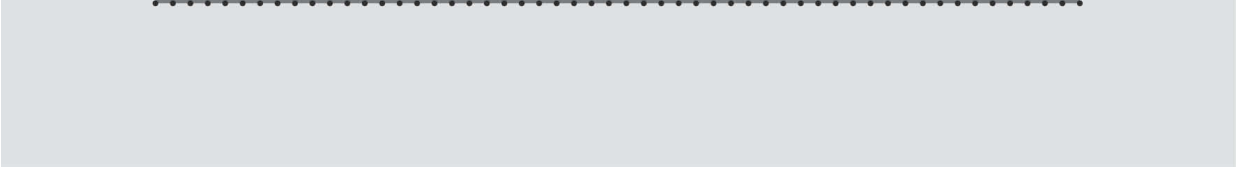
+ ALMOÇO

Subway?

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO

Spin antes do quiz?



Um

.....

*Em que conhecemos a nossa heroína e testemunhamos
um crime de desconsideração.*

Imagina que és uma ave. Pode ser uma ave qualquer, mas os que tiverem escolhido avestruz ou galinha vão ter dificuldades. Agora, imagina que voas nos céus por cima de Los Angeles, tossindo ocasionalmente por causa da poluição. Fitas brilhantes de trânsito reluzem por baixo de ti e, à distância, vês uma extensão impossivelmente viçosa, como uma cerzidura verde numa peúga cinzenta. Quando te aproximas, essa extensão revela-se um quadriculado de casas e ruas antigas, e chegaste a Larchmont. Parabéns, estás na posse de um segredo que nem mesmo todos os naturais da cidade conhecem. É um bairro como outro qualquer, mas ostenta um bosque de árvores generosamente plantadas ao longo de ruas algo sinuosas que parecem ter sido retiradas em peso de um filme de Capra e ali postas, todas ao mesmo tempo, na década de 1920.

As casas são grandes, mas não vistosas, recuadas atrás de jardins fronteiros que fazem as ruas parecer ainda mais largas do que são. Nos dias de hoje, a maioria das casas mantém a aparência de sempre, graças à conservação histórica e a um consenso geral de que aquilo é tudo giríssimo. As árvores transformaram-se em exemplares verdadeiramente belos da sua espécie: as magnólias inundam as ruas de perfume, os cedros cobrem-nas de tapetes de agulhas avermelhadas e os carvalhos

tornam a limpeza da rua e o estacionamento alternado¹ uma necessidade.

Larchmont Boulevard é o coração linear de Larchmont Village, povoada de cafés, restaurantes, boutiques, lojas de vários géneros de artesanato e uma das poucas livrarias em Los Angeles que permanece independente. É onde trabalha Nina Lee Hill, solteirona desta paróquia e heroína tanto da sua vida como deste livro que seguras na tua mão calorosa.

A Knight's está aberta desde 1940 e, embora a sua sorte tenha tido altos e baixos ao longo dos tempos, um genuíno amor pelos livros e um minucioso conhecimento dos seus clientes têm-na mantido em funcionamento. É, como todas as boas livrarias independentes deviam ser, gerida por proprietários e funcionários que adoram livros, que os leem, pensam acerca deles e os vendem a outras pessoas que sentem o mesmo. Há a hora da leitura para crianças. Há visitas de autores. Há marcadores de livros grátis. É um verdadeiro paraíso na terra, se achares que o paraíso cheira a papel e cola. É assim que cheira para Nina, porém, no momento em que a nossa história começa, ela preferiria voltar à parte em que éramos todos pássaros e cagar na cabeça da mulher diante dela.

A mulher fitava Nina de uma forma que só se pode descrever como truculenta, fazendo tilintar a sua ampla joalharia turquesa culturalmente apropriada.

— Quero o meu dinheiro de volta. É um livro muito enfadonho; passam o tempo todo sentados a conversar. — Respirou fundo e apresentou o *coup de grâce*. — Não sei porque é que a gerente me disse que é um clássico.

Nina olhou em volta à procura de Liz Quinn, a culpada. Conseguia ouvir à distância o restolhar de seda lavável, enquanto Liz se escondia na secção de *young adult*. Nina inspirou ódio e expirou amor. Sorriu à cliente.

— Leu-o até ao fim?

A mulher não lhe devolveu o sorriso.

— Claro. — Não era desistente, apenas queixinhas.

— Bem, não podemos devolver-lhe o dinheiro. — Nina enrolou os dedos dos pés dentro das suas meias fofinhas. Claro que a cliente não estava a ver, e Nina esperava sinceramente parecer calma e determinada.

— Porque não? — A cliente era baixa, mas conseguiu esticar-se alguns centímetros. Todo aquele pilates estava finalmente a compensar.

Nina foi firme.

— Porque lhe vendemos um livro e a senhora leu-o. É basicamente o ciclo de vida das livrarias. Se não gostou, lamento muito, mas não podemos fazer nada acerca disso. — Baixou o olhar para o livro em cima do balcão. — Não gostou mesmo? É geralmente considerado um dos melhores romances de todos os tempos. — Nina resistiu ao impulso de puxar da sua pistola de ar comprimido imaginária e rebentar a cabeça da mulher, e teve um lampejo fugaz daquele momento no *Exterminador 2* em que a sua cabeça prateada se divide ao meio. Liz estava sempre a recomendar-lhe que fosse mais simpática para os clientes e que se lembrasse de que eles podiam comprar pela Internet qualquer livro do planeta mais depressa do que a Knight's conseguia encomendá-lo. Nina precisava de transformar o atendimento numa experiência simpática e pessoal, que agradasse tanto aos clientes que eles dessem à loja a) mais dinheiro e b) mais tempo do que dedicavam a Esse Outro Sítio. Os livreiros independentes chamavam-lhe O Rio, para evitarem dizer o nome em voz alta. Mas, como Nina muitas vezes pensava, a negação não é apenas um rio na América do Sul.

A mulher fez uma careta.

— Não sei porquê. A heroína fica sentada a olhar pela janela o

tempo todo. Se eu passasse o tempo sentada a refletir na vida, garanto-lhe que não seria tão bem-sucedida como sou. — Atirou para trás o longo cabelo louro, com a sua ondulação cuidadosamente «natural» com ar de praia, e teve outra ideia. — Se eu não gostar da comida num restaurante, posso mandá-la para trás e ser reembolsada.

— Se a tiver comido, não. — Disto, Nina tinha absoluta certeza.

— Posso obter pelo menos um crédito na loja?

Nina abanou a cabeça.

— Não, mas posso sugerir-lhe um cartão da biblioteca? Numa biblioteca pode requisitar um livro, lê-lo e devolvê-lo sem ter de pagar absolutamente nada. — Forçou um sorriso. — Na verdade, há duas a que pode ir a pé daqui. — Tinha a certeza de que Liz ficaria satisfeita por perder aquela cliente. Certeza absoluta.

— A pé?

Nina suspirou.

— Ambas têm estacionamento. — Empurrou o livro por cima do balcão. — E isto continua a ser seu. Talvez possa tentar lê-lo noutra altura. Eu já o li umas 20 vezes. (O número estava muito subestimado, mas Nina não queria acabar com os neurónios que restavam à cliente.)

A mulher franziu-lhe a testa.

— Porquê? — Olhou Nina de cima a baixo, sem antipatia, apenas tentando perceber porque é que alguém faria uma coisa tão estranha. Nina usava um casaco de malha *vintage* verde-claro sobre um vestido azul, com uma pregadeira na gola. Aparentemente, a cliente ficou esclarecida, porque a sua expressão amoleceu e tornou-se compassiva. — Suponho que, quando se tem uma vida aborrecida, as vidas aborrecidas das outras pessoas funcionam como um conforto.

Nina pôs-se em bicos de pés e ferveu enquanto a mulher, descuidadamente, atirava *Orgulho e Preconceito* para dentro da

sua mala de marca, entortando a capa e dobrando as folhas.

Passados dois minutos, a cabeça de Liz apareceu por cima da estante da banda desenhada.

— Já se foi embora?

Nina assentiu com a cabeça, arrumando compulsivamente uma pilha de marcadores e tentando esquecer os maus-tratos a um livro que acabara de testemunhar.

— És uma grande cobarde, nem sequer apareceste para defender a tua segunda escritora favorita do século XIV. Devias ter vergonha.

Liz encolheu os ombros.

— Jane Austen não precisa de defesa. Saíste-te bem e, além disso, nunca me esqueci de uma longa conversa que tive com aquela mesma cliente acerca do LSD e as fronteiras da consciência. — Endireitou alguns exemplares de *Roller Girl*. — Julguei que estávamos a falar das suas férias, mas afinal ela tinha ficado em casa e ido mais longe do que alguma vez julgara possível. — Inclinou a cabeça para mirar Nina por cima dos óculos, o seu cabelo curto e escuro quase sem grisalhos, apesar das muitas carreiras que tivera e das muitas cidades e vidas de que fizera parte. — Houve uma longa divagação acerca da profunda beleza interior de um iogurte quando visto com as lentes dos alucinogénios, que me fez evitar o Yoplait para sempre.

Nina olhou-a atentamente.

— Custa-me muito acreditar nessa história.

Liz virou-se e dirigiu-se à secção de Ensaio.

— Espero que sim, visto que inventei tudo.

Nina baixou o olhar e sorriu. Nunca se sentira mais em casa do que na Knight's, com a sua abundância de sarcasmo e reconfortantes filas de lombadas. Era o céu na terra. Se ao menos

pudessem livrar-se dos clientes e fechar a porta da frente, isso é que seria mesmo bom.



Sendo filha única de mãe solteira, o estado natural de Nina era a solidão. Ao crescer, vira as outras pessoas com pais, irmãos e irmãs, e parecia-lhe divertido; mas, de uma maneira geral, achava que estava melhor sem uma multidão à sua volta. Bem, talvez não tivesse sido sempre assim. Alturas houve em que as desejou, sobretudo quando andava na escola. Havia lá muitos miúdos que tinham irmãos e irmãs mais velhos que já estavam no secundário, e esses miúdos tinham uma aura de proteção que ela invejava. Os irmãos mais velhos acenavam-lhes no recreio, e chegavam mesmo a parar para conversar e conferir grandeza. Quando ela própria chegou ao secundário, ouvia os miúdos com irmãos mais novos a queixar-se deles, mas não deixavam de acenar ou ir falar com eles. Ela constatava a ligação, a morada partilhada, e imaginava como seria.

A mãe de Nina, Candice, tivera-a depois de uma breve relação com um tipo que conhecera naqueles tempos estranhos antes do Google (1988 a. G.?), quando uma pessoa só podia basear-se naquilo que lhe era dito pessoalmente. Nina abanava muitas vezes a cabeça perante os riscos que aquele pessoal da Geração X corria. Não tinham uma base online de registos criminais, nenhuma hipótese de vasculharem as redes sociais em busca de mulheres e filhos, nem de ler meses de *feeds* em busca de pistas. Tinham mesmo de falar presencialmente com um estranho sem conhecerem a sua história. Podiam fingir ser alguém completamente diferente com cada pessoa que encontravam sem o esforço de criarem um perfil online consistente; o potencial para a desonestidade e a fraude era chocante. Adiante. A mãe de

Nina nem sequer tinha a certeza do nome do tipo, nem se ralava com isso. Era repórter fotográfica, viajava pelo mundo e arranjava amantes sempre que tinha oportunidade, sem culpas nem complicações. *Eu sabia que te queria a ti*, explicava ela a Nina. *Sabia lá se também o queria a ele*.

Ao princípio, Candice levava Nina para todo o lado, carregando-a debaixo de um braço e deitando-a em gavetas nos quartos de hotel. Após um ano ou dois, contudo, Nina tornara-se inconvenientemente grande e irrequieta, por isso Candice arranjava um bom apartamento em LA e uma ama ainda melhor e deixara Nina entregue à tarefa de crescer. Aparecia três ou quatro vezes por ano, trazendo presentes, doces estranhos e cheiro a aeroporto. Nina nunca conseguira realmente conhecê-la, apesar de Candice ocupar muito espaço na sua imaginação infantil. Quando lera pela primeira vez *Sapatos de Ballet*, em criança, percebera que a mãe era o tio-avô Matthew.

A sua ama, Louise, fora uma mãe maravilhosa: divertida, interessada, com gosto pelos livros, amorosa e delicada. Criara uma vida pacífica para Nina e, depois da sua festa de formatura na faculdade, abraçara-a, chorara um bocadinho e regressara ao Sul, para ajudar a criar os filhos das filhas mais velhas. Nina ficara mais desolada com a partida de Louise do que alguma vez ficara ao despedir-se da própria mãe. Candice dera início à corrida, mas Louise levava Nina até à linha da meta.

Nina não sentira tanto a falta da mãe como sentia a de não ter pai. Não sabia exatamente o que é que os pais faziam no dia a dia, mas tinha-os visto de pé nas bancadas nos jogos de futebol da liga infantil, ou a aparecerem no fim das aulas, de mãos nos bolsos. No básico, tornaram-se completamente invisíveis, mas tinham reaparecido no secundário, sempre prontos para irem buscar os adolescentes depois das noitadas, evitando os olhos de todos quando uma multidão de raparigas adolescentes se

empilhava dentro do automóvel com o cheiro distinto a *sprays* corporais baratos e decotes generosos que revelavam seios em crescimento. Nina achava-os misteriosos. Quando ia a casa de outras pessoas, via as suas mãos — de facto, muitas vezes, estabelecia boas relações com as mãos —, mas ao sair do secundário ainda não percebera verdadeiramente para que serviam os pais. Eram um bónus agradável, como uma piscina ou um cão giro, ou uma predisposição natural para a pele sedosa.

— Então, qual é o programa para esta noite? — perguntou Liz. — O Clube de Leitura para Senhoras Delicadas? Noite de Bridge para Apoio às Pessoas Transgénero? Demónios da *Découpage*?

— Achas-te muito engraçada — respondeu Nina —, mas a verdade é que tens inveja das inúmeras atividades diversas que me mantêm a mente alerta.

— A minha mente não precisa de incentivos — respondeu Liz. — Na verdade, ando a tomar drogas duras na esperança de matar algumas células cerebrais e equilibrar o confronto cérebro/corpo.

O mesmo acontecia com Nina. Não a parte das drogas duras, mas a parte de a sua mente não precisar de incentivos. Em criança, fora diagnosticada com PDA, ou PDAH, ou uma sigla qualquer desse género, mas a bibliotecária da sua escola limitara-se a estalar a língua e dizer que ela era imaginativa e criativa, e que não se podia esperar que toda a gente a acompanhasse. Começara a dar a Nina livros extra e enciclopédias para ler. Esta abordagem, Nina percebia-o agora, não era clinicamente recomendada e nada fizera pelas suas capacidades matemáticas, mas fez com que ela chegasse ao secundário tendo lido mais do que qualquer outra pessoa, incluindo os professores. Também implicou que ela visse os livros como remédio, refúgio e fonte de todas as coisas boas. Até agora, não encontrara prova em contrário.

Nina olhou para a chefe.

— Hoje é noite de *quiz*. — Sabia que Liz se queria juntar à sua equipa de *quiz* mas não arranjava energia para as noites longas e as sessões de estudo semanal.

— Ainda não vos expulsaram? Pensei que iam fazê-lo, por estarem sempre a ganhar.

— Expulsaram-nos de um sítio, mas há muitos bares onde nunca ouviram falar de nós.

Liz ergueu as sobrancelhas.

— És uma penetra do *quiz*?

Nina encolheu os ombros.

— Vivendo o sonho dos *gangsters*.

Liz fitou-a.

— Vá lá. Mostra-me.

Nina abanou a cabeça.

— Por favor.

Nina suspirou.

— Tens de me dar uma categoria.

— Vida marinha.

— Demasiado fácil. Um polvo de 50 quilos consegue espremer-se por um buraco do tamanho de um tomate-cereja.

— Kurt Vonnegut.

— Abriu um dos primeiros stands de automóveis da *Saab* na América.

— Júpiter.

— Tem o dia mais curto de todos os planetas. Posso parar agora?

— Dói-te a cabeça? Estás a ver uma aura à volta das coisas?

— Não, mas a tua expressão expectante está a deixar-me um bocadinho stressada.

Liz riu-se e virou as costas.

— Não fazes ideia de como esse truque de festa é divertido —

acrescentou por cima do ombro. — Não te esqueças de vir bem vestida, amanhã. Vem cá o Mefistófeles.

— Está bem. — Nina ficou a franzir a testa, tentando lembrar-se da verdadeira duração de um dia em Júpiter. Não conseguiu evitá-lo, eram... 9 horas e 55 minutos. Graças a Deus. Não conseguir lembrar-se de alguma coisa era uma tortura para Nina. Era como uma comichão no céu da boca ou como quando se tem uma picada de inseto entre os dedos dos pés. Tem de se coçar, embora seja uma sensação quase demasiado intensa para suportar. Liz pensava que todos os clubes e atividades em que Nina participava eram uma forma de ser sociável, mas estava completamente enganada. Se nada o distraísse, o seu cérebro tinha tendência a descarrilar e enlouquecê-la com intermináveis rios sinuosos de pensamento, ou com constantes questões inoportunas para as quais precisava de encontrar resposta. O *quiz*, a leitura, o clube de leitura... eram simplesmente armas de autodefesa.

¹ O estacionamento alternado é uma lei de trânsito que determina em que lado da rua os carros podem ser estacionados num determinado dia. [N. T.]

Dois

.....

Em que ficamos a conhecer algumas coisas que irritam Nina.

Nina caminhou para casa sob a luz dourada do entardecer no seu bairro, a hora mágica, adorada pelos diretores de iluminação no cinema e solteiros que sonham com os seus planos para a noite. À sua volta, as pessoas passeavam os cães depois do trabalho, falando ao telefone, indiferentes à luz oblíqua que incidia nas janelas e nos batentes das portas, às cores pastel do céu com tantas transparências como a fila para a passadeira vermelha. Nina constatava muitas vezes que LA não era uma cidade bonita, arquitetonicamente falando, mas o céu tornava-a bonita várias vezes por dia. Como em tudo o que é de Hollywood, o tipo que trata das luzes é Deus.

Por exemplo, a esta hora do dia, o sol tornava fantástico o seu cabelo ruivo-escuro. Se Nina soubesse como ficava bonito, ter-se-ia fotografado, mas infelizmente estava a pensar em *pickles* — fatiados, inteiros ou em molho americano — e escapou-lhe a oportunidade. Em geral, ela não era o género de mulher que fizesse virar cabeças; a sua aparência era um gosto adquirido e a sua expressão sugeria às pessoas que não teriam muita oportunidade de o adquirir. Era pequena e magra, e dava a impressão geral de uma corça bebé, até começar a falar e as pessoas perceberem que tinham estado a olhar para uma raposa. Como a sua boa amiga Leah dissera certa vez, ela não era má; era

dolorosamente certa.

Nina arrendava a casa de hóspedes de uma das maiores moradias de Windsor Boulevard. Era uma casinha encantadora, completamente separada da casa principal, com uma entrada independente. Absolutamente perfeita para Nina. Os proprietários eram amigos da mãe e, quando Nina terminara a faculdade, tinham por milagre acabado de remodelar a sua casa de hóspedes. Ofereceram-se generosamente para lha arrendar, e Nina aceitara, felicíssima.

O seu gato, *Phil*, estava sentado no portão à espera dela. *Phil* era um tigrado castanho e creme, com a ponta da cauda preta e as patas brancas. Saltou quando o portão se abriu e subiu as escadas à frente dela, com a ponta da cauda a dar-lhe um toque alegre, como uma bandeirola na bicicleta de uma criança. Nina notou que ele deixara uma minhoca muito grande e muito morta no tapete da entrada. O gato parou ao lado dela como quem não quer a coisa, tipo, *ah, pois, quase me esquecia, trouxe-te uma minhoca. Nada de especial, só uma minhoca magnífica que capturei com as minhas próprias patas e trouxe para ti. Pensei que talvez te apetecesse um petisquinho depois do trabalho, sabes.* (Pelos vistos encarnara o Ursinho Pooh.)

Nina baixou-se e fez-lhe uma festa na cabeça.

— Obrigada, *Phil*. É uma minhoca incrível. — *Phil* roçou-se nas suas pernas, deliciado consigo próprio. Outros gatos talvez ficassem em casa todo o dia, a preguiçar e a lamber os rabos, mas ele saía e Tratava da Vida. — Mas vou guardá-la para mais tarde, se não te importares.

Phil mostrou-se indiferente.

Nina abriu a porta e entrou, atirando com os sapatos. Colocou furtivamente a minhoca na bancada da cozinha, para a deitar fora quando o gato estivesse distraído. Olhou para o relógio gigante na parede; ainda faltava uma hora para o *quiz*. Ligou a chaleira,

era hora de relaxar e organizar. Adorava o seu apartamento, ainda que chamar-lhe apartamento fosse um tanto exagerado. Era basicamente uma grande sala, com uma kitchenette minúscula e uma casa de banho, mas o que tinha em abundância era luz e estantes e, francamente, de que mais é que uma pessoa precisava? Grandes janelas duplas a sul e paredes a leste enchiam a casa de luz e cor, e as estantes iam do chão ao teto. Havia um enorme cadeirão junto à janela, onde Nina podia sentar-se — e sentava — a ler até mais não. O tapete persa era todo em tons vermelhos e laranjas, com tigres e aves, uma recordação de uma qualquer viagem da mãe, e tinha aparecido uma semana ou duas depois de Nina se ter mudado para ali (com uma cama, uma cadeira, seis caixotes de livros, um gato, uma máquina de café e um grande quadro de avisos). Trazia uma nota que dizia: «Olá, tinha isto num armazém há anos, pensei que podias gostar. Avisa-me se quiseses o resto das coisas.»

Resto das coisas? Nina ligara imediatamente à mãe.

— Olá, mãe. Onde é que estás? — Era a sua saudação habitual.

— Neste momento, estou em Londres, querida. E tu? — A mãe era australiana, mas o seu sotaque esbatera-se ao longo dos anos até ser só um vestígio ocasional. Abria os «a» no final das palavras e dizia caramelos em vez de rebuçados, mas não usava um chapéu com rolhas de vinho penduradas.

Nina sorrira ao ouvir a voz da mãe, a parte dela que lhe era mais familiar.

— Estou no Dubai, mãe. No cimo do Burj Khalifa.

— A sério? — A mãe parecera entusiasmada. — Como é a vista?

Nina suspirara.

— Não. Estou em LA, exatamente onde me deixaste.

— Oh. — A mãe ficara claramente desapontada. Nina não herdara a sua sede de viajar. Não o disse por palavras, mas não era preciso.

— O que é que se passa com este tapete? — perguntara Nina, calcando o tapete enrolado com o pé.

Nina ouvira a mãe a beber chá. Devia estar a fazer três ou quatro coisas ao mesmo tempo que atendia a chamada. Uma coisa de cada vez? Que piada é que isso tinha?

— Bem, eu vivia em LA quando estava grávida de ti, lembra-te?

— Claro. — Nina conhecia a história da sua origem de cor, como toda a gente. A mãe não era propriamente uma rameira, apenas não estava interessada em relações românticas. Muitos anos antes, Nina perguntara-lhe porque não optara por um aborto, e Candice rira-se da sua maneira habitual: «Porque achei que seria uma aventura, e foi mesmo. *AventurAA!*»

— O tapete é lindo. Como são as outras coisas?

— Bem, acho que há um pouco de tudo. Vai lá ver, se quiseres. — Depois disse-lhe onde ficava o armazém, e agora Nina olhava em redor do seu pequeno lugar feliz e via a mobília onde provavelmente teria feito chichi quando era bebé. Um pequeno sofá *kilim*, uma otomana do Rajastão de que *Phil* se apossara, e toda a coleção de arte da mãe que conseguira arrastar para fora do armazém. A única parede que não fora tapada com estantes estava coberta de fotografias, imagens de Ruth Orkin, Henry Cartier-Bresson, Inge Morath e alguns instantâneos que a própria Nina tirava e de que gostava, cartazes e capas de revistas com os programas de televisão e as celebridades da sua infância, o seu «cantinho da visualização», com o quadro de avisos e o calendário (não é para rir, tomaras tu ser tão organizado como a Nina!), fotografias da mãe e de *Phil* quando era bebé. Encostada a uma parede encontrava-se uma cama de solteiro da coleção *Malm* do IKEA — com as gavetas de arrumação opcionais, atenção! A propósito, o plural de *Malm* é mesmo *Malm*; *Malms* soa mal, embora também soe como um delicioso doce feito com marshmallows.

Inclinando-se para apanhar a correspondência, Nina deu comida a Phil e serviu-se de um copo de vinho. Foi até ao cantinho da visualização e ficou ali, de testa franzida para o quadro de avisos, com as suas imagens e citações inspiradoras, bem como sugestões de vida que nunca pusera, de facto, em prática. Ela gostava de ser organizada, mas sentia sempre que havia espaço para muito mais. Gostava de ter pastas e listas de cores coordenadas, e passava meia hora todas as manhãs a rever a sua agenda, estabelecendo objetivos e intenções para o dia e, de uma maneira geral, a refletir. Este era o tempo que ela tinha, é claro, posto de parte para esse fim na sua agenda. Só gostava que houvesse mais para, realmente... *planear*. Por vezes, fazia listas de coisas que já tinha feito só para lhes poder pôr um visto, o que não conseguia deixar de considerar bastante patético, embora estranhamente satisfatório.

Licenciara-se na UCLA com um curso interessante mas inútil (História da Arte, obrigada por perguntas) e aceitara o emprego na Knight's enquanto decidia o que queria fazer, agora que era adulta. Na verdade, passara os anos seguintes a crescer, tendo casos amorosos de curta duração e um ligeiramente mais longo e depois outros curtos, Pondo-se em Forma e Sendo Vegan e Paleo e depois Desistindo e Comendo de Tudo Outra Vez. Praticou yoga, depois *spinning*, depois uma combinação de yoga e *spin* à qual se referia como *spoga*, depois *découpage* e tricô, e foi a uma série daqueles eventos noturnos em que as pessoas bebem vinho e pintam, mas tinha uma suspeita irritante de que o seu desempenho ficara, de alguma forma, abaixo das expectativas. O seu propósito na vida não podia certamente ser ler todos os livros possíveis.

Muitas das suas amigas estavam em relações românticas duradouras, mas Nina era solteira. Gostava de sexo, gostava de pessoas com pontos de vista diferentes, ia a encontros. Mas, em

LA, os encontros eram um desporto de contacto facilitado pela Internet e, após uma dúzia de noites que tinham estabelecido novos mínimos no seu comportamento interpessoal, decidira fazer uma Pausa nos Encontros. Tinha sido muito mais fácil do que quando tentara deixar a cafeína.

Nina temia gostar demasiado de estar sozinha; eram as únicas ocasiões em que se sentia completamente descontraída. As pessoas eram... cansativas. Deixavam-na ansiosa. Sair do seu apartamento todas as manhãs era o virar de uma ampolheta gigante, com a energia mental que armazenara durante a noite a esvair-se a pouco e pouco. Recarregava as baterias arranjando momentos de solidão, e por vezes sentia que a sua vida era nadar longas distâncias entre ilhas de silêncio. Gostava de pessoas — a sério —, mas precisava de as tomar em doses homeopáticas, um pouco do veneno era a cura.

Sozinha, definia objetivos e cumpria-os, desafiava-se e aceitava os desafios, começava passatempos e desistia deles, e se limpava periodicamente o seu quadro de avisos e afixava novos objetivos e planos e datas e orçamentos e comprava uma nova agenda a meio do ano e começava de novo, qual era o problema? Nina inclinou-se para a frente e fez uma cruz sobre esse dia, apesar de este ainda não ter acabado.

Estás a ver? Sempre muito à frente!



A equipa de *quiz* de Nina era composta por ela e pelos seus três melhores amigos, e chamava-se De Livro em Riste, porque... porque não? Eram inexpugnáveis em livros (Nina), História e Geografia (a sua amiga Leah), Cultura Popular Contemporânea (Carter, um ex-namorado de Leah que era demasiado divertido e inteligente para deixar ir completamente), e Atualidade e Política

(a sua outra amiga, Lauren). Eram todos igualmente bons, ao verdadeiro género *millennial*, em Cultura Popular Clássica (1950-1995, de Lucy Ricardo a Chandler Bing) e na identificação de petiscos internacionais. Apesar de Nina ser fã de futebol americano, o seu calcanhar de Aquiles continuava a ser o desporto. Num esforço para aumentar os seus conhecimentos desportivos, começara a ler a *Sports Illustrated*, mas até agora só lhe servira para ter sonhos picantes com um praticante de *snowboard* norueguês cujo nome não sabia sequer pronunciar.

Tendo sido expulsos do seu último bar habitual por nunca deixarem ninguém ganhar, os De Livro em Riste testavam agora cautelosamente um novo local. Situado em Silver Lake, o Sugarlips abrira há dois meses e servia uma ampla seleção de refrigerantes (internacionais e nacionais), bem como a habitual panóplia de cervejas artesanais. Também começava a ganhar reputação devido às tacinhas de cereais que servia como aperitivos, o que supostamente explicava o seu nome.

— Que tal? — Lauren observava Carter enquanto este provava um refrigerante de pera com gás. Lauren tinha cabelos e olhos negros, e uma alma a condizer que se deleitava com o género de humor que outros podiam considerar sardónico. Lembrava a Nina um bom pão caseiro, com a côdea dura por fora e um miolo macio e gratificante.

Carter encolheu os ombros.

— Sabes, nunca tinha bebido nada de pera com gás, por isso não posso comparar. Mas sabe a... pastilha elástica de melancia? — Deu mais um gole. — É bastante surpreendente, mas acho que só se estivesse pedrado é que o apreciava devidamente. — Ele não parecia o género de rapaz que ficava pedrado. Parecia o género de rapaz que ajudava velhinhas a atravessar a rua e que comungava regularmente, mas, como toda a gente sabe, as aparências iludem. Tinha o símbolo da Aliança Rebelde tatuado

no braço, e a Força era intensa na sua família.

— Não. — Nina abanou a cabeça. — Concentra-te no jogo. Sabes as regras.

— Talvez me tornasse mais rápido.

Lauren riu-se para dentro do copo da sua cerveja.

— Pois, porque é uma coisa que as pessoas dizem sempre: «Temos de agir com o máximo de rapidez e eficiência, roda aí a ganza!»

O concurso começou e os De Livro em Riste deram cartas durante cerca de uma hora. Depois chegou um grupo de retardatários, para lhes estragar a noite.

— Oh, merda — murmurou Carter. — Olha quem eles não são.

Nina virou a cabeça.

— Quem é que não são?

— Bolas — disse Leah. — São os És um Quiziceiro, Harry.

Nina manteve uma expressão impassível, mas por dentro sentia-se vexada. Os Quiziceiros eram, de facto, o único desafio que eles tinham tido no mundo dos bares de *quiz* do leste de Los Angeles, que é, reconhecidamente, um mundo muito pequeno, mas Nina era competitiva.

Observaram os Quiziceiros, que eram três rapazes e uma rapariga, uma versão inversa deles, sentarem-se na mesa em frente. O líder da equipa era claramente o rapaz alto que semicerrou os olhos para Nina e depois levantou a mão numa espécie de saudação.

Nina susteve o olhar dele por alguns momentos, depois bocejou intensamente.

— Simpática — disse Lauren. — Subtil.

— Ele irrita-me.

— O que é que te irrita? A beleza dele ou o facto de ele saber muito mais de desporto do que tu?

— Ele não é bonito. E sabe mais de desporto do que eu porque é

um bronco. Já repararam que nunca responde a nenhuma pergunta que não seja de desporto?

— Isso não é bem assim. Há umas semanas, respondeu a uma pergunta sobre supermodelos.

— Bah, assuntos de fato de banho — disse Nina.

Leah e Lauren olharam uma para a outra por cima da cabeça dela.

— Pessoalmente, acho que é a beleza — disse Leah. — Acho que vocês estão destinados a apaixonar-se um pelo outro e a fugirem juntos numa lua de mel de *quizzes*.

— Que seria passada onde?

— No estúdio de Culver City onde filmam o *Jeopardy*!?

— Em Washington DC, para poderes enfiar-te na biblioteca do Congresso?

— Havai?

Olharam todas para Carter.

— O que é que o Havai tem que ver com os *quizzes*? — perguntou Lauren.

Carter encolheu os ombros.

— Não sei. Estava a concentrar-me na parte da lua de mel.

Nina suspirou.

— Ele é objetivamente atraente, mas subjetivamente repulsivo, devido à sua assombrosa autoconfiança.

Carter assentiu com a cabeça.

— É verdade, porque as mulheres detestam um homem confiante. É por isso que o Luke é muito mais atraente do que o Han.

— O sarcasmo faz-te rugas — disse Nina. Olhou discretamente para o líder dos Quiziceiros. Tinha cabelo escuro que parecia não ver pente, o que era bom, e um rosto ossudo e esguio, que só não era tradicionalmente bonito porque ele, claramente, partira o nariz algures no seu passado. — Além disso, parece meter-se em

lutas, e eu sou pacifista.

Nenhuma destas coisas era completamente verdade, o que fez Carter revirar os olhos.

O apresentador do concurso deu uma pancadinha no microfone.

— Muito bem, hoje temos uma nova equipa que se junta à festa: És um Quiziceiro, Harry. A atual equipa líder, os De Livro em Riste, tem um avanço de 10 pontos, mas ainda temos três rondas pela frente e, de acordo com as regras, as últimas equipas não têm créditos extra, por isso, boa sorte a todos!

Nina verificou se toda a gente tinha papel e lápis à mão para tirar notas. Mais ninguém precisava de papel e lápis, claro está — era ela que preenchia as respostas —, mas gostava que todos estivessem preparados. E se ela, de repente, tivesse uma apoplexia e partisse o lápis? O seu cérebro teve de imediato uma visão em câmara lenta da sua queda, o lápis a partir-se debaixo dela, pedaços de madeira e grafite a saltitar pelo chão. Ela precisava mesmo de dar uma queca. Aquele género de sonhos acordada não podia ser um bom sinal. Olhou para o rapaz dos Quiziceiros que, tinha de admitir, era totalmente sexy e provavelmente estúpido como um cepo. Não, cérebro, não, repreendeu-se a si mesma, ao que o seu cérebro respondeu que não tinha qualquer responsabilidade no assunto em questão e sugeriu que Nina dirigisse a sua queixa a uma autoridade mais abaixo.

— Estás a prestar atenção, Nina? — berrou Leah. — Estão a distribuir as folhas das perguntas.

— Sim, sim.

Tirou uma folha das mãos do apresentador, que se inclinou para ela e disse:

— Dez dólares em como os Quiziceiros dão cabo de vocês.

Nina franziu a testa para ele.

— Howard, tem juízo. Já vamos com uma ronda de avanço. Será difícil apanharem-nos.

Leah debruçou-se para ele e espetou-lhe um dedo no peito.

— Ei, lá por eu não querer sair contigo, não é preciso arrastares o jogo para o assunto. Este é um desporto decente, praticado por pessoas decentes.

— Em bares decentes — interveio Carter.

— A horas decentes — concluiu Lauren.

Todos conheciam Howard porque ele corria os bares todos a apresentar as noites de *quiz*. Autointitulava-se o Rei das Perguntas, mas os outros chamavam-lhe o Parvo do Quiz. Gostava de mostrar o seu poder, que se baseava apenas no facto de estar na posse de todas as respostas, e a equipa suspeitava que era ele o culpado por terem sido expulsos do último bar.

— Vocês estão bêbedos. Eles vão usar-vos para limpar o chão.

— Não estou bêbeda — disse Nina. — Estou completamente sóbria e vou aceitar a tua aposta e ficar com o teu dinheiro.

Howard riu-se desdenhosamente, o que foi ainda menos atraente do que se possa imaginar, e afastou-se.

Na mesa dos Quiziceiros, Lisa, o elemento feminino da equipa, estava a trocar de Tom, o rapaz alto que Nina julgava ser estúpido como um cepo.

— Gostas daquela rapariga, não gostas? — Inclinou a cabeça um centímetro na direção de Nina.

Tom abanou a cabeça.

— Absolutamente nada. É muito emproada. E é muito baixinha.

— Podia ter continuado e dito que tinha pele de pêssago e cabelo da cor de um *setter* irlandês e uma boca maior num canto do que no outro e tornozelos que quase não adelgaçavam... mas pensou que isso podia sabotar a sua posição.

Jack, outro membro da equipa dos Quiziceiros, fez uma careta.

— Tens inveja porque ela sabe mais do que tu.

— Não sabe, não.

— Sabe, sim. Parece saber tudo.

— Ninguém sabe tudo.

— Ouvi dizer que trabalha numa livraria — disse Paul, o último membro da equipa dos Quiziceiros.

— Isso não é batota?

Tom olhou-o.

— Não me parece que ter um emprego seja batota, Jack. Há montes de pessoas que têm empregos.

— Eu, não — disse Jack orgulhosamente. Houve uma pausa enquanto ele pensava se era ou não algo de que devesse gabar-se, e acabou por decidir que se sentia bem com isso. — Sou um artista.

— És um vândalo — disse Lisa. — Escreves o teu nome nas fachadas dos edifícios.

— Estou a exercer o meu direito ao protesto político.

— Não tarda nada, estarás a exercer o teu direito ao serviço comunitário — respondeu Paul. Era advogado, não conseguiu conter-se.

Lisa, que conhecia Tom desde o secundário, observou a sua expressão. Decididamente, ele gostava da líder dos De Livro em Riste. Olhou para a rapariga, que era, de facto, bonita, de uma maneira invulgar e interessante, e perguntou-se se teriam algum conhecido em comum. Estava na altura de Tom voltar a namorar. Passara tempo suficiente desde o último... desastre. Fez uma nota mental para perguntar a Jack qual era a livraria.

Howard voltou a bater no microfone.

— Equipas, que se iniciem as batalhas. Lápis preparados, o tempo começa... agora.

Hoje é o dia

DATA Quarta-feira, 1 de maio S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Vestir-me bem!!!

Trabalho

Clube de leitura



OBJETIVOS

Melhorar os conhecimentos de desporto

NOTAS

Wiki corridas de cavalos

LISTA DE AFAZERES

☐ *Subscrever a Sports Illustrated*

☐

☐ *Cereais*

☐ *Pipocas*

☐ *Marshmallows*

☐ *Chocolate*

☐ *Leite*

☐

☐

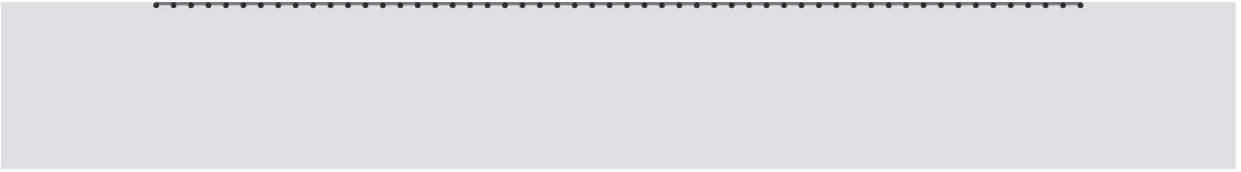
☐

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO



Três

.....

Em que Nina é surpreendida, não necessariamente de maneira agradável.

As manhãs eram um pouco complicadas em casa de Nina.

Na sua vida imaginária, que era a que gostaria de estar a viver em vez da que lhe tinha calhado ao nascer, ela levantava-se, lavava a cara com uma variedade de produtos sustentáveis, tomava duche num daqueles chuveiros com cabeças múltiplas (embora se perguntasse frequentemente o que é que acontecia quando as pessoas se baixavam para pegar no champô — levavam com um jato de água na cara? Parecia rude) e depois enfiava-se em roupas confortáveis mas estilosas, feitas de fibras naturais colhidas por trabalhadores bem pagos. Estás a seguir tudo? Depois tomava um pequeno-almoço de fruta fresca, cereais integrais e iogurte feito com leite doado de livre vontade por cabras que tinham mais do que precisavam. Ela seria grata e *mindful* e imaculada.

Na verdade, era mais assim: Nina levantava-se e doía-lhe a cabeça porque tinha bebido vinho que continha pelo menos 30 por cento de sulfitos ou lá o que era que causava dores de cabeça. A sua boca sabia como o interior de uma daquelas meias desemparelhadas que por vezes vemos na rua, e o cabelo estava achatado. Ficava ligeiramente encurvada junto da máquina de café, a tremer até o café estar pronto. Por vezes, os seus olhos vidrados pousavam no cantinho da visualização e ressentia-se da

regularidade com que o planeta girava em torno do Sol sem a consultar. Dia após dia, noite após noite, enxuga e repete. Basicamente, até o primeiro gole de cafeína lhe entrar no organismo, estava essencialmente em animação suspensa, e sabia-se que se babava.

Depois de «cafeinada» e com o duche tomado, tornava-se uma pessoa completamente nova. Essa pessoa levava uma segunda chávena de café para o grande cadeirão e pegava na agenda e na caixa dos lápis. Decidia o que comer e como ia exercitar-se. Fazia uma lista de compras. Sentia que a sua vida estava controlada e organizada e prosseguia na direção correta. Era a parte mais satisfatória do seu dia.

Hoje tinha uma reunião do clube de leitura e depois disso planeava voltar para casa e ler até à hora de ir para a cama. Deixou preparadas umas calças de pijama e meias extrafofas. Fez uma nota para comprar pipocas. Fez uma nota para comprar mini *marshmallows* para pôr no chocolate quente. E depois fez uma nota para comprar chocolate. E leite. E depois procurou no eBay uma caneca *vintage* interessante para o chocolate quente, mas então reparou nas horas, fechou tudo e foi a correr para o trabalho.

A caminho do trabalho, Nina sentiu-se muito alegre, pôs os auscultadores e fez de conta que estava num filme, sorrindo a toda a gente que passava por ela e dizendo olá aos cães. Tinha muito aquela fantasia, de que a sua vida era como o *The Truman Show*, que havia espetadores por todo o mundo a apreciar a sua *playlist* e o seu penteado tanto quanto ela. Virava a cara para o sol, para ajudar o tipo das luzes, ou olhava por cima do ombro para a câmara lá atrás ter alguma coisa que fazer. Em público, Nina era uma pessoa calada e reservada; em privado, era uma cavalgada cantante e dançante de luz e movimento. A não ser que fosse uma bola trémula de ansiedade, porque essa era também

uma opção selecionada frequentemente. Era muito boa a escondê-la, mas a ansiedade era como o seu anti-superpoder, que chegava sem convite numa crise. O Hulk fica zangado, a Nina fica ansiosa. Nina simpatizava muito com Bruce Banner, particularmente a versão de Mark Ruffalo, e pelo menos ela tinha *Xanax*. Ele só tinha o Thor.

Nina chegou a Larchmont Boulevard, com as suas lojas artesanais de chapéus e queijo (duas lojas diferentes, senão seria uma estranha combinação, sobretudo no tempo quente) e virou para o seu café favorito, para comprar um queque sem glúten e com pouca gordura. Mentira, ia pedir um croissant de chocolate.

— Olá, Nina — disse Vanessa, uma amiga sua que ali trabalhava.
— Novidades?

— Surpreendentemente poucas. Hoje, vou comer um croissant de chocolate.

— O pequeno-almoço dos campeões.

— Campeões franceses.

— *Champignons*?

— Acho que isso são cogumelos. — Demonstrou mais confiança do que a que sentia.

Vanessa encolheu os ombros.

— Olha, ainda só tomei dois cafés. Estou mais morta do que viva.

Nina aceitou o croissant sem saco e comeu-o enquanto atravessava a rua. Multitarefa e ecoconsciente, tudo ao mesmo tempo. Ainda não eram 9 horas e já estava adiantada para o dia.

Liz ergueu o olhar quando ela entrou.

— Oh, trouxeste um desses para mim?

Nina virou as costas e voltou a atravessar a rua. Um minuto depois, estava de volta.

— Sim, por acaso trouxe. Vê bem.

— Que simpático da tua parte. Como foi o concurso?

— Perdemos.

Liz olhou-a.

— O quê? Vocês nunca perdem.

Nina pontapeou uma estante.

— Bem, ontem à noite perdemos. Estávamos empatados e o tema era corridas de cavalos e perdemos. Sabias que todos os cavalos de corrida fazem anos no dia 1 de janeiro? Não? Eu também não.

Liz franziu a testa para ela.

— Não dês pontapés na estante. Lamento que o teu fundo de conhecimento geral não incluía o desporto dos reis, mas estragame a mobília e desconto-te no ordenado. — Virou as costas, estalando a língua, mas de repente voltou para trás. — E não te esqueças de fazer uma pilha de livros, para o caso de o Mefistófeles aparecer. — Continuou a andar, mas voltou a parar. — Oh, com o choque da vossa derrota, esqueci-me de te dizer, mas perdeste uma chamada.

Nina sacudiu as migalhas gordurosas da camisola, satisfeita por nenhuma delas ter tido tempo para fazer nódoa (o que a fazia sempre pensar nos *Simpsons*: «Lembra-te... se o papel ficar manchado, é a tua hipótese de ganhar peso») e franziu a testa.

— Uma chamada? Um cliente?

Liz encolheu os ombros e deu uma dentada no croissant, adicionando algumas migalhas à sua própria saia.

— Não sei. Um homem. Perguntou pela Nina Hill, que és tu, e quando lhe perguntei se queria deixar mensagem, disse que voltava a ligar. — O telefone tocou. — Talvez seja ele.

Mas não era, era outra pessoa qualquer, e Nina já se tinha esquecido do telefonema quando o homem que o fizera entrou na livraria algumas horas mais tarde. Destacou-se de imediato porque usava um fato com um corte e um estilo que não se via muitas vezes em Larchmont Boulevard. Um fato sério. Uma

camisa branca com goma. Um bolso quadrado. A maioria das pessoas em Larchmont trabalhava em algo criativo e usava camisolas com capuz e ténis de cano alto. Quanto mais sucesso tinham, mais maltrapilhos pareciam. Este tipo parecia um extraterrestre.

— Nina Hill?

Liz apontou para ela, embora Nina já tivesse levantado a cabeça ao ouvir o seu nome, como um gato a ouvir uma lata a ser aberta à distância. Estava muito satisfeita a guardar novos livros de não ficção nas prateleiras e, naquele preciso momento, segurava um livro sobre minhocas e pensava com agrado em *Phil* e na sua natureza generosa. Olhou para o tipo e concluiu que deviam ser más notícias.

Ele aproximou-se dela, deslizando como se tivesse rodas, e disse:

— Menina Hill? Nina Lee Hill?

Era demasiado tarde para fugir, mas, tanto quanto sabia, não havia mandados de captura contra ela, por isso assentiu.

Ele sorriu.

— Há algum sítio onde possamos conversar em privado?

Só podiam ser más notícias.

O escritório da Knight's era muito pequeno e estava atulhado de caixotes de livros, cartazes gigantes a anunciar livros e pilhas de livros que ameaçavam virar e cair a qualquer momento. Havia uma cadeira, que devia ser ajustável mas não era, para a qual o homem apontou como se dissesse «Força», por isso Nina sentou-se. Acabou por ser muito esquisito, porque a cara dela ficou mais ou menos ao nível dos genitais dele — ver: cadeira avariada —, por isso levantou-se. Ele também não se sentou, porque a verdade é que não tinha espaço para passar por ela, portanto, ficaram ali, uns 10 centímetros mais próximos um do outro do que seria confortável. Nina tinha vontade de dar um grande passo atrás e

eventualmente assumir uma posição defensiva, mas o momento passara e, se o fizesse agora, pareceria mal-educada. *Oh, meu Deus*, pensou. Por vezes é difícil ser humana, com a pressão para ser civilizada jazendo numa camada muito fina sobre o cérebro de um pequeno mamífero nervoso. Talvez a camada de civilização das outras pessoas fosse mais espessa do que a dela. A dela era como uma máscara facial de puxar, depois de ser puxada. Pelo canto da porta, podia ver Liz a rondar, para o caso de precisar dela. Sentindo-se melhor, decidiu tomar a iniciativa e perguntou:

— Em que posso ajudá-lo, senhor...?

— Sarkassian. Sou advogado do património de William Reynolds.

— OK. — Nina aguardou. Nunca tinha ouvido falar do homem. Deveria conhecer o seu nome?

— Lamento, mas tenho más notícias. — O advogado fez uma pausa.

Nina continuou a aguardar. Se fossem mesmo más notícias, a polícia estaria ali, não é verdade?

— Lamento dizer-lhe que o seu pai faleceu.

Após uma breve pausa em que Nina procurou sentidos duplos ou talvez um problema de linguagem, abanou a cabeça.

— Lamento, deve haver um equívoco. Eu não tenho pai. — Soou-lhe mal. — Quer dizer, claro que tenho pai, mas nunca o conheci. Quer dizer, não temos qualquer tipo de relação. Nem sei quem ele é.

— É, ou antes, era, William Reynolds.

— Não me parece.

O advogado abanou a cabeça.

— Mas era. No seu património consta uma carta da sua mãe, Candice Hill, confirmando a sua paternidade e absolvendo-o de todas as responsabilidades, sob condição de nunca tentar contactá-la.

Nina acabou mesmo por se sentar na cadeira.

— Eu não...

O Sr. Sarkassian estava a encalvecer no cimo da cabeça, mas com cabelo à volta e atrás, como se usasse um chapéu de lã castanha a que tivessem retirado tudo menos a aba. Falava com rapidez e firmeza, fazendo Nina pensar se teria ensaiado durante o caminho. Com certeza não passava a vida a anunciar aquele género de coisas às pessoas.

— Não há dúvida de que o Sr. Reynolds obedeceu aos desejos da sua mãe durante toda a vida, mas a menina foi incluída na sua lista de herdeiros.

Fez uma pausa, mas Nina olhou-o sem responder, sobretudo porque não tinha qualquer resposta para dar.

— Estou aqui para a convidar a assistir à leitura do testamento, que será dentro de algumas semanas. — Parecia querer pedir-lhe desculpa. — Demorei mais do que queria a encontrá-la, já que a menina podia estar em qualquer lado. — Afastou o punho francês e consultou o relógio. — Imagine a minha surpresa quando percebi que estava a menos de um quilómetro, em Los Angeles.

— Porquê?

Ele sorriu, aliviado por finalmente ter algumas boas notícias para partilhar.

— Porque é onde o resto da sua família mora, claro.

Nina sacudiu a cabeça como *Phil* fazia quando lhe punha gotas nos ouvidos.

— A minha família?

O advogado deu-lhe uma palmadinha no braço, deixando-a demasiado perplexa para se esquivar.

— Peço desculpa, não sabia que a sua paternidade era uma novidade para si. — Uma momentânea expressão de censura perpassou-lhe o rosto e Nina falou.

— Claramente, a minha mãe não achou que o Sr. Reynolds

pudesse ser um bom pai.

Outra expressão perpassou o rosto de Sarkassian, mas esta foi mais difícil de interpretar.

— Bem, talvez ela tivesse razão. Foi há muito tempo. Tem aqui o meu cartão, com a morada do meu escritório, para nos mantermos em contacto por causa da leitura do testamento. — Fez uma pausa. — Entretanto, suponho que terá notícias do seu irmão e das suas irmãs. Tive de lhes revelar a sua existência, porque eles queriam saber o motivo da demora da leitura do testamento.

Nina fitou-o.

— Os meus quê?

— O seu irmão e as suas irmãs.

— Eu tenho um irmão e irmãs?

Ele tossiu.

— Receio bem que o seu pai se tenha casado três vezes.

— Mas não com a minha mãe.

— Certo. — Ele assentiu com a cabeça. — Mas com outras mulheres. Na verdade, tem três irmãs e um irmão, dois sobrinhos e duas sobrinhas, duas sobrinhas-netas e um sobrinho-neto. Além de duas madrastas ainda vivas, embora calcule que não lhe façam falta. — Viu as horas. — Pedi a um dos seus sobrinhos, o Peter Reynolds, que entrasse em contacto consigo e lhe explicasse a família toda, porque é complicado e ele é o único com quem toda a gente está sempre a falar.

Nina fitou-o.

— Peço desculpa, mas posso fazer de conta que nunca me contou? A verdade é que não quero mais pessoas na minha vida. Passei muito bem sem eles durante quase 30 anos. — Sentiu a respiração a ficar superficial e forçou-se a abrandá-la para não hiperventilar e cair para o chão.

Era evidente que o advogado nunca considerara esta opção,

pelo que ficou desconcertado.

— O Sr. Reynolds era um homem extremamente rico, e o facto de ser sua beneficiária significa que ele lhe terá deixado algo de valor.

Nina tentou concentrar-se.

— Bem, a cavalo dado não se olha o dente, mas, a menos que seja uma bela quantia de dinheiro, francamente, não me interessa. E mesmo que seja uma bela quantia de dinheiro, não sei se me interessa.

— Claro que lhe interessa — disse o advogado. — Toda a gente se interessa por dinheiro. — Viu outra vez as horas. — Tenho de ir. O Peter vai contactá-la em breve. Parece-me que nenhum deles ficou muito entusiasmado ao saber de si. Tirando o Peter.

— É fã de filhos ilegítimos?

Sarkassian virou-se para sair.

— É antropólogo.

Quatro

Em que Nina observa as outras pessoas e fala com a mãe.

Bem, obviamente, depois de uma notícia daquelas, Nina saiu da loja e pôs-se a vaguear pelas ruas cega de choque, dilacerando o ar com lamentos. Mas acabou por voltar ao trabalho, porque nessa tarde havia a Hora de Leitura Pré-Escolar e era ela a responsável. A vida prega-nos grandes partidas, mas em geral pouco mais podemos fazer do que esquivar-nos delas.

Liz não era amante de crianças, descrevendo-as como peganhentos atiradores de livros, por isso as atividades infantis eram da responsabilidade de Nina. Ela levava-as a sério e desenvolvera um programa fantástico.

Momento de Leitura Para Bebés e Pais: Nesta atividade, que acontecia três manhãs por semana, recém-nascidos e bebés de colo jaziam como lesmas enquanto os pais ouviam um jovem ator empobrecido ler para eles. Para dizer a verdade, a maioria daqueles pais estava basicamente a dormir de olhos abertos e os bebés frequentemente rolavam-lhes do colo para o tapete que dizia *Ler é Fixe*. Normalmente, o ator tinha esperança de que pelo menos um dos pais fosse um empresário, ou algo do género, e desde que um leitor fora arrancado da obscuridade para protagonizar uma série que não se ficara pelo episódio piloto, havia uma lista de espera

para ler. Nina dava o seu melhor para não cometer injustiças, mas sabia-se que sucumbia ao suborno (os doces eram a sua fraqueza, caso queiras saber).

Hora de Leitura Pré-Escolar: Para crianças dos 3 aos 5, com as amas, a atirar livros por todo o lado (as crianças, não as amas), em que as leituras eram feitas pelas amas e eram extremamente populares. Em primeiro lugar, porque as amas podiam relaxar e conversar um pouco, e depois porque os pais podiam dizer «Oh, a ama leva a Beringela e a Salamandra à hora da leitura todos os dias», e sentiam-se melhor por preferirem estar no trabalho com pessoas que sabiam usar um garfo. Diariamente, às 15h30.

Clube de Leitura da Escola Primária: Este era o projeto de estimação de Nina. Larchmont era um bairro cheio de miúdos, e as raparigas, em particular, adoravam livros. Os rapazes também, mas preferiam não falar disso, enquanto as meninas estavam sempre a tagarelar. Essas meninas eram fortes e confiantes, sobretudo pelo tempo e o local em que estavam a crescer, e porque a puberdade ainda não as atingira na cabeça. Liam sem culpas e com voracidade livros sobre fadas e bruxas e heroínas femininas que não precisavam de ser resgatadas, e abriam um livro para dar uma olhadela e ainda estavam a ler uma hora depois quando os pais reapareciam. Era maravilhoso ver uma criança ser inelutavelmente arrastada para um mundo diferente.

Nina desenvolvera um apreço especial por aquelas crianças, porque sabia que o mundo em breve lhes diria que havia coisas mais importantes do que os conteúdos das suas cabeças. Então, iniciara o clube de leitura da escola primária e, uma vez por mês,

depois de a loja fechar às 19 horas, sentava-se ali com um grupo de meninas dos 8 aos 12 anos e falavam de livros por uma hora. Era o clube que ela gostaria de ter tido quando tinha a idade delas, e se por vezes se punha a fazer pulseiras da amizade e a falar de *A Mango-Shaped Space* com mais entusiasmo do que as miúdas de 10 anos, qual era o problema?

Clube de Leitura para Jovens Adultos: Este era todo da Liz. Ela adorava um adolescente taciturno.

Tinha-se discutido a hipótese de começar um clube de leitura de adultos regular, mas Nina não tinha tempo, porque já pertencia a um clube de leitura adulto regular — de que em breve se falará —, e esse compromisso, juntamente com o clube de leitura da escola primária, o seu regime de exercícios (se é que se podia chamar regime a aulas esporádicas e fervorosas promessas de fazer melhor) e, claro, a equipa de *quiz*, faziam com que ela não tivesse tempo livre. Liz recusava-se a fazê-lo, e Polly, a rapariga que trabalhava ali a meio-tempo, detestava ler. Porque é que ela trabalha numa livraria?, perguntas tu. É uma longa história.

Adiante.

Apesar de não ter filhos, Nina gostava de ver as outras pessoas lidarem com as insuspeitas responsabilidades da parentalidade. Afinal, o bebé não era, de todo, o maior problema; eram os outros pais. Havia uma curva de aprendizagem bem definida nos primeiros anos e Nina tinha um lugar na primeira fila porque muitos dos pais de Larchmont eram paroquianos na Igreja da Capa Dura Com Sobrecapas e levavam os filhos muitas vezes. Ela vira dezenas de meninos graduarem-se do *Goodnight, Moon* para o *Bedtime for Frances* e depois para *Junie B. Jones* e em seguida para qualquer série que estivesse na moda, e com eles iam os

pais, aprendendo a navegar as intrincadas redes sociais da vizinhança e da escola.

Por exemplo, quando duas mães se encontravam na livraria durante a hora da leitura. Aplicavam-se as regras de relacionamento social habituais entre as mães de alunos: se os filhos eram amigos e se encontravam quando estavam as duas de pé, abraçavam-se, claro. Se uma já estivesse sentada no chão e os filhos fossem *bons* amigos, com um encontro para brincar fora da escola, a que estava sentada começava a levantar-se, mas a outra fazia-lhe um gesto para ela ficar e dobrava-se pela cintura para um meio abraço. Se os filhos fossem *mesmo* bons amigos, com múltiplos encontros para brincar e talvez uma noite a dormir em casa um do outro no seu passado partilhado, então a que estava sentada chegava-se para o lado, para arranjar espaço para a outra, e abraçavam-se quando estivessem ambas sentadas. Nina analisava aquelas coisas, porque a ela não lhe surgiam naturalmente. E trabalhar numa loja onde as pessoas tendiam a vaguear sem rumo a olhar para livros dava-lhe amplas possibilidades de observação.

O que Nina preferia era ver as pessoas fazerem apresentações. Funcionava assim: uma mulher anda a dar uma volta pela loja, tentando decidir se tem coragem para pegar em algo vagamente pornográfico ou se tem de se contentar com algo digno (nota: é aqui que o vendedor de livros online triunfa verdadeiramente, na compra encoberta), e nota que entrou uma mulher que conhece. Numa fração de segundo, tem de decidir se vai ou não reconhecer a sua existência, dependendo isso de conhecer bem a pessoa ou não, de a pessoa a conhecer bem ou não, e de poder ou não safar-se fingindo que não a vê (isto se a outra ainda não a tiver visto ou ela estiver disfarçada de pirata).

Cruzam os olhares e agora ela tem de decidir se diz olá e continua a procurar ou se vai mesmo aproximar-se e

cumprimentar a outra. Decide que não consegue escapar sem realmente a cumprimentar, mas depois percebe que a outra mulher está com alguém, alguém que lhe parece vagamente familiar, mas não se consegue lembrar de onde. Nina assistira a este cenário tantas vezes, que se acostumara ao relampejar de pânico nos olhos de uma mulher enquanto avança desejando desesperadamente não estar a fazê-lo. Era hilariante, mas só quando se passava com outra pessoa. Seja como for, a amiga agora também está comprometida, quer goste quer não, por isso diz «olá», a primeira mulher diz «olá», as normas dos abraços aplicam-se conforme descritas anteriormente. Então a amiga diz «olá, seja lá qual for o teu nome, esta é a Bindy Macarrão, acho que vocês já se devem conhecer». (As mães de uma certa idade conhecem dezenas e dezenas de pessoas através de vários canais, por isso têm de desempenhar continuamente este equivalente humano ao cheirar de rabos canino.)

PRIMEIRA MULHER: Oh, olá, Bindy! Conhecemo-nos? (Aqui há muitos movimentos de cabeça e expressões faciais que alternam entre uma abertura amigável e rebaixamento pessoal, jogando pelo seguro até a conexão estar clarificada. Se afinal se conhecerem porque uma delas dormiu com o namorado da outra na faculdade, é um bocado desconfortável.)

BINDY: Acho que sim! Parece-me tão familiar! (Similar inclinação de cabeça e linguagem corporal de aproximação/afastamento). Tem um filho na aula da professora Retângulo?

PRIMEIRA MULHER: Não... a minha filha, a Elephantine (pronunciado em francês, claro), está na aula do professor

Elevador. O seu filho tem aulas de natação na YMCA com o professor Bolhas?

BINDY: Não... aula de arte ao sábado no Belo Pincel?

PRIMEIRA MULHER: Não... Pré-escolar? Nós estivemos na Casa da Harmonia, Amor e Simpatia, vocês também?

BINDY: Não... A Uretra foi à pré-escola do Chakra Budista e Imersão em Mandarim. No Vale.

E com isso vão desistir e encolher os ombros, e nunca perceberão que se conhecem porque uma vez bateram com os carros no meio do trânsito e estiveram na rua dez minutos a trocar informações de seguros.



Se tivesses entrado na livraria depois do almoço nesse dia, terias visto Nina a fazer uma pilha de livros em cima do balcão, que podia parecer perigosamente periclitante, e pouco antes das 14 horas, de repente, atirá-la ao chão. Fez um barulho dos diabos.

O homem que acabara de entrar parou e semicerrou os olhos na sua direção.

— A Liz está?

O Sr. Meffo era o senhorio. Larchmont Boulevard era propriedade, basicamente, de três ou quatro pessoas. Uma grande família possuía propriedades numa secção da avenida desde a década de 1960 e era geralmente compreensiva e muito amada. Outro senhorio era um banco de investimento que se mantinha à distância. E o terceiro era o Sr. Meffo. Era um vilão popular no Boulevard, mas não passava de um homem de

negócios a tentar fazer lucro, que era afinal o objetivo do negócio. Se fosse criador de carneiros, andaria com um carneiro às costas e usaria uma boina, mas, sendo senhorio, trazia um *iPad* e um telemóvel.

Infelizmente, a renda aumentara vertiginosamente e o negócio não acompanhara, por isso Liz escondia-se sempre que ele aparecia. Ela pagava a renda, pode-se dizer que sim, mas aproveitava generosamente o espaço e o tempo. E também chamava ao pobre homem Mefistófeles, o que não era simpático.

— Lamento, Sr. Meffo. Ela acabou de sair. — Esperava que a queda dos livros tivesse sido aviso suficiente. Uma vez, Liz foi apanhada a atender um cliente quando o Mefistófeles entrou e teve de pagar a renda a tempo.

O Sr. Meffo suspirou. Não era um mau homem, mas era um bom empresário.

— Pode pedir-lhe que me telefone, por favor? A renda está atrasada.

Nina acenou com a cabeça e sorriu, satisfeita por ter vestido um bom fato profissional. Liz dissera-lhe que tinham de parecer bem-sucedidas, para não passar pela cabeça do senhorio cancelar-lhes o contrato.

— Tenho a certeza de que ela sabe, Sr. Meffo. Ultimamente temos andado muito ocupadas, com muitos clientes.

Ele olhou em torno da loja vazia.

— Não me diga!

— Oh, sim, ainda há pouco houve uma enchente.

— Houve? — Olhou para Nina, com dúvidas. — Bem, diga à Liz que têm perguntado pela loja e tenho um ou dois compradores interessados, o que é apelativo. — Suspirou. — Ser senhorio não é tão divertido como possa pensar.

Nina não disse nada, porque nunca tinha pensado que ser senhorio fosse divertido.

Depois de ele sair, Nina esperou 10 ou 20 minutos, até que Liz espreitou pela porta.

— Já se foi?

Nina fez que sim com a cabeça.

— Tens de pagar a renda — disse ela.

— Não posso pagar a renda — respondeu Liz.

— TENS DE pagar a renda — insistiu Nina.

— Não posso pagar a renda — repetiu Liz.

— EU VOU pagar a renda! — Nina imitou a voz de Dudley Do-Right.

Liz suspirou:

— Minha heroína!

E ambas continuaram com o seu dia.



Mais tarde, nesse dia, Nina falou finalmente com a mãe. Tinha de escolher o momento oportuno, para não a apanhar quando ela estivesse a ignorar o telefone, que era a maior parte do tempo. Candice Hill tinha crescido nas selvagens trevas australianas na década de 1980, onde, aparentemente, as mulheres brilhavam e os homens pilhavam, mas ninguém tinha telemóvel. Hoje em dia, era extremamente indiferente em relação a ligar o dela. «Não quero tornar-me demasiado fácil de encontrar, querida», dizia ela, como se estar a milhares de quilómetros de distância não fosse suficiente.

Nina decidira que 7 da manhã na China era uma boa aposta, por isso entrou no escritório da livraria quando faltava um pouco para as quatro da tarde, antes de os miúdos do secundário chegarem para deambularem em volta da banda desenhada e se espreitarem uns aos outros por cima das prateleiras. Depois de o telefone se faltar de tocar, Nina preparava-se para deixar uma

mensagem de voz sarcástica quando a mãe atendeu.

Claro que as telecomunicações modernas davam a ideia de que ela estava do outro lado da rua.

— Bom dia, maravilhosa! — berrou Candice, como era hábito. — Está tudo bem?

— Bem, quase tudo — respondeu Nina.

— O que posso fazer por ti, meu amor? Tenho de estar no trabalho daqui a uma hora. Desembucha. — Deu uma ordem em mandarim, sempre em multitarefa.

— O William Reynolds morreu.

Houve uma pausa, depois o som da mãe dela a exalar. Mas fez uma tentativa.

— Desculpa, quem é esse?

— O meu pai, o William Reynolds.

Candice percebia que Nina estava zangada, mas continuava *blasé*, porque tinha nascido assim.

— Oh, esse William Reynolds. Pois... tinha esperança de que nunca viesses a saber dele.

Era uma das coisas que Nina, de facto, adorava na mãe. Mentia ou inventava tretas e depois, se fosse apanhada, limitava-se a admitir a sua derrota e prosseguia. Parecia não ter qualquer espécie de vergonha ou remorsos.

Por mais amorosa que a mãe fosse, Nina ia ser firme com ela.

— Bem, mas soube, por isso, que tal esclareceres-me? Por que raio não me disseste que tinha um pai? Sabias que eu queria saber. Porque é que achaste boa ideia manter-nos separados? Tenho um irmão e irmãs!

— Ai tens? Isso é bom.

A voz de Nina subiu uma oitava.

— Mãe, tenho mais de meia dúzia de familiares a viver na mesma cidade que eu! Pensa só em todas as brincadeiras e aniversários que perdi!

A mãe riu-se.

— Não precisaste de ninguém para brincar. Estavas muito bem! As outras pessoas estão tão sobrevalorizadas.

— De um modo geral, concordo, mas gostava de ter tido a opção.

Nina reparou que tinha a outra mão firmemente cerrada e procurou um lápis. Rodou-o entre os dedos, um hábito nervoso que refinara até o transformar num talento impressionante.

A mãe fez uma pausa e depois disse, na defensiva:

— Ele não teria sido um bom pai, Nina. Era um engatidão, cheio de si próprio, e tinha mulher.

— Uma mulher não é um traço de personalidade, mãe. E tu, que dormiste com um homem casado? Que raio! Então e as gajas antes dos namorados?

— Desculpa? Acabaste de me chamar gaja, Nina Hill?

Nina riu-se, de repente, e largou o lápis. A mãe fazia sempre com que as coisas parecessem mais leves. Era em parte o seu sotaque australiano e a sua atitude geral de «vamos lá avançar e deixar de fazer confusões» em relação a tudo, e em parte a sua personalidade. Candice Hill não tinha paciência para dramas ou sentimentos exacerbados de espécie alguma. O que a tornava superficial e frustrante para as pessoas que, como Nina, quisessem ter uma conversa acerca de assuntos emocionais, como descobrir que toda a sua vida fora uma mentira, mas que também punha as coisas em perspetiva.

— Não, mãe, não te chamei gaja, mas, por favor, podes dedicar um segundo a pensar como é que eu me sinto?

Candice estalou a língua.

— Nina, tudo isso aconteceu há quase 30 anos. O teu pai era muito bonito, conhecemo-nos numa sessão fotográfica qualquer, já nem me lembro. Ficámos no meu apartamento um longo fim de semana e depois descobri que ele tinha uma mulher, que por

acaso, se bem me lembro, estava grávida nessa altura, por isso corri com ele e prossegui com a minha vida. Dois meses depois, descobri que estava grávida e decidi ter-te. Ele não fez realmente parte de nada disto, tirando umas 48 horas suadas logo no início.

Nina queria muito tapar os ouvidos e fazer *lalalala*, mas tinha a mão ocupada com o telefone.

Candice continuou.

— Eu tinha tempo e dinheiro para cuidar de ti e não o queria envolvido, porque não o conhecia de lado nenhum e ele já tinha mostrado mau carácter por trair a mulher, por isso fi-lo assinar um papel a prometer que te deixaria em paz, e pronto. Nunca mais o vi. Surpreende-me que ele se lembre sequer do meu nome.

— Bem, para ser franca, mãe, o teu nome devia ser ligeiramente menos memorável do que o facto de ele ter uma filha. Essa parte é um bocadinho mais difícil de esquecer. — *Nem toda a gente acha isso tão fácil como tu.*

— Que maçada. Já sabia que ele ia arranjar sarilhos.

— Era melhor que não tivesse arranjado nada. Sabes que odeio surpresas.

— Sim, eu sei, e é algo que deves ter herdado dele, porque eu adoro surpresas.

Nina revirou os olhos.

— Estávamos a falar de mim.

— Tenho de ir. Já acabámos?

— Sim. Há alguma hipótese de dizeres «Desculpa, Nina, tens razão, eu devia ter-te preparado para este choque súbito»?

A mãe fez um som rouco.

— Nenhuma. Não esperava que ele quebrasse a sua promessa três décadas depois. Se alguém te deve um pedido de desculpas, é ele.

— Bem, ele está morto.

— Bem feita. — Candice suspirou. — Lamento que ele fosse um falhado, Nina. Mas agora és uma rapariga crescida, podes lidar com isso. — E desligou.

Nina suspirou e perguntou-se se alguma vez seria mãe e, caso fosse, se conseguiria ser melhor do que a sua mãe. Quando era criança, Nina ficava triste por ela não estar presente, porque toda a gente parecia pensar que era uma coisa triste. Em adolescente, ficara zangada com a mãe ausente e culpara-a da sua própria ansiedade e timidez. Agora, como adulta, chegara à conclusão de que o facto de a mãe estar sempre fora tinha sido, provavelmente, uma bênção. A sua ama, Louise, fora uma mãe maravilhosa, e a mãe fora uma fotógrafa maravilhosa. A biologia não é destino, e o amor não é proporcional ao ADN partilhado. Claro que ela também podia estar totalmente enganada em relação a isto. Estava enganada em relação a tantas coisas.

Cinco

.....

*Em que Nina participa numa sessão do clube de
leitura e recebe um e-mail.*

Nina foi para casa e pesquisou no *Google* tudo o que conseguiu acerca de William Reynolds. Era um nome comum, mas concluiu que ele não podia ter sido um tenista famoso do princípio do século xx, nem um lorde inglês do século xvii, e era mais provável que fosse este advogado que viveu em Los Angeles até à sua morte, uma ou duas semanas antes. Calculou que tinha perdido o funeral. Tendo em conta que tinha perdido tudo o resto, isso não a magoou muito. Tudo o que o obituário dizia era que ele tinha 78 anos e deixava uma viúva e uma filha pequena. Ela sabia que a última parte não estava correta, embora já se tivesse esquecido de quantos filhos havia realmente. Encontrou algumas fotografias dele online, normalmente assistindo a um qualquer evento de caridade, sempre de smoking. Não lhe encontrava parecenças consigo mas, para ser justa, ela era uma rapariga magra de 29 anos, com o cabelo ruivo-escuro e sardas, e ele tinha sido um velho redondo, com cabelos brancos e rugas, pelo que não eram comparáveis como duas maçãs. Era mais como uvas e passas.

Nina perguntou-se se ela e os irmãos gostariam uns dos outros, e se teriam coisas em comum, como um gosto pelos *Simpsons* e por sanduíches. Talvez se tornassem bons amigos, ou talvez comesçassem uma disputa familiar, como um *reality show*. Divagou por um momento, criando sequências de títulos para

Reynolds vs. Hill: Guerras Entre Irmãos, que, por alguma razão, tinha um tema musical com sintetizadores da década de 1980 e créditos a aparecerem por um dos lados. Ela faria o papel de si própria ou seria representada por alguém mais telegénico? Ela não ficava bem nas fotografias, o que era um problema muito maior para a sua geração do que tinha sido para qualquer geração anterior. A sua amiga Leah, que era grande adepta de *criar uma marca pessoal*, dissera-lhe para ficar quieta mais vezes.

— A tua cara é demasiado móvel — explicara.

— Estou a falar e a rir-me e a ser uma *ouvinte ativa* — dissera Nina.

— Bem, deixa-te disso, porque em todas as fotografias parece que foste picada por um alfinete. — Fez algumas caretas para ilustrar o seu argumento.

— Não parece nada — protestou Nina.

— Parece, sim. Tenho provas fotográficas. Podes dar essa sensação apenas por alguns segundos, mas é quando a máquina dispara, por assim dizer, por isso esta é a tua imagem online.

— Fantástico, posso usar isso como uma primeira linha de defesa. Se um tipo não olhar além da minha expressão sofrida para ver o meu eu real e sem sofrimento, não me serve para namorado.

Leah tinha encolhido os ombros.

— Ou então filtras todos os tipos normais e ficas com aqueles que gostam de ver as mulheres a sofrer, e depois quem é que se arrepende?

Ao lembrar-se desta conversa, Nina achou que William Reynolds precisava de um conselho semelhante, porque se alguma vez sorrisse, se rira ou escutara ativamente na sua vida, o fotógrafo nunca o captara.



Nina demorara algum tempo a investigar o estado dos clubes de leitura de Los Angeles e, após meses de estudo, decidira formar um clube que discutisse um género diferente todas as semanas, em vez de quatro clubes diferentes que se reunissem uma vez por mês.

Na primeira quarta-feira de cada mês, era Miúdas dos Livros (ficção contemporânea).

Na segunda quarta-feira, era Solteironas Furtivas (mistérios da Idade do Ouro).

Na terceira quarta-feira, era Distrito Zero (ficção para jovens adultos).

Na quarta quarta-feira, era o Clube de Pastagem da Ovelha Elétrica (ficção científica).

Se houvesse uma quinta quarta-feira no mês, improvisava, porque gostava de viver no fio da navalha. Os cromos dos livros são imprudentes, como toda a gente sabe.

Nina gostaria de ter também um clube de literatura clássica e outro de romance, mas Deus achara por bem fazer dias com um número limitado de horas, e semanas com um número limitado de dias, e ela precisava de equilibrar os livros com outras atividades, por assim dizer.

Como divulgara intensamente o clube de leitura, os membros eram variados, mas consistiam basicamente num núcleo duro de mulheres que viviam para os livros e eram ecleticamente tão cromas que queriam discutir um género diferente todas as semanas. Tinha conhecido as suas companheiras dos *quizzes*, Leah e Lauren, através do clube de leitura, e Vanessa, a sua amiga do café em Larchmont, também se tinha juntado. O outro elemento do núcleo duro, Daisy, trabalhava numa livraria de uma

grande cadeia e trazia frequentemente sobras da cafetaria da loja, o que era uma mais-valia. As cinco estavam completamente empenhadas e participavam todas as semanas, fazendo turnos como anfitriãs e tentando novos níveis de petiscos. Por vezes, aparecia um novo membro ou visitante, e então tinham mesmo de falar acerca do livro e concentrar-se completamente.

Esta noite era o dia de Miúdas dos Livros, ficção contemporânea, e o debate era sobre um grande tomo candidato ao Prémio Booker. Contudo, as senhoras tinham-se desviado do tema.

— A sério? Uma sessão fotográfica a sério? — Nina estava cética.

— Sim, a sério. — Vanessa procurava algo no telemóvel. — Não só uma, mas cinco. De cinco ângulos diferentes, luzes diferentes, preto-e-branco, filtro *sun flare* e tudo aquilo a que temos direito. As nove jardas inteiras².

— Jardas? Espero que estejas a referir-te a polegadas, porque um pénis de nove jardas seria... — Lauren interrompeu-se e franziu a testa. — Quantas polegadas é que tem uma jarda, afinal?

Olharam todas para Nina. Conheciam a sua memória.

— Trinta e seis. Uma jarda são 90 centímetros. — Fez uma pausa. Queria parar, mas não conseguiu. — É uma unidade de medida imperial, baseada originalmente numa barra de metal física em Inglaterra que, por sua vez, se baseava num quarto do tamanho da pele de uma vaca. — Parou para respirar, mas Lauren, que tinha faro para uma espiral prestes a ser explorada, levantou a mão.

— Já chega. Se continuares, vamos esquecer-nos da imagem mental de um pénis de um quilómetro, algo que seria, de facto, digno de ser visto.

Leah riu-se.

— Embora, provavelmente, difícil de captar todo numa foto.

Nina riu-se e bebeu o seu vinho, tentando esquecer tudo o

resto que sabia acerca de unidades de medida (sabias que um «momento» é, na verdade, um termo medieval para um minuto e meio, por exemplo?). Ela adorava estar no clube de leitura porque, embora falassem de livros e de histórias, de escritores e de leitores, também falavam de outras coisas interessantes. Fotografias de pénis, por exemplo, ou da vida amorosa de uma mulher solteira em Los Angeles (as duas estavam tristemente relacionadas).

— Eis a questão — disse Daisy, que tinha trazido duas dúzias de *pop cakes* e podia estar com uma pedrada de açúcar. — Alguém precisa de chamar os homens de lado e sussurrar-lhes ao ouvido: «Amigos, o pénis não é a vossa parte mais fotogénica.» Sejam honestas, um pénis fora de contexto não é uma coisa atraente. É uma toupeira nua com um gorro.

— É verdade. Se eu entrasse na minha cozinha à noite, acendesse a luz e visse um pénis no chão, de certeza que gritava e lhe batia com uma vassoura. No mínimo, saltava para uma cadeira até ele rolar para longe. — Vanessa tinha, claramente, dedicado alguma reflexão àquele tema.

Nina objetou.

— Mas isso não é verdade para qualquer parte do corpo? Se acendesses a luz e estivesse lá uma perna, também ficarias alarmada.

— Sim — concordou Vanessa. — Mas pelo menos irias perceber que era uma perna. Se fosse um pénis sem corpo, talvez não o identificasses imediatamente. — Vanessa levantou as mãos, exasperada. — *Não sei bem o que é aquilo, mas o seu único olho está a fixar-me e é demasiado grande para esmagar com um rolo de jornal... oh, calma aí... começa a parecer-me familiar...*

Nina ainda não estava convencida.

— Não ficarias mais preocupada se fosse alguém a andar por ali sem pénis?

— Não — respondeu Vanessa. — Acho que não iria tão longe. Acho que ficaria presa no pénis, passe a expressão.

Leah era mais prática.

— Porque é que os homens nunca me mandam fotos com um cachorrinho ao colo? Isso iria deixar-me muito mais interessada. Ou mesmo o seu sorriso, os braços, ou um texto espirituoso em que não me perguntem se estou húmida.

— O que também não é uma boa pergunta. — Nina tivera de lidar com essa algumas vezes. — Porque oferece demasiadas oportunidades de sarcasmo. «Estou húmida? Por tu me teres mandado uma foto mal-amanhada do teu medíocre membro masculino? Não, não estou húmida, nem um bocadinho. Sou um verdadeiro deserto de repulsa.» — Virou-se para Daisy. — As lésbicas fazem isto?

— Enviar fotos de pilas? — Daisy ergueu as sobrancelhas. Toda a estética de Daisy era de *pinup retro* da década de 1950, e as suas sobrancelhas eram perfeitas para erguer. — Só se estivermos a romper com alguém, para garantirmos que bloqueia o nosso número para sempre.

— Adiante. O que é que disseste ao tipo da foto da pila? — Nina virou-se para Vanessa, que encolheu os ombros.

— Já tinha combinado um encontro com ele, por isso senti-me mal em cancelar depois de ele me mostrar o material. — Fez uma careta. — «Sei que disse que ia contigo ao cinema, mas agora que me mostraste a monstruosidade que se aninha nas tuas calças, já não estou interessada.» Era mauzinho.

— Porque é que tiveste consideração pelos sentimentos dele? Ele tinha acabado de te insultar visualmente!

— Porque não sou um ser humano horrível. — De vez em quando, Vanessa era demasiado simpática, embora estivesse a tentar resolver isso. — Mas pergunto-me se os pénis têm uma aparência completamente diferente do ponto de vista masculino.

Será que existe, tipo, uma aura, em volta deles, ou um pequeno halo? Será que eles pensam «Caramba, é um pénis lindo! Só de o ver, fico excitado. Deixa-me cá mandar uma fotografia a esta rapariga, para ela também ficar excitada»?

As mulheres deram um suspiro coletivo.

— Os homens são criaturas simples — disse Lauren. — Se gostam de uma coisa, acham que toda a gente vai gostar.

— E então, vais sair com ele? — Nina não descolava do assunto original.

Vanessa confirmou.

— Sim, vamos ver uma exibição do *Aliens* no ArcLight daqui a duas semanas. Dei-lhe este tempo todo na esperança de que ele, entretanto, conheça outra pessoa.

— Eu vou a essa sessão! — disse Nina. — Queres que apareça e lhe diga que o pénis dele fica muito bem a preto-e-branco?

— Por favor, não. — Vanessa fez uma pausa. — Mas se ele o tirar para fora durante a sessão, prometo que te envio uma mensagem a pedir ajuda.

Leah riu-se.

— Esse é certamente o último filme em que se quer tirar o pénis para fora. São demasiado parecidos com aquelas coisas que irrompem das barrigas das pessoas. Põe a pila de fora no momento errado e podes provocar uma corrida para as portas de saída.

— Oh, meu Deus, isso seria um excelente disfarce de Halloween. Podias vestir-te como o John Hurt do primeiro filme e pôr o pénis de fora através de um buraco ensanguentado na t-shirt. Completamente convincente. — Nina pensou melhor. — Mas, atenção, é preciso que se mantenha sempre duro e ameaçador, o que pode ser difícil, no fim de outubro.

— Podemos voltar ao livro? — perguntou Daisy, rindo e tentando controlar-se. — Estamos a ficar sem tempo.

— Vais ver o *Aliens* com quem? — perguntou Vanessa a Nina.

Nina apontou Leah e Lauren com a cabeça.

— Com estas duas falhadas e o Carter.

— Andas com alguém agora?

Nina abanou a cabeça.

Lauren tossiu.

— Ela gosta de um gajo dos *quizzes*, mas é demasiado covarde para falar com ele.

Nina franziu a testa e abanou a cabeça.

— Ele é giro, mas talvez não valha a pena falar com ele. Sabe demasiado acerca de desporto. Provavelmente, nem lê.

— E isso, para ela, é um fator decisivo — acrescentou Lauren.

Nina olhou em volta.

— Não é para toda a gente?

Lauren abanou a cabeça.

— Para mim, não. Repara, eu não trabalho numa livraria, por isso os não leitores não ameaçam o meu ganha-pão.

— Para mim também não, e trabalho numa livraria — disse Daisy, entalando os caracóis louros atrás da orelha. — Para mim, o limite está em não gostar de animais. Ou raparigas que ostensivamente usem desinfetante de mãos depois de irem a uma casa de banho pública. Água e sabão devia ser suficiente. O que é que farão depois do sexo, uma esfoliação total do corpo e uma limpeza de pele?

— Não namoro com alguém que fale de política nas primeiras duas horas do nosso encontro — disse Leah. — Dantes, era um bom filtro, mas agora toda a gente fala de política, por isso a rede deste crivo talvez seja demasiado fina. Talvez precise de baixar as minhas expetativas.

— Veto total para quem é mal-educado para os empregados — contribuiu Vanessa.

— Bonés ao contrário ou, na verdade, bonés em geral. Odeio

bonés. — Vanessa parecia firme.

— Rapazes que me tratam pelo apelido. A menos que sejam o meu treinador do secundário, não é fixe.

— Pessoas que sopram para dentro do invólucro da palhinha e o rebentam em público.

— Pessoas que dizem «Boa continuação», como se fosse uma frase completa.

— Chamar água com bolhas à água com gás.

— Encantadores de vulvas.

Houve um silêncio.

— Desculpa? — disse Lauren.

Vanessa corou.

— Sabem, quando um homem vai lá abaixo, por assim dizer, e diz coisas como «Olá, bonitona» ou «Gostas disto, não gostas, linda?», mas estão a falar com *ela* e não contigo, percebem? — Pausa. — É como quando pensamos que um tipo está interessado, mas só nos usa para chegar à nossa amiga mais gira.

— Tens ciúmes da tua vulva?

O rosto de Vanessa estava agora vermelho-vivo.

— Não, mas se me disseres o que pensas da minha vulva, garanto-te que lhe transmitirei, OK? Afinal, somos a mesma pessoa.

Todas as mulheres a fitaram por um instante, mas foi Nina quem falou.

— Sabem o que detesto? Homens que partem do princípio de que as mulheres têm medo de aranhas. E de ratos. E de cobras.

— Homens que gostam do *Star Trek* mas não do *Star Wars*, ou ao contrário. Como se fossem muito diferentes. Ou que só gostam do *Star Trek* original.

— Ou usam a palavra «cânone» sem ironia quando estão a falar de banda desenhada.

— Ei, podemos voltar à vida amorosa da Nina e depois ao livro

que devíamos estar a discutir? — Daisy gostava mesmo de cumprir os horários.

— A minha vida amorosa não tem nada para falar. Não me imagino a namorar com alguém que não leia livros. Íamos falar de quê? — Nina também estava pronta para voltar ao livro.

— Acho que é bom namorar com pessoas que passam tempo na vida real. — Toda a gente se virou e olhou para Vanessa, que ainda estava um pouco corada por causa da parte dos encantadores de vulvas. — Olhem, no ano passado namorei com um tipo que era capaz de pendurar um quadro.

— A sério? — Lauren estava surpreendida.

— Sim. E mudava ele próprio o óleo.

— Do carro ou da frigideira?

— Do carro. Mas sabia cozinhar. E tinha um cão que treinara para fazer uma série de coisas. Coisas impressionantes, como saltar-lhe das costas para ir apanhar um *Frisbee*.

— Hum. — Nina estava interessada. — Mas não lia?

Vanessa abanou a cabeça.

— Não. Era todo pela vida ao ar livre. Não gostava de ficar sentado muito tempo, percebes?

— E isso funcionou?

Vanessa acenou com a cabeça, parecendo de repente um pouco triste.

— Sim, funcionou. Ele não se importava que eu fosse menos dada às atividades de exterior. Saía e fazia as suas coisas, e eu ia ler livros e ficava tudo bem.

Houve uma pausa antes de Leah fazer a pergunta óbvia.

— Então, o que é que aconteceu?

Vanessa encolheu os ombros.

— Ele acabou comigo e começou a namorar com uma *personal trainer* que participou naquela competição onde fazem aqueles percursos loucos de obstáculos.

Silêncio.

— Ela conseguia escalar uma parede com uma corda em oito segundos.

Silêncio.

— Aposto que não tinha imaginação — disse Nina, para a confortar.

— Pois — respondeu Vanessa. — Podemos voltar ao livro?

E voltaram. Porque, como Neil Gaiman disse certa vez: «Pelo menos, os livros eram mais seguros do que as outras pessoas.»



Quando Nina chegou a casa, tinha um e-mail de Peter Reynolds.

«Olá», começava. «Por incrível que pareça, sou teu sobrinho e até há pouco tempo nenhum de nós sabia da existência do outro. Lamento por isso. O Sarkassian achou que eu podia ajudar-te a compreender a família que herdaste, e eu gostaria de tentar. Queres tomar café, ou algo assim? Diz-me alguma coisa. Peter, o teu sobrinho mais novo, ahah.»

Nina fitou o e-mail por muito tempo. Podia sempre ignorá-lo. Naquele momento, tinha as coisas bastante organizadas e não precisava de complicações novas. Por outro lado, e se um dos membros da sua nova família fosse muito desportivo e pudesse ajudá-la a vencer os Quiziceiros? E porque é que aquele tipo estava a afetá-la tanto, o grande idiota bonito? Concluiu que as amigas do clube de leitura tinham razão: ela estava a ser um pouco Lizzy Bennet acerca dele. Estou-me completamente nas tintas, disse a si própria com firmeza. Não estou mesmo nada intrigada. Além disso, tenho muitas outras coisas em que pensar.

«Caro Peter», escreveu. «Tenho de admitir que tudo isto tem sido um choque, e não percebo bem o que acabou de acontecer. Talvez fosse útil falar das coisas com alguém que as perceba.

Mando-te o meu número. Diz-me alguma coisa por mensagem, se sexta-feira à hora de almoço der para ti. Beijinho, tia Nina, o que, só de escrever, é hilariante.» Acrescentou uma carinha sorridente, para ele perceber que estava a brincar, e enviou.

Vês? Não estás nada distraída pelo tipo. Completamente concentrada em coisas mais importantes. Sem pensar nele, a cem por cento. Nem nas suas mãos. Em nada.

² *The whole nine yards* é uma expressão inglesa que significa «tudo e mais alguma coisa». Optou-se por uma tradução literal, para contextualizar a fala seguinte. [N. T.]

Hoje é o dia

DATA Sexta-feira, 3 de maio S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho

Almoco no museu

Trabalho

OBJETIVOS

Já chega de surpresas!

NOTAS

Pesquisar William Reynolds

LISTA DE AFAZERES

- ☐ Pedir certidão de nascimento
- ☐ _____
- ☐ Húmus
- ☐ Cenouras
- ☐ Chocolate
- ☐ Pão
- ☐ Cereais adoçados
- ☐ Cereais integrais!
- ☐ _____
- ☐ _____

+ PEQUENO-ALMOÇO

Smoothie

+ ALMOÇO

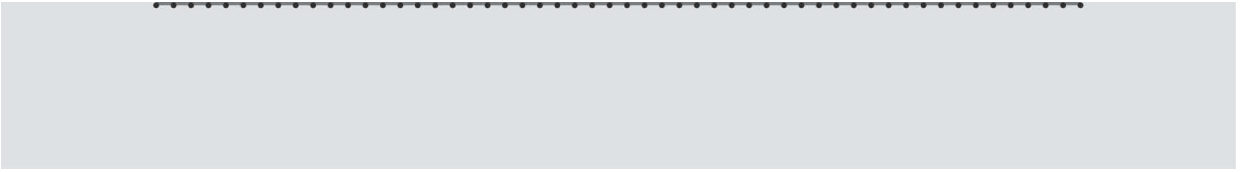
Museu

+ JANTAR

Chipotle?

+ EXERCÍCIO

Aula de spin?



.....

Em que Nina se sente menos sozinha, mas não necessariamente de uma forma positiva.

Peter Reynolds e Nina combinaram encontrar-se para almoçar no Museu de Arte do Condado de Los Angeles, o moderno museu de arte em mid-Wilshire. Era mesmo ao lado do Tar Pits, com os seus perturbantes modelos em tamanho real de mamutes presos no lago de alcatrão. Nina lembrava-se de estar junto da cerca que envolvia o lago quando era criança, angustiada por causa do mamute bebé. Ele (ou ela, era difícil identificar o género de um mamute a 15 metros, provavelmente até para os outros mamutes) estava de pé, numa das margens do lago, em pânico porque os pais estavam a ter um problema que ele não conseguia perceber. Nina tinha sido uma criança com uma imaginação fértil e uma empatia excessiva, pelo que, após algumas lacrimosas visitas, a ama, Louise, deixara de a levar.

— É só um boneco, querida — explicara-lhe. — Não é real.

— Eu sei — berrara a Nina de 8 anos. — Mas podia ser real, não podia? Os mamutes ficavam presos no alcatrão. É por isso que estão aqui as ossadas deles, não é?

Louise assentiu.

— Estás a ver? É um modelo mas também é a *vida real*, e um bebé mamute verdadeiro pode ter visto os pais ficarem presos no alcatrão e morrerem de fome porque não podiam sair, e passavam dias e dias e eles diziam-lhe para ir procurar comida,

ou um sítio seguro, e ele dizia: «Não, mamã; sai do alcatrão», e ela dizia: «Não posso, bebé», e ela chorava, e ele chorava, ou talvez um dinossauro malvado aparecesse e o comesse e a mãe não podia ajudá-lo e era horrível... — E então Louise, que não achara o momento ideal para lhe explicar que os dinossauros e os mamutes não tinham vivido ao mesmo tempo, percebeu que teria sido horrível e os Poços de Alcatrão ficaram arruinados também para ela.

Era assim com tudo o que Nina experienciava: as personagens de ficção eram tão reais para ela como as pessoas que conhecia e em quem tocava todos os dias. Por fim, acabara por desenvolver uma carapaça mais espessa e uma maior apreciação crítica da literatura, mas ainda chorava nos finais, fossem felizes ou tristes. Alguns livros tinham-lhe deixado uma impressão indelével, e Liz não a deixava esquecer a ocasião em que ela estava a explicar a trama de *Flowers for Algernon* e desatara a chorar no meio da loja. Não que Nina precisasse de ser lembrada.

Chegara mais cedo ao encontro com Peter Reynolds e ocupara uma mesa de onde podia ver a porta. Bebendo o café, examinou as pessoas que entravam. Cada chegada era escrutinada cuidadosamente em busca de maneirismos familiares, estudando as maneiras de andar, e claro que não viu entrar o sobrinho. Um homem aproximou-se da mesa, com um grande sorriso no rosto.

— Oh, meu Deus, só podes ser a Nina. Temos exatamente o mesmo cabelo. — Parecia tão entusiasmado como um rapazinho que, ao abrir uma caixa de cartas dos Pokémon, encontrasse o seu favorito.

Nina arregalou os olhos para ele. Era muito alto e bonito, e *debonair* seria a única palavra para descrever o casaco de *tweed* e a camisola de gola alta preta que usava. Mas era verdade, tinha o cabelo da mesma cor que ela, embora o dele tivesse um corte com muito mais estilo.

Ela assentiu e começou a levantar-se. Ele abanou as mãos.

— Não te levantes. Vim a pé desde La Brea e, se não me sentar já, desfaleço. Preciso mesmo de me pôr em forma. — Sorriu e sentou-se, estendendo o braço por cima da mesa para lhe apertar a mão. — Peter Reynolds, o teu fabuloso sobrinho gay, olha a bizarria.

Nina apertou-lhe a mão, correspondendo ao sorriso. Sempre gostara da companhia de homens gay, e descobrir que era parente de um parecia-lhe, de facto, um bónus.

— Sou a Nina, a tua tia solteira e heterossexual, por mais incrível que pareça.

— A parte do solteira ou a parte do heterossexual?

— A parte da tia.

Ele virou as palmas das mãos para cima.

— Mas essa é a única parte fácil de explicar. Em relação à heterossexualidade, não podes fazer nada, claro. Quanto a solteira, é provavelmente por escolha, porque és muito bonita, embora possas ter uma personalidade horrível... Tens?

— Péssima — disse Nina.

— Bem, terás de trabalhar nisso, se quisermos ser amigos, porque tenho uma tolerância muito baixa para pessoas irritantes.

— Também eu.

Ele ficou deliciado.

— Ah! Outra semelhança. Adoro. A genética é fascinante.

Nina pegou no café.

— Espera, queres comer alguma coisa? Afinal, estamos num café.

— Claro! — exclamou ele. — Estava tão entusiasmado que me esqueci. Já volto. — Levantou-se e foi buscar comida. Nina observou-o a seduzir a rapariga da caixa, o casal de turistas idosos que estavam junto dele na fila e o rapaz, possivelmente também gay, que aguardava alguém. Havia algo em Peter que era

muito... aberto, de uma forma que ela não era. Deu por si a sorrir-lhe quando ele voltou para a mesa.

— Não estás entusiasmada? — Ele abraçou-se a si mesmo. — Eu estou para lá de excitado. Quando o Sarky ligou, achei que era Natal. Vais sem dúvida entrar no meu programa.

— O Sarky? Sarkassian, o advogado?

— Pois, é assim que lhe chamamos.

— Costumas vê-lo muito?

— Mais do que imaginas. Receio que tenhas herdado uma das mais bizarras organizações familiares que existem. Já comeste? Vais precisar de todas as tuas faculdades mentais.

— Oh — disse Nina debilmente. Pegou no café. — Não estava com fome.

— Toma, come metade do meu *panini*. Ninguém precisa de um *panini* inteiro. — Olhou em redor da sala e avistou o rapaz que lhe sorrisse. — Acho que aquele rapaz te está a tirar as medidas.

— Não — disse Nina. — É a ti. — Pegou em metade da sanduíche dele e deu uma dentada. O *pesto* escorreu-lhe pelo queixo e ele deu-lhe um guardanapo.

— Não é, mas não importa. Sou comprometido.

Nina riu.

— És?

— Estou noivo.

— Que antiquado que tu és.

— As coisas são assim — disse o sobrinho. — Sou um homem velho num corpo jovem e, sejamos honestos, bonito. Nasci com 56 anos. Foi muito difícil para mim ser jovem. Detestei. Sinto que só muito recentemente comecei a tornar-me quem devia ser, que é um professor de Antropologia de meia-idade e com cotoveleiras.

Nina olhou para o casaco dele e ergueu as sobrancelhas.

Ele fez-lhe uma careta.

— Está bem, este casaco não tem, mas vou arranjar um que tenha, ou então umas cotoveleiras para lhe coser, ou algo assim. Essa não é a verdadeira questão. Uso cotoveleiras o tempo todo, mesmo quando estou nu, metaforicamente falando. — Encolheu os ombros. — A parte do professor está correta, dou aulas na UCLA; e a parte da idade também, tenho 33 anos. Ainda não é o apogeu, mas quase. — De repente, mostrou-se preocupado. — Compreendes o que estou a dizer ou achas que sou completamente maluco?

Nina abanou a cabeça.

— Não, compreendo perfeitamente. Eu acho que devia ter nascido no século XIX, ou na Inglaterra eduardiana. Devia usar vestidos de cintura subida, tipo império, e sentar-me num banquinho à janela, a ver as carruagens.

— Quantos anos tens?

— Tenho 29. Sou tua tia, mas sou mais nova do que tu. Como é que isto é possível?

Peter olhou-a, depois franziu a testa.

— Quando é que fazes anos?

— A 30 de junho.

Ele soltou um assobio baixo.

— Oh, bolas. Isto não vai facilitar as coisas. — Baixou-se e começou a vasculhar na sua pasta, uma enorme mala de cabedal castanho que parecia ter tido muito uso. Finalmente encontrou o que procurava e desenrolou em cima da mesa uma grande folha de papel laminada, coberta com uma espécie de diagrama. Era muito complicado.

— Laminaste isso? — perguntou Nina. Não que não adorasse um laminador, adorava. Era frequentemente vista a laminar pedaços de pano ou de papel bonito para fazer marcadores de livros. — As tuas margens estão muito direitas.

— Obrigado — disse ele. — Nunca ninguém tinha reparado nas

minhas margens.

— Tens margens muito bonitas. — Nina sorriu. — Mas ainda não percebo porque é que está laminado. — Fez uma pausa. — Não percebo bem o que é.

Peter mostrou-se surpreendido.

— Somos nós. Quero dizer, é a nossa família. Está laminado porque o uso nas aulas para explicar como construir um diagrama de parentesco.

— Um diagrama de parentesco?

— No Ocidente chamamos-lhe árvore genealógica, mas em muitas culturas os graus de parentesco estendem-se muito além da família imediata ou mesmo secundária.

— Ah — disse Nina, sem ter resposta para aquilo.

— Contudo — disse Peter, apontando para partes do diagrama —, o nosso diagrama é relativamente superficial, mas muito amplo, o que o torna interessante. — Notou a expressão divertida dela. — Talvez só para mim. A nossa família é bastante extensa em termos matrimoniais, pelo que é uma boa demonstração de como as relações interpessoais são afetadas por mudanças no estatuto legal. — Encolheu os ombros. — Ou não, como pode ser o caso.

Claramente, ele levava aquilo a sério, mas olhou para ela e sorriu.

— E agora tenho de refazer isto tudo e acrescentar-te, e como és ilegítima, sem ofensa, ainda é melhor. Posso usar linhas pontilhadas!

— Não me ofende. Podes dar-me uma perspetiva geral? Ainda não compreendo essa coisa da família. — Nina começava a desejar ter trazido um bloco de notas. — Estou a ter alguma dificuldade em acreditar.

Peter assentiu, terminou o café e disse:

— Percebo que seja um choque. — Em seguida, tirou um marcador de limpar a seco.

— Também uso essa marca — disse Nina. — Acho que borram muito menos.

— É verdade, e nem acredito que estamos a discutir isto. Imagina só, seríamos amigos mesmo que não fôssemos parentes, atraídos um para o outro pelo nosso amor ao material de escritório de boa qualidade. — Ele inclinou-se para a frente e colocou a caneta no cimo do diagrama. — Então, aqui em cima está o William, e aqui, organizadas da esquerda para a direita, estão as suas três mulheres. A principal razão para a família ser tão vasta é ele ter casado pela primeira vez aos 20 anos e a última aos 60. Teve filhos de todos os casamentos, e estas grandes lacunas temporais permitiram, obviamente, que nascessem três gerações.

Nina não fazia ideia de que é que ele falava, mas assentiu com a cabeça.

— Obviamente.

Peter olhou-a com atenção, claramente acostumado a alunos que fingiam compreender o que ele dizia. Suspirou e voltou a pegar na sua grande mala.

— Pronto, vamos tentar antes isto. Por vezes ajuda.

Fez deslizar uma folha de papel para junto dela e deu-lhe uma caneta. Ela gostou de ver que era uma *FriXion*, mas depois sentiu-se ligeiramente envergonhada por ter reparado.

— Põe o William em cima e depois desenha uma linha horizontal a toda a largura.

Ela obedeceu.

— Agora, da esquerda para a direita, deixando espaço, escreve Alice, depois Rosie e depois o nome da tua mãe... Qual é, a propósito?

— Candice.

— OK. — Ele fez uma nota no seu diagrama laminado, com a ponta da língua a espreitar alegremente, como um rapazinho. — E

depois escreve Eliza. Já está? — Ele espreitou e acenou com a cabeça. — OK, agora desenha outra linha horizontal por baixo dos nomes e põe um grande UM no extremo esquerdo.

Nina assim fez, sentindo-se em terreno familiar, agora que estava a lidar com papel.

— Gosto da tua letra — disse Peter. — Agora, por baixo de Alice, escreve Becky e Katherine. Por baixo de Rosie, escreve Archie. Por baixo de Candice, escreve Nina, e por baixo de Eliza, escreve Millie. Depois, faz outra linha horizontal. — Ele recostou-se e soltou a respiração. — Essa é a tua geração. Esses são os teus irmãos, da mais velha, a minha mãe, Becky, que tem 59, até à mais nova, Millie, que tem 10.

— Não acredito! — disse Nina, olhando-o fixamente.

— Acredita.

— Mas, como é que isso é possível?

Ele encolheu os ombros filosoficamente.

— É possível porque os homens podem ter filhos até serem muito velhos e, vá-se lá saber porquê, e isto é mais difícil de explicar, o teu pai era tão sedutor que convenceu três mulheres a casarem-se com ele e pelo menos uma, que saibamos, a dormir com ele. Atenção — acrescentou sensatamente —, que eu já o conheci velho. Era muito bonito na juventude.

— Não acredito que a minha mãe tenha sido a única — disse Nina secamente.

Peter abanou a cabeça.

— Calculo que tenhas razão, mas até agora foste a única filha fora do casamento de que tivemos conhecimento. — Mostrou-se sério por um momento. — Mas, eis o problema: o Archie tem 30 anos, e o aniversário dele é em janeiro.

Nina olhou-o, confusa.

— E então?

— Então, tu nasceste quando o teu pai ainda era casado com a

mãe dele. Na verdade, tendo em conta o teu aniversário, o William dormiu com a tua mãe quando a mulher dele, a Rosie, estava grávida do Archie.

— Ah. — A mãe dela tinha razão. Não se lembrava, uma ova.

Peter assentiu com a cabeça.

— «Ah» está correto. E a Rosie, infelizmente, já morreu. De cancro. Há dez anos. Ela e o William pareciam muito felizes juntos, e foi sempre essa a história, que a Rosie era a mulher da vida dele, que teriam ficado juntos e tido mais filhos, se não fosse aquela tragédia. E afinal ele traiu-a e temos uma prova física. Que és tu.

— Fantástico.

— Pois — disse Peter. — Não tenho a certeza de como é que o Archie se vai sentir acerca disso, mas não há muito que possamos fazer.

Nina ficou em silêncio.

— Podemos continuar? — perguntou Peter. — Ainda nos faltam duas gerações.

Ela assentiu.

— Deixa-me ir buscar mais um café, e talvez um pãozinho.

— Boa ideia. Já que lá vais, traz-me alguma coisa que engorde.

Nina foi e ficou parada junto ao balcão. Estava a sentir algo novo, algo que lhe parecia difícil de avaliar. Virou-se e observou Peter, que estava a escrever ao telemóvel e a sorrir para alguma coisa. Já gostava muito dele, não de uma forma «Será que vamos ser amigos?», mas de uma forma... que ela não sabia bem o que era. Pediu mais dois *lattes* e mais dois *éclairs* de chocolate.

— Oh, boa escolha. Percebo que a genética ainda está a resultar connosco. Não há nada, mas mesmo nada, que não fique melhor com uma espessa cobertura de chocolate em cima.

Nina acenou com a cabeça e compreendeu o que era. Eles eram parentes. Ela nunca tivera a experiência de um familiar, a não ser

com a sua mãe, e Candice nunca se entregara muito ao papel. Provavelmente, se ela e Peter se tivessem detestado à primeira vista, teria sido uma chatice, mas ela já sabia que estariam ligados para sempre. Não havia nenhuma confusão, nenhuma atração potencial, nenhum limite de tempo. Era uma relação que ela podia compreender e em que confiava. Sentia-se... descontraída. O que, naturalmente, lhe causava uma leve preocupação. Não devia ser assim tão fácil gostar de alguém, pois não?

— Podemos continuar? — Desenhou uma linha horizontal, um pouco abaixo do nome, e escreveu um grande DOIS ao lado.

— És uma excelente aluna — disse Peter, com a boca cheia de *éclair*. — OK, a Becky teve a Jennifer e depois teve-me a mim, o Peter. — Apontou para si próprio, apesar de estarem sentados a meio metro de distância. — A Katherine teve a Lydia, o que é um tanto desconcertante, porque a minha tia Katherine é uma excêntrica. É capaz de ter comido o marido; ele desapareceu sem deixar rasto. Segundo a minha mãe, ele desapareceu de um dia para o outro, deixando todos os seus bens terrenos e a chave do carro para trás.

— Isso é estranho.

— Pois é. — Ele fez uma pausa. — Mas levou o cão.

Nina assentiu com a cabeça.

— Não ficou sem nada, então.

Peter continuou.

— A minha avó, a Alice, é um pesadelo. Parece a Menina Havisham, sabes, do Dickens, mas fala como se tivesse saído de um filme do Coppola. A minha mãe é fantástica, o que prova que a genética não é tudo, mas a tia Katherine continua a ser uma maníaca homicida que veste roupas estranhas.

— Caramba, não me escondas nada. Diz-me o que pensas realmente.

— Depois verás. A minha irmã, a Jennifer, é fantástica, vais

adorá-la, mas a minha prima Lydia é um demónio com forma humana, apesar de ser um génio. Ou talvez por ser um génio. Não é tão má como a mãe, mas digamos que é um desafio. Muito bem, vamos continuar com o diagrama. Temos anos para as histórias pessoais. — Lambeu o resto do chocolate dos dedos. — Mas lembra-te, não te aproximes da minha avó sem proteção ocular. Um olhar direto e ficas embruxada.

— Bolas!

— É verdade. Mas vamos continuar. Desenha outra linha e escreve um TRÊS.

Nina assim fez.

Peter virou a cabeça para ver a folha dela.

— Tu podias perfeitamente frequentar as minhas aulas. Muito bem, agora chegaste ao meu grupo. Eu, a minha irmã e o pequenino do Archie, o Henry, que tem 2 anos. Mais ninguém tem filhos, por isso não tens mais sobrinhos.

— Ótimo. — Nina afastou a folha de papel, mas Peter voltou a aproximá-la.

— Oh, não, ainda não acabou. Precisas de outra linha horizontal. Eu não tenho filhos, mas a minha irmã mais velha, a Jennifer, tem três. A pequena Alice, a Jojo e o Louie. São quase adolescentes e são...tambores, por favor... os teus sobrinhos-netos.

Nina fitou-o.

— Desculpa. Eu sou a tia-avó Nina de alguém?

Peter riu-se.

— Sim. És a tia-avó Nina deles. O que iriam achar divertido, se não tivessem já um tio-avô Archie e uma tia-avó Millie, que é mais nova do que eles. — Apontou um dedo para ela. — E ISSO é esquisito, até para mim. — Afastou o copo e o prato e começou a enrolar o diagrama. — Estou exausto. Vamos à loja de presentes? Disseram-me que têm cliques em forma de coelho e aqueles lápis antiquados com todas as cores lá dentro, umas por cima das

outras.

E assim fizeram.

William				
	Alice	Rosie	Candice	Eliza
1	Becky <u>Katherine</u>	Archie <u> </u>	Nina <u> </u>	Millie <u> </u>
2	Jennifer Peter <u>Lydia</u>	Henry <u> </u>		
3	Pequena Alice Jojo Lovie			

diagrama
do Peter
♡



Diagrama mais complicado feito por mim...

Depois das compras, Nina e Peter trocaram abraços e Nina dirigiu-se a casa. Sentia-se ansiosa por causa de um potencialmente zangado irmão que ainda nem conhecia e com medo de, sem qualquer culpa, ter arruinado a vida a alguém. Era um nível completamente diferente de embarço, e ela era uma pessoa bastante familiarizada com o embarço. Isto esmagava completamente o seu anterior recorde — aquela vez em que assistira a um *bar mitzvah* por engano quando entrara na

sinagoga errada (a sinagoga Beth EL não é a mesma que a Beth AM, caso não saibas) à procura do casamento de uma amiga. Sentia-se desconcertada, para usar uma palavra de que Liz gostava, como se milhões de vozes gritassem de repente... Ah, não, espera, isto era do *Star Wars*. Sentia-se como se tivesse feito um transplante cardíaco. O órgão original, que normalmente sentia estável no seu peito, batendo regularmente e acelerando apenas ocasionalmente (olá, Michael Fassbender) fora substituído por algo que parecia não ter sido corretamente instalado.

Nina contou tudo a *Phil*, o gato, que se mostrou horrorizado.

— O teu pai não é o Richard Chamberlain, do *Pássaros Feridos*?

Ela afagou a cabeça do gato e abanou a sua.

— Nem o Magnum, P.I.?

Nina olhou para a parede. Claro que o gato não estava a dizer nada daquilo, porque era um gato e os gatos não falam, mas a voz dele na sua cabeça enumerava os seus pais de sonho. Tinha fotografias de todos eles na parede, um tributo tanto ao seu trabalho estelar na televisão como à menina esperançosa e imaginativa que ela fora em tempos. Os dois que mencionara estavam ali, mas também o Comandante Riker, de cujo nome verdadeiro ela nunca... Não, espera, Jonathan Frakes; Bruce Willis (em *Modelo e Detetive*, não no *Assalto ao Arranha-Céus*); Alan Alda em *M.A.S.H.*; e o seu favorito, Mark Harmon, de *St. Elsewhere*, apesar de a sua personagem acabar por morrer de sida, o que fora um grande golpe na altura. Para ela, não para ele.

Ao longo da infância de Nina, a televisão tinha sido a sua segunda melhor amiga, depois dos livros, e ela via o mesmo que a sua ama, Louise, o que se traduzia sobretudo em séries das décadas de 1970 e 1980, para não falar no *Star Trek: TNG*, porque Louise era uma fã empedernida. Até gostava do *Deep Space Nine*.

Quando tinha cerca de 10 anos, Nina metera na sua pequena cabeça que talvez alguma das famosas personagens fosse o seu

pai, e aquilo tornara-se uma espécie de jogo. Pelo menos ela gostava de lhe chamar um jogo, porque se pensasse realmente no esforço de investigar se aqueles potenciais pais estavam ou não em Los Angeles quando ela fora concebida, tornava-se estranho. Quando concluía que estavam, recortava a sua fotografia e metia-a numa caixa que tinha para o efeito. A Caixa do Pai tornara-se uma espécie de A Coisa durante algum tempo, porque Nina era uma criança ansiosa e precisava frequentemente de se sentar no chão e sonhar com possibilidades fora da sua experiência quotidiana.

Não que a sua experiência quotidiana fosse terrível; não tivera propriamente de pescar no gelo no estreito de Bering, nem de usar os seus dedinhos de criança para retirar solda de artigos elétricos abandonados, mas, por vezes, percorrer os corredores da escola primária aterrorizava-a. Entrava muitas vezes em pânico e ainda se lembrava da situação em que Louise telefonara à sua mãe e falara com ela em voz baixa acerca disso. Depois desligara, virara-se para ela e dissera: «A tua mãe diz para respirares para dentro de um saco de papel e aguentares.» Em seguida, Louise sentara-se e embalara Nina no seu colo e ela chorara — a pequena Nina, não Louise —, e alguns dias depois Louise saiu para comprar uma máquina de laminar e laminou os pais. Todos os dias, Nina levava um consigo para a escola, num sistema de rotatividade, para nenhum ficar chateado, mas essa não é a verdadeira questão. A questão é que nenhum daqueles homens espirituosos, amorosos e urbanos era o seu pai. O seu pai era apenas um tipo que parecia ser um sacana.

Phil comentou que os pecados dos pais não são os pecados dos filhos, e Nina respondeu que quem sai aos seus não degenera e depois adormeceram ambos no sofá. Tinha sido um dia difícil.

Hoje é o dia

DATA *Sábado, 4 de maio*

S T Q Q S S D

△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho

Trabalhar no

mood board



OBJETIVOS

*Arranjar
objetivos
novos* 😊

NOTAS

*Wiki: doenças
hereditárias* 😊

LISTA DE AFAZERES

☐ *Encomendar livro sobre genética*

☐

☐ *Gelado*

☐ *Gomas Red Vines*

☐ *Tampões*

☐ *Adril*

☐ *Meias*

☐ *Bacon*

☐

☐

+ PEQUENO-ALMOÇO

Bacon

+ ALMOÇO

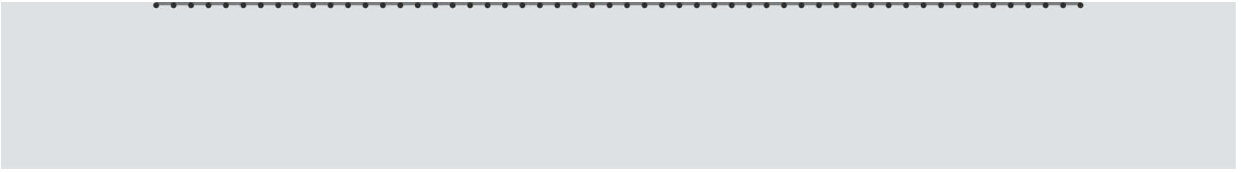
Pizza

+ JANTAR

Gelado

+ EXERCÍCIO

Não.





Em que Nina conhece um irmão.

Como acontecia frequentemente, Liz ficou fascinada com os detalhes.

— Tu és a bastarda que vai perturbar toda a trama da vida deles?

Nina acenou com a cabeça.

— Receio bem que sim. Mas não fiz de propósito.

— Claro que não, mas quantas vezes é que uma pessoa tem a oportunidade de ser o Jon Snow?

— Queres dizer que eu não sei nada?

— Acho que esse foi sempre o caso. A tua ilegitimidade não é relevante. — Sorriu. — Mas se calhar vais herdar um milhão de dólares e já podes pagar ao Mefistófeles. — Apontou o dedo para Nina. — Podias ser como o Pequeno Lorde Fauntleroy. As personagens nos livros herdam sempre uma fortuna.

— E normalmente não acaba bem. Pensa no Charlie Kane, em *Citizen Kane*. Ou na Isabel Archer, em *Retrato de uma Senhora*.

Liz encolheu os ombros.

— Estás a esquecer-te da maior família de herdeiros de sempre, os Beverly Hillbillies. A vida da Elly May Clampett foi cheia de alegria. Alegria e muito algodão fino aos quadradinhos. — Olhou Nina de cima a baixo. — Podias perfeitamente ser bem-sucedida.

Nina perguntou:

— Devemos mesmo um milhão de dólares ao Sr. Meffo? — Ela esperava que não. Adorava o seu emprego na loja. Na verdade,

adorava tudo naquela loja.

Liz abanou a cabeça.

— Não, mas é a sensação que dá.

Ainda era muito cedo. A livraria estava aberta, mas o único cliente que tinham era um rapaz que vivia ali perto e tinha uma espécie de atraso no desenvolvimento. Chamava-se Jim, tinha o sorriso mais doce e normalmente passava horas na secção de História Natural, a olhar para imagens de animais. Toda a gente o conhecia na zona e vigiava-o e dizia olá, e, tanto quanto Nina sabia, ele pensava que era um príncipe, visitando ocasionalmente o seu feudo para ver como iam os camponeses.

A porta da loja abriu-se e Polly entrou. Liz virou-se e franziu a testa para ela.

— Boa tarde, Polly.

Polly sorriu.

— Liz, são nove e meia. Só estão cá vocês as duas e o Jim, e o Jim passa cá tanto tempo, que se tivesse havido uma enchente, o que nunca, mas nunca acontece, podia ter-me substituído.

Liz estalou a língua, mas deixou Polly dar-lhe um abraço extravagante e depois afastou-se, dissimulando um sorriso. Polly era a velha solteirona da paróquia que trabalhava na Knight's, embora solteirona não a descrevesse tão bem quanto descrevia Nina. Polly era atriz. Trabalhava na Knight's para sustentar a sua paixão por filmes, tanto por entrar neles como por vê-los.

Polly viera para LA aos 19 anos, uma rapariga bonita e cheia de esperança, com muito carisma e ainda mais talento, e passara dez anos *quase* a chegar lá. Se nunca tivesse chegado a lado nenhum, era capaz de ter desistido, contentando-se com, ao menos, ter tentado. Contudo, tal como milhares de outros, Polly conseguia por vezes entrar num anúncio ou num episódio piloto. Estava sempre a ir a audições e a ser chamada novamente, e ficava várias vezes «à disposição» (o que significava que se encontrava num

dos primeiros lugares da lista para alguma coisa e tinha de manter a sua agenda livre por alguns dias enquanto eles faziam a escolha final entre duas ou três raparigas). É esse sucesso ocasional que cria um viciado. O êxito estava sempre iminente, havia sempre algo prestes a acontecer. Nos interstícios sombrios entre lampejos de esperança, vai-se fazendo a vida.

Polly trabalhava na Knight's há pouco mais de um ano e tinha feito amizade com Nina, apesar de Polly nunca ler livros e só saber de argumentos para filmes. Por exemplo, na série *Harry Potter*, ela não fazia ideia de que Peeves, o *poltergeist*, existia, ou de que Ludo Bagman não era uma loja de malas de viagem, porque essas personagens não apareciam nos filmes. Sendo uma amante de drama, Polly estava extremamente divertida com a súbita situação familiar de Nina.

— Oh, meu Deus, devias escrever um guião! — Riu-se alto. — Não que alguém partilhasse tempo de ecrã com tanta gente. Terias de reduzir o elenco.

— A verdadeira questão é a numerosidade deles — disse Nina secamente. — *Numerosisse?*

— São muitos. — Polly assentiu com a cabeça.

— Sim, pois são. Eu só conheci um, mas é muito fascinante. — Falou-lhe de Peter.

— Sortuda — disse Polly. — Eu tive de pedir um familiar gay aos vizinhos. — Os seus olhos ficaram nostálgicos. — Ele levou-me às compras para o baile de finalistas. — Ocorreu-lhe outra ideia. — Algum desses teus novos familiares é um homem bonito e solteiro?

— Não faço ideia. Tenho de perguntar ao Peter e consultar o meu diagrama.

— Há um diagrama?

Nina confirmou.

— Está laminado.

— Bem, pelo menos pesquisaste o teu pai no Google? — Não esperou pela resposta, pegando no telemóvel e lançando-se ao trabalho. Nina já estava acostumada e continuou a desempacotar livros que tinham chegado nessa manhã. Não valia a pena dizer a Polly que já o pesquisara, além de que Polly era uma perita em pesquisas online.

A sua paciência foi recompensada.

— Caramba! — disse Polly, com o ar daquele tipo nos filmes que vai finalmente juntar todas as peças da trama e cuja recusa em fazê-lo até ao momento conduziu a mal-entendidos cómicos ou a perigos mortais. — William Reynolds, o teu pai, era muito dado aos eventos sociais.

Nina assentiu.

— Daí as três mulheres.

— Além de, possivelmente, variadíssimas namoradas?

Nina virou para cima as mãos, ambas segurando livros.

— Não há provas, mas suspeitas.

— Há provas.

— Uma está sentada no chão à tua frente.

Polly virou o telefone para Nina.

— Eis a mulher mais recente, a propósito. A viúva. — Pôs-se a divagar. — Se já não és casada com alguém que morre, és uma ex-viúva?

— Acho que não — disse Nina, olhando para a imagem no telemóvel de Polly. — Como é que ela se chama? Não consigo ler daqui. Sei que devia ter memorizado aquele diagrama.

— Eliza — disse Polly. E leu: — «William e Eliza Reynolds assistem a blá, blá, blá.» — Eliza era bonita, e não tão jovem e foleira como Nina imaginara. Porque é que a imaginara assim?, repreendeu-se. Francamente, o feminismo não lhe ensinara nada? Porque é que uma mulher mais jovem não podia apaixonar-se por um homem mais velho? Sem ser pela sua enorme fortuna e

o sucesso?

— Não percebo porque não és mais curiosa acerca do teu pai — disse Polly. — Foi exatamente para isso que a Internet foi inventada.

— Para investigar pais?

— Sim.

Nina suspirou.

— Eu pesquisei sobre ele. Não havia muita coisa. Era um traidor em série e um abandonador de filhos. Que mais preciso de saber?

Polly encolheu os ombros.

— Talvez fosse um excelente esquiador e tu nunca sequer tentaste, quando podias ter tido uma carreira olímpica graças à tua aptidão natural. — Polly era encantadora, mas não tinha os pés bem assentes na realidade. — Ou — disse, entusiasmando-se — se ele tivesse alguma doença hereditária?

— Pensei nisso, mas a calvície hereditária masculina não é algo que me preocupe muito.

— E a hemofilia?

— Bem, para começar, a hemofilia vem por linha feminina e só é perigosa para os homens, por isso não tenho problemas...

— Pensa nos teus filhos!

— ... e seria de supor que algo importante já se teria revelado...

— E é aí que te enganas. Eu acho que devias falar muito cuidadosamente com todos eles e ver as cartas que te foram distribuídas.

— Eu acho que tu és maluca.

Polly encolheu os ombros.

— Isso pode ser verdade, mas não quer dizer que esteja errada.

Aparentemente, Polly tinha mais influência junto do Destino do que ambas supunham, porque nessa tarde ela e Nina levantaram

o olhar e viram um homem lindo a transpor a porta e aproximar-se delas com grande determinação.

Depois de olharem todos uns para os outros, o homem disse a Nina:

— Tu deves ser a Nina Hill.

Polly sibilou audivelmente, mas Nina não ia deixá-la ficar mal. As amigas antes dos gajos.

— Sim, sou, e esta é a Polly Culligan.

Ele olhou para ela e, sejamos justos, parou por meio segundo, mas voltou a olhar para Nina.

— Sou o teu irmão. Archie Reynolds. O nosso pai dormiu com a tua mãe quando a minha mãe estava grávida de mim.

É possível que alguém, algures, tenha escrito conselhos lógicos sobre como responder a uma declaração daquelas, mas Nina nunca os lera. Por isso, estendeu-lhe a mão e disse:

— Prazer em conhecer-te. — Depois disse: — A tua mestria com os pronomes é impressionante. — E arrependeu-se logo. Procurando recuperar, acrescentou: — Peço desculpa por essa cena da infidelidade, mas, como sabes, eu não estava lá na altura.

Ele acenou com a cabeça.

— Compreendo. Deves ter chegado uns dias depois.

— És obstetra? — perguntou Polly, curiosa.

— Perdão? — disse Archie.

— Bem — Polly encolheu os ombros. — Parece que estamos a falar sobre as etapas da conceção, e pensei que podias ser um especialista, porque, sabes, acabámos de nos conhecer e normalmente os homens gostam de levar as raparigas a jantar antes de falarem em bebés.

Houve uma pausa. Nina não conseguiu impedir-se de imaginar uma animação de ovo e espermatozóide ao estilo *Schoolhouse Rock!*, por isso não tinha nada para dizer, mas o irmão riu-se e teve a cortesia de corar. O seu cabelo era de um ruivo muito escuro, tal

como o de Nina, e, tal como ela, era bom a corar.

— Tens razão, estou a ser incrivelmente mal-educado. — Olhou em volta, como se acabasse de perceber que estava num local público, mas, felizmente para ele, a loja estava vazia. — Mas acabei de descobrir onde é que tu trabalhas e... — Interrompeu-se. — Desculpa, não devia ter irrompido por aqui desta maneira.

Nina encolheu os ombros.

— Eu provavelmente teria feito a mesma coisa.

— Mas não fizeste — disse ele. — Podes sair para tomar um café?

Liz tinha aparecido de repente, como fazia frequentemente. Com franqueza, ela podia ser irmã da professora McGonagall.

— Vai lá, Nina — disse ela. — Nós cá nos arranjaremos sem ti. Vai ser duro, mas vamos tentar.

Nina fez-lhe uma careta e tirou de debaixo do balcão a carteira e o telefone.



Nina e Archie atravessaram a estrada até ao café belga, e Vanessa sorriu para Nina quando lhes entregou as ementas.

Nina interrompeu-lhe o entusiasmo.

— Vanessa, este é o meu meio-irmão, o Archie.

Ela observou-o com os seus olhos negros e passado um segundo acenou com a cabeça

— Não sabia que tinhas família na cidade.

— Já somos três — disse Archie, antes de Nina ter hipótese. Ela semicerrou os olhos para ele. Um irmão que lhe roubava as frases era algo que não tinha imaginado. Ambos pediram a mesma coisa, depois sentaram-se e fitaram-se sem esconder a curiosidade.

— És parecido comigo — disse Nina, após um minuto. — Em versão masculina, claro.

— Obrigado por esclareceres — disse ele secamente. — Contudo, a verdade é que tu és que és parecida comigo. Sou uns meses mais velho, lembras-te? — Pegou no telemóvel e abriu a galeria. — E, para ser franco, somos os dois parecidos com o nosso pai. — Mostrou-lhe o ecrã. Aparentemente, era o pai, de pé, com o braço nos ombros de um Archie mais jovem, sorrindo para a câmara de forma artificial: apontar, disparar, ir-se embora, desfazer o sorriso e prosseguir com o que estava a fazer de importante. Sabes como é esse sorriso. William Reynolds fora bonito em tempos; o seu cabelo era espesso e da mesma cor do dela e de Archie, mas os seus olhos eram difíceis de interpretar. Talvez ao vivo fosse mais fácil, mas Nina nunca o saberia.

— Não o reconheço, de todo. Nunca vi uma fotografia, nunca ouvi o seu nome, nunca soube, sequer, que o meu pai era americano. — A comida chegou. — Isto está a dar cabo dos meus poucos neurónios. — Abriu o guardanapo, a salivar com o cheiro do seu *croque madame*. Queijo derretido, em qualquer das suas formas, era a sua perdição.

Archie tirou uma folha de alface e mastigou-a, pensativo.

— Pois, a mim também. Posso perguntar pela tua mãe?

Nina assentiu, também a mastigar. Observou o seu novo irmão, notando mais semelhanças entre ambos: as maçãs do rosto, as pestanas. Era tão estranho, assim de repente, ter um irmão. Lembrou-se de uma amiga do secundário que tinha um irmão mais velho e de como ela e todas as suas amigas achavam isso o máximo. Havia sempre um grupo de rapazes um ou dois anos mais velhos a desfilarem pela casa para elas inspecionarem. Caramba, teria sido fantástico ter um; talvez não tivesse demorado tanto a perder a virgindade.

Archie bebeu um pouco de água.

— Como é a tua mãe? — Fez uma pausa. — A destruidora de lares.

Nina franziu-lhe a testa.

— Isso não é justo. Ela não destruiu o teu lar. A verdade é que não quis mais nada com o teu pai, quando descobriu que ele era casado.

— Pois foi. Retiro o comentário da destruidora de lares. Mas como é que ela é?

Nina pensou um pouco.

— É fixe. É uma fotógrafa conhecida, podes procurá-la na Internet. Candice Hill. É assim que normalmente descubro onde é que ela está e o que anda a fazer. É australiana e viaja por todo o mundo, por isso nunca soube de onde era o meu pai. Ela nunca falou dele, a não ser para me dizer que não sabia bem quem ele era. Aparentemente, era preferível eu pensar que ela era promíscua do que saber quem era o meu pai, o que é uma opção estranha.

» Não a via muito quando era criança, e agora ainda a vejo menos. Ela amava-me, acho eu, mas estava ocupada. — Nina deu uma dentada no *croque madame* e continuou a falar de boca cheia, sem um pinga de vergonha. — Levava-me para todo o lado quando eu tinha o tamanho de um pão, mas quando comecei a precisar de refeições regulares e cresci demasiado para dormir na gaveta de um hotel, arrendou um apartamento aqui e contratou a Louise.

— Louise?

— A melhor ama do mundo. Os filhos dela estavam na faculdade e o marido irritava-a, por isso ela mudou-se para o apartamento, para cuidar de mim. Quando fui para a faculdade, ela mudou-se para a Geórgia, para estar mais perto dos netos. Ela é que é a minha família, o membro regular do elenco da minha vida. A minha mãe era mais como uma estrela convidada.

— E agora o nosso pai é uma personagem de que os outros falam.

— Certo. Mas uma personagem que nunca aparece. É Godot. Ou Guffman.

— O Charlie, em *Anjos de Charlie*.

— A mulher do Norm, em *Cheers*.

Archie sorriu.

— Bem, ele estava sempre presente quando eu era pequeno. Trabalhava muito, mas quando estava, estava mesmo. Tinha aquele jeito de te fazer sentir que eras a única pessoa no mundo. Desde que estivesse sempre à frente dele.

— Era advogado, não era? — Nina tinha visto na pesquisa, mas não se lembrava exatamente.

— Sim, advogado de entretenimento. Ele e outros dez mil nesta cidade. Herdou dinheiro dos pais, depois fez muito mais, deu festas, foi a festas, bebeu muito, seduziu, o habitual. Era uma força da natureza e verdadeiramente inteligente. Eu adorava-o. Quando a minha mãe morreu, ele ficou devastado. — Franziu a testa. — Mas agora só consigo pensar que ele soube da tua existência e nunca te prestou qualquer atenção.

— Acho que a culpa foi da minha mãe, não dele. — Nina fez uma pausa. — Achas que a tua mãe sabia de mim? Achas que ele contou a alguém?

— Bem, contou ao Sarkassian, porque te pôs no testamento. Devia pensar em ti. Ele era muito reservado, é improvável que te tenha esquecido.

Nina acenou para Vanessa e pediu café gelado. Archie fez o mesmo.

— Estás a pedir o mesmo que eu de propósito?

Ele abanou a cabeça.

— Não, acho que gostamos das mesmas coisas. Somos como um daqueles estudos de irmãos, em que procuram gémeos que tenham vivido separados e descobrem que os dois se casaram com uma mulher chamada Darla.

— Não a mesma mulher, espero.

— Não, isso seria demasiada coincidência. Foste uma criança feliz? Tiveste uma boa infância?

Nina encolheu os ombros.

— Mais ou menos. Era tímida. Ainda sou tímida. Não era boa a fazer amigos, tinha muita ansiedade. Francamente, naquela altura, teria sido bom ter irmãs e irmãos e primos e essas coisas. Agora não sei muito bem o que fazer contigo, embora seja agradável ter uma família pela primeira vez. — Olhou-o, pensativa. — Mas talvez seja demasiado tarde para eu fazer parte da vossa.

Ele encolheu os ombros.

— Se te casares, juntas-te a uma família.

— É verdade. — Nina pensou um pouco. — Posso sempre fingir que me casei com alguém da vossa família, por assim dizer.

— Podíamos celebrar um casamento. — Ele riu-se. — Uma coisa que se pode dizer da nossa família é que adoramos casamentos e aniversários. Na verdade, tudo o que sirva de pretexto para uma festa. Somos um grupo sociável, quase todos.

Nina simulou um estremecimento. Ou pelo menos fingiu que simulava um estremecimento, porque, interiormente, estava mesmo a estremecer.

— Eu não sou uma pessoa de festas. Sou introvertida.

— Não te preocupes — respondeu Archie. — Podes sempre recusar.

Nina voltou à pergunta dele sobre a infância.

— Sabes, quando era pequena, sentia-me muito sozinha, mas também gostava de estar sozinha, por isso, estás a ver, estava tudo bem. Passei muito tempo a ler e deitada na carpete da sala a ver televisão. E tu? — O café gelado chegou e fizeram um brinde, instintivamente.

Archie deu um gole e suspirou.

— Eu era feliz, ao princípio. Lembro-me de passar muito tempo com a minha mãe, com os miúdos da vizinhança. Mas depois a minha mãe adoeceu e eu entristeci. Ainda era muito pequeno, mas bastante crescido para me sentir mal por não poder ajudar mais. Tornei-me bom a fazer chás. Tornei-me bom a fazer massagens nos pés. — Olhou para a mesa. — Acho que dediquei mais cuidados físicos a uma pessoa nessa altura do que voltei a dedicar no resto da minha vida, embora ame a minha mulher e o meu filho. — Voltou a olhá-la nos olhos. — Não sei o que isso diz acerca de mim.

Pararam para refletir sobre isso, depois Nina perguntou:

— E a Eliza, tua madrastra e agora viúva?

Archie encolheu os ombros.

— Normalmente só nos juntávamos todos nas festas, em geral instigados pelo pai, por isso não sei se alguma vez tornaremos a fazê-lo. Não a conheço muito bem, elas vivem do outro lado da cidade.

— Em Santa Monica?

— Pior: Malibu.

— É o mesmo que Marte.

Acenaram ambos com a cabeça. Los Angeles é uma cidade grande, como toda a gente sabe, mas existe uma divisão ainda maior entre a zona leste e a zona oeste. Para ir de leste a oeste é preciso passar por baixo da estrada 405. Há uma extensão da Olympic Boulevard de onde se pode ver a 405, um parque de estacionamento em forma de ponte no qual se pode demorar mais de uma hora a percorrer um ou dois quarteirões, porque uma parte do trânsito está a subir a rampa para entrar na autoestrada e a bloquear todos os caminhos. As pessoas enlouquecem nesse percurso.

Sempre que Nina ficava ali presa, o que era raro, porque mais depressa encheria os ouvidos de cocó de cão a arder do que ia à

zona oeste, pensava naquela pintura de Andrew Wyeth, *Christina's World*, onde a jovem está deitada na encosta da colina, arrastando-se para um celeiro à distância. O mesmo sentimento de desespero e luta e aceitação relutante permeia o próprio ar naquela parte da cidade. É o purgatório. Ou o limbo. Sartre disse que o inferno eram os outros, mas isso era porque a 405 ainda não tinha sido construída.

— Quanto tempo estiveram casados? — Nina percebeu que provavelmente teria de conhecer essa mulher, por isso era melhor descobrir um pouco mais sobre ela.

— Oh, muito tempo. Desde 2000, talvez? A Millie tem 10 anos e nasceu vários anos depois do casamento. — Encolheu os ombros.

— Desculpa, não sou bom com datas.

— A Millie é nossa meia-irmã?

Ele riu-se.

— Estás a habituar-te. Acabámos por usar só o nome das pessoas, sem nos preocuparmos exatamente com o grau de parentesco, a não ser que alguém pergunte.

— As pessoas perguntam?

— Por vezes. As pessoas perguntam: «Este é o teu filho»? ou «Este é o teu pai?», e tu tens de dizer: «Não, o pequenino é meu irmão e o mais velho é meu sobrinho.» A maioria das pessoas ignora, mas algumas pensam por um minuto e ou pedem uma explicação completa, o que é uma seca, ou percebem por si mesmas que o teu pai nunca esteve casado por muito tempo, o que é embaraçoso.

Nina fitou-o.

— Como agora? — Na verdade, não lhe parecia embaraçoso, era como quando se encontrara com Peter. Uma estranha sensação de já conhecer uma pessoa, uma ausência total da pressão habitual que ela sentia com um homem atraente, uma espécie de conforto.

A expressão de Archie tornou-se mais fria.

— Sim. Esse era o lado negro do pai, infelizmente. Ele era divertido, bonito e sedutor, mas também era um falhado narcisista. Casou-se com três mulheres e abandonou-as, e não parece ter perdido uma noite de sono por causa disso.

— Não deixou a tua mãe. E não deixou a Eliza.

— Mas traiu a minha mãe e sabe-se lá da Eliza. O facto de tu existires significa que pode haver mais por aí. — Archie encolheu os ombros. — Ele parecia sempre tão amoroso, mas era como se fosse duas pessoas: a que estava ali à tua frente, e aquela em que se tornava no momento em que saía da sala.

— Pelo menos, a que estava à tua frente amava-te.

— Sim, mas no final era sempre a outra que ganhava.

Levantou a mão para pedir a conta.



De volta ao seu apartamento nessa noite, Nina sentou-se diante do quadro de avisos e observou-o. Depois de analisar os métodos de visualização e organização de outras pessoas no *Pinterest*, percebera que o seu precisava desesperadamente de ser atualizado. No mínimo, agora ela era um novo ser social, alguém que tinha família. Alguém que poderia precisar, por exemplo, de anotar mais aniversários. Ou ter mais convites para recusar.

Preocupada, começou a procurar *bullet journaling*, para ver se seria mais adequado ao seu novo círculo mais vasto. Francamente, não se pode virar as costas à Internet por um minuto. Havia uns 14 mil *pins* sobre *bullet journaling*, que era a maneira de elaborar um planificador diário mais... qualquer coisa. Mais bonito? Mais eficiente? Nina encostou-se à parede e começou a sonhar acordada. Como é que tudo aquilo surgira? Quem fora a primeira pessoa a usar o *bullet journaling*? Quem

estava a ter dificuldade em captar e condensar tudo na sua vida usando métodos de organização normais (que eram... listas?, calendários?), e pensou «Ei, vamos antes fazer as coisas *assim*», acabando por desenvolver um fenómeno mundial?

Nina imaginou uma jovem, chamemos-lhe Brooke, o género de *rapariga básica* que Nina desprezava e invejava ao mesmo tempo, uma mulher que conhecia termos de maquilhagem como contorno e iluminação e que seguia no *Instagram* pessoas que se interessavam apaixonadamente por nichos verticais minúsculos como, por exemplo, contorno e iluminação, e que tinha um namorado com um canal de *YouTube* que girava à volta da sua vida louca com três *huskies* e a sua sensual, contornada e organizada namorada. A imaginária Brooke considerava-se uma boss, mas, ao mesmo tempo, desfrutava das coisas femininas da vida, as almofadas, as velas, o brilho corporal e a bebida da moda no Starbucks.

Tendo criado o conceito de *bullet journaling*, Brooke passaria então meses a aperfeiçoar a sua arte, aprendendo novos estilos de caligrafia, tirando fotos fantásticas, publicando-as e vendo o resto da Internet a embarcar na sua ideia. Finalmente, fundaria uma empresa de venda de blocos de notas, canetas japonesas, minúsculos autocolantes e modelos para os seus seguidores poderem praticar o *bullet journaling* à sua maneira, com uma estrutura de design aprovada pela própria Brooke. A BrookeCo lançaria um canal totalmente dedicado ao estilo de vida numa qualquer plataforma de *streaming* recém-lançada e Brooke entraria na reforma aos 40, depois de se ter casado e divorciado do rapaz dos *huskies* (que, viera a saber-se, só gostava de cães jovens), vivendo uma vida cheia de Significado, Alegria e Acessórios Alegrementemente Significativos. Nina odiava-a.

Depois de inventar e descartar Brooke, Nina decidiu valorizar a situação atual e manteve o quadro de avisos normal. Sentou-se à

sua frente por um segundo, considerando os seus objetivos.

OK, cérebro, não compliquemos. Queria beber menos vinho e mais água. Tomou a devida nota e voltou a encher o copo de vinho. Passos pequeninos.

Queria fazer mais exercício. Isto é canja, pensou, afinal, parece que tenho montes de objetivos. Consultou planos *Couch to 5K*, imprimiu um e afixou-o no quadro. Ponderou comprar uns ténis de corrida novos. Depois encontrou um artigo que dizia que caminhar era tão bom como correr e sentiu-se bem por ter poupado 100 dólares não comprando os ténis de corrida.

Queria comer mais legumes, por isso imprimiu uma imagem de brócolos e afixou-a. Porque seriam os brócolos a imagem de eleição para representar todos os legumes? Deviam ter um agente muito bom, porque via-os em todo o lado. Grandes cabeças gigantes. Pequenos raminhos. A couve *kale* tinha tentado destroná-los nos últimos anos, mas os brócolos, sem perder o foco, tinham conservado a sua marca. Sorte a deles. Nina pôs um *pin* bonito na imagem dos brócolos e sentiu que os apoiava.

Queria sair com o rapaz dos Quiziceiros.

Bebeu o vinho e pensou no assunto. Até esse momento, não tinha percebido que era um objetivo, *per se*, o que provava que os *mood boards* serviam para alguma coisa, os *haters* que se danassem. Depois procurou «bons restaurantes para um primeiro encontro na zona leste de Los Angeles» e imprimiu. Depois deitou a folha fora e imprimiu a fotografia de um pinguim bebé. Depois acrescentou a fotografia de um hámster russo bebé na mão de alguém porque a adorou. Depois passou uns bons 20 minutos a olhar para as fotografias de pequenos mamíferos e animais bebés em geral, depois passou aos vídeos de soldados que voltavam para casa e eram recebidos pelos seus cães, o que a fez chorar. Então percebeu que estava a vampirizar os sentimentos de outras pessoas e sentiu-se mal consigo mesma, e

de repente todo o *mood board* lhe deu vontade de chorar e ela foi para a cama.

Afinal, porque é que haveria de querer sair com aquele tipo, quando mal podia suportar uma noite inteira sozinha? Um namorado era a última coisa de que precisava. Terapia era o que lhe fazia falta. Terapia e talvez um *boston terrier*. Ou um buldogue francês. Um daqueles cães feios mas adoráveis.

Amanhã seria um dia melhor. No mínimo, seria diferente.

Hoje é o dia

DATA Sábado, 11 de maio

S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho

*Noite dos Autores
Cinema*



LISTA DE AFAZERES

☐ *Brócolos*

☐ *Fruta*

☐ *Kale*

☐ *Frutos secos*

☐

☐

☐

☐

☐

☐

OBJETIVOS

LEGUMES



NOTAS

*Não esquecer
os bilhetes!*

+ PEQUENO-ALMOÇO

Smoothie

+ ALMOÇO

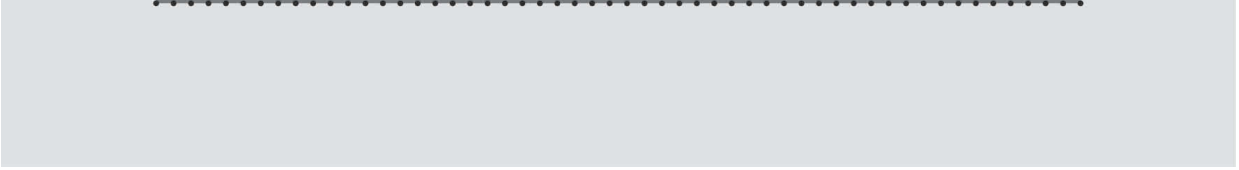
Incerto

+ JANTAR

Ainda mais incerto

+ EXERCÍCIO

Um filme conta?





*Em que Nina vê os animais interiores das outras
pessoas e depois faz um safari.*

A semana seguinte passou sem nada de assinalável, não querendo desvalorizar o alto nível de energia que normalmente prevalece em Larchmont Boulevard. Abriu um terceiro bar de sumos. A loja de chapéus fez saldos de boinas. A Rite Aid mudou a sua montra sazonal para coelhinhos e pintainhos. Não foi propriamente uma cavalgada interminável de luz e movimento, mas foram mudanças.

Contudo, o ponto alto foi definitivamente a Noite dos Autores na Knight's, no sábado. A noite dos autores significava dispor uma série de cadeiras, o que significava mover estantes e dispor copos de plástico de vinho quente ou pratos de bolachas de água e sal com queijo suado e depois ficar ali disponível para vender vários exemplares dos livros do autor para ele poder autografá-los. Não era difícil, e por vezes os autores eram divertidos, porém, nem sempre Nina estava com disposição para aquilo, e esta era uma dessas noites.

O facto de as funcionárias não terem licença para beber vinho não ajudava, mas nessa noite Nina estava tão rabugenta, que Liz até a incentivou a quebrar a sua própria regra.

— Estás uma pilha, Nina — disse ela. — Toma uma bebida e descontraí. Este livro é divertido e esperemos que o autor também, e tu não és uma criança-soldado no Ruanda, por isso,

controla-te.

Liz tinha razão, claro. Ela dispunha de uma variedade de comparações dessas: além de criança-soldado, Nina também não era uma mártir católica do século XII, um tributo de um distrito esquecido nos *Jogos da Fome*, o fato de presunto da Scout Finch no Halloween nem a primeira a ser votada para ser expulsa da ilha. Com a Liz era preciso estar sempre atenta, pois ela podia atirar às pessoas uma grande quantidade de referências e era preciso estar-se preparado para elas.

Nina tentou recompor-se. Tinha andado irritável toda a semana. Ou o período estava para chegar ou tinha um tumor cerebral e, como nesse momento o tumor lhe parecia mais apelativo, devia ser o período.

— Está bem, tens razão. Qual é o livro, afinal?

Liz suspirou.

— *Solta o Teu Animal Interior*, de Theodore Edwards.

— Teddy Edwards? O seu animal interior será um ursinho de peluche?

Liz fitou a empregada e semicerrou os olhos.

— Uma bebida, Nina.

Theodore Edwards revelou-se, afinal, o ursinho de peluche menos fofo que Nina já vira. Alto e anguloso, com uma pequena barbicha e até um par de *pince-nez* numa longa haste. Espera, o nome correto devia ser — claro, sim, *lorgnettes* eram as que tinham hastes. Adiante, tinha um par daquilo, além da já mencionada barbicha minúscula, e o efeito geral era o de um louva-a-deus extremamente afetado que te olha muito atentamente antes de te arrancar a cabeça à dentada, limpando depois o queixo com um lençinho. Uma pessoa podia não se sentir assim na presença dele, mas Nina tinha uma imaginação rica, para compensar a falta de dinheiro.

Quando a assistência começou a entrar, Nina reparou que eram

sobretudo mulheres mais velhas, e por mais velhas referia-se a 50 anos ou mais. Ela tinha preconceitos, como qualquer pessoa, inconscientemente ou não, e partiu do princípio de que seria um serão tranquilo. Olhou em volta à procura de Liz, viu-a embrenhada numa conversa com um cliente e bebeu um segundo copo de vinho. Estremecendo, porque era mesmo uma zurrapa e ainda por cima estava quente, Nina deitou o copo para o lixo e ocupou-se a andar de um lado para o outro com o resto do tabuleiro. Toda a gente se serviu e a atmosfera aqueceu. As pessoas pareciam conhecer-se. Houve muitos abraços e olhos arregalados.

Liz consultou o relógio e foi para a frente da sala, onde Theodore Edwards já estava empoleirado num banco a limpar as suas antenas. Brincadeira. As suas antenas já estavam limpas. Nina deu por si com vontade de rir e percebeu que se devia ter ficado por um só copo de vinho.

Liz começou a falar:

— Tenho o prazer de vos apresentar Theodore Edwards, cujo livro, *Solta o Teu Animal Interior*, chegou à lista de bestsellers do *New York Times* esta semana.

Toda a gente aplaudiu e Nina olhou melhor para o livro. Parecia ser uma daquelas coisas de autoajuda. Pousou o livro e prestou atenção, como era seu dever.

Theodore pigarreou. A sua voz era surpreendentemente rouca e atraente, o que o fazia parecer menos um louva-a-deus e mais um urso disfarçado de louva-a-deus.

— Bem-vindos, amigos animais — disse ele. — Que prazer ver que está aqui tanta gente, pronta para olhar para dentro de si e incentivar o seu animal interior a vir cá para fora e libertar-se.

Nina perguntou-se se devia ter colocado na sala um caixote de areia.

Teddy aumentou o vigor do seu discurso.

— A civilização esmagou tantos de nós, afastando-nos do nosso lugar no mundo natural. É difícil até lembrarmo-nos de que somos mamíferos, apenas parte da grande cadeia do ser da vida, receosos de predadores, famintos da nossa presa, sentindo desejo pelos nossos iguais.

Nina olhou para Liz. Esta contraiu ligeiramente as sobrancelhas, e Nina viu-a a virar o seu exemplar do livro para ler a descrição, como ela própria fizera.

Theodore continuou.

— Como eu esperava, as pessoas estão a abraçar tanto o livro como a sua besta interior e, por todo o país, grupos de *humanimais*, como lhes chamo, têm aparecido para voltarem a conectar-se com o seu lado mais selvagem.

Oh, céus. Nina teve um mau pressentimento em relação àquilo.

— Assim sendo, vamos tirar um momento para nos cumprimentarmos apropriadamente uns aos outros, está bem? — E assim, mas sem qualquer outro aviso, inclinou a cabeça para trás e rugiu como um leão. Liz e Nina ficaram paralisadas e boquiabertas enquanto toda a sala irrompia em rugidos, balidos e um impressionante e convincente canto de baleia.

Nina olhou freneticamente para Liz, que recuara até ficar encostada à estante mais próxima. Cruzou o olhar com o de Nina e mexeu os lábios, dizendo «Socorro», mas não havia nada que a jovem pudesse fazer.

Theodore parou de rugir e levou a mão ao ouvido, incentivando os seus leitores (acólitos voluntários no Templo da Loucura) a berrar mais alto. Estes obedeceram. Nina tapou os ouvidos e começou a rir-se descontroladamente. Na rua, as pessoas paravam, e do outro lado da porta formava-se uma multidão. Era uma pena ela não ter posto mais cadeiras.

E então:

— *Humanimais*, vamos cabriolar! — Theodore saltou do banco e

começou a perambular e, com um estrondo de várias cadeiras articuladas, a sua audiência imitou-o.

A partir daí, foi sempre a descambar.

Depois de os animais partirem e as cadeiras terem sido dobradas e guardadas no armazém, e depois de Liz e Nina terem tomado quatro comprimidos de paracetamol, Nina teve licença para ir para casa.

— É sábado à noite — disse-lhe Liz. — É melhor ires, antes que eu tenha um ataque cardíaco e desperdices a noite toda nas Urgências.

— Achas que isso pode mesmo acontecer? — Nina deteve-se. Liz não era velha, mas tinha sido uma Noite do Autor deveras exigente.

— Duvido. Vai lá, cãozinho. — Abanou as mãos. — Estou a ver queijo pisado na carpete na secção de *young adult* e vai ser relaxante arrancá-lo com as mãos. Põe-te a andar.

Nina quase correu.

Os sábados à noite tinham um ritual: ela ia para casa, alimentava *Phil*, tomava um duche, vestia-se e saía para a noite, para cravar os dentes nos pescoços de todas as virgens que encontrasse. Claramente, isto não era verdade. Não havia virgens nas noites de sábado em Los Angeles. Não. Nina pegava na máquina fotográfica e saía para tirar fotografias.

Uma das poucas memórias de infância que Nina tinha da mãe era a de quando Candice a ensinara a reconhecer um momento que valia a pena fotografar. Tinham-se sentado juntas num local movimentado e Candice indicara-lhe as imagens que apareciam ocasionalmente nos padrões de pessoas em torno delas. Era uma recordação agradável, e embora Candice tendesse a tirar fotografias de zonas de guerra, crianças a morrer de fome ou

mineiros cobertos de químicos tóxicos, Nina preferia tirar fotografias na sua cidade. Los Angeles era famosa pela sua inebriante mistura de motins e passadeiras vermelhas, mas a cidade que ela via era muito diferente.

É preciso não esquecer que Los Angeles é um oásis artificial. Foi construída em cima do solo desértico do longo vale de uma montanha que se inclina gentilmente de este para oeste até ao oceano Pacífico. Tribos ameríndias nativas tinham-se instalado no vale há mais de 7000 anos, tendo vivido em relativa paz até os espanhóis aparecerem e estragarem tudo. Por fim, chegou a indústria do cinema, atraída para aqui por Thomas «Ganancioso» Edison, que detinha o monopólio de tudo o que se relacionasse com filmes na Costa Leste e não se importava de partir algumas pernas para o manter. O negócio dos filmes pegou mesmo. Aquelas pessoas que se movem como formiguinhas numa velha filmagem construíram estúdios e casas e casas maiores e piscinas e, quando as pessoas se deram conta... as Kardashians.

Esta é uma descarada simplificação e compressão de mais de um século de desenvolvimento, mas a questão é que as pessoas, basicamente, chegaram e estenderam um tapete de alcatrão e lixo por cima de um mundo natural lindo e, de certa forma, surpreendido. Demasiado educada para chamar a atenção, a natureza continuou simplesmente a tratar da sua vida e ignorou-nos como nós a ignoramos. Mas continua a trabalhar, como a velha e experiente *performer* que é.

Estamos a fazer uma caminhada pelo Griffith Park na primavera, por exemplo, e de repente damos por nós sozinhos, esquecendo os quatro ziliões de pássaros que relaxam ao fim do dia, tagarelando em redor de um brandy a seguir ao jantar, ou seja lá como for que os pássaros relaxem. Um rainúnculo de orvalho? Meia bolota de mel? É mais provável que bebam água da chuva de uma lata de gasosa amachucada, mas, seja o que for, deixa-os

bem alegres, porque cantam a plenos pulmões. Por vezes, se ficasse muito quieta, Nina conseguia avistar um guaxinim, um coioote ou um lebrão, todos a tentarem não ser vistos, paralisando quando davam por ela e dissolvendo-se depois como o Homer Simpson a deslizar para dentro do arbusto.

Com a progressiva diminuição da luz, as palmeiras e os edifícios distantes tornavam-se silhuetas negras contra um fundo impossivelmente cor-de-rosa. O pôr do sol é lindo na Califórnia, com o azul-claro do céu a diluir-se enquanto a luz se desvanece na paleta de vernizes pastel de uma adolescente. O mundo inteiro conhece o Longo Dia Quente de LA, o sol ofuscante, as raparigas a andar de patins em calções, o trânsito. Conhecem também a Glamorosa LA Noturna, os *paparazzi* com os seus gritos e *flashes*, as estrelas com os seus decotes e saltos altos. Mas só os angelinos veem LA quando está a despertar e a adormecer, e, tal como muitas mulheres bonitas, a cidade fica melhor sem maquilhagem.

Naquela noite, Nina percebeu que os jacarandás produziam o seu habitual efeito inebriante: a cada mês de maio, os jacarandás florescem numa improvável exibição de cor. Desde o roxo ao mais pálido violeta, florescem juntos numa espécie de agenda planificada, por isso há uma noite em que os angelinos vão para a cama no Kansas e acordam em Oz. Estão por toda a cidade, centenas deles, mas enquanto não florescem, ninguém repara neles. Tal como dezenas de cenas de transformação em filmes, desde *My Fair Lady* até *Mean Girls*, os jacarandás são a rapariga feia que de repente sofre uma transformação e emerge, triunfante, fazendo virar todas as cabeças. Não duram muito, mas, enquanto estão ali, as pessoas sorriem mais. Seduzem mais. Sentem a primavera nos pés e o verão na roupa interior.

Nina escondia-se atrás da câmara e observava as pessoas a juntarem-se, ou a caminharem sozinhas, relanceando-se umas às

outras pelo canto do olho, notando-se, vendo-se e ignorando-se como qualquer rebanho congregado em redor de um curso de água. Nina ficava num estado de felicidade puro quando via e tirava fotografias e era invisível. Acreditava que também as corujas se sentiam assim, apesar de ela não conseguir girar a cabeça 270 graus, o que era decepcionante.

Em qualquer caso, assim que a luz desaparecia, ela levava esse sentimento feliz de paz e propósito consigo para o cinema, onde se enchia de pipocas com muita manteiga e depois passava o filme todo a descolá-las dos dentes.

O ArcLight era uma instituição de Hollywood, um cinema com ótimos assentos e um som fantástico, além da habitual seleção de petiscos pouco saudáveis para filmes. Nina adorava ir sozinha, apesar de o cinema estar sempre muito cheio nas noites de sábado.

Afinal não era Polly quem tinha influência sobre o destino, era Nina, porque a primeira pessoa que viu mal pôs os pés no átrio do cinema foi o tipo dos És um Quiziceiro, Harry.

Não, disse para si mesma. Ignora-o. Mas, nesse exato momento, ele ergueu o olhar, viu-a e sorriu. Sem ela saber, ele tinha-a visto, achara que era alguém que conhecia e sorrira. Quando se deu conta de que *era mesmo* alguém que conhecia, que era aquela rapariga das noites de *quiz* que sabia tudo e não era propriamente sua amiga, já era demasiado tarde, porque ela estava a devolver-lhe o sorriso. Hesitante mas, decididamente, era um sorriso.

Merda, pensou Tom. Ela é mesmo tão bonita.

Merda, pensou Nina. Ele é lindo.

Merda, pensou Lisa, a rapariga dos Quiziceiros que entrara no átrio do cinema para se encontrar com Tom e que viu logo Tom e Nina a sorrir de modo forçado um para o outro a seis metros de distância. Vai!, pensou para si mesma, ou melhor, para Tom. Vai

falar com ela! Mas ele não se mexia e a rapariga também não se mexia, por isso, Lisa decidiu que tinha de ser ela a tratar do assunto.

— Olá, Tom! — gritou, levantando a mão.

Oh, graças a Deus, pensou Tom, apesar de estar também um pouco aborrecido consigo próprio. Porque é que não tinha conseguido ir lá dizer-lhe olá, fazer uma nova amiga? Estava onde, no infantário?

Ah, pensou Nina. Ele namora MESMO com aquela rapariga da sua equipa (o que, como todos sabemos, é um suicídio para a coesão da equipa), as coisas são o que são. Não que existisse alguma coisa, claro... E foi então que viu a rapariga dos Quiziceiros a vir na sua direção com um grande sorriso na cara. Atrás dela, Tom estava hesitante quanto à sua trajetória, abalado pelo súbito movimento de Lisa. Os seus ténis rangiam no chão de cimento polido.

— Olá! Eu conheço-te, não conheço?

Nina era uma adulta, capaz e competente em muitos aspetos, mas aquele simples cumprimento fê-la corar e ficar nervosa.

— Hum... bem...

— Do campeonato de *quiz*, não é? — disse Lisa, estendendo-lhe a mão. — Sou a Lisa. A minha equipa derrotou a tua na semana passada.

Nina assentiu com a cabeça, apertando-lhe a mão.

— Sim, eu lembro-me. Sou a Nina. — Fez uma pausa. — Dia 1 de janeiro.

— Desculpa? — Lisa olhou rapidamente por cima do ombro para ver se Tom se aproximava delas. Não. Franziu-lhe levemente a testa e ele começou a andar.

— Corridas de cavalos. Primeiro de janeiro. Foi assim que nos venceram.

— Com corridas de cavalos?

— Sim. Ganharam com uma pergunta sobre corridas de cavalos.
— Nina começava a sentir-se um pouco desesperada pelo fim daquela conversa. O rapaz bonito aproximava-se, era demasiado tarde.

— É verdade — disse Lisa sorrindo, como se as duas se conhecessem desde sempre. Então Tom juntou-se a elas e Lisa revelou-se o génio manipulador que na verdade era. — Oh, Tom, esta é a Nina. Lembras-te dela, do campeonato de *quiz*?

— Claro. — Graças aos 15 segundos adicionais que ganhara para se recompor, Tom sentia-se perfeitamente capaz de trocar umas delicadezas e seguir caminho. — Sou o Tom. Prazer em conhecer-te adequadamente, se é que me compreendes.

Nina apertou-lhe a mão, sentindo os seus sistemas voltarem à vida.

— O sentimento é mútuo. — (Não, Nina! *Que raio foi isso? Como é que essa frase estúpida te saiu da boca? O que é que vais dizer a seguir? Pastilha elástica seria perfeito?*)

— Então, o mais estranho é que afinal não posso ver o filme — disse Lisa. — Por isso, fica com o meu bilhete e podem ir os dois. — Enfiou o bilhete na mão de Nina e começou a afastar-se.

— Não — guinchou Tom. (*Fantástico, Tom, que ruído atrativo. Esperemos que ela tenha um fetiche secreto por canto tirolês.*) — Porquê? Mandaste-me uma mensagem há dez minutos a dizer que estavas ansiosa por vê-lo.

— Fiquei com uma súbita dor de cabeça.

— Tenho Advil na mala — disse Nina com uma voz também mais aguda do que era normal.

— Não posso tomar ibuprofeno. Desculpa, faz-me mal ao estômago. — Lisa parecia desculpar-se, mas estava inegavelmente a afastar-se.

— Também tenho Tylenol — disse Nina, começando a procurar.

— Também não posso tomar acetaminofeno. Mortalmente

alérgica.

— Alergia ao Tylenol? — perguntou Tom, tentando lembrar-se se ela alguma vez mencionara isso nos quase 20 anos da sua amizade.

— Sim, terrivelmente. Posso morrer de imediato. — Lisa encolheu os ombros, o que Nina considerou uma bonita referência casual à morte súbita.

— Talvez precisas de cafeína — sugeriu Tom. — Ou de comer alguma coisa.

— Ou talvez possas transferir o bilhete para outro dia — sugeriu Nina, agora olhando para Tom em busca de apoio. Eles não queriam ver um filme juntos, pois não?

Lisa olhou para o relógio por cima do cartaz do filme.

— Tarde demais. O filme começa daqui a três minutos. Vão lá.

— Acho que a transferência dos bilhetes não é...

— Tenho de ir — disse Lisa, segurando a cabeça com as mãos. — Começo a perder a consciência. Tenho de ir para uma sala às escuras, com um saco de gelo, o mais depressa possível. Vemo-nos depois. — Em seguida, virou-se e fugiu a correr. Não propriamente a correr, claro, porque isso teria sido esquisito, mas decididamente a andar muito depressa.

Tom e Nina ficaram a olhar para ela. E foi então que Nina olhou para o bilhete que tinha na mão. *Aranhas Espaciais em Marte*? Ergueu as sobrancelhas e olhou para ver se Tom a observava.

— Não és fã de ficção científica? — disse ele, com um tom que parecia não ser de surpresa. Olhou para os cartazes. — Aposto que ias ver *Miss Eglantine Expects*, não era? Um daqueles filmes em que os corpetes são mais tensos do que a coreografia das lutas.

Nina franziu a testa. Ele tinha razão, mas ela nunca haveria de admitir tal coisa.

— Na verdade, estou aqui para ver *Morte Sangrenta III*.

— A sério? — Começara a pergunta com surpresa, mas terminou-a com sarcasmo.

— Sim. — Ela encarou-o gelidamente, embora de repente se arrependesse de não se ter simplesmente oferecido para comprar as pipocas. Porque é que tinha metido por ali? Ele era tão atraente, e agora pensava que ela era... sabia lá o que é que ele pensava. A expressão dele era indecifrável, não que ela fosse propriamente boa a decifrar pessoas. Começou a sentir os sinais bem conhecidos de um ataque de pânico iminente. Formigueiro nas mãos. Ligeira náusea.

Tom estava a pensar que não acreditava que Nina fosse ver *Morte Sangrenta III*, mas que era óbvio que ela não queria ir ao cinema com ele. Queria parar de implicar com ela, mas não sabia bem como. Quando abriu a boca para sugerir qualquer coisa, ela meteu-lhe o bilhete na mão e foi-se embora.

Ele ficou a vê-la afastar-se, percebendo pela primeira vez que se sentia mesmo atraído por ela e que ela, aparentemente, o odiava tanto que quebrara todas as convenções sociais e se fora embora sem uma palavra.



Enquanto caminhava na direção de Vine Street, Nina percebeu que fizera exatamente o mesmo que Lisa e riu-se um pouco, um tanto histericamente. Começava a acalmar-se, mas ainda sentia o formigueiro nas palmas das mãos. A sua ansiedade melhorara nos últimos anos, depois de ela começar a usar uma agenda e a manter um horário e basicamente a tentar controlar todos os aspetos da sua vida, mas estava sempre enrolada na base da sua coluna, como um gato adormecido. Qualquer passo fora do caminho normal, qualquer desvio do padrão, e começava a chicotear a cauda.

De repente, teve vontade de chorar. Andava a sair-se tão bem, mas obviamente não era uma pessoa que pudesse ser espontânea, e teria de aceitar isso. Não queria complexidade na sua vida, e com o trabalho e a nova família, decididamente não tinha espaço para um namorado.

Estava na hora de voltar a esconder-se.

Hoje é o dia

DATA *Segunda-feira, 13 de maio* S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho

*Clube de leitura
da escola primária*



LISTA DE AFAZERES

☐ *Comprar snacks*

☐

☐ *Gelado*

☐

☐ *Escolher próximo livro*

☐

☐

☐

☐

☐

OBJETIVOS

*Mantiver-me
calma*

NOTAS

*Ervas para
a ansiedade?*

*Arranjar mais
um gato?*

+ PEQUENO-ALMOÇO

Smoothie

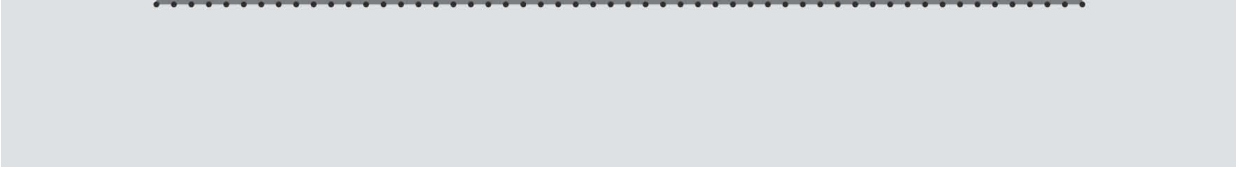
+ ALMOÇO

Sanduíche

+ JANTAR

Peixe-dourado?

+ EXERCÍCIO



Nove

.....

Em que Nina leva um sermão de crianças bem-intencionadas mas mal informadas.

— Fizeste o quê?

— Virei as costas e fui-me embora.

Polly fitou-a.

— Mas... pensei que gostavas desse tipo. Ou melhor, pensei que ele era giro e portanto gostarias dele quando o conhecesses. Havia uma *possibilidade* de gostares.

Nina assentiu com a cabeça. Era a segunda-feira seguinte, não havia clientes na loja e Polly, por uma vez, chegara a horas.

Polly continuou.

— E no entanto, quando tiveste oportunidade de falar com ele, foste-te embora.

— Exato.

Polly semicerrou os olhos.

— Estou com dificuldade em perceber. Por favor, esclarece-me.

Nina suspirou.

— Fui ao cinema sozinha. Vi-o lá. Circunstâncias estranhas, envolvendo uma rapariga da sua equipa de *quiz*, implicaram que, de repente, tivéssemos ambos bilhetes para o mesmo filme. Eu passei-me e fui-me embora.

— Sem uma palavra?

— Em silêncio, sim.

— Nem uma desculpa patética, sequer? «Estou com dor de

cabeça»?

Nina encolheu os ombros.

— A outra rapariga antecipou-se-me e eu estava a passar-me, lembrás-te?

Polly abanou a cabeça.

— Acho extraordinário que consigas dar uma queca de vez em quando.

— Eu também.

— Quando foi a última vez?

— Não estamos a ter esta conversa.

— Estamos, sim. Eu consigo ouvir-nos.

— Não. — Nina dirigiu-se à área de armazém para recolher alguns livros que precisavam de ser postos nas prateleiras, ou algo assim. Qualquer coisa.

— Bem. — A voz de Polly veio por trás dela. — Se te serve de consolo, a tua vista a ires-te embora é fantástica. Ires-te embora faz o teu rabo parecer fantástico.

— É bom saber — disse Nina. — Vou ter o cuidado de manter sempre os homens atraentes atrás de mim. — Fez uma pausa. — Percebes o que quero dizer.

— Infelizmente, percebo — disse Polly.

No final do dia, Nina começou a dispor os pufes para o clube de leitura da escola primária. Andara todo o dia triste e irritável, mas sabia que o esforço generoso das meninas seria uma boa distração.

— Muito bem, minha jovem — disse Liz, enfiando um estafado boné de basebol dos Dodgers na cabeça. — É um jogo importante, e já estou tão fora daqui que pareço um pontinho no horizonte.

Nina franziu a testa para ela.

— Ainda estás bem à minha frente.

Liz respondeu:

— E, no entanto, o meu coração já está no estádio, com um cachorro-quente nas mãos e ketchup a escorrer pelo queixo.

— O coração tem um queixo?

— Alguns têm duplo queixo. Eu, contudo, sou esguia e flexível, por isso o meu só tem um. — E, com aquela cena ridícula terminada, Liz tocou na pala do boné e saiu da loja.

Nina ficou a observá-la por um momento e depois abanou a cabeça. Francamente, aquela mulher era lunática.

— Precisas de ajuda? — Nina levantou os olhos e viu Annabel, uma das senhorinhas do clube de leitura, como ela lhes chamava. Annabel tinha 10 anos e era uma criança séria, com crenças profundas e desconfianças inabaláveis.

— Claro — disse Nina. — Podes ir ao escritório buscar o resto dos pufes?

Nina começara por usar cadeiras normais, mas toda a gente ficava silenciosa e reservada. Os pufes funcionavam muito melhor. Annabel sabia onde estavam. Era o primeiro clube de leitura que frequentava, mas era uma daquelas crianças programadas para a mestria. Queria saber como se faziam as coisas e depois queria ser ela própria a fazê-las.

Logan entrou. Logan também tinha 10 anos, mas não frequentava a mesma escola de Annabel. Olharam uma para a outra e Logan sorriu primeiro. Annabel correspondeu ao sorriso e disse olá. Logan seguiu-a para o escritório e voltaram ambas com o último par de pufes, sem dizer nada. Nina ficava muitas vezes surpreendida por as crianças de 10 anos serem tão hesitantes e tímidas. Ela também tinha sido assim, mas todas as outras meninas pareciam muito mais confiantes do que ela. Saudavam-se umas às outras entusiasticamente, brincavam juntas no recreio, discutiam apaixonadamente, abraçavam-se. Isso maravilhava-a e fazia-a pensar se devia ter sido a mãe a dar-lhe

alguma espécie de treino, algo que se esquecera de fazer por estar tão ocupada. As mães das outras meninas tinham-nas, sem dúvida, treinado melhor. Depois sentia-se culpada por pensar isso e refugiava-se ainda mais nos livros, nos programas de televisão e na solidão.

A porta abriu-se para deixar entrar Nora e Una, aos risinhos e cochichos. Eram da mesma idade e conheciam-se desde o infantário. Logo atrás vinham Asha e Ruby-Fern, outro par de amigas. Estavam todas vestidas com os trajes *girl power* da praxe, com toques de fantasia misturados com laivos de feminismo: arco-íris, peles falsas, brilhos, unicórnios, imagens de Ruth Bader Ginsburg ou de Amelia Earhart, *pins* de esmalte representando dónutes ou preguiças ou raposas. *Check, check, check*. Esta idade era o último hurra ao individualismo: já se vestiam todas de igual, mas normalmente porque viam algo e adoravam. Ícones ou tecidos sopravam como uma brisa sobre todas as salas de aula da Terra, e os pais, felizes por terem um pedido que podiam satisfazer com uma simples viagem à Target, iam comprar todas as t-shirts *As Miúdas Dominam o Mundo* que podiam.

Nina perguntava-se de que serviria isso quando as hormonas comesçassem aos pulos e mandassem as portas abaixo; a sua própria conclusão acerca das raparigas um pouco mais velhas era que se vestiam de igual para não serem separadas do rebanho e arrasadas na Internet, o que era uma motivação inteiramente diferente do «Oh, meu Deus!, aquela preguiça é tão giiira!». Viu as horas. Estava na hora de começar. Fechou a porta da frente — nada distraía mais o clube de leitura do que clientes a deambularem — e foi ao escritório buscar as bolachas salgadas e as garrafas de água que constituíam a argamassa da infância.

— Quem quer começar? — perguntou, instalando-se no seu próprio pufe. O livro desse mês era *The Mysterious Benedict Society*, um dos seus favoritos. O que não era surpreendente,

porque era ela que escolhia os livros que liam.

Nora levantou a mão. Nora era uma menina extremamente criativa, que nunca hesitava em partilhar os seus pensamentos. Como eram normalmente perspetivas argutas e interessantes, ninguém se importava, e naquele grupo as meninas tinham claramente decidido que ela era a líder.

— Adorei este livro, mas fez-me ficar mesmo frustrada. Porque é que são sempre as crianças que têm de resolver as coisas?

— Por favor, explica melhor — pediu Nina.

Nora inclinou a cabeça para um lado.

— Bem, na vida real, as crianças não têm de fazer muitas coisas, pois não? — Olhou para as colegas e todas fizeram que sim com a cabeça. — Os pais levam-te de carro a todo o lado, há professores e amas e essas coisas. Mas nos livros as crianças estão sempre a fazer coisas. Neste, fazem testes estranhos, juntam-se a uma sociedade secreta e salvam o mundo.

— Não têm pais — disse Logan. — Pelo menos, pais a sério. Nenhum dos miúdos dos livros tem. — Contou pelos dedos. — Normalmente estão mortos, ou são maus, ou distraídos, ou ocupados.

— A Junie B. Jones tem pais. A Ramona Quimby tem pais — disse Nina.

— Sim — concordou Nora. — Mas essas crianças fazem coisas normais. Estou a falar dos miúdos que fazem coisas fantásticas. Coisas que miúdos de 9 ou 10 anos, na realidade, nunca fariam.

— Como voar num morcego ou combater ratos, como a Rainha Luxa, nos livros do Gregor.

— Ou viajar pelo espaço como a Meg em *Um Atalho no Tempo*. — Claramente, Annabel estava de acordo com Logan.

— Vamos tentar cingir-nos a este livro. — Nina, por vezes, deixava-as divagar acerca de todos os livros que adoravam, porque gostava tanto dessas conversas como elas, mas tentava

ser mais adulta acerca disso.

— Mas o Sticky tem pais. — Asha acenou com o seu exemplar do livro. — Não tem?

Logan acenou com a cabeça.

— Pois tem, mas acha que eles não o querem.

— O que é pior do que não ter pais — disse Annabel.

— Pois é — concordou Ruby-Fern.

— E a Kate tem um pai mas não sabe.

— E então a menina Perumal? — perguntou Nina. — Não é como uma mãe para o Reynie?

Houve uma batida na porta da frente, que pregou um valente susto a todas. Uma das meninas até guinchou.

Como estavam sentadas, não conseguiam ver a porta, mas Nina levantou-se e viu um homem do outro lado. O sol do fim do dia batia-lhe por trás, por isso não conseguia distinguir-lhe a cara, mas começou a andar para lhe dizer que a loja estava fechada. Os pais só viriam buscar as filhas dali a uma hora, mas talvez fosse um deles.

Não era. Era o Tom dos Quiziceiros. Esse Tom.

Mas que raio?

— É teu amigo? — perguntou Ruby-Fern, uns centímetros atrás dela. Nina olhou para lá e percebeu que todo o clube de leitura a tinha seguido até à porta, irremediavelmente arrastado pela sua necessidade adaptativa de meter o nariz em tudo o que fosse novidade.

— Não propriamente — respondeu. Chegou à porta e exibiu uma mescla de sorriso e franzir de testa, perguntando-se porque é que ele estaria ali.

Tom, que se perguntava exatamente a mesma coisa, esperou que a porta se abrisse para lhe estender um bilhete de cinema.

— Isto é teu. Estava aqui perto, por isso lembrei-me de vir cá devolver-to.

— Hum... Estamos fechados — disse Nina. *Boa, Nina, vamos iniciar uma conversa com um non sequitur. Que estilo.*

Asha falou.

— És o namorado da Nina? — Era uma criança alta e de olhos claros que ia direita ao assunto.

Tom, que estava um pouco confuso com as seis meninas que agora o olhavam avidamente, abanou a cabeça.

— És um amigo especial? — Ruby-Fern não ia deixá-lo escapar por causa de um pormenor técnico.

— Hum... — disse Tom.

— Talvez ele queira ser namorado dela — sugeriu Logan. — E a Nina não quer.

— Ou talvez ela queira, mas ainda não lhe disse. — Todas as cabecinhas se viraram para olhar para Nina, que estava mais ou menos da cor de um morango.

— Senhorinhas — disse ela na sua voz mais firme. — Por favor, voltem para a área do clube de leitura e esperem sossegadas. Deem-me um minuto.

— Não, não há problema — disse Nora. — Estamos bem aqui.

Nina lançou-lhes o seu melhor olhar de *laser* e elas recuaram.

Tom começava a perder o foco.

— Enfim... pensei que podias querer ir ver outro filme um dia destes. — Estendeu o bilhete e Nina pegou-lhe, tentando perceber se ele a convidara para «ver outro filme um dia destes comigo» ou se fizera uma simples observação como «vi-te no cinema sozinha, por isso aqui tens um bilhete que podes usar no futuro, sozinha».

— Obrigada. Mas na verdade o bilhete é da tua amiga. Foi ela que o comprou.

Ele abanou a cabeça.

— Não, ela deu-to, por isso eu pedi uma transferência. — Ele sorriu e, de repente, Nina sentiu um formigueiro nas mãos, com

uma mistura de ansiedade e atração. Ele atraía-a tanto. Era alto e forte, todo ossos e massa muscular; fazia-a sentir que não estava à altura de lhe segurar a mão, quanto mais o resto. E porque é que ela estava a pensar no resto?

Ele voltou a falar, um pouco mais hesitante.

— Tu saíste um pouco abruptamente.

Ela corou.

— Sim, desculpa lá. Eu... hum... tive de ir.

— Um pouco abruptamente?

— Sim. — Nem pensar que ia dar-lhe mais explicações, já era mau que bastasse. — De qualquer modo... obrigada. — Ela sorriu-lhe e foi fechar a porta. — Tenho de voltar ao clube de leitura.

Antes que comece a hiperventilar e precise de respirar para dentro de um saco.

— Oh, então não são as tuas filhas? — Ele tentou sorrir. O aroma do champô dela, a mel e limão, inundava-o e dificultava-lhe aquela simples transação social. Nina, com o seu cabelo brilhante, o tamanho minúsculo das mãos e dos pés e a sua baixa estatura faziam-no sentir desastrado, desajeitado, como se tivesse um fardo de palha nos ombros e uma palha entre os dentes, e dissesse coisas como «dchculpe s'nhora, tenho de levar a vaca para o pasto». Ela estava a sorrir para ele. *Cabeça fria, Tom.*

— Tinha de trabalhar muito para ter seis filhas da mesma idade. — Ele ficou enfeitiçado pelos olhos dela: eram cor de avelã, um castanho quente com um anel mais escuro em volta da íris. Perturbadores.

— Ciência moderna? — disse ele. A sério, Tom? *Estás a falar de tratamentos de fertilidade? E a seguir, vais perguntar-lhe que marca de tampões prefere?*

— Bem, claro. — Ficaram ali a sorrir um para o outro, ambos tentando freneticamente pensar em alguma coisa para dizer que não os fizesse parecer tão estúpidos e confusos como se sentiam.

— Estão a ver? — disse Asha. — Eles estão mesmo a namoriscar. A minha irmã mais velha às vezes fica assim, quando está a mandar mensagens. — Parecia muito alegre. — Normalmente é antes de a minha mãe lhe tirar o telemóvel da mão.

Tom e Nina olharam para elas: seis pequenas cabeças espreitavam por cima da estante, como uma fila de abacates a amadurecer no parapeito de uma janela. Voltaram a baixar-se e ouviram-se risinhos.

Ela tornou a olhar para Tom e encolheu os ombros.

— Desculpa, é mais forte do que elas. Tenho de ir.

Ele assentiu com a cabeça.

— Bem, seja como for...

Ela disse:

— Pois...

Ele disse:

— Vemo-nos no *quiz*?

Ela disse:

— Claro.

— Então adeus...

Ela disse:

— Obrigada pelo bilhete.

Ele disse:

— Era teu. Só vim devolvê-lo.

Ela disse:

— Eu sei, mas mesmo assim.

Ele disse:

— Percebo. Adeus.

Ela disse:

— Adeus.

Ele disse:

— Depois vemo-nos.

Ela disse:

— Sim.

Ela fechou a porta e virou-se para as meninas. Estavam outra vez a olhar por cima da prateleira. Nora foi a primeira a comentar:

— Miúda, precisas de trabalhar as tuas frases de engate.

Quando Lili, a mãe de Annabel, veio buscá-la, parecia tensa. Nina sempre gostara daquela mãe: era naturalmente atraente, vestida de forma descontraída, divertida e doce. Mas esta noite estava com pressa. O cabelo fugia-lhe do rolo de uma forma que passara de despenteado a iminentemente desfeito. Nina teve vontade de lho recompor, mas conseguiu refrear-se. Recordou-se de que nem toda a gente apreciava a simetria e o controlo como ela.

— Bel, querida, vamos. Temos de nos despachar. — Lili procurava algo na sua mala gigante.

— Porquê? — perguntou Annabel. Não estava a ser malcriada com a mãe, só queria saber.

— Porque eu tenho de acabar de encher 40 saquinhos de sementes que serão os marcadores de lugar no casamento da tia. — Lili lá encontrou as chaves do carro na mala e consultou o relógio. — Além disso, vou precisar da tua ajuda e tu já devias estar na cama há uma hora, por aí, o que significa que vou usar trabalho infantil e ao mesmo tempo infringir as regras laborais infantis quanto ao sono suficiente.

Annabel franziu a testa para ela.

— Não há regras laborais infantis acerca do sono na Califórnia.

— Oh, de certeza que há — interveio Nina, que estava a recolher os pufes. — Não podes trabalhar antes dos 14.

— E aquela parte do sono?

Nina olhou para Lili por cima da cabeça de Annabel.

— Acho que essas normas variam de estado para estado.

Annabel virou-se de Nina para a mãe e semicerrou os olhos.

— Em que consiste, exatamente, essa ajuda?

— Colorir, atar fitas, pôr autocolantes, verificar coisas de uma lista...

— Oh, isso parece fantástico — disse Nina sem conseguir conter-se. A sério, Lili acabara de enumerar quatro das suas atividades favoritas.

Annabel sorriu abertamente.

— Aí está. A Nina pode ajudar-te e a Califórnia não fica zangada. Lili mostrou-se embaraçada.

— Bel, de certeza que a Nina tem muito que fazer esta noite.

— Na verdade, não. Vocês vivem aqui no bairro, não é? Não me importo de ajudar. Adoro tudo o que diga respeito a organização e trabalhos manuais.

— Adoras? — Lili parecia quase comicamente grata. — Não é nada o meu género. Bem, a parte dos trabalhos manuais, sim, mas estou sempre com medo de me esquecer de alguém ou alguma coisa que seja mesmo importante.

Nina riu-se.

— Bem, deixem-me arrumar o resto das coisas e encontro-me com vocês lá fora daqui a dez minutos.

— És uma deusa em forma humana — disse Lili.

— Mas não é muito boa a engatar — disse Annabel com firmeza.

— A minha mãe tem um namorado. Talvez te possa ajudar.

Lili olhou para a filha quase horrorizada.

— Vamos comprar gelado. Já nos vemos.

Depois de elas saírem da loja, Nina viu-as parar após alguns passos e tentou não ler os lábios de Lili a dizer à filha que não comentasse a vida privada das pessoas. Boa sorte com isso, pensou.

Em que Nina é prestável.

Lili vivia muito perto de Larchmont, mas mesmo assim foram de carro, porque era Los Angeles. Além disso, Lili tinha sacos de compras, artigos de trabalhos manuais e um enorme saco de comida de cão para levar para casa, por isso ainda bem que Nina estava ali.

— Oh, têm um cão! — disse Nina, entusiasmada. Ela adoraria ter um cão, embora *Phil*, o gato, talvez não aprovasse. Não se conteve e agachou-se para cumprimentar o claramente idoso labrador de Lili.

— É o *Frank* — disse Lili. — É um vendido por comida. Um biscoito e é teu.

Frank olhou Nina nos olhos, tentando convencê-la a fugir com ele para um talho. Ela sorriu e coçou-lhe as orelhas até ele emitir sons de satisfação.

— Café? — perguntou Lili, arrumando as mercearias. Annabel desaparecera, presumivelmente para o seu quarto. Apareceu outra menina, mais pequena do que Annabel.

— Não, obrigada — respondeu Nina. — Já é muito tarde para mim.

— Muito tarde para ti porque estás a morrer ou muito tarde por qualquer outra razão? — perguntou a menina com interesse.

— Esta é a Clare — disse a mãe. — Tenta ignorá-la.

— Sim — disse Clare, sorrindo para Nina como um anjo. — Podes tentar.

— Queria dizer que já é muito tarde para cafeína. Vai manter-me acordada.

— A sério? A minha mãe bebe a toda a hora. Mas ela é muito mais velha do que tu, por isso deve estar mais cansada. Os corpos das pessoas gastam-se, sabes? — Clare fazia-lhe lembrar a Ramona Quimby, com o seu cabelo brilhante pelo queixo e enormes olhos castanhos. Para não falar da sua evidente falta de filtro.

Lili suspirou.

— Acho que estão a trabalhar num projeto de Biologia sobre a decomposição; ela agora só fala de morte.

— Sabias — disse Clare, ignorando a mãe — que tens insetos minúsculos a viver nas pestanas neste momento, comendo o teu sumo de pestana?

Nina ergueu as sobrancelhas. Aquela miúda tinha escolhido o alvo errado.

— Sim — disse. — E não é só nas pestanas. O rosto adulto tem cerca de um milhar de ácaros a habitá-lo ao mesmo tempo. E além disso, sabias — perguntou a Clare — que todo o mundo está coberto com uma camada microscópica de cocó?

— Sim — disse Clare. — E sabias que as ténias podem crescer até quase dois metros e meio?

— Sim. E sabias que as pessoas produzem um litro de ranho por dia?

— Num dia normal! — disse Clare com satisfação. — E sabias que o revestimento brilhante das gomas é feito com cocó de inseto? — Fez uma pausa. — Ou era. Não sei se ainda é.

Nina assentiu com a cabeça, mas Lili já estava farta da conversa.

— Basta — disse. — Francamente, és repugnante, Clare.

— Não sou — disse Clare. — Estou a aprender. — Aproximou-se mais de Nina. — Quem és tu?

— Sou a Nina. Trabalho na livraria do clube de leitura da tua

irmã.

Clare meditou sobre o assunto.

— Tens um clube de leitura para meninas mais pequenas?

— Quantos anos tens?

— Seis.

— Não, ainda não. Quando fores mais crescida, podes participar num.

Clare semicerrou os olhos para Nina, como a irmã dela fazia.

— Se soubermos ler, devíamos poder ir.

— Podias aborrecer-te.

Clare encolheu os ombros.

— Estou disposta a correr esse risco.

Lili tinha acabado de arrumar as mercearias.

— Está na hora dos trabalhos manuais — disse, e conduziu-a para a sala. Clare foi atrás.

Lili falou por cima do ombro.

— Tenho um escritório na garagem, mas tenho estado a fazer as coisas aqui, para ver televisão ao mesmo tempo. Não há problema?

Nina abanou a cabeça e Lili pegou num cesto cheio de saquinhos de sementes, cada um diferente dos outros. Estavam decorados com flores pintadas e nomes desenhados com folhas, pétalas, caules e ramos. Eram lindos.

— Onde é que os arranjas? São fantásticos. — Nina virou-os nas mãos.

Lili sorriu.

— Fui eu que os fiz. Sou ilustradora. Estes convidados estão confirmados, por isso agora preciso de entrelaçar esta fita *aqui* — demonstrou — e depois adicionar mais um autocolante na dobra de trás, para os saquinhos não abrirem. As sementes são mesmo muito pequeninas.

— Como as sementes de papoila?

- Exatamente. São papoilas californianas.
- É giro.
- É barato. — Lili sorriu. — Mas também é giro.
- Também posso ajudar? — perguntou Clare.
- Devias estar a preparar-te para ir para a cama.
- Isto parece mais divertido.

Lili observou a filha mais nova por um momento, depois sorriu.

- Claro. Podes pôr os autocolantes para fechar.

Sentaram-se num círculo e começaram a trabalhar.

- Então, quem é que se vai casar? — perguntou Nina.

— A minha tia — respondeu Clare, quando a mãe ainda estava a abrir a boca. — Vai casar-se com um homem que conheceu na rua.

Nina olhou para Lili, que estava a abanar a cabeça.

— A minha irmã Rachel conheceu o noivo no Grove, mas, não sei porquê, a Clare gosta de embelezar a verdade.

— Talvez sejas escritora — disse Nina à criança. — Os escritores inventam coisas para ganhar a vida.

- A sério? E isso não é mentir?

Nina abanou a cabeça.

- Não. Chama-se ficção.

— Hum. — Clare ficou pensativa. — Bem, ela vai casar-se com o Richard, que é muito alto e altamente.

— Queres dizer altamente alto, ou seja, mesmo muito alto, ou alto e também altamente?

Clare olhou para ela, franzindo a testa.

- Esquece — disse Nina.

— Ele é muito alto — disse Clare lentamente. — E também é altamente. E também tem um cão e faz a minha tia rir-se o tempo todo, quase tanto como a minha mãe.

Nina relanceou Lili, que trabalhava num saquinho de sementes branco com canetas de aguarela.

— Tu e a tua irmã são próximas?

— Muito próximas. — Lili estava concentrada no trabalho, mas continuou: — Ela é a minha melhor amiga, e é por isso que não quero fazer asneira no casamento dela e esquecer-me de alguém. E ela continua a convidar pessoas sem qualquer critério.

— Bem, isso decididamente dificulta as coisas.

Lili suspirou e abanou o saquinho para o secar.

— Ela faz amigos com muita facilidade. Não se importaria que comparecessem completos estranhos, na verdade; não está a prestar grande atenção. Acho que se dependesse dela, fugiria para casar. O primeiro casamento dela foi à grande. — Virou a cabeça e fingiu cuspir no chão, o que fez Nina dar um salto. — Desculpa. É tradição de família. O primeiro marido dela era um canalha.

— Não faz mal — disse Nina.

— Mas ela teve aquela grande festa e o casamento foi um desastre, cada dia das cinco semanas que durou. Por isso, ela é supersticiosa. Deixou tudo a meu cargo.

— Tiveste um casamento de luxo?

Houve uma pequena pausa, depois Lili assentiu com a cabeça.

— Bastante.

— O meu pai já morreu — interveio Clare.

— Oh — disse Nina. — Lamento, não sabia.

— Não faz mal — disse a criança. — Acho que já não importa.

— Vai importar sempre, querida, mas já foi há muito tempo. — Lili não levantou os olhos da pintura, mas Nina ouviu a nostalgia na sua voz.

— O Sam, da minha turma, também não tem pai. — Clare não queria mesmo desistir do tema.

Lili ergueu as sobrancelhas para a filha.

— O Sam tem duas mães.

— A Bethany não tem pai.

— Tem. Os pais já não estão juntos, mas ela ainda tem pai. É totalmente diferente. O divórcio não é o mesmo que a morte de uma pessoa querida.

— Porquê? Já não estão cá. — Nina percebeu que Clare devia ser muito pequena quando o pai morrera, e não se lembrava dele. Esperava que a conversa não estivesse a ser difícil para Lili. Atarefou-se com as suas fitas.

— Não é bem assim. Mesmo que não sejam muito simpáticos, ainda estão cá. Quando alguém morre, acabou-se. Desaparece tudo.

Houve uma pausa enquanto Clare refletia.

— Mas a mãe agora tem um namorado. O Edward é ainda mais alto do que o Richard, e ainda mais simpático. Trouxe-me uma casinha para o jardim. Queres ver?

— Quando acabarmos, sim. — Nina sorriu para Clare. — Pareces muito interessada na altura das pessoas. — Nina estava feliz por mudar de assunto.

Clare olhou-a, surpreendida.

— Claro. Tenho um metro e nove de altura.

E então, levantou-se de repente e saiu da sala.

— Agora vou escrever um livro — disse. — Adeus, Nina. Vemo-nos no casamento.

Com um estrondo, o cão *Frank* saltou do sofá onde dormia e seguiu-a preguiçosamente. Talvez fosse dar-lhe algumas sugestões.

Uma hora depois, tinham acabado. Lili aceitara a sugestão de Nina e fizera meia dúzia de saquinhos a dizer *Convidado de Honra*, caso a irmã convidasse mais algumas pessoas à última hora e ainda tivesse 20 saquinhos no cesto.

— O casamento é de sábado a oito dias, por isso ainda tem

tempo para adicionar pessoas, e não se pode confiar nela. — Lili estava recostada no sofá, com um copo de vinho na mão. Nina também tinha um, e as duas sentiam-se muito ufanas. Os saquinhos de sementes terminados estavam lindos, um arco-íris de fitas e flores.

— Não tens de dar um número definitivo, a certa altura?

— Demos um número por cima, para prevenir.

— Que mais estás a fazer para a festa de casamento? Há centros de mesa?

Lili abanou a cabeça.

— Não, é um piquenique.

Nina ergueu as sobrancelhas.

— E se chover?

Lili virou as palmas das mãos para cima.

— Podemos ir para a estufa, creio, onde vai decorrer a cerimónia, mas estaremos no fim de maio em Los Angeles e a Internet diz que a probabilidade de chuva é de cerca de 1 por cento, e isso basta para a Rachel. Ela diz que quer que as pessoas estejam refasteladas no seu casamento, e é isso que vai acontecer.

— Como é que vai funcionar? — Nina gostava do conceito de casamento, apesar de começar a ficar seriamente farta de ir aos das outras pessoas.

Lili espreguiçou-se.

— Alugámos imensos tapetes numa casa de adereços, todos de géneros diferentes, e vamos estendê-los na relva, rodeados por umas centenas de almofadas sortidas que também alugámos. — Olhou para Nina. — Interessas-te mesmo por organização.

Nina encolheu os ombros.

— Gosto das coisas bem definidas. Gosto de saber antecipadamente. Gosto de preparar.

Lili olhou para a mulher mais jovem e o seu sorriso caloroso.

— Sabes, não podes estar sempre preparada. Infelizmente, a vida tende para o caos. Eu julgava que tinha a minha vida muito bem planeada, até que o meu marido morreu num acidente de carro e tudo mudou completamente. É muito bom ter um plano, é uma boa ideia, mas tens de ser capaz de te afastar dele, se precisares.

— Afastaste-te do teu?

Lili terminou o seu vinho.

— Não sei se é a expressão correta, mas sem dúvida que o deixei para trás. Pelo menos, aquela versão dele. Mais vinho? — Levantou-se e foi à cozinha.

Quando voltou, estava claramente pronta para mudar de assunto.

— Então, porque é que a Annabel tem tão má opinião da tua capacidade de engate? — Entregou um copo a Nina e sentou-se no chão.

Nina corou.

— Ela e as outras meninas viram um amigo meu ir à loja e decidiram que estávamos a namoriscar.

— E não estavam?

— Não com sucesso.

— Mas gostas dele?

— Não o conheço de lado nenhum. — Nina fez uma pausa. — Mas, sim, ele é atraente. Não creio que seja muito inteligente. Parece saber muito acerca de desporto, mas nada acerca de livros.

Lili franziu a testa.

— E isso importa? A inteligência dos livros é a única que conta?

Nina encolheu os ombros.

— Para mim, acho que é, mas percebo que não indica grande tolerância. Adoro livros; são o meu trabalho, o meu interesse

principal... Não sou muito desportiva.

Lili parecia cética.

— Então o problema é ele não ser livresco ou tu não seres desportiva? Talvez tenham algum outro interesse em comum. Cinema? Animais? Entomologia?

Nina suspirou e estendeu-se no chão, olhando para o teto. Havia qualquer coisa cor-de-rosa lá agarrada.

— Aquilo é plasticina?

Lili nem olhou.

— Provavelmente. Acho que vais ter de sair com ele para descobrires se são compatíveis ou não. — Fez uma pausa. — Vocês, os jovens, ainda namoram, ou correm algoritmos para perceber se as coisas vão resultar?

Nina sorriu.

— Sim, pomos os nossos telemóveis a falar um com o outro, para perceber se os sistemas operativos são compatíveis. Poupa muito tempo e esforço. E porque é que me estás a pôr na categoria dos jovens, quando só tens mais uns três ou quatro anos do que eu?

Lili sorriu.

— Sim, mas são anos-mãe, são como os anos dos cães, sete por cada um. Cronologicamente, tenho 34, mas em anos-mãe, são 94.

— Para 94, estás com um ótimo aspeto.

— Obrigada. Podes procurá-lo na Internet? Pensava que vocês todos faziam isso.

— Acho que sim. Mas não sei o apelido dele.

Lili riu-se e puxou o computador portátil para junto de si.

— Bem, o que é que sabes acerca dele?

— Sei que está numa equipa de *quiz* que derrotou a minha há duas semanas. Com uma pergunta sobre corridas de cavalos, por amor de Deus! Sabias que todos os cavalos de corrida têm a mesma data de nascimento?

Lili assentiu com a cabeça distraidamente.

— Sim, o dia 1 de janeiro.

Nina ergueu as mãos.

— Mas toda a gente conhece este facto menos eu?

Lili ignorou-a.

— Aqui está. Há um site que lista todas as equipas de *quiz* na Liga dos Bares do Leste de Los Angeles. É a tua liga?

Nina confirmou.

— E qual é o nome da equipa dele?

— És um Quiziceiro, Harry.

Lili olhou-a e fez uma careta.

— A sério? E achas que ele não é livresco?

— Oh — disse Nina. — Bem visto. Não estou certa de que seres fã do *Harry Potter* faça de ti uma pessoa livresca, *per se*, mas suponho que significa que ele sabe ler.

— Estás a criticar o *Harry Potter*?

— Nunca. Sou uma Ravenclaw.

— Um rato de biblioteca como tu? Que surpresa. — Lisa estava a pesquisar uma página qualquer; ela não conseguia ver o ecrã. — Aqui está. Membros da equipa... — Fez uma pausa e de repente franziu o sobrolho. — Thomas Byrnes.

— Burns como o Edward ou Byrnes como o David Byrne?

— O último, com um Y. — Lili continuava de sobrolho franzido.
— É bizarro.

— Porquê?

Lili não respondeu e depois levantou o olhar e, de repente, sorriu.

— Nada. Estava distraída. — Fechou o computador. — Bem, agora que sabes o nome dele, podes pesquisá-lo à vontade.

— Acho que essa não é bem a minha cena.

— Estás a mentir. — Lili pegou num saco de sementes vazio e começou a trabalhar nele.

— Sim, estou a mentir. Mas neste momento não estou no mercado em termos de namoros. As coisas estão complicadas, não tenho muito tempo e a minha vida está composta e organizada, acho que um namorado pode ser demais. — Começou a balbuciar. — Além disso, não sei se sou capaz de gerir uma relação digna do *Instagram*, com as suas oportunidades de fotos e camisolas a condizer e declarações públicas. Já é bastante difícil relacionar-me com as pessoas em privado, e ter de fazer isso ao mesmo tempo que crio uma presença eficaz online enquanto casal...

Lili olhou-a, com a mão suspensa por um momento.

— Tens consciência de que não é obrigatório viveres a tua vida online, não tens? Durante milhares de anos conseguimos ser felizes ou infelizes em privado. Ainda se pode fazer isso.

Nina encolheu os ombros.

— Claro. Mas, mesmo em privado, estar com outra pessoa parece-me... parece-me intrusivo. — Pensou noutra coisa. — Além disso, tenho toda aquela outra cena a decorrer. — Contou-lhe da família, do pai, enquanto Lili desenhava e dizia «Hum-hum» de vez em quando. Finalmente, Nina disse: — Além do mais, mesmo que eu não tivesse um novo elenco de milhares com que lidar, de que é que eu e aquele rapaz falávamos quando tivéssemos acabado de discutir o *Harry Potter*? E o mais provável é que só tenha visto os filmes.

— És uma snobe. Não há nada de errado com os filmes e eu acho que isso são só desculpas para evitares lidar com o assunto — respondeu Lili, virando o saquinho de sementes para o observar. Estendeu-o a Nina. — Que achas deste?

O saquinho tinha o nome *Nina* escrito em raminhos, rodeado de papoilas âmbar.

— É lindo.

— Ótimo. Porque é para ti. Vais ao casamento.

— Não sou convidada.

— Agora és. A Clare convidou-te. E ela não gosta de ser contrariada.

— Isso é verdade — disse uma voz da ombreira da porta. Clare estava ali, segurando várias folhas de papel, com o seu editor, *Frank*. — Acabei o meu livro e estou pronta para ir para a cama. — Depois olhou para Nina. — Podes ir ao casamento, mas só podes sentar-te ao pé de mim depois da cerimónia, porque sou a menina das flores e isso é uma Grande Responsabilidade.

Nina abriu a boca e depois fechou-a.

— Muito obrigada — disse.

— Podes agradecer-me depois — disse Lili, pondo-se de pé. — Partindo do princípio de que te vais divertir.

Nina riu-se e levantou-se também, sacudindo-se. Parecia ter ficado com uma boa camada de pelos de cão depois de estar deitada no chão. Ora, aquela era uma noite para relaxar.

— Além disso — acrescentou Lili, encaminhando-se para a porta —, os casamentos são excelentes para se conhecer pessoas.

Depois, ela e Clare ficaram à porta, a fazer adeus a Nina.

Hoje é o dia

DATA Terça-feira, 14 de maio S T Q Q S S D
△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h _____
08h-09h _____
09h-10h _____
10h-11h Trabalho _____
11h-12h _____
12h-13h _____
13h-14h _____
14h-15h _____
15h-16h _____
16h-17h _____
17h-18h _____
18h-19h QUIZ _____
19h-20h _____
20h-21h _____



LISTA DE AFAZERES

- ☐ O
- ☐ meu
- ☐ cérebro
- ☐ está
- ☐ em branco
- ☐ _____
- ☐ Comida de gato
- ☐ _____
- ☐ _____
- ☐ _____

OBJETIVOS

Casamento!
- vestido?
- presente?
- Xanax?

NOTAS

Maratona de
Bill Murray

+ PEQUENO-ALMOÇO

CAFÉ

+ ALMOÇO

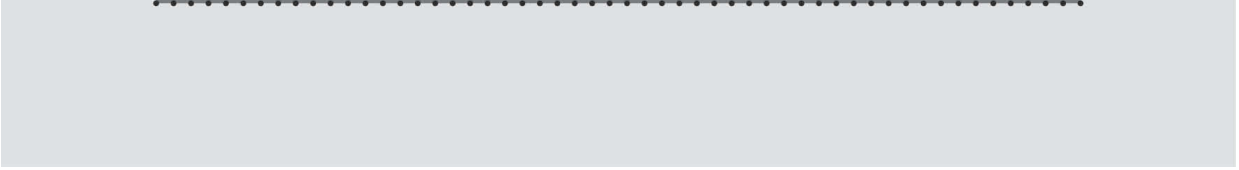
CAFÉ

+ JANTAR

Gelado de CAFÉ?

+ EXERCÍCIO

Vá lá...



Em que Nina conhece mais família, mas deseja não ter conhecido.

Na manhã seguinte, Nina recebeu uma mensagem de texto: *Perigo, Will Robinson. Espera chamada do Sarky. Vemo-nos depois.* Era de Peter Reynolds, e fê-la franzir o sobrolho. Estava no seu momento de planificação matinal quando a mensagem chegou, e verificou cuidadosamente o seu dia. Havia espaço para um ataque legal? Não propriamente. Então, se não havia espaço, não iria acontecer. Um horário era um horário, e sem um horário como deve ser o dia tornava-se loucura, anarquia, cães e gatos a coabitar, etc. A referência a *Os Caça-Fantasmas* trouxe-lhe à memória outro filme de Bill Murray, *Stripes*, em que ele suplica à sua namorada que não se vá embora porque «as plantas vão morrer todas». Sorriu e anotou mais à frente uma maratona de filmes de Bill Murray. Estás a ver? Até na vida mais organizada há espaço para o capricho. Só precisa de ser agendado. Como diria a sua heroína, Monica Geller: «As regras ajudam a controlar a diversão.»

A chamada de Sarkassian chegou alguns minutos depois da abertura da livraria, o que, no mínimo, demonstrava consideração. O advogado soava ligeiramente lamentoso.

— Lamento dizer que a sua sobrinha Lydia elevou o espectro da ação legal contra si. Exigiu uma reunião presencial nos nossos escritórios hoje. Consideraria estar presente? — Ele parecia estar

a perguntar e não a ordenar, por isso, Nina considerou.

— Ação legal por que motivo?

Sarkassian tossiu.

— Fraude. Ela acha que talvez não seja mesmo uma Reynolds.

Nina riu-se.

— Disse-lhe que me estou nas tintas para ser uma Reynolds, e que na verdade passaria muito bem sem nunca saber quem era o meu pai?

— Sim, mas há a questão do testamento.

— Então tirem-me do testamento. Quero lá saber.

Sarkassian mostrou-se horrorizado.

— Não se pode simplesmente remover alguém do testamento de outra pessoa. Além disso, pode ser muito dinheiro.

— Ou pode ser um gigantesco e insuflável dedo do meio. Deixe-me ser completamente clara: Não. Me. Interessa. A minha vida está bem como está. Não preciso de complicações.

Houve um momento de silêncio, e depois:

— Bem, eu sei disso, e a menina também, mas talvez pudesse dizê-lo pessoalmente à Lydia? Por favor, menina Hill, seria extremamente útil que fosse à reunião. Toda a sua família mais próxima estará lá.

Era então disto que Peter a avisara. Ele já sabia da reunião.

— Vemo-nos mais tarde.

O advogado mostrou-se aliviado e Nina ficou a pensar de que é que ele teria medo.

— A minha secretária vai contactá-la para lhe dar os pormenores.

Diabos, tinha de alterar a agenda! Nina odiava alterar a agenda.



O escritório do advogado ficava num arranha-céus reluzente em

vidro e granito, na esquina de Wilshire e Crescent Heights. Embora não exatamente sinistro, era tão escuro que, se um batalhão de Stormtroopers tivesse emergido do parque de estacionamento, Nina não teria ficado surpreendida. Ou antes, teria ficado surpreendida pelos Stormtroopers *per se*, obviamente, mas faria sentido que saíssem daquele edifício. A questão era, o edifício do advogado era intimidante e Nina sentia-se intimidada.

Embora o nome da firma não constasse da fachada do edifício, uma olhadela rápida ao diretório no átrio mostrou-lhe que ocupava três andares, o que significava que não era uma coisa insignificante, não, senhora. A rececionista estava bem informada, porque quando Nina chegou junto dela, levantou-se e disse:

— Por aqui, menina Hill.

— Como é que sabe quem eu sou? — perguntou Nina. Devia ter ignorado, mas estava impressionada; ver comentário anterior, Stormtroopers.

A rececionista sorriu-lhe enquanto percorriam um longo corredor com uma alcatifa fofa.

— Tenho uma lista de pessoas que vão participar na sua reunião, que é a única envolvendo clientes a esta hora, e os outros já entraram todos.

— Ah — disse Nina. — Profissionalismo e lógica.

A mulher assentiu com a cabeça.

— Boa jogada, madame — disse Nina, e depois desejou que em vez disso lhe tivesse explodido a cabeça. Porque é que dizia coisas daquelas? Porque é que a boca dela se abria e aqueles disparates saíam? Inteligências artificiais como Siri e Alexa pareciam mais descontraídas e humanas do que ela.

A mulher abriu uma porta, mas, ao ouvir o som de várias conversas, Nina hesitou.

— Deve haver um engano. O Dr. Sarkassian disse que era só a família direta. — A sala estava cheia de gente. Havia comida numa prateleira funda a um dos cantos que dava para alimentar uma equipa de futebol. Depois do jogo.

A rececionista abanou a cabeça.

— Não há engano. Esta é a família direta. — Moveu ligeiramente a cabeça para indicar a Nina que devia entrar, porque ela estava a segurar a porta, que era pesada, por isso Nina entrou na sala.

Nina sempre se sentira confortável com o facto de não ser gregária. Nem todas as interações tinham de se transformar numa festa, pois não? O seu Quarto 101, para os fãs de Orwell desse lado, conteria apenas algumas pessoas de cujos nomes ela não se lembrasse. Entrar numa sala cheia de estranhos era quase tão confortável para ela como pôr um chapéu cheio de vespas e enterrá-lo bem na cabeça. Mas entrou.

— Nina. — Peter levantou-se e foi ter com ela. Pegou-lhe na mão e inclinou-se para ela.

— Não prestes atenção a isto, finge que não é nada contigo. — Recuou um pouco e olhou-a, sorrindo. — A Lydia não fala pela maioria de nós.

Nina assentiu com a cabeça e avistou Archie por cima do ombro. Ele também lhe sorria, por isso talvez não fosse tão mau. Sentou-se no total silêncio que se abatera e sentiu vários pares de olhos apontados. Tentou a técnica de *inspirar pelo nariz, expirar pela boca* que um antigo psicólogo lhe tinha aconselhado. A mesa era muito bonita, por isso observou-a. Abeto, se não estava enganada.

— Queres um copo de vinho? — perguntou Peter. — É horrível, mas tem álcool.

Nina concordou e ele entregou-lhe um copo de vinho que, como a avisara, era muito mau. Nina não era snobe em relação ao vinho, nem nada que se parecesse, mas era uma *millennial*, e

como provavelmente já ouviram dizer, eles bebem mais vinho do que qualquer outra geração na história. Isto podia ser contestado pelos Romanos, mas a Internet não verifica muito bem as suas fontes. Nina tinha a política de tratar a Internet da mesma forma que trataria um tipo num bar, um que se estivesse a abanar ligeiramente no seu banco, com um *nugget* de mostarda e mel na mão. Ele *podia* ser um especialista em arbitragem internacional ou comércio de armas ou história do catolicismo, mas o mais provável era que não fosse. Contudo, ela bebia vinho, e a Internet acertara nessa.

Sarkassian chegou, atirou uma perna de carneiro para cima da mesa, e deu início ao festim dos leões. A perna de carneiro tinha a forma de uma pilha de documentos, mas mesmo assim.

— Agradeço a todos por terem vindo — disse ele, num estilo tradicional. — Quero aproveitar para vos apresentar a Nina Hill. — Apontou para ela e ela olhou em volta, sorrindo o sorriso mais débil e tenso na história dos sorrisos, o que, considerando a história geopolítica mundial, é dizer muito. *Não estou feliz, dizia o sorriso, mas tenciono ser educada enquanto todos vocês o forem.* O que também dizia, para alguém que conhecesse bem Nina, era: *Estou a começar a ter um ataque de pânico, por isso, por favor, vamos lá despachar isto antes que eu vomite em cima da mesa.* Mas ninguém ali a conhecia bem, pelo que o seu segredo estava seguro.

O advogado deu a volta à mesa.

— Vamos começar pelos seus irmãos. Esta é a Becky Oliver, a filha mais velha de William Reynolds. — A mulher já devia ter uns 50 e muitos. Era muito parecida com o filho, Peter, e o seu sorriso também era igual ao dele. Levantou a mão fazendo o sinal da paz, o que Nina interpretou como um gesto de... bem, de paz. — A senhora à direita dela é a sua irmã Katherine, e à esquerda dela está a mãe de ambas, Alice.

Os olhos de Alice estavam fixos em Nina, mas, pela animação que mostrava, podia estar empalhada. Tinha um daqueles penteados que parecia poder ser arrancado da cabeça numa só peça, possivelmente para o substituir por um idêntico, mas de outra cor. Apreciava aquele género de joalharia que declarava a personalidade, mas não se percebia bem que declaração fazia, a não ser que fosse apenas: «Sou uma concha vazia, mas para mim está bem, porque a minha concha é mais brilhante do que a tua.» Era uma declaração bastante sonora e clara. Nina lembrou-se do aviso de Peter acerca de Alice e tentou não olhar diretamente para ela.

Katherine era diferente. Não usava qualquer maquilhagem e, claramente, estava-se nas tintas para a sua aparência. O cabelo estava despenteado, as roupas desalinhadas, mas os seus olhos eram acutilantes como os de um pisco a preparar-se para emboscar uma minhoca. Nina tinha a dolorosa consciência de, naquela situação, ser ela a minhoca.

O advogado engoliu em seco e continuou.

— À direita está o Archie, que acho que já conheceu, e a sua mulher, Becca. É filho da Rosie, a segunda mulher do William, infelizmente já falecida.

— Olá outra vez — disse Archie. — Desculpa lá isto.

— Cala-te, Archie! — disse uma mulher mais jovem que estava sentada mesmo à frente de Nina. — Não sejas traidor. — Lançou-lhe um olhar cortante, depois olhou para Nina, sem pestanejar. Teria 30 e poucos anos, usava calças e casaco lilás, com uma daquelas blusas que tinham um laço como gravata. Devia pensar que estava numa reunião em 1986, ou a ser entrevistada para interpretar uma personagem irrelevante em *As Teias da Lei*.

Caramba, pensou Nina. *Traidor?* Já tinham começado os insultos de baixo nível. Respeito. Mas, se a mulher não pestanejasse muito em breve, os seus olhinhos brilhantes iriam

cair das órbitas e rolar pela mesa como berlindes.

O advogado acelerou as apresentações.

— A sua irmã mais nova, Millie, não está presente, mas ao lado da Becca está a Eliza, que é mãe da Millie e viúva do William.

Eliza sorriu-lhe tensamente, mas se a tensão era por causa dela ou por defeito, Nina não fazia ideia.

De repente, Alice inclinou-se para a frente e apontou para Eliza.

— Ela matou-o, sabes, por isso sugiro que tenhas cuidado. Mete-te entre ela e o ouro que tem estado a desenterrar e podes não viver o suficiente para te arrependeres.

Eliza riu-se desdenhosamente.

— Estás enganada, Alice. E, possivelmente, senil.

— Não estou nada — respondeu Alice. — Só estou demasiado velha para me fazer de simpática quando não me apetece. Mataste o William para ficar com o dinheiro dele.

Sarkassian interrompeu.

— Por favor, Alice, isso é uma calúnia sem qualquer fundamento.

Alice olhou para Eliza.

— Puta assassina.

— Megera castradora — respondeu Eliza, calmamente.

— Minhas senhoras, por favor — murmurou o advogado, claramente habituado àquele nível de invetivas familiares. Franziu-lhes a testa, pigarreou e prosseguiu. — Muito bem, vamos agora aos sobrinhos. O Peter já conhece, e ao lado dele está a irmã, Jennifer. — Jennifer era parecida com Peter e acenou-lhe amigavelmente. — A Jennifer tem filhos, que são seus sobrinhos-netos, mas são menores e não têm obrigação legal de estar aqui.

— E eu tenho obrigação legal de estar aqui? — Nina olhou para Sarkassian. — Pensei que era apenas um convite.

— E era — respondeu ele rapidamente. — Só queria dizer que,

sendo eles legalmente menores, não podem fazer parte de qualquer ação.

Nina franziu a testa para ele, mas, antes de poder dizer alguma coisa, a mulher à sua frente interveio.

— E eu sou a tua sobrinha Lydia, filha da tua irmã Katherine, embora duvide que tenhamos mesmo algum parentesco. — Olhou agressivamente para Nina. — Que provas tens de que o meu avô era teu pai e de que não és uma impostora?

Nina olhou-a por um instante, depois ergueu lentamente uma sobrancelha, um talento do qual se orgulhava muito. Se esta mulher pensava poder intimidá-la com a sua má educação, iria ficar desapontada. Nina podia debater-se com crises de ansiedade uma ou duas vezes por semana, mas também trabalhava com o público, e a má educação é o molho especial no hambúrguer dos clientes em Los Angeles.

— Oh, não sei. A minha certidão de nascimento? A palavra dele? A palavra da minha mãe?

Lydia sorriu, como a rapariga mais velhaca da escola prestes a comentar uma escolha de sapatos inferior.

— Isso é bastante insuficiente, não é?

— Legalmente, é suficiente — disse Sarkassian, rispidamente. — William Reynolds consta na certidão de nascimento dela e referiu-a neste testamento, provando que tinha conhecimento da sua existência, e a mãe dela confirmou que ele é o pai. No que diz respeito à lei, isso basta.

— Bem, quem pode confirmar que ela é de facto quem diz ser?

— Lydia mostrou-se desdenhosa. — Pode ser uma vigarista a fingir ser a Nina Hill para deitar as unhas ao dinheiro. Pode ter raptado a verdadeira Nina Hill e estar a mantê-la numa cave algures.

Com isto, os restos de ansiedade de Nina desapareceram, revelando um centro frio de raiva. Não era necessariamente uma

coisa boa. Por vezes, quando a sua ansiedade social era demasiado pressionada, uma estranha loucura confiante tomava posse da sua voz, o que já tivera alguns resultados infelizes.

— Bem — disse ela, aparentemente descontraída. — Se sou uma vigarista, ando a vigarizar há muito tempo, visto que frequentei a escola como Nina Hill, fui para a faculdade como Nina Hill, arranjei emprego como Nina Hill e estou lá a trabalhar há seis anos, sempre a fingir ser uma pessoa totalmente insignificante e normal. Só para o caso de alguém de quem nunca ouvi falar bater a bota e me deixar algo misterioso. — Virou as palmas das mãos para cima. — É uma maravilhosa mistura de cinismo e otimismo, mas para vigarice parece um pouco intenso, não achas?

Algumas pessoas riram-se, mas Lydia não parecia divertida.

— Além disso — continuou Nina — Não fui eu que vim ter convosco, vocês é que foram à minha procura. Eu não fazia ideia de quem era o meu pai. Podia ser qualquer um.

— A tua mãe é prostituta? — perguntou Lydia.

Nina fez uma pausa.

— Não — respondeu sem emoção. — Não falei nesse sentido. É repórter fotográfica. Ganhou um Pulitzer.

— A Lois Lane ganhou um Pulitzer, e é uma personagem de ficção.

Nina por acaso sabia que isso era verdade, e por uma fração de segundo reconheceu que Lydia, apesar de toda a sua estupidez, era uma alma gémea em termos de conhecimentos de cultura geral. Contudo, qualquer sentimento de companheirismo dissipou-se rapidamente quando Lydia continuou a falar.

— Onde está essa tua promíscua mãe solteira agora?

— Na China.

— Conveniente.

— Não, caso queiras entregar-lhe alguma coisa.

Eliza falou da ponta da mesa.

— Isto é ridículo. Se o William deixou alguma coisa a esta mulher, o assunto não acaba aí? Podia ter deixado o que quisesse a qualquer pessoa, não podia? — Virou-se e olhou para Nina. — A propósito, eu não o matei. Morreu de ataque cardíaco, após anos a fumar, beber e comer carne vermelha em quase todas as refeições. — Encolheu os ombros. — Parou com tudo isso quando nos conhecemos, mas o mal estava feito.

— Fizeste-lhe uma lavagem ao cérebro — disse Lydia. — Ele tornou-se vegetariano. Tentou convencer-me a fazer um *detox* de sumos. Foi horrível.

Nina ergueu o olhar e fitou Sarkassian.

— Há alguma dúvida em relação à morte do meu pai?

— Sim, a dúvida sobre se ele era teu pai ou não — atirou Lydia.

— Não — disse Sarkassian, revirando os olhos. — Não há dúvida nenhuma. Como a Eliza diz e muito bem, ele tinha mais de 70 anos e morreu de ataque cardíaco.

Eliza estava a olhar para Lydia.

— Mal conhecias o teu avô, Lydia. Não percebo porque julgas saber alguma coisa acerca da sua saúde. Quando foi a última vez que o visitaste? — Aquela mulher era elegante em todos os aspetos: cabelo louro-claro, lenço de caxemira cinzenta sobre camisola de caxemira de um cinzento mais escuro, camadas de colares e pulseiras de ouro. Mas também estava irritada de uma maneira muito humana e de certa forma encrespada. Possivelmente por ter de confrontar uma ex-mulher louca e uma enteada que era pelo menos meio bruxa.

— Tu não deixavas nenhum de nós visitá-lo. Mantinha-lo escondido para lhe poderes envenenar a cabeça contra nós. — Era notável a raiva que Lydia conseguia conferir a cada sílaba, ao mesmo tempo que mantinha um apreciável tom calmo.

Finalmente, Peter interveio na conversa.

— Lydia, querida, isto não é uma telenovela. É fantástico que o

William tenha durado tanto, para ser franco, e atacar a sua viúva é não só falta de gosto como pouco atraente. A Eliza amava o William.

Lydia virou-se abruptamente.

— Peter, tu não tens a menor ideia do que é atraente numa mulher, por isso não metas o bedelho.

— A sério? — disse Archie. — Agora atacas o Peter?

Lydia apontou-lhe furiosamente um dedo.

— Archie, não te metas nisto. Nem devias estar aqui. Tens mais dinheiro do que qualquer um de nós. O que é que te importa?

Archie corou.

— Dizes isso por a minha mãe ter morrido? Sim, foi um grande negócio. Talvez tu ficasses feliz por trocar a tua mãe por dinheiro puro e duro, mas eu e a Becca...

E de repente estavam todos a falar ao mesmo tempo e nada do que diziam era muito agradável.

— Oh, por amor de Deus — disse Nina sonoramente, fazendo a discussão parar de repente. — Vocês são todos malucos. Não vou assistir à leitura do testamento. Não quero nada do que ele me deixou. Adeusinho.

Lydia estava com um ar arrogante. O advogado estava preocupado. Todos os outros pareciam constrangidos.

Nina levantou-se e abandonou a sala, saindo para o ar livre antes que se lhe esgotasse completamente o oxigénio. Encostou-se ao edifício e deslizou lentamente até ficar sentada no passeio. Pôs a cabeça entre os joelhos e esperou até voltar a funcionar normalmente. Iria para casa tomar um brandy e mudar de número de telefone e possivelmente de nome, para se livrar de vez da família Reynolds.

Esperava fervorosamente que eles não tivessem mais nada a tratar com ela.



*Em que Nina tem outra oportunidade de se comportar
como um ser humano.*

Quando Nina chegou a casa, contudo, deu por si a afastar todos os pensamentos em relação à sua estúpida família. Era terça-feira, portanto, noite de *quiz*, e esta noite era especialmente importante, pois era mais uma oportunidade de se qualificarem para as semifinais regionais do Campeonato de *Quiz*. E porque é que ganhar o Campeonato de *Quiz* era tão importante? Bem, havia os prémios: 10 mil dólares para uma instituição de solidariedade à escolha do vencedor e t-shirts que diziam «Eu sabia as respostas todas e só me deram esta t-shirt». O segundo prémio era, na verdade, ao verdadeiro estilo cinéfilo, um conjunto de facas de carne. Terceiro prémio? Não havia. Havia a equipa vencedora e a equipa que ficava em segundo, também conhecida como equipa derrotada, e pronto. A equipa de Nina ficara em terceiro no ano anterior, o que despertara um espírito competitivo que ainda não se extinguiu. Este seria o ano deles.

Nina dedicara bastante tempo a ler as últimas seis edições da *Sports Illustrated* e vários livros sobre a história do basebol (o Passatempo da América), futebol americano (o Desporto da América) e, pelo sim, pelo não, hóquei no gelo (a Cena do Canadá). Depois de ter lido entradas na *Wikipedia* sobre todos os atletas que podia, sentia — apesar de não ser verdadeiramente competitiva nesta categoria — que , pelo menos, já era menos

provável ter de sair do bar a rastejar.

O evento desta noite era em Los Feliz, num bar chamado Arcade. Nina olhou em volta e viu a história toda: alguém se deparara com 50 daquelas mesas que já tinham sido tão populares, com consolas de videojogos encastradas no tampo, e comprara-as baratas. Depois do impulso de momento, tinha percebido que precisava de fazer alguma coisa com elas e abrir um bar parecera-lhe uma boa ideia na altura.

Os outros membros dos De Livro em Riste já lá estavam, sentados a uma mesa *Galaga* que ainda funcionava. Lauren estava a jogar enquanto Carter e Leah faziam comentários.

— Meninas — disse Nina quando se sentou. Leah passou-lhe um copo de vinho que ela começou imediatamente a beber. Devia estar mais nervosa do que julgava.

— Obrigado — disse Carter. — Eu sei que sou um tipo sensível, mas não sou propriamente uma menina.

Nina encolheu os ombros.

— Como é que ela se está a sair?

Leah levantou os olhos do jogo.

— Bem, se o destino do planeta dependesse da Lauren, estávamos todos condenados.

— Nesse caso, ainda bem que não depende — disse Lauren, erguendo as mãos em sinal de frustração quando o seu foguetão foi completamente destruído.

— É a minha vez — disse Carter, debruçando-se para pôr algumas moedas.

Nina olhou disfarçadamente em volta. Já tendo acabado o seu vinho, deslizou a mão por cima da mesa para roubar o copo meio cheio de Carter.

— Eles ainda não chegaram — disse Leah.

— Quem? — perguntou Nina inocentemente.

— Não finjas. Os Quiziceiros. Ainda não chegaram, mas estão

inscritos. Vamos jogar contra eles na segunda volta, se conseguirmos vencer os Ameaça à Sobriedade.

— Que, provavelmente, conseguimos?

— Não faço ideia. É uma equipa nova.

— Onde é que estão?

Leah apontou um grupo de rapazes do outro lado do bar.

— Na mesa de Ms. *Pac-Man*.

Nina olhou e sorriu.

— Oh, estamos à vontade. Aquele tipo frequentava o Colibri da Tequila. Já está meio bêbedo. Vamos mandar-lhes uma rodada de shots.

— Isso é batota.

Nina mostrou-se escandalizada.

— Não é batota. É dar apoio. — Depois, pôs-se a olhar para a porta e Leah deu-lhe uma palmada no braço.

— Deixa de estar obcecada com aquele rapaz. Isso vai enfraquecer o teu ataque. Mantém-te focada, Hill. Se ganharmos hoje, vamos às semifinais.

— Não estou obcecada.

— Nota-se.

Carter deu um grito.

— Estou no quadro de honra! — Levantou-se e sorriu para toda a mesa, beijando extravagantemente toda a gente, e claro que foi nesse momento que Tom entrou no bar. Estava com Lisa, a rapariga do cinema. Ela foi procurar uma mesa e Tom dirigiu-se ao balcão. Não que Nina estivesse a reparar.

— Podes ir pedir a tua rodada de shots de sabotagem agora — disse Leah. Olhou para Nina. — Vai dizer olá ao teu amiguinho.

— Meu amiguinho? Estás a fazer uma referência ao *Jogos de Guerra* ou ao *Scarface*?

Leah fez-lhe uma careta.

— Nem uma coisa nem outra. A maioria das pessoas consegue

usar a linguagem sem fazer referência a um livro ou um filme. Tu é que vives a tua vida real num universo de ficção.

— Dizes isso como se fosse uma coisa má — disse Nina, levantando-se. Dirigiu-se para o balcão, alisando discretamente quaisquer rugas que o vestido pudesse ter. Era uma pessoa real, quando se sentava, amarrotava-se. Felizmente, o seu vestido verde-escuro era *vintage* e feito de um tecido mais duro do que os seus congéneres modernos, por isso pôde alisá-lo sem problema. Graças a Deus pelas fibras naturais e pelo corte diagonal dos tecidos.

Espremeu-se no balcão ao lado de Tom.

— Oh, olá.

Na verdade, Tom tinha estado a observar a aproximação de Nina pelo espelho atrás do balcão, tendo-a avistado assim que passou pela porta. Vira-a ajeitar o vestido e tivera imediatamente vontade de voltar a amarrotá-lo. Estava claramente a perder a cabeça.

— Olá — disse ele, sorrindo-lhe, feliz por as luzes do bar serem tão fracas que ela não podia vê-lo corar. — Pronta para a batalha?

Ela acenou com a cabeça, também corando discretamente.

— Espero que sim. E tu?

Ele encolheu os ombros.

— Espero que sim. A Lisa, que conheceste na outra noite, tem alergias, por isso tem estado queixosa. Os outros dois ainda não chegaram.

— Ela é a tua namorada? — *Oh! Santo Deus! Mas que raio se passa contigo?*

Ele hesitou, e uma pequena ruga percorreu-lhe a testa.

— Não, é uma amiga. Conhecemo-nos desde o secundário.

— Ah! — Nina agitou-se em busca de um comentário. — Muito fixe. — Desta vez, o seu cérebro ergueu para os céus as suas mãos metafóricas e enrolou-se no seu poleiro como uma galinha

irritada. Assim *não brinco!*, disse o cérebro. Se a boca não esperar pelo meu conselho, desisto.

Nina pediu uma rodada de shots. Tom simulou horror.

— Isso não é um risco, beber shots antes do concurso? Então o teu foco de *laser* e a memória impressionante?

Ela fez-lhe uma careta.

— Estás a brincar comigo? Vocês venceram-nos da última vez.

— Foi sorte. Já te vi jogar uma centena de vezes e essa foi a primeira vez que te vi seres derrotada. — Fez uma pausa. — Bem, à exceção da semifinal no ano passado.

— Ah, viste isso?

Ele corou mais.

— Sim. Nós também fomos batidos na semifinal. Pelos In-quizição Espanhola. — Ele sorriu. — Ninguém estava à espera...

Ela devolveu-lhe o sorriso. Monty Python e Harry Potter; afinal, ele não era só um maluquinho do desporto. Os shots chegaram e ela esteve quase a dizer-lhe que eram para a outra equipa, mas de repente aquilo pareceu-lhe batota. Raios.

Ele virou-se para a encarar. Como a cabeça dela lhe chegava ao ombro, ela teve de a inclinar um pouco para trás. Estavam muito próximos um do outro, dava para sentir o cheiro dele a serradura e sabonete.

— Desfruta dos teus shots — disse ele. — Eu vou encomendar uma mistura adequada de cafeína, óleos de ómega 6, canela e ginseng. Mando-a entregar diretamente nos bares para a minha equipa estar em forma.

— A sério?

Ele abanou a cabeça.

— Não, não é a sério. Vai ser um jarro de cerveja e uma taça de pistácios.

— Adoro pistácios.

— Eu também.

— A transbordar de vitaminas lipossolúveis.

Aqui a conversa esmoreceu, o que não era de surpreender. A expressão «a transbordar» podia ser a responsável. Nina pegou no tabuleiro dos shots e virou-se para se ir embora.

— Bem, é bom ver-te de novo — disse ela desajeitadamente.

Ele acenou com a cabeça.

— Estou ansioso por te bater. — Fez uma pausa. — Isto soou estranho.

Nina franziu-lhe a testa.

— Boa sorte com isso. Esta noite estamos em grande. Estivemos a fazer o aquecimento com a *Galaga* e conseguimos defender o nosso planeta durante uma boa hora.

Ele riu-se.

— Se já estão aqui há algum tempo e agora estão a beber shots, vai ser uma vitória fácil para a minha equipa de gigantes intelectuais altamente treinados e completamente sóbrios.

— Queres apostar?

— Claro.

— Vinte dólares?

— Um jantar.

Nina examinou-lhe o rosto, mas ele não estava a brincar.

— Combinado. Um jantar. Se eu ganhar, podes levar-me ao Denny's.

— A sério?

Ela assentiu com a cabeça.

— Adoro o Denny's.

— Tosta mista com ovo estrelado?

— Sempre. E se tu ganhares?

— Frango e *waffles*.

Ela riu-se.

— Somos um par cheio de classe.

Ele concordou.

— Pergunto-me que mais teremos em comum, tirando os gostos populares. — Sorriu-lhe vagarosamente, deixando-a completamente sem resposta. Engoliu em seco.

De repente, a voz de Howard encheu a sala.

— Boa noite, valentes competidores e cobardes observadores. Chegou a hora do desafio desta noite. Na primeira volta temos os De Livro em Riste contra os Ameaça à Sobriedade. E, se pensarmos no desempenho da semana passada, os Ameaça à Sobriedade não têm nada a recear.

— Tenho de ir — disse Nina, voltando à pressa para a sua mesa.

Tom ficou a vê-la ir, reparando como ela serpenteava através da multidão, pequena e ágil. O Denny's nunca lhe parecera tão atraente.

Na maior parte dos campeonatos de *quiz* em bares, ou da liga de *quiz*, ou o que quer que lhe chamem na vossa zona, as equipas recebem listas escritas de perguntas e um limite de tempo para as completar. Fazer batota é fortemente desencorajado, mas claro que acontece, especialmente agora, que se pode usar o telemóvel para pesquisar na Internet. Em resposta a isto, os organizadores tinham alterado as regras na qualificação para o campeonato. As equipas em competição mandavam um único membro para uma batalha frente a frente, como num concurso de televisão. Faziam-se perguntas, tocavam-se buzinas e atribuíam-se pontos. Se o primeiro a responder acertasse, ganhava dois pontos. Se não acertasse e o outro concorrente soubesse a resposta, ganhava um ponto.

As equipas eram convidadas a fazer-se acompanhar pelas suas próprias buzinas, o que levava a vários sons estranhos. Esta noite, Leah ficara responsável pela buzina e trouxera um apito de comboio *vintage* que encontrara no eBay. Não funcionava muito

bem e levantou questões acerca da escolha, até Lauren revelar que tinha na mala uma lata em miniatura de lubrificante WD-40 e o problema ficar resolvido. Depois levantaram-se questões sobre o que levaria Lauren a transportar na mala hidrcarbonato em aerossol, e depois levantaram-se questões sobre as razões de Nina para o definir assim. Toda a discussão ocupou cerca de 30 segundos, que felizmente foi o tempo que Howard levou a explicar as regras, por isso não houve problema.

— Categoria 1: Geografia Mundial. Equipas, por favor, escolham os vossos campeões.

Esta era fácil para os De Livro em Riste, porque Leah era assustadoramente boa em Geografia. Estudara em casa com uma mãe que acreditava na memorização como forma de relaxamento, e era capaz de recitar todos os estados (com capitais, pássaros e flores estaduais, rios e acidentes geográficos mais importantes), países do mundo (incluindo todos os africanos, apesar de terem mudado tanto), livros da Bíblia, presidentes e primeiras-damas (e animais, incluindo o guaxinim de Coolidge) e todos os atores que fizeram de Doctor Who desde o início. Esta última aprendera sozinha.

— Mas esperem — disse Nina, preocupada. — E se a seguir for História e não a pudermos usar?

Leah encolheu os ombros.

— É melhor ir a Lauren, que é bastante boa em Geografia.

— Não sou — disse Lauren com um suspiro furioso. — Da última vez fiquei confusa e disse que o rio mais longo do mundo era o Mississípi e depois soletrei-o como um miúdo de 5 anos no concurso da escola. Até o repeti no final.

— Soletraste-o corretamente.

— Sim, mas a questão não é essa. Eu interpretei mal a pergunta e nunca mais posso voltar àquele bar.

Nina aceitou.

— Leah, vais tu.

Recentemente, Howard levava as coisas um pouco mais longe na sua tentativa de criar um canal de *YouTube* para o campeonato de *quiz* e construíra um pódio. Leah e um rapaz dos Ameaça aproximaram-se.

— Não toquem no pódio — silvou Howard. — Ainda não está seco.

— De quê? — perguntou Leah, parando imediatamente.

— De ter sido pintado, claro. Acrescentei a purpurina demasiado cedo e isso retardou o processo.

— Deve ser, deve — disse o rapaz dos Ameaça, rindo-se sonoramente.

Leah revirou os olhos e segurou o apito com força.

Howard olhou para o seu amigo Don, que estava a fazer o *streaming*.

— Preparado, Don?

— Estou preparado quando estiveres, Mr. DeMille. — Don era um brincalhão que gostava de filmes antigos, *poetry slams*³, e fingia ser realizador de cinema.

Howard pigarreou.

— Embora lá! Senhoras e Senhores, bem-vindos à qualificação para o Campeonato de Quiz do Sul da Califórnia. Esta noite, competindo pela glória e pela oportunidade de avançar para a próxima volta, De Livro em Riste, Ameaça à Sobriedade, És um Quiziceiro, Harry e Olivia Bomba de Neutrão. Uma equipa chegará ao fim da noite, as outras serão enterradas em ignomínia. A primeira competição é entre os De Livro em Riste e os Ameaça.

— Virou-se para Leah e sorriu. — Como se chama, pequena senhora?

Leah levantou as sobrancelhas para ele.

— O meu nome é Morte ao Sexismo, pequeno senhor.

Howard ignorou-a e virou-se para o membro dos Ameaça.

— E o senhor?

— Sou o Al. Podes chamar-me Al.

Howard virou-se para a frente e sorriu para o telemóvel que Don empunhava.

— Que comece a batalha. — Com um ar mais sério, perguntou:

— Quantas riscas tem a bandeira dos Estados Unidos?

— Treze — respondeu Leah.

— Os concorrentes devem usar as buzinas antes de responder.

Lamento, De Livro em Riste. Ameaça, têm alguma resposta?

— Hum... treze?

— Correto. Dois pontos para os Ameaça.

Nina, Carter e Lauren rugiram um protesto, mas Howard levantou a mão.

— Queixarem-se não vos vai ajudar, De Livro em Riste. Vocês conhecem as regras.

Leah olhou para a equipa, em jeito de pedido de desculpa.

— OK, próxima pergunta. Montevideo é a capital de que país sul-americano?

O rapaz dos Ameaça apertou a sua galinha de borracha, que deu um guincho.

— Hum...

Howard aguardou.

— Hum...

— Importas-te de dar um palpite?

— Ei — disse Leah. — Não é justo. Se ele tocou demasiado cedo, é a minha vez.

— Certo, é a tua vez.

— Uruguai.

— Correto. Dois pontos para os De Livre em Riste. Próxima pergunta. Qual é a língua oficial da Gronelândia?

Uma breve pausa e depois Leah tocou o seu apito.

— Gronelandês.

— Nem pensar — disse o rapaz dos Ameaça. — Inventaste isso.
— Apertou a sua galinha em protesto, várias vezes.

— Procura no Google, grande idiota — disse Leah. — Ou pergunta ao Howard. Ele tem as respostas.

— É verdade, ela tem razão — disse Howard. — Para um ponto de bónus, nomeia outra língua falada na Gronelândia.

— Dinamarquês — disse Leah.

Howard fitou-a intensamente. Apaixonara-se por Leah na primeira vez que ela competira num dos seus torneios e fora brilhante em Religiões Mundiais, seguindo-se História Real de Inglaterra e Animais do Serengeti. Amara-a pela sua mente. E pelas suas curvas.

— Há alguma coisa que não saibas? — perguntou ele, sem se lembrar de que tinha o microfone ligado.

— Sim. Não sei porque não estás a dar-me o tal ponto.

O bar irrompeu em gargalhadas e Howard franziu a testa.

— Nada de faltas de educação, concorrentes. Ponto de bónus retirado.

Leah mordeu a língua e tentou sorrir a Howard, mas não conseguiu forçar-se a fazê-lo.

— Próxima pergunta. Qual é a capital do território canadiano de Yukon?

Guincho.

— Whitehorse. — O tipo dos Ameaça sorriu para Leah. — Sou canadiano.

Ela olhou-o sem emoção.

— Parabéns.

Howard pigarreou.

— Última pergunta desta secção: Que mar separa a costa oriental de África da península da Arábia Saudita?

Apito.

— O Mar Vermelho. — Leah estava completamente confiante em

relação a esta e voltou para a sua mesa em triunfo. De Livro em Riste, seis pontos, Ameaça, quatro.

— Após um pequeno intervalo para bebidas, voltamos com uma pequena categoria a que gosto de chamar... Livros. — Howard sorriu em volta, mas ninguém estava realmente a ouvi-lo. — E lembrem-se, amigos, esta noite bebem dois shots pelo preço de um, por isso vão até ao bar e inebriem-se. — Don contou 3... 2... 1 pelos dedos e indicou que parara de filmar. Howard desfez o sorriso e saltou para a frente, para ver a filmagem.

Nina olhou para Howard pensativamente.

— É aquele seu dom para tecer comentários espirituosos que distingue o Howard como apresentador.

— É um poeta, sem dúvida — concordou Leah.

— Vamos lá aos shots — disse Carter. — Há crianças sóbrias em África que matariam por isto. Não podemos desperdiçá-los.

E, por isso, beberam.

Nina aproximou-se do pódio — sem lhe tocar — e enfrentou um tipo diferente dos Ameaça. Era bem-parecido e confiante, e Nina estava desejosa de o pôr a mexer, metaforicamente falando.

Don começara a filmar e Howard estava a canalizar as suas energias para o papel de anfitrião do campeonato de *quiz*.

— Muito bem, amigos. Tempo para os livros ou, como alguns gostam de dizer, Literatura.

— Pessoas emproadas — disse o tipo dos Ameaça.

— Pessoas letradas — disse Nina.

— Não briguem, por favor. Vamos manter isto civilizado. — Howard lançou-lhes um olhar de reprovação. — «Tratem-me por Ismael» é a primeira linha de...

Nina apitou.

— *Moby Dick*.

Howard assentiu com a cabeça, mas disse:

— Por favor, esperem que a pergunta seja finalizada antes de

responderem.

— Desculpa.

Ele franziu a testa para ela.

— Quem escreveu *Dom Quixote*?

— Cervantes.

— Nome completo?

Nina semicerrou os olhos para ele. Que cabrão.

— Miguel de Cervantes.

— Nos livros infantis acerca de um cão vermelho com sete metros e meio, qual é o nome do cão?

Guincho!

— *Clifford*. — O bonitão estava 100 por cento confiante acerca daquela.

— Pergunta de bónus — disse Howard. — Porque é que ele cresceu tanto?

O tipo de repente parecia muito sentimental.

— Porque a Emily o amava. — Fez uma pausa. — O amor dela fez o *Clifford* crescer tanto que os Howards tiveram de sair da sua casa.

Howard assentiu com a cabeça, muito sério.

— Sim! Pois foi!

Nina estava indignada.

— Isso é do genérico da série na televisão, não é dos livros.

— Tens a certeza de que não está nos livros? — perguntou-lhe Howard. — Não, não tens, por isso guarda as tuas opiniões para ti própria. Próxima pergunta: *O Ser e o Tempo* é um tratado ontológico escrito por que filósofo alemão?

Houve um longo silêncio.

— Espera, passámos de *Clifford the Big Red Dog* para isso? E será que filosofia é literatura? — perguntou Nina. Estava a sentir-se um pouco incisiva. Não devia mesmo beber nestas situações.

Howard encolheu os ombros.

— Bem, a) é uma questão muito filosófica e b) a categoria é livros. Boa tentativa, De Livro em Riste. — Olhou para ambos. — Não?

Eles abanaram a cabeça.

— Alguém de alguma das equipas?

Silêncio.

— Alguém no bar?

Silêncio mais profundo.

Howard suspirou complacentemente, porque, claro, tinha a resposta na mão.

— Foi Martin Heidegger.

— É bom saber — disse Nina. — Achas que o amor da Emily teria feito alguma coisa por ele?

Howard ignorou-a.

— Quais são as quatro casas da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts?

Apito! Guincho!

Nina e o tipo dos Ameaça olharam-se com ar de poucos amigos. *Apito! Guincho!*

Apito! Guincho!

Howard levantou a mão.

— Pedra, Papel, Tesoura.

Nina escolheu pedra. O tipo dos Ameaça escolheu papel. Ufano, gritou:

— Hufflepuff! Slytherin! Ravenclaw! Gryffindor!

— Não te entusiasmes tanto — murmurou Nina, chateada consigo mesma por ter escolhido pedra. Tesoura era sempre a melhor opção.

— OK. Os Ameaça estão com cinco pontos, os De Livro em Riste com quatro. Última pergunta. Quem escreveu *A Metamorfose*, publicado pela primeira vez em 1915?

Nina apitou, cheia de confiança.

— Kafka. — Howard hesitou. — Franz Kafka — disse ela, irritada com ele. — Howard voltou a hesitar. — Franz Ferdinand Kafka. — Estava a inventar completamente o nome do meio, mas quase apostava que Howard sabia menos de Kafka do que ela.

Ele assentiu com a cabeça, depois disse:

— Para um ponto de bónus, qual é o filme de terror em que Jeff Goldblum se transforma numa mosca?

— A Mosca — berrou o tipo dos Ameaça.

— Correto. As equipas estão empatadas com seis pontos.

Houve um rumor na sala.

— Calma — disse Nina. — Isso é completamente injusto! O filme nem sequer é baseado no livro de Kafka. O tipo transforma-se numa barata, não numa mosca; é um filme, não é um livro, e além disso...

— Lamento, é a minha decisão final. — Howard foi firme, mas recuou ligeiramente do dedo apontado de Nina. Depois, quando Leah e Lauren se juntaram à refrega, deu mais um passo atrás e de repente sentou-se no colo de uma mulher que não conseguiu fugir a tempo. Entornaram-se bebidas. Pisaram-se cascas quando os pistácios se espalharam no chão. As pessoas levantaram-se e escorregaram nos aperitivos. Houve quedas. Houve palavrões. Os Ameaça juntaram-se em força e, 20 segundos depois, os seguranças também.

Passado meio minuto, fora do bar, Carter suspirou.

— Nina, porque é que é sempre por tua causa que somos expulsos?

Ela olhou-o, ainda danada.

— Nem sequer era uma pergunta de livros! — Sacudiu cerveja da manga, fazendo voar alguns pistácios. — É uma questão de princípio! Se não defendes alguma coisa...

— Aceitas o que vier?

Ela virou-se. Tom estava ali, a vestir o casaco.

— Pensei que podias precisar de boleia para casa. — Sorriu. — Parecias um bocadinho... quente.

— Bem — disse Nina. — A Leah vai dar-me boleia... — Olhou em volta. Ao fundo da rua, viu Leah e os outros a dobrarem a esquina. — Oh.

³ *Poetry slam* é uma competição em que poetas leem ou recitam um trabalho original. Estas atuações são, em seguida, julgadas por membros selecionados da plateia ou por uma comissão de jurados. [N. T.]

*Em que ficamos a saber um pouco mais acerca de
Tom.*

Sentada muito direita ao lado de Tom, que a levava a casa de carro, Nina voltou a sentir o cheiro a serradura.

— És carpinteiro? — perguntou, com a falta de filtro que o álcool lhe provocava. — Cheiras a madeira. — Inclinou-se para ele e cheirou-o teatralmente.

Ele riu-se.

— Mais ou menos.

Nina franziu a testa.

— Carpintas ou não?

— Não creio que isso seja um verbo.

— Mas devia ser. Porque é que não é? — Voltou a recostar-se no banco. — Eu carpinto, tu carpintas, ele ou ela carpinta...

Ele relanceou-a, depois voltou a olhar para a estrada.

— Bebes muito?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Na verdade, não devia beber nada, não tenho remédio. Fico imediatamente bêbeda, e de ressaca duas horas depois. Não tenho jeito para isto.

— Não és uma borguista, é isso que estás a dizer?

— Normalmente, acabo a chorar.

— Caramba. Nesse caso, sim. Deves ficar-te pelos refrigerantes.

— Ligou o pisca e Nina acompanhou o ritmo com os pés.

— Os refrigerantes fazem-me peidar. — Depois fechou a boca firmemente e jurou a si própria não dizer mais nada. Talvez para o resto da vida.

— Bem, fica-te pela água, então. — Olhou-a de esguelha. — Embora os peidos não tenham nada de mal.

Ela manteve a sua jura e não disse nada. Pôs-se a olhar pela janela, reparando nas coisas habituais: sem-abrigo a acordar depois de terem passado o dia a dormir para se manterem alerta à noite, que era mais perigosa. *Hipsters* vestidos como os sem-abrigo mas com sapatos melhores, aglomerados junto a entradas ou à espera de partilhar a boleia, com os olhos a dividir-se entre os ecrãs dos telemóveis e as matrículas, de uma forma extremamente compenetrada. Tascas e lojas de bebidas iluminadas como se fosse Natal, cujas luzes eram refletidas nos passeios húmidos e pegajosos à sua frente. Depois entraram na zona residencial de Larchmont, onde as luzes da rua eram desejavelmente *vintage*, mas poucas e espaçadas.

Pararam à porta da casa de hóspedes. Ela deixara a luz de leitura acesa ao lado da sua poltrona, e o brilho era convidativo. Parte dela desejava ter ficado em casa nessa noite, porque agora doía-lhe a cabeça e nem sequer tinha conseguido ganhar o concurso. Suspirou.

— A casa é gira — disse Tom.

— Obrigada — disse, enquanto se debatia com o manípulo da porta, algo que normalmente não lhe acontecia.

Tom inclinou-se sobre ela e escancarou a porta do carro.

— Precisas de ajuda para encontrar a chave? — Ele estava a provocá-la.

Ela olhou-o e abanou a cabeça.

— Acho que não. — Ocorreu-lhe uma coisa. — Espera, abandonaste a tua equipa? Não iam jogar a seguir?

— Sim. — Tom encolheu os ombros. — Sem a tua equipa para

competir, o desafio não era interessante.

Ela franziu a testa.

— E os teus colegas de equipa concordaram?

Ele assentiu com a cabeça.

— Eles não levam aquilo muito a sério. — Tinha sido Lisa a empurrá-lo pela porta para ir ver se Nina precisava de boleia para casa, mas achou que não precisava de lho dizer. — De certeza que o Parvo do Quiz vai marcar outra data.

— Está bem, então. — Disse às suas pernas para girarem e saírem do carro, mas elas não obedeceram. Ela franziu a testa e obrigou-as. Afinal quem é que mandava ali, que diabo? Tom reparou na sua ligeira oscilação quando se pôs de pé e decidiu sair do carro para a ajudar.

— Não tens mesmo jeito para beber, pois não? — perguntou ele, sorrindo e segurando-lhe o braço.

Ela olhou para ele.

— Lês livros?

Ele franziu a testa.

— Claro, de vez em quando.

— Livros bons?

— Livros que eu acho que são bons.

— Já leste Jane Austen?

— Não.

— Kurt Vonnegut?

— Não.

— Truman Capote?

— Não. — O rosto dele estava sem expressão, mas ela percebia que começava a ficar vagamente irritado com o interrogatório.

— *Harry Potter*? — Ela estava desesperada.

— Claro, quando era miúdo.

— Sabes a que casa pertences?

— Não, não sou totalmente *nerd*.

Ela voltou a balançar e de repente encostou-se a ele, virando a cara para cima, de modo que não havia mais nada que ele pudesse fazer a não ser beijá-la.

E ele assim fez. Levemente, mas com talento.

— Queres entrar? — perguntou ela quando se separaram.

— De certeza que sou bem-vindo? Não fiz as leituras exigidas.

Ela assentiu com a cabeça e voltou a esticar-se em bicos dos pés, puxando-o para baixo. O braço dele estava firme em torno da sua cintura e ele beijava-a profundamente, mas depois recuou e abanou a cabeça.

— Não. Não me aproveito de snobes literárias embriagadas. É uma regra.

— É? — Nina estava confusa. — Quem disse?

— Eu. — Ele virou-a gentilmente e apontou-lhe a casa. — Vai lá. Fico a ver se chegas inteira.

Ela caminhou para casa, gerindo muito bem as escadas, e uma vez no interior abriu a janela. Ele ainda estava na entrada.

— Olá — disse ela.

Ele sorriu-lhe.

— Olá.

— Achas que solte o cabelo?

Ele abanou a cabeça.

— Não é suficientemente comprido para chegar aqui, por um lado. Por outro, nunca me pareceu que isso fosse uma boa ideia. Porque não cortar o cabelo, entrançá-lo em cordas e fazer uma verdadeira escada? Não era assim tão difícil.

— Mas seria menos romântico. E uma história muito mais curta. Ele encolheu os ombros.

— Sim, mas seria bastante fixe se a não sei quantas fizesse a sua própria escada e fugisse, não achas?

— A Rapunzel?

— Se tu o dizes. — Virou-se para se ir embora, mas deteve-se e

voltou a olhar para Nina, com um halo criado pela luz de leitura.

— Gostava de voltar a ver-te.

Nina inclinou majestosamente a cabeça.

— Estou disposta a pensar nisso.

— Não me avassales com o teu entusiasmo.

— Está bem.

— Então, adeus.

Ele entrou no carro e arrancou, acenando pela janela.

— Então, adeus — disse Nina, vendo as luzes afastarem-se.

Depois fechou a janela e foi para dentro.

— *Phil* — disse para o gato, que andava de um lado para o outro, à espera da comida. — Acho que conheci alguém.

— Isso é fantástico — disse o gato. — Tenho fome.



Enquanto conduzia, Tom pegou no telemóvel e ligou a Richard, o seu irmão mais velho.

— Acho que conheci alguém — disse ele, assim que ouviu o irmão atender.

— Olá, Tom — disse o irmão secamente. — Como estás? É tarde, já reparaste?

— Estou-me a passar — disse Tom. — Por isso é que estou a ligar.

— Se só conheceste alguém, estás a passar-te porquê? Guarda a cautela para quando já tiveres dormido com ela algumas vezes e ela se revelar uma completa lunática e tiveres de arranjar maneira de te livrar dela. Aí, sim, podes passar-te.

— Olha, tu e eu não somos a mesma pessoa — disse Tom. — Eu tento perceber como estão de saúde mental antes de dormir com elas.

A voz do irmão era sarcástica.

— Então e a Annika?
— Foi uma exceção. Todas as regras têm a sua exceção.
— Mas nem todas as mulheres precisam de uma ordem de afastamento.

— Ela tinha um cabelo lindo.

— Pois tinha. Antes de o rapar e de to mandar pelo correio.

Tom percebeu que não estava a prestar qualquer atenção à condução e encostou.

— Esta rapariga é diferente.

Ouviu o suspiro do irmão do outro lado da linha.

— Conta-me.

— Trabalha numa livraria.

— Estar empregada é bom. Ser literata é bom.

— É pequenina e tem o cabelo cor de castanha.

— Oh, caramba, já estás a ficar lírico. Queres dizer que é ruiva?

— Não, morena, mas com uns laivos arruivados. Como quando a Amelia punha *henna* no cabelo.

— Essa rapariga põe *henna* no cabelo?

— Não, é mesmo dessa cor.

— A Amelia também dizia que era a sua cor natural.

Tom franziu a testa.

— Olha, o que a nossa irmã fazia é irrelevante. A Nina tem cabelo castanho-avermelhado, os olhos são cor de avelã e ela é linda e pequenina.

— Já disseste que era pequenina. Tem menos de um metro e vinte? — Fez uma pausa. — Estás a preparar-me para alguém que precisa de uma almofada na cadeira ao jantar?

— Não, mas é mais pequena do que, por exemplo, a Rachel. — Rachel era a noiva de Richard.

— A Rachel tem um metro e setenta e cinco. É tudo menos pequenina. — A voz de Richard era divertida. — Também não havia problema se tu namorasses com alguém que precisasse de

uma almofada para a cadeira, desde que não fosse mesmo uma criança. As coisas boas vêm em todos os tamanhos, não é verdade?

Tom emitiu um ruído de frustração.

— Richard, ela tem uma altura normal. É bonita e nem sei porque é que te estou a falar dela. E é mesmo inteligente, talvez demasiado inteligente para mim.

— Isso é bom. Tens tendência a namorar com mulheres que são demasiado boazinhas. — Tossiu. — Ou totalmente malucas.

— Chama-se Nina.

— Já me disseste. Dormiram juntos?

— Não. Beijámo-nos, ela convidou-me para entrar, mas eu disse que não.

— Porquê?

— Ela estava um bocadinho bêbeda. Não muito, mas um bocadinho.

— Ah, sim. Conheço a tua ridiculamente rígida opinião em relação a isso. Então, o que é que vais fazer agora?

— Vou ao trabalho dela e convido-a para sair. — Ele nem sabia que tinha um plano, mas parecia ter.

O irmão riu-se.

— Ótimo. Vens jantar este fim de semana? Quero que conheças a família da Rachel. É ridículo que ainda não se tenham encontrado.

— Concordo. Mas pensando na forma como conheceste a Rachel e decidiste casar com ela, tipo, no espaço de um mês, estamos todos com problemas em acompanhar.

— Acho que a atração imediata é uma fraqueza de família.

— É melhor do que ter fenda palatina.

— Isso é genético?

— Não faço ideia. Vê no Google. Vou ver se consigo ir este fim de semana. Vou tentar.

— Certo. Boa sorte com essa rapariga. Espero que não seja uma perseguidora louca, como a última.

— És hilariante.

— É o que me diz a minha futura mulher.

— Provavelmente, quando tiras as calças.

— E agora és um cómico. Adeus, Tom.

Tom despediu-se e desligou, sorrindo. Depois reparou que tinha parado diante de uma loja de dónutes, por isso entrou e comprou um *cruller*. Afinal, ele era um homem de ação.

Hoje é o dia

DATA Quarta-feira, 15 de maio S T Q Q S S D
△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho



Yoga

Clube de leitura



LISTA DE AFAZERES

☐ Limpar o frigorífico

☐

☐ Compra comida

☐

☐ de gato ou ele come-te

☐

☐ enquanto dormes

☐

☐

☐



OBJETIVOS

Namorado?

NOTAS

Fazer mais yoga

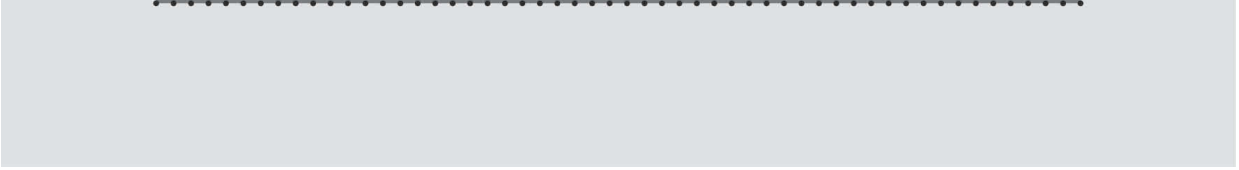
Ler mais poesia

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO



Catorze

.....

Em que Nina fica a saber mais acerca da sua família.

Apesar do desejo fervoroso de Nina de que a família Reynolds desaparecesse e nunca mais voltasse, ficou contente quando Peter tornou a contactá-la.

— Não tens de gostar de nós todos — disse ele. — Mas acho que tu e eu devemos ser amigos, nem que seja só por precisarmos de alguém para falar sobre artigos de papelaria. — Clareou a garganta. — Ou será «de alguém com quem falar sobre artigos de papelaria»?

Nina sorriu. Ele tinha-lhe ligado quando ela ia a caminho do trabalho na manhã a seguir ao desastre do concurso, e ela ficara contente ao ver o nome dele no ecrã.

— Acho que não importa. A segunda é mais correta, mas acho que a primeira é aceitável entre amigos.

— Ou parentes?

— Ou parentes. Até permitirei o uso e abuso de advérbios de modo.

Ele riu-se.

— Permites realmente que as leis da gramática sejam literalmente e efetivamente suspensas?

Ela estremeceu.

— Ai, já chega. Dói mais do que eu pensava.

O tom de Peter mudou.

— Peço desculpa pela Lydia. Depois de saíres da reunião, o Sarky basicamente disse-lhe que ela não te pode obrigar a fazer

um teste de paternidade e que, do ponto de vista legal, não tem fundamentos. Ninguém ficou do lado dela, tirando a mãe e a avó Alice, por isso ela acabou por virar costas e ir-se embora. — Ele suspirou. — A tua existência causou algum choque, mas eu pensava que quem ia ficar chateado era o Archie.

— Parecia um pouco irritado quando nos conhecemos, mas uma sandes de queijo melhorou as coisas.

— Melhora sempre. Mas o Archie está demasiado distante neste momento, por causa do bebé.

— Ele tem um bebé?

— Ainda não. Não reparaste que a Becca está muito grávida? Acho que ela não se levantou. O filho dele tem 2 anos, e o bebé pode nascer a qualquer momento. Acho que ele não anda a pensar muito no pai.

Mas Peter estava enganado.



Quando Nina saiu do trabalho, ao final do dia, Archie Reynolds estava na rua à sua espera. Mesmo só o tendo visto duas vezes, foi um prazer ver a cara dele. O seu irmão mais velho. Mais vale tarde do que nunca.

— Olá, mana. — Saudou-a com um ligeiro sorriso.

Ela ia apertar-lhe a mão, mas depois percebeu que era estúpido e abraçou-o. Era uma das vantagens de ter família em que ela nunca pensara: mais abraços. Depois de Louise se ter mudado, não havia ninguém que ela pudesse realmente abraçar. Os amigos abraçavam-na quando chegavam e se despediam, mas ela não podia propriamente encostar-se a Polly na livraria durante 20 minutos. Desfez o abraço com Archie e percebeu que estava ligada a alguém que não teria escolhido numa linha de identificação duas semanas antes. Talvez acabasse por se

acostumar a isso. As coisas mais normais começavam por ser estranhas: a eletricidade! A água corrente! Ver TODOS os episódios de seguida.

Por seu lado, Archie observava-a atentamente, vendo elementos da cara do pai no rosto dela, perguntando-se se era normal ter estado naquela livraria tantas vezes e nunca ter notado essas semelhanças. Ele já devia ter visto Nina. Quando o filho nasceu, iam à Knight's um ou dois fins de semana por mês, depois do mercado biológico. Devia ter falado com ela, decerto que lhe sorrisse, lhe comprasse livros, sem pensar nela por mais de um momento. Quantas pessoas encontramos todos os dias que podem estar relacionadas connosco, ou simplesmente pessoas que podiam ter-se tornado os melhores amigos da nossa vida, ou os nossos segundos cônjuges, ou agentes da nossa destruição, se apenas passássemos mais de uns segundos com elas? Percebeu que estava a olhá-la fixamente.

— É estranho, não é? — Nina também estivera a olhá-lo fixamente. — Tudo isto é mesmo um pouco perturbador.

Archie assentiu com a cabeça.

— É. Eu queria falar contigo. Estás com pressa de ir a algum lado?

Ela ia a caminho da aula de yoga, mas qualquer desculpa para não se sentir rígida e desajeitada era bem-vinda. E, para dizer a verdade, ela só ia para, mais tarde, quando chegasse ao clube de leitura, poder dizer que tinha estado na aula de yoga e não se sentir mal por comer todas as bolachinhas ou *cupcakes* que lhe apetecesse.

Abanou a cabeça.

— Não, não estou com pressa nenhuma. Queres café? — Apontou para o outro lado da rua. — Podemos ir ao nosso sítio habitual.

— Excelente. — Archie virou-se para atravessar a estrada. Abriu

a porta do café e disse: — A propósito, toda a família devia estar de cabeça baixa de vergonha por deixar a Lydia tratar-te daquela forma ontem. — Segurou-lhe a porta. — Peço desculpa.

— Não faz mal — disse Nina. — A Lydia é sempre assim?

— Agressiva e ridícula? — Ele riu-se. — Sim, quase sempre. Não está a adoçar com a idade, isso é certo.

Sentaram-se à mesma mesa. Vanessa não estava a trabalhar nesse dia, mas Nina acenou a Andi, outra empregada de quem gostava muito. Andi sorriu-lhe e levou-lhes a lista.

— Sei que não precisas, porque provavelmente a conheces melhor do que eu, mas talvez o teu amigo...

— Acho que só quero café, obrigado. — Archie ainda tinha alguma dificuldade em tirar os olhos de Nina.

— Eu também — disse Nina.

Archie pigarreou.

— Sabes, se as coisas tivessem sido diferentes, teríamos crescido juntos. Tu és só alguns meses mais nova do que eu. Porque é que a tua mãe não quis que nos conhecêssemos?

Nina ficou surpreendida.

— Para ser franca, acho que ela não pensou nas coisas dessa maneira. — Encolheu os ombros. — Com ela, é difícil saber. Não é muito aberta em relação às suas motivações. Quando lhe perguntei a mesma coisa, disse que não achava que o teu pai fosse um bom pai.

— Ele também era teu pai.

— É o que me estão sempre a dizer. Mas não acho que a simples biologia transforme alguém em pai. Não é preciso ser mesmo pai a sério? Quero dizer, ele forneceu o esperma, mas, depois disso, mais nada. Sempre pensei que a paternidade fosse mais ativa do que isso.

Archie ficou calado enquanto Andi pousava os cafés na mesa.

— Disseste que a tua mãe estava sempre fora quando eras

miúda.

— Ainda está.

— Mas consideras que ela é tua mãe, apesar de outra pessoa ter desempenhado a maior parte das funções de maternidade.

— Isso é verdade. — Nina encolheu os ombros. — Acho que há tantas formas de ser mãe como há mães. A minha não esteve presente fisicamente, mas mandava muitos postais fixes. — Os postais tinham sido uma presença constante na infância de Nina, que ela quase esquecera. Apareciam uma ou duas vezes por mês, com uma mensagem breve («Ias odiar isto aqui», ou «Cheira tudo a queijo», ou «Estou a vomitar há dias, mas o tempo está bom»), e assinados Mãe com uma grande caligrafia floreada. Ela e Louise observavam o selo, viam a imagem e colavam-no no frigorífico. Perguntou-se onde estariam eles agora, depois lembrou-se de que tinha recortado os selos todos para os dar a um rapaz de 15 anos por quem tinha um fraquinho. Falhanço trágico no que toca a estratégia de sedução: ele olhara para ela com estranheza, agradecera-lhe e nunca mais lhe falara, e agora ela não conseguia lembrar-se do que tinha feito aos postais. Voltou a dar atenção a Archie.

— Mas o teu... o nosso... pai... nunca sequer ouvi falar dele até há duas semanas. Para um traidor em série, era um homem de palavra. — Sorriu tristemente.

Archie não sorriu.

— Estou mesmo a tentar compreender isso, mas está a ser difícil perceber porque é que está a ser difícil compreender, não sei se me acompanhas. Ele traiu a primeira mulher. Porque é que não haveria de trair a minha mãe?

Nina fez uma careta.

— Porque a amava?

— Acho que as traições dele não tinham nada que ver com as suas mulheres ou com o que sentia por elas. Acho que ele gostava

de outras mulheres e era egoísta em relação a isso. Falámos sobre isso uma vez, quando eu já era crescido e estava quase a casar. A minha mulher é... — Corou, de repente. — Muito bonita, como viste no outro dia. Eu estava profundamente apaixonado quando nos casámos, e, na verdade, ainda estou. Mas o pai levou-me a jantar e disse-me que, um dia, eu iria traí-la.

— Como é que ele sabia?

Archie franziu a boca.

— Não sabia. Acreditava genuinamente que todos os maridos o faziam, e talvez todas as mulheres também. Disse que o apelo de carne nova era demasiado forte. Deixou implícito que não valia a pena resistir.

— Isso parece um exagero. O que é que lhe dava tanta certeza?

— Não sei bem. Ele tinha aquela crença central da importância do sexo, acho eu. Achava que era a força motriz por trás de todas as grandes histórias, todos os grandes eventos.

— Discordas?

— Não sei. Acho que era a força motriz *dele*. — Olhou-a. — Atenção, ele teve muito de tudo: sexo, mulheres, cigarros, dinheiro, bebida. Ele bebia muito, sabes disso, não sabes? Era um alcoólico. Eu não o percebia quando era miúdo, mas olhando para trás, é óbvio. Era muito ansioso de manhã, acordava a tremer e escondia-se muito na casa de banho. A minha mãe dizia que ele tinha falta de açúcar no sangue, levava-lhe sumo de laranja e tratava-o como um bebé. — Bebeu café. — Mas, na verdade, ele estava de ressaca e à espera de poder ir para o escritório para tomar uma bebida.

— Fantástico — disse Nina. — Nesse caso, ainda bem que não bebo muito. — Ocorreu-lhe uma súbita memória do beijo de Tom.

Archie assentiu com a cabeça.

— Acho que tanto a Becky como a Katherine pararam de beber muito jovens; quanto aos outros, não sei. — Acabou de beber o

café e olhou em volta à procura de Andi. — É genético, sabes.

Nina assentiu.

— E fizeste-o?

— Fiz o quê?

— Traíste? A tua mulher?

Ele abanou a cabeça.

— Ainda não. Mas agora que sei da tua existência, receio que esteja predestinado, como a bebida. Se ele não se conseguia controlar, talvez aconteça o mesmo comigo. Eu não achava isso, mas tu abalaste um bocado o que eu dava por garantido. — Cruzou o olhar com o de Andi e, com um gesto, pediu mais café para ambos. — Desculpa, eu sei que a culpa não é tua.

Nina encolheu os ombros e insistiu.

— Mas tu achavas que ele não tinha traído a tua mãe. Achavas que podia haver exceções.

— Sim, por ela ter morrido tão nova, percebes? Pensei que ele podia ter mantido as calças vestidas por algum tempo. Mas não o fez, nem pensar. Traiu-a com a tua mãe, e sabe-se lá com quem mais, e isso foi anos antes de ela adoecer.

— Sim, mas olha para mim. A minha mãe não consegue ficar no mesmo sítio mais de um mês, e eu mal saí do estado onde vivo. Lá porque ele era um cabrão, tu não tens de ser.

— Talvez não.

Nina tentou mudar de assunto.

— Quando nasce o teu bebé?

— No mês que vem. — Archie pegou no telemóvel e mostrou-lhe algumas fotos. — Este é o meu filho, o Henry, e esta é a Becca.

— A foto mostrava um menino adorável, com óculos pequeninos, e a bonita mulher loura que ela vira no escritório do advogado, ambos a sorrir para a câmara como idiotas.

— Parecem felizes.

— E são — respondeu Archie. — E que fiquem assim por muito

tempo. — Pousou o telemóvel e coçou a cara com a mão. — Alguma vez receias estragar as coisas?

— Que género de coisas? Bem, claro que sim, o tempo todo, mas o quê, especificamente?

— Receio perder o controlo da minha vida, cometer um erro gigantesco e ir tudo pelos ares. Não sei porquê, mas as coisas têm sido difíceis, com a Becca grávida e o Henry só com dois anos, e o trabalho... — Pousou as mãos no tampo da mesa, mas não a tempo de impedir que Nina notasse que tremiam.

— Sofres de ansiedade? — perguntou ela.

Ele confirmou.

— Sim. Dantes era pior, mas agora tomo medicação. E tu?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

— Sim. Tenho *Xanax*, para quando é mesmo mau, e por vezes é mesmo mau. Desde que eu esteja a controlar as coisas, tudo bem, mas não me dou bem com surpresas. — Respirou fundo. — Sou facilmente abalada, acho que se pode dizer isso. Sinto que não tenho um poço fundo de calma. Sinto que fui levemente orvalhada com calma, e esta não leva muito tempo a evaporar. — Sorriu. — Também não sei se esta metáfora vai durar muito.

Ele sorriu-lhe.

— A minha mulher tem o poço fundo de calma em nossa casa. Ela é o Lago Calmo, na verdade. Eu sou mais como tu. — Encolheu os ombros. — O pai não era mesmo nada calmo; na verdade, funcionava a alta rotação, e depois o sangue dele misturado com o cianeto que percorre as veias da Alice produziu a Katherine, que é verdadeiramente horrível, mas também a Becky, a mãe do Peter, que é a mulher mais bondosa do planeta. Uma geração abaixo tens o Peter e a Jennifer, que são fantásticos, mas também tens a Lydia, que é totalmente maluca. A genética é engraçada, não é?

Nina pôs as mãos em cima da mesa, diante das dele.

— Também temos mãos semelhantes, olha.

— As minhas são maiores.

Ela olhou-o.

— Não me digas, Sherlock.

Ele riu-se.

— Nem sei porque estou a contar-te isto tudo.

— Porque sou tua irmã?

— Pois, acho que sim. E não podes deixar de ser minha irmã, mesmo sabendo o quanto fico ansioso. Eu... senti que talvez compreendesses. — Examinou o tampo da mesa.

Andi trouxe os cafés. Nina deu um gole e limpou a espuma do lábio com a manga.

— Compreender porque é que estás abalado por, de repente, descobrires algo perturbador acerca de um tipo que, sejamos francos, já tinha causado uma série de problemas ainda antes de isto acontecer? — Ele fez que sim com a cabeça e ela prosseguiu: — Alguém não compreenderia? Há cerca de uma semana, eu pensava que era filha de um homem corajoso, criativo e brilhante que viajava por todo o mundo, e nunca compreendi porque é que era tão tímida, nervosa e com tão pouca vontade de viajar para fora do meu código postal. Agora sei de onde vem uma parte disso, mas também que herdei um potencial problema de alcoolismo e uma incapacidade de permanecer fiel, por isso, não é lá muito bom, estás a ver?

Archie sorriu de repente, e quem quer que os estivesse a observar perceberia imediatamente que eram familiares.

— Sim, é mesmo isso. E também deves ter herdado dinheiro, claro está.

— Não confirmado. E não, se a Lydia conseguir o que quer.

Archie revirou os olhos.

— A Lydia está sempre zangada, tu és só o foco do momento. É uma pena, porque ela é mesmo brilhante. O cérebro dela é de

gênio, mas infelizmente usa-o sobretudo para armazenar insultos e injúrias imaginários.

— Isso é fantástico. Vocês são uma família maravilhosa. — Nina empilhou em torre uma série de pacotes de açúcar.

— Nós somos — disse Archie com um sorriso. — Também é a tua família. — Estendeu o dedo e derrubou a torre de pacotes de açúcar.

— Não vai ser, se eu não quiser que seja. — Nina deu-lhe uma palmada na mão e começou a reconstruir a torre.

Archie pediu a conta.

— Boa sorte para descalçares essa bota. — Olhou para as mãos dela. — És solteira?

— Muito. Não tenho tempo para namorados neste momento.

— Isso é triste.

— É? — Nina pensou em Tom. — Conheço pessoas, mas ninguém por quem eu queira prescindir de algo.

— A tua vida é assim tão cheia de excitação e aventura?

— Estás a brincar? Tenho um clube de leitura semanal, uma noite regular de cinema, pratico exercício físico pelo menos uma noite por semana, tenho um gato... Vivo uma vida de sonho.

Ele riu-se e pagou a conta.

— És uma mulher de sorte.

— Pois, e agora tenho-vos a vocês para aturar. Um homem tinha de ser muito especial, para caber na minha vida.

Archie levantou-se e espreguiçou-se exatamente como Nina fazia.

— Bem, talvez um de nós possa apresentar-te alguém por quem valha a pena cancelar o clube de leitura.

Nina seguiu-o para fora do café.

— Duvido seriamente. Já ouviste dizer que os factos são mais estranhos do que a ficção?

— Claro.

— Bem, também são muito menos atraentes. Vou contentar-me com a minha vida amorosa ficcional, obrigada.

Archie parou no passeio.

— Estacionei aqui. Queres boleia para casa?

Nina abanou a cabeça.

— Não, obrigada. Gosto de andar.

— Tudo bem, falamos mais tarde. — Ele abraçou-a e, nesse breve abraço, ela sentiu uma quente e reconfortante aceitação. Por muito má que Lydia fosse, sem dúvida que Archie e Peter compensavam. Ela nunca tivera irmãos, obviamente, e nunca namorara com um homem tempo suficiente para chegar ao ponto de o dar por garantido e abraçá-lo sem qualquer razão além do afeto, e de repente sentiu-se exultante por ter isso na sua vida. *Tenho um irmão mais velho, pensou de novo. Sou uma irmã mais nova.*

Viu o irmão subir a rua com um andar estranhamente familiar. Viu as horas. Fantástico, a aula de yoga já tinha acabado, por isso ela podia ir para casa, dar comida ao gato, enfiar-se numa daquelas coisas que não se percebe se são um pijama ou umas calças confortáveis e ir para o clube de leitura em casa da amiga.

Sim. Nina Hill estava a viver uma vida de sonho.

Hoje é o dia

DATA *Quinta-feira, 16 de maio* S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho

NADA ♥



LISTA DE AFAZERES

- ☐ *Leite*
- ☐ *Atum*
- ☐ *Comida de gato*
- ☐ *Pão*
- ☐ *Papel higiênico*
- ☐ *Champô*
- ☐ *Gel de banho*
- ☐
- ☐
- ☐

OBJETIVOS

*Melhorar
caligrafia*

NOTAS

Sarayan

+ PEQUENO-ALMOÇO

Não

+ ALMOÇO

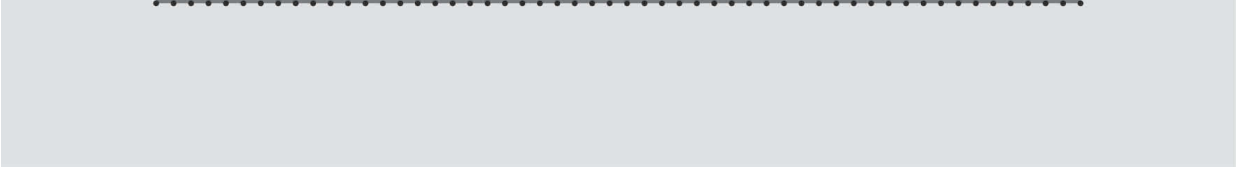
Faço

+ JANTAR

Deixa

+ EXERCÍCIO

Nenhuma



Quinze

Em que Nina é demasiado organizada para o seu gosto.

As quintas-feiras eram o dia favorito de Nina. Depois do trabalho, nunca marcava nada. Literalmente, entre as 18h00 e as 22h00 tinha escrito *Nada* na sua agenda. O que na verdade significava ler, porque quando não tinha nada para fazer, lia. Por vezes, tentavam convencê-la a fazer outra coisa, mas ela era ferozmente defensiva do seu nada.

Então, quando levantou os olhos da pilha de livros que estava a repor nas prateleiras e viu Tom entrar na loja, o seu primeiro pensamento foi que não podia sair com ele nessa noite, porque tinha de fazer nada. O seu segundo pensamento foi que ele nem sequer a convidara para sair e ela não tinha razões para pensar que o fizesse. O terceiro pensamento foi que aparentemente estava a ficar um pouco convencida e tinha de se controlar. E o seu quarto e último pensamento naquele desfile de pequenos pensamentos foi que ele estava a dirigir-se a ela e o melhor era dizer-lhe *olá*.

— *Olá* — disse. Ele era mais alto do que ela se lembrava. Ou então ela tinha encolhido.

Ele sorriu-lhe.

— *Olá*.

— Estás à procura de um livro?

Ele abanou a cabeça.

— Não sou uma pessoa de livros, lembrás-te? Não sou iletrado, só não leio muito. — Levantou as mãos. — Desculpa.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Talvez ainda não tenhas encontrado o género certo de livro.

— Também não estou a tentar com muita força — disse ele com naturalidade. — De qualquer maneira, vim ver se querias ir jantar.

— Ele estava impressionado com o seu tom descontraído e seguro. Não havia qualquer hipótese de ela saber que estava tão nervoso como uma mosca míope numa convenção de aranhas. *Estava a arrasar.*

— Hum... está bem. — *Boa, Nina, que entusiasmada soas.*

Bem, ela não parece muito interessada, mas vamos insistir.

— Que dia dá para ti? — Ele lembrou-se da sensação dela nos seus braços, do beijo, do convite... Parecia que essa rapariga não tinha vindo trabalhar hoje.

— Deixa-me ver a minha agenda. — Nina depositou os restantes livros no balcão para procurar a agenda.

— Caramba — disse Tom, quando ela a tirou de trás do balcão.

— Essa é uma agenda a sério. — Pensou na sua própria agenda, que era uma pequena secção do seu cérebro que raramente tinha que fazer. Se tivesse mais de duas ou três coisas para se lembrar, talvez as anotasse numa nota adesiva, mas era só isso. *Esta rapariga pode ser um bocadinho organizada demais para mim. Como é que ela será na cama? Dois minutos neste mamilo, por favor, depois 40 segundos de...*

Nina olhou para a agenda como se a visse pela primeira vez. Era grande e estava cheia de acessórios. Tinha marcadores de livros a espreitar de vários pontos, tinha fitas e separadores, tinha uma bolsinha cheia de materiais de organização.

— Gosto de ser organizada — respondeu ela. — É só... — Abriu a agenda naquela semana e Tom franziu a testa ao ver como a folha estava preenchida.

— Bolas — comentou. — Estás muito ocupada.

— Sim — concordou Nina, sentindo-se de repente um pouco embaraçada. — Hum, esta semana não me dá muito jeito. Que tal na próxima semana? — Passou algumas páginas. — Não, também está muito cheia.

Tom analisou-lhe o rosto enquanto ela consultava a agenda. Tinha o nariz direito e delicado, salpicado de sardas. Tom tinha uma vida amorosa relativamente ativa — era um homem de 30 anos, atraente, em Los Angeles —, mas há muito tempo que não se apaixonava por ninguém. Gostava das mulheres com quem saía, mas nenhuma delas lhe prendera a atenção como esta. Pensava nela, perguntava-se como seria a sensação da sua pele, como é que a sua mão lhe assentaria na cintura, como seria segurá-la de encontro a si... Enrugou a testa e tentou concentrar-se na pessoa real que estava à sua frente e não na versão para adultos que, de repente, tinha na cabeça.

Nina levantou os olhos e encontrou Tom a fitá-la atentamente. Corou.

— Hum... que tal daqui a três semanas? Tenho uma sexta-feira à noite...

Tom voltou brutalmente à realidade.

— Três semanas? — Estava confuso, abalado. — A sério?

— Sim. — Ela voltou a olhar para a semana em que estavam.

Ele inclinou a cabeça para ver a folha.

— Espera, então e aqui? — Pousou o dedo na página. — Diz aqui que não tens literalmente nada para fazer esta noite.

Nina abanou a cabeça.

— Na verdade, nada significa alguma coisa.

Ele olhou-a.

— Isto é, significa alguma coisa para mim, significa ler.

— Tens leitura obrigatória?

— É o meu trabalho. — *E prefiro ler a qualquer outra coisa, mas*

isso não é relevante.

— Espera, e aqui? — Apontou a entrada que dizia *Noite de Filme*.
— Podíamos ver um filme juntos. — Parecia triunfante. — Já tens um bilhete.

— Bem visto — respondeu Nina —, mas não este fim de semana. Vou ver o *Aliens* com as minhas amigas. Já está marcado.

— Então, e na semana seguinte? — De repente, Tom sentiu-se constrangido. Se Nina não queria sair com ele, não ia continuar a pressionar. Ele também não estava à espera de que ela fosse logo limpar a sua agenda para ele, mas um pouco de interesse mútuo seria agradável.

Ela passou algumas folhas para a frente.

— Não, vou a uma maratona de filmes da Jane Austen com a Liz, a minha chefe. — Olhou-o e sorriu. — *Orgulho e Preconceito*, *Emma* e *Sensibilidade e Bom Senso*. Fantástico, não é?

— Hum, claro. — Talvez a ideia não fosse tão boa como ele julgara. Talvez aquela rapariga, afinal, não fosse ideal para ele. Ele não tinha lido Jane Austen, não tinha visto nenhum daqueles filmes, não gostava de ler, não gostava de ser organizado, não gostava de saber o que cada minuto do dia lhe reservava para a semana seguinte, muito menos para o mês seguinte. Mas depois ela mexeu a cabeça e lá estava outra vez aquele cheiro, a mel e limões, e ele soube que ainda queria sair com ela. Queria saber se conseguiria ultrapassar aquela camada organizada. Nina continuava a folhear a agenda.

— Mas pode ser na semana seguinte, provavelmente.

Provavelmente.

— Tens uma folha de papel? — perguntou Tom, com o sorriso a esmorecer.

Nina arranjou um papel e entregou-lho, franzindo a testa. Ele tirou uma caneta do frasco ao lado da registadora e escreveu. Entregou-lhe o papel.

— É o meu número. Se tiveres um cancelamento, telefona-me. Eu vejo se te posso encaixar.

Virou-se e saiu da loja, tentando esconder o seu desapontamento, e — pelo menos do ponto de vista de Nina — sendo bem-sucedido.

— Bem, isso é um disparate — disse Polly mais tarde, quando Nina lhe contou.

Nina olhou para ela, na dúvida.

— É? Ou sou eu que sou chata por estar demasiado agarrada à minha agenda?

Polly era uma pessoa imparcial.

— Pronto, isso também. Quero dizer — acrescentou rapidamente —, não estou a dizer que és chata, estou a dizer que por vezes ficas um pouco obcecada com a tua agenda.

— Fico?

Polly encostou-se à estante mais próxima e respondeu que sim com a cabeça.

— Lembras-te daquela vez que houve uma inundação no clube de *spin* e tu ficaste completamente passada porque tinhas marcado uma sessão e não sabias se conseguias encaixar outra coisa?

Nina afastou-a da estante, endireitou os livros e fez-lhe cara de má.

— Bem, o *spin* leva 82 minutos, e era exatamente esse tempo que eu tinha atribuído.

— Exatamente. Só o facto de saberes que o *spin* leva 82 minutos... — Polly fez uma pausa. — Espera. As aulas de *spin* são de 45 minutos.

Nina confirmou.

— Sim, mas eu demoro 3 minutos daqui até lá, 7 minutos a

mudar de roupa, 1 minuto a ajustar a bicicleta e a ir buscar uma toalha, 2 minutos para arrefecer o suficiente e depois poder sair do ginásio sem escorrer suor para cima de tudo, 14 minutos a chegar ao Chipotle e comer uma salada e mais 10 minutos para chegar a casa.

— Como diabo podes prever que o jantar vai demorar 14 minutos? E se houver uma grande fila? E se o bar de saladas pegar fogo?

— Eles não têm bar de saladas. Além disso, a alface não é o motor de combustão que tu pensas.

Polly ficou exasperada.

— A questão não é essa. Estou a dizer que a vida é imprevisível. Pode acontecer uma série de coisas aleatórias.

— Claro — disse Nina. — O meu plano baseia-se em médias e experiência. Uma coisa demora um certo tempo, na maioria das vezes, por isso planeio em conformidade. Posso ser flexível. Posso ir com a onda.

Polly riu-se desdenhosamente.

— E quando o *Phil* teve lombrigas e tiveste de o levar ao veterinário?

— Isso é um grande exemplo — disse Nina, começando a ficar um pouco irritada. — Nesse dia, limpei completamente a minha agenda. Sem qualquer hesitação.

Polly riu-se.

— Sim, porque não conseguiste perceber como reagendar tudo para encaixar a consulta no veterinário e preferiste cancelar tudo.

— Aonde é que queres chegar?

— Quero provar que és inflexível. — Polly sorriu para Nina. — E que preferes deitar tudo a perder a gastar tempo a consertar as coisas. Mas isso não importa, de facto, a não ser que te importes de ter perdido um encontro por causa disso.

Nina abanou a cabeça.

— Ele também não era o homem certo para mim. Ele não lê.

— Ler não é a única coisa do mundo, Nina.

— É uma das únicas cinco coisas perfeitas do mundo.

— E quais são as outras quatro?

— Gatos, cães, maçãs caramelizadas e café.

— Mais nada?

— Claro, há outras coisas, até coisas boas, mas estas cinco são perfeitas.

— Na tua opinião.

— Sim, claro que é na minha opinião. Toda a gente tem cinco coisas perfeitas diferentes.

Polly pensou um pouco.

— Posso contribuir. As minhas seriam filmes, bife com batatas fritas, Jude Law aos 30, lençóis lavados à noite e canalização interior.

— As minhas seriam fazer lucro, manter uma livraria aberta, ter os livros nas prateleiras, as encomendas despachadas e empregadas que não se pusessem na conversa — disse Liz, aparecendo de repente atrás delas.

— Vês? — disse Nina alegremente, enquanto pegava numa lista de encomendas. — Toda a gente tem cinco.

Dezasseis

.....

Em que Nina lê, envia mensagens e volta a ler.

Há pessoas que não têm tempo para livros. Nina conhecera pessoas dessas. Normalmente entravam na livraria para perguntar direções e depois olhavam em volta, confusos, quando percebiam que estavam rodeados por aqueles estranhos papéis oblongos. Talvez tivessem vidas ricas em fantasia, ou talvez fossem criados por estrelas-do-mar que não tinham acesso a material impresso a seco, quem sabe, mas Nina criticava-as e sentia-se mal ao fazê-lo.

Ela fora sempre um ratinho de biblioteca. Havia uma fotografia pendurada na parede da sua casa de banho que a mostrava estendida num tapete algures, a dormir profundamente, rodeada de livros. Teria cerca de um ano. Nessa altura ainda viajava por todo o lado com a mãe, indo onde ela ia e dormindo onde ela dormia. Mas, mesmo nessa altura, a única coisa constante — à parte de Candice Hill e a sua máquina fotográfica, claro — tinham sido os livros. Nas suas prateleiras, algures, tinha *A História do Pedro Coelho* (a história única, não uma coleção) em inglês, francês, tagalog, russo, grego, hindi e gaélico. Mãe e filha não tinham visitado todos esses países juntas, porém, uma vez que Nina ficou instalada em Los Angeles, tornou-se uma espécie de ritual a mãe enviar-lhe o *Pedro Coelho* de onde quer que estivesse a trabalhar. Nina ainda dava por si ocasionalmente a procurá-lo em línguas que não tinha, embora lhe parecesse batota encomendá-los todos no eBay. Além disso, não tinha espaço nas

prateleiras.

O espaço nas prateleiras era sempre um problema para o amante de livros dedicado. Nina tinha três grandes estantes do chão ao teto, um golpe de sorte que deixava os amigos de boca aberta quando entravam no seu apartamento pela primeira vez. Uma estante estava preenchida com seleções do Livro do Mês, o que era um problema, porque eles continuavam a chegar — todos os meses, naturalmente —, mas o espaço começava a faltar. Louise oferecera-lhe uma assinatura quando ela completara 18 anos, e Nina tentara o mais possível restringir-se a um por mês, mas isso significava que tinha agora mais de 120 lindos livros de capa dura, só nessa secção. Outra secção era de livros autografados pelos autores; mais uma vez, uma boa centena. Era muito rígida acerca de só incluir livros que ela própria tinha pedido para assinarem, os que comprava já assinados não contavam. Numa estante totalmente separada, mais pequena e envidraçada, havia primeiras edições raras e impressões interessantes, o que era uma secção muito mais pequena porque Nina só ocasionalmente podia adquiri-los. Certa vez, uma cliente de alguma idade que há anos frequentava a Knight's levava-lhe uma primeira edição de *O Profeta*, de Kahlil Gibran, e metera-lho nas mãos.

— Estou velha demais para ler as letras impressas agora, Nina. Deve ficar com ela. Deram-mo quando eu era pouco mais do que uma criança e foi especial na altura. Acho que a minha mãe o comprou quando era jovem.

Nina ficou incrivelmente comovida.

— Mas não quer oferecê-lo ao seu filho? — Conhecera-o quando ele fora à livraria com a mãe, mas não se lembrava bem dele.

A senhora sorria e abanara a cabeça.

— Ele ficaria mais impressionado por valer algum dinheiro do

que pelo livro em si, e isso não está certo. Fique com ele, e eu sei que será estimado.

E foi, tendo sido cuidadosamente coberto com uma capa sem ácido e frequentemente admirado. Continha a frase favorita de Nina: *Falas quando deixas de estar em paz com os teus pensamentos*. Ela queria usá-la numa t-shirt, bordá-la numa almofada ou tatuá-la no pulso. Mas o problema com as tatuagens com muitas palavras é que as pessoas começam a lê-las e temos de ficar quietos até elas acabarem, depois elas olham-nos, franzem a testa e temos de explicar. É demasiada interação humana, além das agulhas, da dor, e do medo das agulhas e da dor. Por isso, nada de tatuagem, mas um bordado não estava fora de questão.

Outra parede era dedicada aos livros que Nina já tinha lido, que estavam obviamente ordenados, em primeiro lugar por ordem alfabética de autor e depois pela data de publicação. Alguns anos antes, enquanto recuperava de um desgosto de amor, comprara um pequeno *kit* de estampagem, fichas de biblioteca e bolsas para fichas de biblioteca, e passara cinco semanas seguidas a organizar a sua biblioteca. Afinal o seu coração estava apenas ligeiramente amolgado, e cinco semanas é exatamente o tempo que uma pessoa tem de passar a distrair-se até o perceber. Além disso, ela podia agora registar quantas vezes relia os seus livros ou, nas raras ocasiões em que tinha um amigo em quem pudesse confiar, quando os emprestava.

As bibliotecas eram os seus lugares favoritos e, quando viajava, começava sempre pela biblioteca local, identificando-se de imediato como uma completa *nerd*. Diz-se que nos lembramos sempre da nossa primeira vez, e Nina lembrava-se. Entrar na Biblioteca Central de Los Angeles para obter o seu primeiro cartão da biblioteca, quando tinha cerca de 8 anos, era uma memória que ainda estimava. O átrio de entrada da biblioteca era

lindo, como o de uma catedral, e Nina olhara em volta e percebera que nunca se lhe esgotariam as coisas para ler, e essa certeza encheu-a de paz e satisfação. Pouco importava as porcarias que acontecessem, enquanto houvesse no mundo livros por ler, ela estava bem. Estar rodeada de livros era o mais próximo que já se sentira de pertencer a um grupo. Os livros davam-lhe apoio, e a não ficção, pelo menos, revelava-se disposta a lutar.

Por isso, quinta-feira era a noite da leitura, a melhor noite. Ela tinha uma rotina: saía do trabalho, comprava o jantar, ia para casa, comia, tomava um duche, vestia o pijama e as meias especialmente fofas que pré-aquecia no micro-ondas, e depois enrolava-se no seu enorme cadeirão e lia até ficar com os olhos trocados.

Esta noite estava a ler *A Comédia Humana*, de William Saroyan. Liz ficara horrorizada quando Nina lhe disse que nunca lera nada dele, e praticamente obrigara-a a levar aquele livro para casa.

— Há quem diga que é demasiado sentimental, mas acho-o um dos poucos autores suficientemente corajosos para escrever acerca da beleza intensa do amor e da alegria, e da fealdade e medo que por vezes causam.

Nina arregalara-lhe os olhos, e Liz encolhera os ombros.

— Vês, é o tipo de afirmação que uma pessoa faz depois de ler Saroyan, não se consegue evitar.

Nina estava a apreciar o livro; a escrita era bonita, as personagens eram reais, as situações eram agridoces, mas já levava cerca de uma hora de leitura quando deparou com uma linha que a abalou de tal forma que teve de fechar o livro por um momento. «Sinto-me sozinho», disse o jovem personagem Ulisses, «e não sei para que é que estou sozinho».

Nina conhecia aquele duplo golpe: a emoção em si mesma e a frustração de não conseguir descrevê-la por palavras. Ela lera

algures que, se não se conseguia envolver uma experiência ou sentimento na linguagem, era porque vinha da primeira infância, antes do discurso, quando tudo era inexplicável e avassalador. Ela sentia-se muitas vezes assim quando estava sozinha numa multidão. Olhava para os rostos, e as ideias pairavam-lhe nos limites da mente, já fora de vista. Se tentasse captá-las, enterravam-se mais profundamente, como caranguejos na areia, avistados por um segundo, quando os sentimentos a inundavam, e que logo desapareciam.

Impulsivamente, pegou no telemóvel e tirou do bolso o papelinho com o número de telefone de Tom. Sem se dar muito tempo para pensar e mudar de ideias, enviou-lhe uma mensagem.

«Olá, sou a Nina. Da livraria.»

Depois fechou o telemóvel e voltou ao livro. Este vibrou. O telemóvel, não o livro.

«Olá.»

Hum, não era exatamente uma resposta inspiradora. Mas depois:

«Não conheço mais Ninas, por isso não precisas de te qualificar.»

Ela sentou-se e pensou por um momento, depois escreveu:

«Desculpa se te pareci bruta hoje.»

«Não faz mal.»

Ela sorriu secamente. Ele não estava a dizer não, não foste bruta, não te preocupes com isso. Estava a dizer sim, foste bruta, mas estou preparado para aceitar isso e seguir com a minha vida.

«Tenho muito em que pensar neste momento.»

«Foi o que me pareceu.»

Estaria zangado com ela? Era tão difícil por mensagem, o que a deixou a pensar se a dependência da sua geração em relação à comunicação escrita estava a torná-los melhores escritores ou apenas pessoas mais confusas. A linguagem corporal dizia tantas

coisas; as mensagens escritas eram sujeitas a mal-entendidos de todas as formas possíveis. Podia-se pensar que as pessoas se tornariam mestres em subtileza e vocabulário, para tornar as suas breves conversações mais precisas, mas ela não verificava essa tendência.

Ele enviou outra mensagem.

«Entre capítulos?»

Ele lembrava-se do que ela estava a fazer naquela noite, mas será que isso significava alguma coisa? *Apenas que ele tinha boa memória para reter um facto durante algumas horas, não procures demasiados significados nisso, Nina.* Baixou a meia fofa e esfregou a zona do elástico.

«Sim», respondeu ela. «Li uma coisa que me fez pensar em ti.»

Raios. Porque é que tinha dito aquilo? Agora ele ia perguntar o quê e ela tinha de inventar alguma coisa. Porque se lhe dissesse que tinha sido uma frase sobre a solidão, ia a) revelar demasiado acerca de si e b) mostrar que era uma falhada. Uma falhada solitária.

«É bom ter notícias tuas.»

Nina suspirou. Ele mudara de assunto, graças a Deus.

A alguns quilómetros de distância, sentado no banco de um bar e assistindo com pouca atenção a um jogo de futebol na televisão, Tom franziu o sobrolho. Ele queria perguntar-lhe o que tinha lido, mas receou que isso fosse desenvolver mais uma daquelas conversas em que ele se sentia um camponês analfabeto. Conseguiu esquivar-se a essa bala. E agora? Era a vez dela, por isso esperou.

Nina sabia que era a sua vez, mas não sabia bem o que dizer. Neste momento, tinha duas opções: continuar a conversa ou despedir-se. Se se despedisse, *Pronto, só queria pedir desculpa por hoje*, podia sentir-se melhor consigo mesma, mas teria de continuar a evitá-lo nas noites de quiz. Se continuasse a

conversa... Não sabia bem o que podia acontecer.

Ela voltou com uma pergunta.

«Que estás a fazer?»

«A ver futebol num bar, sozinho.»

Aparentemente, ele não tinha medo de ser visto como um falhado solitário, por isso, pontos para a sua confiança.

«Quem está a ganhar?»

«Eu não sou, de certeza.» Até na mensagem se percebia que estava magoado.

Nina sorriu. Tom acrescentou: «Contudo, os produtores de pistácio da Califórnia estão a ganhar terreno. Estou rodeado de cascas e sinto-me vagamente arrependido, apesar de estar a transbordar de vitaminas lipossolúveis.»

Ele estava a puxar a conversa da noite de *quiz*. Ela corou, pensando no beijo.

«Sabes que a Califórnia produz 98% dos pistácios na América?»

Houve uma pausa. Depois ele respondeu:

«E é um dos dois frutos secos mencionados na Bíblia.»

Ela ergueu as sobrancelhas, depois ele acrescentou:

«Também tenho *Wikipedia*.»

«Não estava a usar a *Wikipedia*. Tenho muitos factos na cabeça de que não me consigo livrar.»

«Isso deve incomodar-te. E explica o teu sucesso nos *quizzes*.»

«Sim.» Ela fez outra pausa. Apetecia-lhe falar acerca do campeonato de *quiz*? Apetecia-lhe falar acerca dos conteúdos da sua mente? Há uma coisa positiva nas mensagens: pode-se parar e considerar as ações, enquanto numa conversa cara a cara um silêncio de três minutos pode ser embaraçoso.

Nova mensagem de Tom:

«O que é que jantaste?»

Com isto, ela podia lidar.

«Sushi.»

«Hum, eu também.»

«Então, de certa forma, jantámos juntos.» *Mais uma vez, Nina, não foi uma grande resposta.*

«Mas de outra forma, mais literal e factual, não jantámos.»

«Verdade.» Ela reviu a conversa. Ele era mais rápido e engraçado do que ela esperava.

De repente:

«Olha, tenho de ir. Obrigado por dares notícias.»

E do nada, ele sumira-se. No bar a quilómetros de distância, Tom levantou-se para cumprimentar a mulher que aceitara o seu convite, apesar de desejar poder continuar a falar com Nina. Guardou o telemóvel, para não ir ver todas as notificações e ser malcriado. Foi duro, mas ele já era crescido e conseguiu.

Após um momento à espera, para o caso de ele voltar, Nina pôs o telemóvel ao lado da almofada da cadeira e pegou outra vez no livro.

Três horas depois, com o livro acabado e as bochechas um pouco rosadas porque era tão triste e maravilhoso e novamente triste, Nina levantou-se e espreguiçou-se. Sair de um livro era sempre doloroso. Ficou surpreendida por ver que as coisas tinham ficado nos seus lugares enquanto ela deambulava por outras cidades, outros tempos. *Phil*, que estivera o tempo todo a dormir ao fundo da sua cama, levantou a cabeça e pestanejou para ela.

— Vens para a cama? — perguntou em silêncio, bocejando até as pontas dos seus bigodes se tocarem.

Nina concordou e andou por ali um momento, a apagar luzes, a verificar a porta, a pensar em ir lavar os dentes e decidir que não se daria ao trabalho, esse género de coisa. Por fim, foi para a cama e voltou a levantar-se porque se sentia mal por não ter lavado os dentes e porque precisava do telemóvel para ligar o despertador. Lembrando-se por uma vez de onde o tinha

deixado, tirou-o de baixo da almofada da cadeira e viu que tinha perdido uma mensagem de Tom.

«Boa noite, ratinho de biblioteca», dizia.

Sorrindo, ligou o despertador e foi dormir.

Hoje é o dia

DATA Sábado, 18 de maio

S T Q Q S S D

△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

Trabalho

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Alien!!



LISTA DE AFAZERES

☐

Estás sem

☐

papel higiénico,

☐

sua heresia

☐

☐

☐

☐

OBJETIVOS

*Encontrar na net
o filme de
A Comédia Humana*

NOTAS

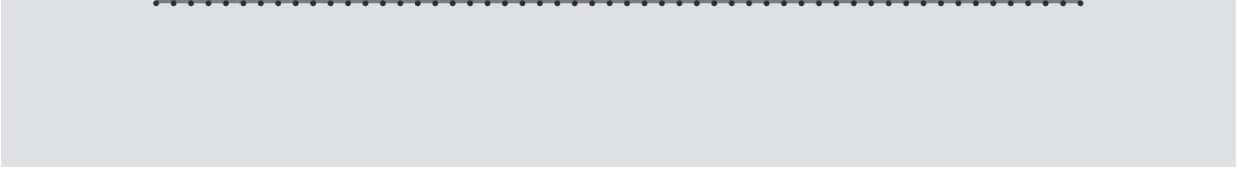
+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO

Petiscos de cinema



Dezassete

.....

Em que Nina janta com um novo amigo.

— Uma vez — disse Liz, deliciando-se com um croissant de chocolate —, tive de empurrar um tipo para fora de um táxi em andamento. Ele não aceitava um não como resposta e o taxista estava a prestar mais atenção à rádio do que a mim, e diga-se, em minha defesa, que não íamos muito depressa. Estávamos em Greenwich Village às onze da noite de uma sexta-feira. Íamos em marcha lenta, o tipo quase nem ressaltou.

— Ele ficou chateado? — perguntou Nina. Era sábado, num daqueles tempos mortos às quatro da tarde que acontecem por vezes. Polly e Nina estavam sentadas no chão atrás do balcão a organizar livros e a ouvir as histórias de Liz acerca de encontros que tinham corrido mal.

— Bem, telefonou no dia seguinte a perguntar se eu queria sair outra vez, por isso não deve ter ficado. — Liz virou-se e olhou pela montra, pensando nos seus 20 anos sem saudade.

— E tu saíste?

— Não. Perguntei-lhe se estava maluco e desliguei o telefone. — Liz sorriu. — Foi no tempo em que ligavas a alguém e tinhas de, fisicamente, levantar um auscultador para falar.

— Que esquisito — disse Polly.

— Sim — disse Liz —, não te podias esconder atrás de um véu de casualidade, como vocês fazem agora. Mas podias bater com o auscultador e desligar muito sonoramente, o que dava satisfação.

— Também podias ter uma vida privada, pensou, em vez de ser

assombrada para sempre por más decisões, mas decidiu não falar nisso. Afinal, os *millennials* até sabiam o que tinham perdido, simplesmente comparavam-no com tudo o que tinham ganho e decidiam que compensava.

Desconhecendo as reflexões filosóficas da chefe, Polly estremeceu.

— Uma vez acabei na cama com aquele tipo que tentava decidir se entrava ou não para um seminário católico, ou lá como é que se chama a escola dos padres. Pensei que lhe tinha fornecido umas convincentes quatro horas contra o celibato, mas no dia seguinte ele telefonou e disse que rezaria por mim.

— Caramba, convenceste alguém a ir para padre?

Polly encolheu os ombros.

— Talvez tenha pensado que depois de mim era sempre a piorar e tenha decidido retribuir ao mundo, depois de o mundo lhe ter concedido uma noite incrível comigo. — Não havia um vestígio de sarcasmo na sua voz, nenhuma modéstia.

Liz e Nina fitaram-na.

Polly não se envergonhou.

— Ou talvez fosse tudo uma artimanha para me levar para a cama. Não percebeu que teria bastado pedir. Eu estava numa das minhas fases «diz que sim a tudo». — Polly não era convencida. Era apenas uma daquelas mulheres que desfazia o mito da falta de confiança. Nina invejou-a como nunca.

— Lembro-me da última dessas fases — disse Nina. — Partiste o dedo grande do pé a experimentar *Roller Derby*.

— Sim. Parece que as rodinhas não são minhas amigas.

— E tiveste uma intoxicação alimentar por comeres um gafanhoto.

— Sim, mas diga-se em defesa do gafanhoto que também comi sushi nesse fim de semana.

— E dormiste com um mimo.

— Sim — disse Polly. — Foi fantástico. Silencioso, mas fantástico.
— Ficou pensativa. — Quando ele saiu daquela caixa imaginária, abriu-me as portas do céu.

Mais uma vez, Liz e Nina fitaram-na, e então Nina disse:

— Olhem, no que me diz respeito, toda esta conversa me lembra firmemente que estou melhor sozinha. Estou totalmente feliz. Gosto da minha própria companhia, e já tenho de integrar uma série de familiares novos. Vou voltar aos serões tranquilos em casa, comer coisas saudáveis, ir ao ginásio e cortar no açúcar.

— Bem, é pena, porque eu ia contar-te que descobri uma casa de *waffles* fantástica, e assim já não conto.

Liz riu-se.

— Conta-me a mim. Adoro *waffles*.

— Ah, menina Quinn.

Ficaram todas petrificadas, depois Polly e Nina levantaram-se. O senhorio, o Sr. Meffo, aproximara-se furtivamente delas e agora estava ali a enrolar o bigode e a preparar-se para amarrar uma delas aos carris do comboio.

Na verdade, apenas estava ali, a sorrir de modo educado. Embora não fosse um homem alto nem imponente, pelos vistos conseguia agir de modo furtivo.

Liz recompôs-se e devolveu-lhe o sorriso.

— Ah, que bom vê-lo, Sr. Meffo. Desculpe não estar cá no outro dia. Tive uma reunião com os representantes da J. K. Rowling, que está a pensar lançar o próximo livro aqui. — Fez uma pausa, depois voltou à carga. — É uma nova edição surpresa da série *Harry Potter*, por isso pode ser bom para o negócio.

— Não me diga! — O Sr. Meffo não era grande leitor, mas não era idiota. — Custa-me a acreditar. — Fez uma pausa. — Vim aqui cobrar a renda. Reparei que ainda não chegou à minha conta.

— Mas eu transferi! Logo na semana passada, depois da sua visita.

— Sim?

— Sim — disse Liz firmemente. — Dei ordem ao banco para fazer a transferência, por isso lamento que tenha havido um problema. Vou contactá-los imediatamente.

O Sr. Meffo abriu um grande sorriso.

— Não há problema, pode passar um cheque agora e eu devolvo depois o dinheiro, quando e se chegar.

Liz mostrou-se pesarosa.

— Oh, desculpe. Acabaram-se-me os cheques. Já pedi mais, mas ainda não chegaram. — Fez uma pausa. — Pedi os da *Hello Kitty*, talvez demorem mais.

O Sr. Meffo não desfez o sorriso, embora fosse claramente forçado.

— Podemos ir ao banco e pedir um cheque na caixa.

— É política nossa não usar cheques de caixa. Não leu acerca das burlas?

Ele ficou confuso.

— Isso aplica-se a enviar dinheiro para pessoas que não conhece ou que conheceu online, não a pagar a renda a alguém que é seu senhorio há mais de uma década.

— A sério? — Liz parecia preocupada. — Mais vale prevenir do que remediar, não achas? — Virou-se para Polly, que assentiu entusiasticamente e se inclinou para o Sr. Meffo.

— A minha tia perdeu uma fortuna ao mandar um cheque de caixa para pagar a fiança de um príncipe etíope que disse que tinha conhecido o pai dela na faculdade — contou, com um empenho impressionante. — Hoje em dia, todas as cautelas são poucas. Se não se pode confiar num príncipe etíope, vai-se confiar em quem? — Sorriu para o senhorio. — Sr. Meffo, leu alguns bons livros ultimamente?

O Sr. Meffo tinha uma espécie de fraquinho por Polly, que vira uma vez num anúncio do *Tide* onde ela — completamente vestida

— tomava banho numa lavagem de carros. Deixara-lhe uma impressão favorável.

— Não, Polly, não li. — Virou-se novamente para Liz, mas esta tinha desaparecido. Ele suspirou e olhou para Polly.

— Diga à sua chefe que tem uma semana para pagar a renda, senão vou procurar um novo inquilino. Estou farto de andar atrás dela todos os meses.

Polly sorriu-lhe docemente, Nina emitiu uns ruídos de simpatia e Liz, que se sentara no chão atrás do balcão, fez uma nota mental para instalar uma sineta na porta da frente.



Nessa noite, Nina foi ver o *Alien* com Leah, Lauren e Carter. Ocasionalmente, a equipa de *quiz* fazia excursões deste género, esforçando-se o mais possível para não falar dos *quizzes*. Normalmente, falhavam.

— Sabem que o papel da Ripley quase foi interpretado pela Meryl Streep? — disse Lauren quando as luzes se apagaram.

— E a saliva do extraterrestre é, na verdade, K-Y Jelly — respondeu Carter.

— E as passagens em que os extraterrestres deambulam pelas condutas de ar foram filmadas com os atores a descerem cabos num poço vertical com a câmara colocada no fundo do poço — acrescentou Leah.

— Parem — pediu Nina. — Quero mesmo desfrutar do filme. — E passado um minuto: — Reparem, vê-se o arpão que a Ripley usou no primeiro filme, ali no chão. — Os outros reagiram atirando-lhe pipocas.

O que era interessante na visualização de um clássico como o *Alien* no ArcLight em Hollywood é que todos os fanáticos de cinema ali presentes já viram o filme muitas, muitas vezes.

Quando Hicks disse «Fim da linha, pá!», toda a gente o disse, e quando Newt disse «Eles vêm de noite...», 800 pessoas acrescentaram «quase sempre». Foi muito engraçado e os quatro amigos saíram do cinema animados e divertidos.

Apesar disso, quando Nina viu Tom a conversar com Lisa, o seu primeiro impulso foi entrar em pânico e considerar as várias vias de fuga. Depois o seu córtex frontal reassumiu o controlo e ela sorriu e foi cumprimentá-lo. Ele não era um Xenomorfo com ácido em vez de sangue, apenas um rapaz atraente que ela já beijara e com quem trocara mensagens. Tu consegues fazer isto, Nina, disse a si mesma.

Por seu lado, Tom vira-a assim que ela atravessara as portas do cinema e não conseguiu desviar o olhar enquanto ela se aproximava. Foi o primeiro a falar.

— Olá. Disseste que este filme ia passar, e é um dos meus favoritos, por isso...

— Também é um dos meus favoritos — disse ela, sorrindo para Lisa. — Olá.

— Olá, Nina — respondeu a outra mulher. — A tua equipa de *quiz* costuma sair para conviver?

Os restantes De Livro em Riste chegaram e Leah respondeu por eles.

— Sempre que nenhum de nós consegue arranjar alguém melhor com quem sair — disse, não percebendo que podia ser um tema delicado para Nina e Tom. — Somos o último recurso uns dos outros.

— Pois, se ainda formos todos solteiros aos 40, vamos fundar uma comunidade — disse Lauren. — E tirar à sorte quem tem de dormir com o Carter.

— Bolas, isso é muito lisonjeiro — disse Carter, erguendo as sobrancelhas.

— Sim, a que tiver azar faz as honras — acrescentou Leah.

Nina sorriu e pediu licença para ir à casa de banho. Quando voltou, Tom estava sozinho.

— Que aconteceu? — perguntou ela. — Ataque de zombies?

Tom sorriu com um encolher de ombros.

— De repente, todos tinham um compromisso. Foi estranhamente coordenado.

— Hum — disse Nina.

— Tens fome? — perguntou Tom. — Ou precisas de ir para casa ler?

Ela olhou para ele e sorriu.

— Tenho fome. Além disso, posso sempre ler a ementa.

— Ótimo — disse ele, e virou-se para a conduzir para fora dali.

— Ela aceitou? — perguntou Lisa, escondida atrás de um cartaz recortado de Jabba the Hutt, que felizmente era bastante grande para os tapar a todos, apesar de Lauren ter de se agachar atrás da cauda.

— Sim — respondeu Carter, erguendo o polegar para os outros.

— Vitória!



No que foi uma bênção para a ansiedade de Nina, acabaram por ir a um daqueles restaurantes onde a ementa esclarecia a proveniência completa de cada ingrediente. Muito material de leitura é tão útil num primeiro encontro!

— Diz aqui — começou Nina — que a hortelã fresca usada no hambúrguer de borrego foi cultivada num vaso artesanal, embora pouco atrativo, no parapeito da janela da cozinha.

— A sério — disse Tom. — Incluem uma fotografia?

Nina abanou a cabeça.

— Nem sequer um desenho a lápis.

— Dececionante. — Tom olhou para a sua ementa. — Bem, aqui

diz que o extrato de romã usado no molho da salada foi espremido à mão pela filha do meio do agricultor que a produziu.

— A sério? — reagiu Nina, escondendo um sorriso. — Bem, se um dos nossos pedidos incluir bife com batatas fritas, um miúdo chamado Harold vai apanhar um autocarro para a horta comunitária mais próxima e cavar pessoalmente as batatas.

— Bem — disse Tom gravemente. — Está a fazer-se um pouco tarde para o Harold andar sozinho na rua. É melhor escolhermos outra coisa.

— Aprecio a tua consideração pelo bem-estar do Harold — disse Nina. — Vou antes comer o hambúrguer. A alface e o tomate foram apanhados há uma hora por um voluntário, por isso...

Tom acenou com a cabeça e fechou a ementa.

— Quem me dera que mais restaurantes contassem a história de tudo.

— Estamos a safar-nos bem sozinhos — respondeu Nina. Fez um check-up aos seus sistemas e ficou agradavelmente surpreendida ao descobrir que não se sentia ansiosa. Talvez ainda estivesse um pouco entusiasmada por causa do filme.

— A Ripley é capaz de ser a minha heroína cinematográfica favorita — disse ela. — Adoro a maneira como está claramente cheia de medo e daria qualquer coisa para não estar ali, mas faz das tripas coração. Isso é verdadeiro heroísmo.

— Sim — concordou Tom. — A minha mãe dizia sempre: «Se não estás assustado, não és corajoso.» — Bebeu um gole de água. — E repara que ela dizia isto para me convencer a fazer algo que fosse perigoso.

— Isso não é invulgar para uma mãe?

— Ela é invulgar — disse ele, mas não desenvolveu.

Quando a empregada se aproximou, fizeram o pedido, calando-se por um momento depois de terem resolvido essa questão.

— Estou feliz por nos termos encontrado — disse ele.

— Eu também — respondeu Nina. — Desculpa lá o outro dia.

— Não tem importância — disse ele, baixando os olhos para a mesa. Nina notou-lhe uma pequena cicatriz ao lado do olho e de repente teve vontade de lhe tocar. Ele continuou. — Nem toda a gente tem uma agenda aberta como eu.

Nina ficou interessada.

— Porque é que tens tanto tempo livre?

Ele riu-se.

— Porque não agendo nada. Sobretudo trabalho, e o resto aceito como vier. Não sou grande planificador.

— Eu gosto de planear.

— Eu vi.

— Faz-me sentir melhor.

— Melhor do que o quê?

— Melhor do que o caos. Melhor do que a imprevisibilidade.

— Mas isso não significa também que perdes os acasos felizes? Se está tudo planeado, nada é surpreendente. — Ele fitava-a de modo pensativo, genuinamente interessado. Enquanto esperava pela resposta, deu por si a perguntar se ela estaria a usar batom, a perguntar-se de que cor ficariam as suas bochechas quando estivesse excitada e porque é que não conseguia parar de pensar em ir para a cama com aquela mulher que mal conhecia. Ele não era um adolescente, mas ela fazia-o sentir-se assim.

Nina suspirou.

— Mesmo assim, estou sempre a ser surpreendida. Podes fazer os planos que quiseses, mas a vida continua a acontecer, não é? — Observou o rosto dele, os ângulos e planuras que se iam tornando familiares, o seu olhar atento mas tão, tão caloroso. O que é que ele estaria a pensar? — Por exemplo, recentemente descobri que tinha um pai — esclareceu. — Ou melhor, eu sabia que tinha de ter um pai, mas descobri que ele já estava morto. — Aquilo não saíra nada bem, mas ela achou que não o podia

melhorar, por isso deixou ficar. Por vezes acontecem coisas más às frases boas. O que é que se pode fazer?

Tom bebeu um gole de água.

— Não me digas que julgavas ser obra da imaculada conceção?

Nina fez-lhe uma careta.

— Sim. A minha mãe disse-me que lhe saí da testa já completamente formada. — Tom observava-a, com a boca a revirar num sorriso. Ele esperou e Nina continuou. — Não, só nunca soube quem ele era. Eu perguntava, claro, quando era criança, mas a minha mãe encolhia os ombros e dizia que não sabia.

— Rapariga de farras, a tua mãe?

— Acho que sim. E ao que parece, também mentirosa. — Nina aguardou que a empregada lhes servisse algum vinho e depois ergueu o copo. — Às surpresas, de preferência agradáveis.

— Sim — disse Tom, brindando com ela. — E à experiência de novas coisas.

Uma pausa. Depois, Nina disse:

— Mas tens algumas atividades agendadas, não tens? A equipa de *quiz*, por exemplo.

Tom sorriu.

— Não é propriamente uma atividade a tempo inteiro. Participo sobretudo porque a Lisa precisava de alguém que percebesse de desporto.

Nina exultou.

— Eu sabia! És um maluquinho do desporto.

— Não, sou um *quarterback* de sofá com boa memória. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Vais contar-me mais sobre essa história do pai ou vamos mudar de assunto? É uma coisa importante, não é?

— Julgo que sim — disse Nina. — Ainda não sei bem o que pensar acerca disto. Já não sou uma criança, não é? E ele também

nunca esteve por perto para se deixar conhecer.

— Irmãos?

— Vários. E sobrinhos, e até sobrinhos-netos.

— E que tal é isso? — perguntou Tom, e Nina explicou. Archie e Peter tinham razão, acabava por se tornar mais fácil.

Tom sorriu.

— Bem, parece que ganhaste pelo menos um irmão bom e um sobrinho fantástico, que é mais do que a maioria das pessoas tem.

A comida chegou e Nina continuou a conversa em volta de uma dentada de *cheeseburger*.

— Tens uma família grande?

— Não tanto como a tua. Tenho um irmão e uma irmã.

— Mais velhos ou mais novos?

— Um de cada. Irmão mais velho, irmã mais nova. O meu irmão vai casar-se em breve.

— Vais ser dama de honor? — Nina olhou-o através das pestanas. — Vais ter um vestido bonito?

— Sim — disse ele —, se arranjam um que me sirva. Não tenho a mesma constituição das outras raparigas. — Imitou o olhar dela através das pestanas, saindo-se surpreendentemente bem.

— Dá para perceber — respondeu Nina, depois corou. Ela não ficava ansiosa junto de Tom, o que era inesperado e agradável, mas estava definitivamente... muito consciente. Era qualquer coisa que existia no ar entre eles, uma expectativa tácita de que mais estaria para acontecer. Havia outra conversa a decorrer, sem palavras, mas clara.

— Posso pedir a conta? — perguntou Tom, em voz baixa.

— Sim — disse ela. Engoliu em seco. — Tenho de ir para casa.

— Tempo para um capítulo antes de dormir? — Ele sorriu.

— Talvez — respondeu ela.



Descobriram que ambos tinham ido de boleia para o cinema, por isso começaram a andar para sul em direção a Larchmont.

Tom respirou fundo.

— Então, calculo que a tua agenda ocupada não te permita muito namoro?

Nina fez uma inspiração profunda similar.

— Não, de facto. — Fez uma pausa. — E, para ser franca, estou muito feliz solteira. Tenho muitos...

— Amigos? — completou Tom. — Eu também. Nunca quiseste algo mais?

Nina não respondeu por um momento, enquanto atravessavam o Santa Monica Boulevard.

— Não sou contra. Só não estou à procura. Percebes o que quero dizer?

— Sim, percebo. — Imitou um sotaque à Garbo. — Queres estar sozinha.

— Sabes, na verdade ela nunca disse isso. Disse que queria que a *deixassem* sozinha, o que é muito diferente. — Nina abanou a cabeça. — Percebo isso. Também quero ser deixada sozinha. — Olhou rapidamente para ele. — Não por toda a gente. Só pela maioria das pessoas. Gosto de uma vida calma.

Ele riu-se.

— Já pensaste em sair de Los Angeles? Não é exatamente um mosteiro trapista. — Um coro de buzinas enfatizou o seu argumento.

— Já reparei — respondeu ela. — Mas cresci aqui, o trânsito é como o rumor do mar para mim. — Atravessaram Melrose. — E tu, namoras muito?

Ele encolheu os ombros.

— Intermitentemente. Tive uma namorada durante algum tempo. Acabámos há uns meses.

— Ah, sim? — Porque é que isso a fazia mostrar má cara?, pensou Nina. Talvez porque «uns meses» não parecia muito tempo.

— Sim. Acabou mal, por isso tenho andado a desfrutar da minha própria companhia.

Parecia-lhe bem, mas perguntou-se se ele ainda estaria a tentar superar.

— Não ficaram amigos?

Ele abanou a cabeça.

— Não. — Ficou em silêncio por um momento, enquanto atravessavam uma rua movimentada. — O meu irmão diz que tenho um fraquinho por mulheres difíceis. Diz que gosto de desafios.

— Discordas?

Mais um encolher de ombros.

— Acho que não é consciente. Sou uma pessoa bastante enfadonha, acho eu.

— Não para mim. Pelo menos, ainda não. — Nina ficou contente por não estar a olhar para ele, porque se sentiu corar outra vez. As suas bochechas eram grandes traidoras.

— Obrigado. Talvez «enfadonho» não seja a palavra certa. Eu sou tranquilo. Aceito as coisas como elas são. Estás a perceber o que quero dizer?

— Acho que sim — disse Nina, rindo-se. — Eu não sou assim, mas ouvi dizer que as pessoas como tu existem. Como os unicórnios.

— Tenho a certeza de que somos mais comuns do que isso. — Ele desviou-se de uma multidão de adolescentes e deu por si mais junto dela. As mangas roçaram, e nenhum deles se afastou.

— Talvez seja por isso que me sinto atraído por pessoas que têm

uma certa centelha, sabes? Por vezes, isso acaba por não ser uma coisa muito boa, mas é verdade também com os meus amigos. A Lisa, por exemplo. Somos amigos desde o secundário, e ela foi sempre a estrela mais brilhante do nosso grupo. Interessante. Diferente.

— Parece muito simpática — disse Nina.

Ele riu-se.

— Bem, não sei se «simpática», é a palavra correta, mas é decididamente senhora do seu nariz, e eu gosto disso.

Caminharam em silêncio algum tempo, e Tom estava a pensar em pegar na mão de Nina quando esta parou de repente.

— Eu moro aqui.

Ele olhou para a casa de hóspedes.

— Pois é — disse. — Conheces aquele gato?

Phil estava empoleirado em cima do portão, observando-os.

Nina confirmou.

— Conheço. É meu.

— Como é que ele se chama? Está a julgar-me.

— Chama-se *Phil* — respondeu Nina. — E, na verdade, está a julgar-me a mim. — Olhou para Tom. — Estou muito feliz por nos termos encontrado. E sinto-me muito bem por não termos obrigado o Harold a sair para ir cavar as batatas.

— Também eu — disse Tom, dando mais um passo na direção dela. Ela olhou-o, depois aproximou-se ainda mais, segurando-o pelo casaco e puxando-o para um beijo. Após um momento, separaram-se e Nina abriu a boca para o convidar a entrar.

— Bem, boa noite, Nina — disse Tom. — Talvez possamos voltar a fazer isto em breve? — Inclinou-se e beijou-a outra vez, depois sorriu de encontro aos seus lábios e virou-se para partir. — Mando-te uma mensagem, está bem?

— Está bem — respondeu ela, vendo-o ir com a testa levemente enrugada. Ora bolas, pensou. O que é que correu mal aqui?

Mas, quando entrou em casa, o telemóvel vibrou.

«Eu queria entrar», escreveu ele, «queria mesmo muito. Mas tu planeavas ser a Garbo esta noite, e decidi não abusar da sorte. Além disso, como disse uma outra atriz, amanhã é outro dia.»

Ela sorriu, pegou num surpreendido *Phil* ao colo e abraçou-o.

— Cuidado com os bigodes, minha senhora — disse ele. — Não se mantêm assim bonitos sozinhos.

Hoje é o dia

DATA Domingo, 19 de maio

S T Q Q S S D
△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

*Limpar
a casa*

OBJETIVOS

NOTAS

Cuecas novas?



LISTA DE AFAZERES

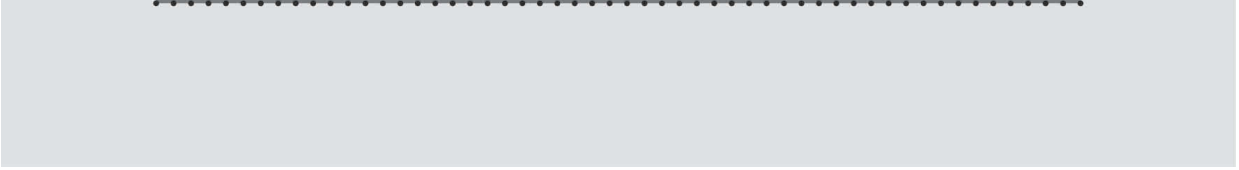
- ☐ *Mudar os lençóis*
- ☐ *Marcar consulta ginecologista*
- ☐ *DEPILAR TUDO*
- ☐ *Vinho branco*
- ☐ *Chocolate*
- ☐ *Frutos vermelhos*
- ☐ *Natas batidas*
- ☐ *Preservativos*

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO



Dezoito

Em que Nina cumpre a sua primeira obrigação familiar.

Domingo era normalmente o dia em que o planeamento de Nina atingia o auge. Escolhia as roupas para a semana, planeava as refeições, certificava-se de que tinha lido o que precisava para o trabalho e para o clube de leitura, fazia uma boa lista de compras de mercearias... Era o seu dia de *reset* e de revalidar compromissos, e sentia sempre que tinha atingido os objetivos quando a noite caía.

Contudo, naquele domingo, as coisas já estavam fora de controlo às 10 horas, e a culpa era de Peter Reynolds. Pela primeira vez na sua vida, Nina tinha uma obrigação familiar, e não tinha a certeza de que isso lhe agradava.

Peter enviara-lhe uma mensagem às 9 horas, que ele disse considerar o mínimo aceitável para contactar alguém num domingo.

Nina ainda estava a dormir. Um tanto azeda, sugeriu que ele repensasse e usasse como hora mínima aceitável para *ela* as 11 horas.

— Não — respondeu o sobrinho. — Se abrir uma exceção para ti, terei de personalizar todo o meu sistema, e isso não vai funcionar.

— Tens um sistema?

— Claro. Há uma hora de acordar padrão para os dias de

semana e uma hora diferente para o fim de semana. Há uma hora à noite a partir da qual não se pode telefonar a ninguém a não ser aos bons amigos ou amantes, e uma hora a partir da qual só se pode ligar em caso de emergência.

O telefone de Nina estava pousado na almofada, em alta-voz.

— Calculo que exista uma exceção a essa regra para se marcar um encontro sexual.

— Calculas bem. Vês? É um bom sistema. Se tiver horas individuais de acordar para cada pessoa, vou fazer confusão. Gosto de simplificar as coisas.

— Bem, nesse caso, creio que é melhor que todos nos sujeitemos à tua vontade. — Talvez Nina estivesse um pouco rabugenta, e estava, sem dúvida, com défice de cafeína.

— Além disso, tiveste de acordar para atender o telefone, pelo que não te causei danos. — Nina percebia pelo tom de voz que o seu novo sobrinho era uma pessoa matinal, essa raça desprezível. Sem lhe responder, virou a cabeça e encostou-a à almofada, fazendo o telefone escorregar e encostar-se à orelha.

Peter continuava a tagarelar.

— Então, estava aqui a pensar se querias ir comigo hoje visitar a minha mãe. Ela vive em Culver City, e eu preciso de cortar as unhas ao meu cão.

Nina abriu os olhos e olhou para o teto. Tinha mesmo de perguntar:

— O que é que essas duas coisas têm em comum?

— A minha mãe é veterinária. E ensinou-me muitas coisas, mas não a cortar as unhas ao cão sem fazer balbúrdia e sem deitar sangue. Da última vez que tentei, a casa ficou durante dias a parecer um filme do Tarantino.

E agora ali estava ela, às 10 horas da manhã de um domingo, sentada no banco da frente do carro de Peter, com o galgo mais pequeno do mundo ao colo. Nem ela nem o cão tinham muita

certeza de que fosse boa ideia.

— Então — disse Peter. — Algo na tua cara me diz que tiveste uma noite boa.

Ela virou-se e olhou-o incredulamente.

— Como raio podes dizer isso?

— Tenho talentos loucos. — Ele sorriu-lhe. — Aprendi essa frase com um dos meus alunos, e receio que se torne um hábito.

— Nem sei se alguém ainda a usa.

Peter encolheu os ombros.

— Eu ainda uso. Podes concluir que não me importo com o que as pessoas pensam do meu vernáculo, e estarás correta.

Nina e o galgo reviraram os olhos um para o outro. Então Nina disse:

— Bem, é verdade, por acaso. Conheci um tipo e ao princípio não gostei dele, mas depois gostei e depois beijámo-nos e depois eu estraguei tudo e depois tive outra oportunidade e correu melhor.

Peter riu-se.

— Bem, isso parece bom. Posso fazer uma ronda rápida de perguntas diretas?

— Claro.

O galgo engoliu em seco nervosamente.

— Como é que ele se chama?

— Tom.

— O que é que faz?

— Acho que é carpinteiro, mas não está confirmado. Cheira a serradura, mas também pode ser sem-abrigo e dormir numa serração.

— É giro?

— Sim.

— É sexy?

— Sim.

— É divertido?

— Sim.

— E, desculpa, disseste que já dormiste com ele?

Nina abanou a cabeça.

— Eu teria dormido, para ser franca, mas da primeira vez que o convidei, ele disse que não, e na noite passada foi-se embora antes de eu ter oportunidade de voltar a convidá-lo.

— Hum.

Nina olhou-o.

— Achas que é um problema?

— Não. — Peter reduziu a velocidade para deixar passar um peão. — Só interessante. A minha observação sobre os jovens de Los Angeles, e parto do princípio que o meu público-alvo é diferente do teu, é que são todos «sexo primeiro, conversa depois». Talvez ele não seja da cidade.

— Não propriamente. Pasadena.

Peter virou à esquerda e começou à procura de lugar para estacionar.

— Ah, bom. O pessoal de Pasadena é esquisito.

— Ai é?

— Sim. A Caltech fica lá. E o Jet Propulsion Lab. E a CalArts, onde estudam todos os grandes animadores. É uma estranha intersecção de protetores de bolso e filmes de Miyazaki. — Encontrou um lugar vago e estacionou com destreza. — Vamos.

Becky, a mãe de Peter, vivia numa parte de Culver City que Nina não visitava há algum tempo, e ficou surpreendida ao perceber que se tornara totalmente gentrificada, com a obrigatória cadeia de cafés com o nome de um caçador de baleias, uma loja de sumos, uma loja de iogurtes gelados sem glúten e uma mercearia orgânica onde as cenouras tinham preço individual. Peter tocou à campainha e aparentemente a mãe soltou uma matilha de mastins do inferno, que se atiraram contra a madeira com a fúria

de mil lobos sem comer há algum tempo. Quando a porta se abriu, revelou-se que eram três pequenos rafeiros com caudas entusiásticas e línguas de fora, cujo objetivo parecia ser declarar o seu amor imorredouro pelo cão de Peter, que claramente já conheciam.

Becky era a mulher que lhe fizera um gesto de paz no escritório do advogado, e que a cumprimentava agora com um sorriso lento.

— Olá, trouxeste a minha irmã mais nova — disse, beijando o filho. — Não lighes à desarrumação.

Na maioria das vezes, as pessoas dizem isto quando têm casas imaculadas e pretendem que os outros respondam «Oh, devia ver a minha» ou algo do género. Neste caso era mesmo uma confusão, e Nina achou-a extremamente relaxante. Contou mais dois cães, mais velhos e menos entusiasmados, que apesar disso lhe abanaram a cauda das suas camas no chão e sofá. Vários gatos observavam-na com cautela ou sarcasmo — é sempre difícil dizer, com os gatos — e todo o espaço estava coberto com uma fina pátina de pelos. Havia um vago cheiro a fumo de lenha e ao interior de orelhas de cães.

Peter e Nina seguiram Becky pela sala até à cozinha, que estava ligeiramente mais limpa, pelo menos em alguns sítios. Sentado à mesa encontrava-se um homem mais velho, a tirar as sementes a uma abóbora.

— Olá — disse. — Sou o John, o padrasto do Peter. — Acenou-lhe com as mãos pegajosas. — Bem-vinda ao caos central.

Becky ligou uma chaleira e virou-se para Nina.

— Queres um chá? Café?

Nina assentiu.

— O que vocês beberem. — Olhou em volta. Peter iniciara uma conversa com o padrasto, e a matilha saíra para correr em grandes círculos no quintal e lutar por um brinquedo de cão que era uma *margarita* de peluche. Porquê uma *margarita*?,

perguntou-se Nina. Será que os cães apreciam cocktails?

O telefone de Becky tocou, e ela fez uma careta mas atendeu. Ouviu, sorriu e depois disse:

— Claro, mas só por esta noite. — Ficou mais algum tempo à escuta. — Não estou a prometer nada. Traga-o. — Desligou e abanou a cabeça, colocando uma saqueta de chá em cada chávena e controlando a chaleira, que era de vidro. A água fazia bolhas, mas ainda não estava a ferver.

— John, tomas chá? — perguntou ela, e depois, sem respirar: — Nina, gostas de animais?

— Sim, muito. Tenho um gato chamado *Phil*, e ando sempre a pensar se posso ter um cão.

Becky assentiu com a cabeça.

— Os gatos são bons. Tenho três ou quatro espalhados por aí. Ou serão cinco? Não me lembro. — Olhou para Nina interrogativamente, segurando uma colherinha de açúcar sobre a sua chávena, e Nina fez que sim. Becky entregou os chás a John e a Peter e sentou-se à mesa com um suspiro.

— Não ando por aí a resgatar animais, mas aceito os animais de quem o faz quando precisam de os colocar num lugar seguro. Não é o mesmo que ser família de acolhimento, porque normalmente levam-nos para outro alojamento muito depressa, mas tira-lhes a pressão. Amo-os a todos, mesmo os difíceis.

— Acho que amas sobretudo os difíceis — disse John, sorrindo. Olhou para Nina. — O que vês à tua frente é um dos corações mais bondosos do planeta.

Nina perguntou:

— E este telefonema? Era sobre a chegada de outro animal?

— Sim. Um cão. — Becky apontou pela janela da cozinha, que era alta e larga, e Nina viu um enorme e atravancado pátio e uma área com uma cerca de arame a um canto.

— Também posso acolher coelhos e galinhas, e outros do

gênero, no pátio mais pequeno. Infelizmente, não posso aceitar patos. Não temos lago.

— Há muitos patos perdidos em Los Angeles? — perguntou Nina, surpreendida.

— Oh, meu Deus, não lhe dê corda! — disse Peter, mas era tarde demais.

Becky encolheu os ombros.

— Infelizmente, há muitos animais perdidos, de todas as espécies. Sabes que várias associações levam de avião cães pequenos do nosso sistema de abrigos para outras partes do país onde não existem tantos? Outras áreas têm muitos cães grandes, mas não têm pequenos, e nós temos demasiados. Há muitas pessoas a trabalhar para os animais nesta cidade. É uma subcultura tão grande como outra qualquer.

John terminou o seu trabalho com as sementes e foi lavar as mãos.

— Então — disse, olhando por cima do ombro. — Vocês as duas são irmãs? É estranho. — Fechou a torneira. — O Bill Reynolds era um chato de primeira, mas não há dúvida de que fazia filhos bonitos.

Becky revirou os olhos para Nina.

— Ignora-o — disse. — Encontrei-o na rua com um dos cães e ele seguiu-me até casa.

Peter riu-se.

— E vamos ficar com ele?

John atirou água para cima deles.

— Foi o dia mais feliz da tua vida.

— É verdade — disse Becky. — É o melhor cão que já tive. — Sorriu. — É estranho pensar que partilhamos o mesmo pai, não é? Quantos anos tens?

— Tenho 29.

— E eu tenho 59. Ele tinha 20 anos quando eu nasci, e 50

quando tu nasceste. Os homens não param, não é? — Tomou o seu chá e baixou-se para chamar os cães. — Hoje são só as unhas, Peter?

O filho confirmou.

— Obrigado, mãe.

Becky encolheu os ombros.

— Faça-o por ele, não por ti, porco preguiçoso.

Quando todos os cães atravessaram a porta, Becky pegou no pequeno galgo e pô-lo no colo. Tirou uma tesoura do bolso e cortou rapidamente as unhas do cão enquanto falava.

— Lembras-te bem do teu pai? — Nina fitou o rosto da irmã, concentrado no trabalho e cheio de gentileza. De repente, pensou em Tom, cujos olhos eram igualmente gentis.

— Claro — disse Becky. — Não tanto da infância, mas de quando éramos mais velhos. Ele divorciou-se da Alice, a nossa mãe, e casou-se com a Rosie quando eu e a minha irmã éramos muito jovens, mas mesmo assim continuávamos a vê-lo amiúde, porque era o que o pai queria. Ele gostava do conceito de paternidade, sabes, do que a tarefa implicava. Só não gostava de fazer o verdadeiro trabalho.

— Era abusivo?

— Fisicamente, nunca. Mas era um bocadinho narcisista. — Becky ficou mais pensativa, pôs o galgo no chão e observou a saída desenfreada dos cães. — Tu terias gostado dele. Era sedutor quando queria, ou depois de umas bebidas. Adorava pregar sobre as suas grandes filosofias de vida, sabes, dar conselhos românticos, por exemplo, o que é irónico, para alguém que não conseguia manter-se fiel durante 20 minutos.

A campainha tocou e Becky levantou-se, sendo quase derrubada pela matilha quando foi abrir a porta.

John e Peter olharam para Nina, para quem todo aquele barulho e atividade estavam a ser um pouco avassaladores.

John sorriu.

— Como eu disse, caos central.

Becky regressou com outra mulher que trazia um *collie mix* branco e preto e um molho de papéis. O cão novo tinha a cauda recolhida e uns olhos sérios.

A mulher estava a falar.

— O nome dele no abrigo era Boris, mas sabe-se lá qual era antes, está negativo para dirofilariose, castrado, e tem cerca de 3 anos. — Olhou em volta. — Oh, olá, John.

— Onde é que o encontraram? — perguntou John. — É lindo.

— Alguém o encontrou a correr na rua e o levou lá. Não tem *chip*, claro.

Becky tirou-lhe o cão dos braços e pousou-o na bancada da cozinha, onde podia observá-lo sem estar rodeada dos outros cães. O cão ficou ali pacientemente, com a ponta da cauda a agitar-se de modo muito ligeiro. Ela viu-lhe as orelhas, os dentes, os olhos, depois passou-lhe as mãos pelo corpo, procurando feridas. Ele aguardou e moveu um pouco mais a cauda quando finalmente ela parou e lhe segurou a cabeça, levantando-a.

— Tu — disse ela, e desta vez ele abanou completamente a cauda —, és um menino lindo e vamos ser amigos. — Deu-lhe um beijo no nariz e ele lambeu-lhe delicadamente o queixo. Ela pô-lo no chão e abriu a porta das traseiras. Todos os cães mais jovens correram em redor dele para o conhecerem. Os humanos observaram, invejosos da facilidade com que eles lidavam com o assunto.

Becky sentou-se e acariciou a cabeça de um dos cães mais velhos, que pousara o queixo pesadamente no joelho dela e a contemplava.

— O problema com o pai é que ele estava sempre a desaparecer. Prometia fazer isto ou aquilo, mas havia sempre uma razão de última hora para não aparecer. Acabámos por não esperar nada

dele... se dobrarmos muito alguma coisa, ela parte-se, não é? — Olhou para Nina, e os seus olhos bondosos tornaram-se frios com a memória. — O meu primeiro marido, o pai do Peter e da Jennifer, era assim.

Nina olhou para Peter e John, que ouviam e bebiam o chá. Era evidente que se sentiam muito confortáveis juntos.

— Que idade tinhas quando o teu pai se foi embora? — perguntou a Peter.

Foi a mãe quem respondeu.

— Ele e a Jenny tinham 3 e 1. Não se lembram do pai.

— Ele não está presente?

— Não. — Houve uma ligeira pausa, e mais nada depois disso.

— Felizmente para todos os interessados — disse John, estendendo os braços por cima da cabeça e depois despenteando o cabelo de Peter como se ele ainda tivesse 3 anos. — Eu apareci uns 20 minutos depois de ele se ir embora e ficou tudo bem outra vez.

— Foram uns dois anos, mas vai dar ao mesmo — disse Becky, ainda a fazer festas ao cão.

— O meu pai é o John — disse Peter, encolhendo os ombros. — Nunca tive outro melhor.

John fez-lhe uma careta, mas Nina percebeu que estava comovido.

— É mais fácil saber que queres tomar conta de um miúdo que é tão giro que as velhotas até desmaiam na rua — disse ele com voz rouca. — Olhou para Nina. — A questão acerca de seres padrasto é que sabes no que te estás a meter. Eu vi uma mulher bonita com dois miúdos fantásticos e uma quantidade ridícula de animais. Suponho que o pai do Peter tinha um sonho diferente, mas, para mim, era tudo o que eu sempre quis. — Olhou para a mulher. — Tenho pena dele. — Fez uma pausa. — Menos quando alguma criatura me vomita em cima, porque aí tenho pena de

mim próprio.

Ouviu-se um arranhar na porta e apareceu o cão novo, Boris. Becky deixou-o entrar, e o cão meteu a cabeça macia debaixo da mão dela, como se estivessem intrinsecamente ligados. Olhou-a com os seus olhos de chocolate derretido e, quando ela falou, tanto podia estar a falar com ele como com o marido.

— É muito difícil alguém juntar-se a uma família que está desfeita, mas por vezes essa pessoa é exatamente a cola que fazia falta. — Depois levantou os olhos para Nina. — Ei, de certeza que não queres um cão? Este menino é um doce.

Peter riu-se.

— Sabes que vais ficar com ele, mãe.

John assentiu com a cabeça.

— Ela tem um fraquinho terrível por cães pastores. Mostra-lhe qualquer coisa preta e branca e esperta como um alho, e ela fica derretida.

Becky sorriu e afagou as orelhas do cão.

— Bem, para ser franca, há sempre espaço para mais um membro na família. — Olhou para Nina e sorriu. — Mesmo que não seja um cão.

Hoje é o dia

DATA Sábado, 25 de maio

S T Q Q S S D

△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalhar meio dia

Casamento!

OBJETIVOS

NOTAS

Livros do Herriott
para a Becky.
verificar encomenda.



LISTA DE AFAZERES

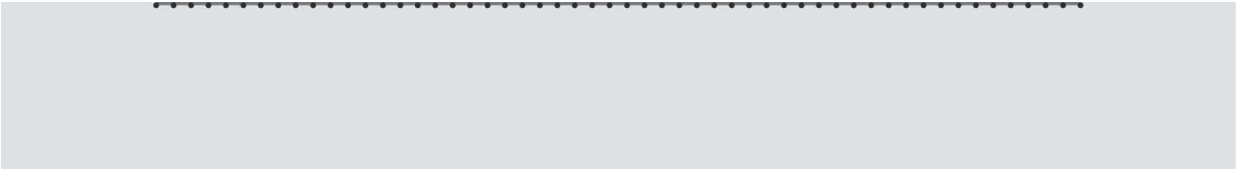
- ☐ Ir buscar vestido à Leah
- ☐ _____
- ☐ Sapatos???
- ☐ _____
- ☐ _____
- ☐ _____
- ☐ _____
- ☐ _____
- ☐ _____
- ☐ _____

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO



Dezanove

.....

Em que Nina vai a um casamento.

Sendo uma mulher perto dos 30 anos, Nina já fora a muitos casamentos. Na verdade, os últimos verões tinham sido uma dolorosa marcha forçada de peitos de frango secos e canapés empapados, conversas artificiais com relativos desconhecidos e danças suadas com pessoas que ela se lembrava vagamente de ter conhecido na faculdade. Contudo, pouco depois de chegar ao casamento de Rachel, a irmã de Lili, percebeu que não ia ser a seca do costume.

A primeira pista foi o camelo. Estava num extremo de uma grande extensão de relva, amarrado a uma árvore com uma longa corda, engalanado com um traje tradicional de camelo do Rajastão, coberto de pedras preciosas e pompons, tão incrivelmente ornamentado que se juntara uma multidão à sua volta. Era composta por crianças, mas não deixava de ser uma multidão.

Nina continuou a andar e avistou Annabel.

— Olá — disse ela casualmente. — Este camelo é teu?

Annabel, que usava um vestido cintilante e orelhas de gato, ficou surpreendida ao vê-la.

— Pensei que a Clare estava a inventar quando disse que tu vinhas — disse ela. — Mas estou mesmo feliz por estares aqui. Podemos falar sobre livros mais tarde. Tenho umas perguntas.

— Fantástico — disse Nina. — E o camelo?

Annabel encolheu os ombros.

— Não é meu. Veio para o casamento.

— Foi convidado?

— Não — disse uma voz atrás dela. Nina virou-se e viu Lili, parecendo resignada e divertida. — Foi enviado no lugar de alguém que foi convidado, mas não faço ideia do que lhe devo dar para comer. Veio com um tipo que o tirou de um atrelado de cavalos, deu-me a corda e disse: «Volto daqui a três horas.» Tu viste o convite. O RSFV era sim ou não, não era sim, não ou mande um camelo.

O camelo virou-se e olhou-as pensativamente, achou-as desinteressantes e virou-se de novo.

— Bem — disse Nina, olhando em volta e observando os tapetes e as almofadas. — Por acaso, até combina com o tema. E pelo menos não trouxe acompanhante.

Um homem alto chegou com dois baldes de água que colocou diante do camelo. Clare, a irmã mais nova de Annabel, vinha atrás dele.

— Olá, Nina. Já conhecestes o camelo? Não é querido? Não nos disseram o nome dele, mas eu chamo-lhe *Humpty Bogart*. Sabias que, na verdade, os camelos não acumulam a água nas bossas e que estas são só depósitos de gordura? Como as mamas?

Atrás dela, Lili tapou a cara e o homem alto soltou um ronco divertido.

Nina assentiu com a cabeça.

— E sabias que podem beber até 150 litros de água só com um gole gigante?

O homem alto franziu a testa.

— Se calhar, devia ter trazido baldes maiores. — Tinha sotaque e sorriu para Nina. — Desculpa, sou o Edward. Não fomos apresentados.

— Esta é a Nina — disse Clare. — É minha convidada. Fui eu que a convidei.

Edward abanou a cabeça.

— Maravilhoso. Estou muito feliz por estares aqui. Clare, é melhor ires descobrir qual é o lugar da Nina e conduzi-la à sua... ao seu tapete.

Clare pegou na mão de Nina.

— Anda, vamos ver o mapa. O espetáculo vai começar daqui a nada.

Nina seguiu-a.

— Mas ainda não compreendo o camelo.

— Nem eu — disse a menina. — Mas a mãe disse que a tia Rachel conhece muitas pessoas estranhas em todo o mundo, porque é traficante de coisas raras e bonitas — ela disse muito depressa a última parte, por isso parecia *coisachrarazibonitas* — e uma dessas pessoas mandou o camelo. — Relanceou Nina e fez uma careta. — Mas não é para ficarmos com ele, é só para olhar.

— Que pena.

— Pois é. — Clare fez uma pausa e baixou a voz. — Estou a pensar que talvez o camelo fique. — Nina podia ver o cérebro dela a maquinar.

Chegadas à parte da frente do relvado, Clare empurrou Nina na direção de um mapa. Tinham passado por dezenas de pessoas, todas refasteladas, como a noiva planeara. Até aqui, estava tudo a correr bem.

Clare examinou o mapa.

— Onde é que estás?

Olhando por cima da cabeça dela, Nina viu rapidamente o seu nome.

— Estou no tapete 14. Com... — Leu alguns nomes em voz alta. — Mike e Angie, Eloise e Frances e Frances e Miles. — Sorriu para a menina. — Duas Frances?

Clare confirmou.

— São fáceis de distinguir. Uma é maior do que a outra.

— Mas se ambas se chamam Frances, posso usar o mesmo nome para as duas, não é?

— Sim — respondeu ela. — Porque são fáceis de distinguir.

Nina já aprendera que, com as crianças pequenas, havia um ponto em que era melhor dizer «Está bem», e deixar andar.

— É um bom tapete — disse Clare, como um chefe de sala a conduzir um cliente a uma mesa especial. — São pessoas do clube de jardinagem, menos a outra Frances, que é amiga da minha mãe.

Nina deu às suas feições uma expressão amigável, preparando-se para ser apresentada a estranhos. Não sabia bem porquê, mas não se sentia tão ansiosa em relação a isso como era habitual. Havia algo no facto de estar no exterior que lhe concedia mais espaço. Se calhar, devia mudar-se para uma tenda.

— Olá, Clare — disse uma mulher grande e mais velha sentada no tapete quando elas se aproximaram. — Pensei que eras uma dama de honor.

— E sou — disse Clare.

— Então, não devias estar a arranjar-te?

— Já estou arranjada.

Tanto a senhora como Nina olharam para Clare, que, reparou Nina, vestia um pijama da *Peppa Pig* com uma longa combinação cor-de-rosa por cima da camisola. O género de combinação que Elizabeth Taylor usava em *Gata em Telhado de Zinco Quente*, com lacinhos e alças.

— E estás linda — disse outra mulher que lhe pareceu vagamente familiar. — Aposto que é o teu vestido favorito.

— Pois é — disse Clare, feliz por alguém estar aberto às novas tendências. Virou-se para Nina. — Estas são as Franceseses. — Teve dificuldade em pronunciar e tentou de novo. — Francesssess. Franceses. — Suspirou. — Têm o mesmo nome.

Ambas as mulheres sorriram e a mais velha estendeu a mão.

— Sou a Frances, do clube de jardinagem — disse. — Esta é a minha mulher, a Eloise. — Outra senhora, que era muito parecida com ela, acenou ociosamente.

— E eu sou a Frances, da escola — disse a outra mulher. — Não trabalhas na Knight's, em Larchmont?

— Sim — confirmou Nina. — Sou a Nina Hill — Estendeu a mão e cumprimentou-as.

A Frances da escola sorriu radiosamente.

— Já te vi montes de vezes, claro. Vivo mesmo na esquina e vou lá com os meus filhos pelo menos uma vez por semana.

Nina reconhecia-a agora. Para ela, esta mulher era «não ficção e parentalidade», porque eram esses os livros que comprava, e os filhos dela (pensou bem e identificou-os) eram ficção juvenil, ficção infantil e álbuns ilustrados, respetivamente. Esta Frances era o género de mulher que fazia os outros sentirem-se bem-vindos, mesmo que estivessem numa situação estranha. Usava calças de ganga e uma camisola de capuz, o que era uma opção estranha para um casamento, mas o convite dizia «vista o que lhe apetecer». Frances apanhou-a a olhar e sorriu.

— Não conheço muito bem a noiva, mas conheço a Lili, e ela disse-me que a irmã se estava nas tintas para o que as pessoas vestiam. Então optei por uma versão esmerada do que uso no dia a dia, porque me sinto confortável. — Olhou em volta. — E acho que não fui a única.

Era verdade. As pessoas estavam vestidas de todas as formas, desde vestidos de cocktail e fato preto formal até, pelo menos num caso que Nina podia ver, pijamas com pés. Num adulto.

Clare abalara para cumprir a sua função de dama de honor e nesse momento ouviu-se uma voz no altifalante.

— Muito bem, pessoal. — Era Lili. — Vamos começar esta coisa, por isso tentem encontrar um tapete, de preferência o vosso, mas qualquer um serve, e vamos lá casar estes dois. A Rachel insistiu

que não levantem esses rabos do tapete enquanto ela passa, porque diz que tenciona ser vagarosa.

Frances inclinou-se para ela.

— Não é divertido? O camelo foi um toque giríssimo.

— Ouvi dizer que eles cospem — disse a outra Frances. — Aposto 10 dólares em como alguém leva uma cuspidela num olho antes do fim da noite.

— Aceito a aposta — disse um homem que estava refastelado do outro lado do tapete, provavelmente Michael, o marido de Frances.

Mas Nina não os ouviu. Olhava para a noiva, deslumbrante no seu fato *vintage* da década de 1970, de cor creme, em linho, magnífico. Rachel atravessava o relvado seguida por Clare e Annabel, descalças e vestidas com as suas roupas preferidas. Nina percebeu que a disposição aleatória dos tapetes era uma forma de Rachel passar por todos os convidados no seu percurso e as pessoas lhe darem flores para ela compor o seu buquê. Ela agradecia-lhes, cumprimentava-as e, ocasionalmente, até se inclinava para beijar algumas. Não era a cerimónia de casamento mais formal a que Nina já assistira, mas era memorável por ser tão calorosa. A certa altura, Rachel olhou para a frente, onde o noivo e o padrinho a aguardavam.

— Já lá vou, amor — gritou ela. — Só quero cumprimentar as pessoas antes de estar demasiado bêbeda para as reconhecer.

O noivo, que parecia já ter bebido uns copos, acenou-lhe com a mão.

— Não tenhas pressa, Rachel. Temos o resto das nossas vidas. — Depois sorriu-lhe, como um idiota.

Ao lado dele, o padrinho falava com Lili, que limpava as lágrimas das bochechas, vendo a irmã e as filhas caminharem através da relva. Nina percebeu então que aquele casamento não ia mesmo ser a seca do costume, e não era só por causa do camelo.

O padrinho era Tom.

Os votos demoraram algum tempo, porque eram muito abrangentes. A favorita de Nina foi a promessa de ligar sempre a máquina do café na noite anterior, seguida por uma promessa conjunta de nunca deixarem acabar as natas.

Finalmente, o oficiante disse:

— Para os seus últimos votos, a Rachel e o Richard pediram para ler a letra da sua canção favorita.

Rachel disse:

— Richard, escrevemos juntos os nossos votos, e eles significam muito para nós. Mas também reconhecemos quando alguém disse as coisas melhor, por isso aqui vai.

Ela pigarreou.

— *I'm never going to give you up.*

Ele respondeu:

— *Never going to let you down.*

Ela disse:

— *Never going to run around and desert you⁴.*

Nina virou-se para Frances e ergueu uma sobrancelha.

Frances encolheu os ombros.

— É uma canção clássica da infância deles, suponho. — Observaram ambas enquanto os membros do casal feliz acabavam de prometer que nunca diriam mentiras nem se magoariam, e depois Frances acrescentou: — O grande filósofo Richard Astley sabia uma coisa ou duas acerca do compromisso.

— Ele entrou para o *Livro de Recordes do Guinness* — disse Nina, incapaz de se conter. — Os seus primeiros oito *singles* chegaram ao Top 10 no Reino Unido, foi o único cantor masculino a consegui-lo. Tanto quanto sei, ainda detém o recorde.

Frances deu-lhe uma palmadinha no braço.

— É bom saber.

Nina espreitou para a cesta de piquenique e tirou de lá um pacote de Pocky, aqueles pauzinhos de bolacha com chocolate. Mais uma vez, uma grande melhoria em relação aos peitos de frango ou aos *vol-au-vent* de cogumelos. O cesto tinha sanduíches e pãezinhos, queijo, fruta e enormes tabletes de chocolate. Bolinhos numa lata. Merengues em forma de flor.

— O que é que está na outra cesta? — perguntou ela a Frances.

Frances levantou a tampa, depois sorriu e virou-se para Nina.

— É uma geleira a fazer de conta que é uma cesta. Está cheia de gelados.

De vez em quando, um empregado passava com bebidas frescas, e Nina, apesar de ter mudado para a água com gás depois dos brindes, sentia-se tão alegre como toda a gente. O sol já se pusera, tinham acendido fitas de luzinhas, e era verdadeiramente mágico.

Lili apareceu e sentou-se no tapete ao lado dela.

— É o Tom certo? — perguntou, indo direto ao assunto.

— Sim — confirmou Nina. — Mas não estou a perceber.

Lili abraçou o corpo.

— Bem, quando vi a composição da equipa, vi o nome dele e pensei que era inteiramente possível que houvesse mais do que um Tom Byrnes em Los Angeles, certo? Sabia que o Richard tinha um irmão chamado Tom, mas não o conhecia, e nós as duas também não nos conhecíamos bem antes dessa noite. A probabilidade era pequena.

— Sim — disse Nina. — Quase inacreditável.

— E, no entanto, estas coisas acontecem — disse Lili. — Pela minha experiência, acontecem mais do que se pensa. Por isso, convidei-te para o casamento, e se tivesse de ser, ele seria o certo. — Encolheu os ombros e olhou em volta. — Além disso, há aqui montes de homens solteiros, porque a maior parte das

peessoas que trabalham para a Rachel são jovens que carregam coisas, por isso, se o Tom não fosse o certo, ainda podias conhecer alguém simpático.

— A Clare disse que a tua irmã era contrabandista?

Lili riu-se.

— É importadora de arte e artefactos. Trabalha com museus e colecionadores privados, mas a única vez que a Clare a visitou no trabalho ela disse-lhe que era contrabandista, e foi mais divertido deixar as coisas assim.

— Esperemos que a Clare não queira trabalhar para as Finanças.

— Bate na madeira — disse Lili, pondo-se de pé. — Diverte-te. O Tom parece simpático e o Richard é fantástico. Estamos decididamente a melhorar os genes da família ao adicioná-lo. — Olhou em volta. — Espera... onde está o camelo?

Afinal, era Clare que tinha o camelo e tentava convencer o animal a subir para a bagageira do carro da mãe. Depois verificou-se que os camelos não são fáceis de convencer, sobretudo se quisermos dobrá-los como guarda-chuvas e espremê-los para dentro de espaços pequenos, por isso Clare não estava a obter grandes resultados.

Quando foi separada de *Humpty*, sob coação e com muitas lágrimas de fúria, descobriu-se que tinha comido quatro gelados e dois sacos de gomas em forma de minhoca, e vomitou tudo no banco de trás do carro. Nina ofereceu-se para ir procurar um pano húmido e um rolo de papel de cozinha. Enquanto falava com um empregado prestável, Tom surgiu por trás dela.

— Olá, Nina, que engraçado encontrar-te aqui. — Ele tinha-a avistado depois da cerimónia, mas precisara de posar para cinquenta mil fotografias de casamento e só agora conseguira vir procurá-la. — Para ser franco, não percebo muito bem *como é que*

estás aqui. — Corou ligeiramente. — Quero dizer, estou muito feliz por te ver. — Quanta subtileza, pensou ele.

Nina tinha os braços cheios de papel de cozinha, o que era bom porque podia entregar-lhe um rolo e explicar-lhe a situação de Clare com o camelo e as gomas como tema de abertura de conversa. Talvez assim ele não reparasse nas suas faces coradas.

— Então, deixa-me lá ver se percebi — disse ele, enquanto atravessavam o relvado. — Estás aqui a convite da Clare, a sobrinha da minha nova cunhada, que ficou dominada pelo açúcar e tentou roubar um camelo, e agora estamos a caminho para oferecer assistência.

— É mais ou menos isso — respondeu Nina. — A irmã mais velha dela é uma das meninas que ficou especada a olhar para ti na semana passada, na livraria. Faz parte do meu clube de leitura da escola primária.

— Caramba, como o mundo é pequeno!

— Não — disse Nina, avistando Lili e Clare ainda sentadas no chão ao lado do carro, com o camelo a mastigar relva ali perto. — O mundo é muito grande, Larchmont é que é muito pequeno.

Clare parecia recuperada, por isso Tom levou o camelo para a sua localização original enquanto Nina ajudava a limpar e Lili explicava a Clare que não, não podia comer mais gelado agora que se sentia melhor. Não, mesmo que tivesse arranjado espaço ao vomitar. Não, mesmo que provavelmente o problema tivessem sido as gomas. E não, ela não podia ter um camelo.

Tom e Nina decidiram que o melhor era afastarem-se muito devagar. Lili tinha claramente tudo sob controlo.

— A propósito, parabéns — disse Nina, quando deambulavam pela relva. As pessoas tinham começado a dançar lá à frente e não havia ninguém na maior parte dos tapetes.

Ele olhou-a, confuso.

— Pelo casamento do teu irmão. Parabéns pela tua nova irmã. Não a conheço, mas a Lili é mesmo simpática. E as sobrinhas, como vês, são estupendas.

Tom sorriu.

— Só as conheci recentemente.

— Ah, sim? O Richard e a Rachel não se conhecem há muito tempo?

Tom abanou a cabeça.

— Não, conheceram-se no verão passado, mas parece que o Richard já a tinha visto e apaixonou-se à primeira vista. Depois, quando voltou a vê-la, tomou a iniciativa.

— Caramba, isso é... arrojado.

Tom encolheu os ombros.

— A família Byrnes é assim. Superconfiante. Preferimos tentar e falhar do que não tentar. A culpa é da minha mãe: é louca.

Nina deteve-se.

— Louca a sério, mentalmente doente ou doida varrida?

Tom riu-se.

— Bem, não sou psiquiatra, mas ela é, decididamente, doida varrida. Gosta de experimentar montes de coisas novas e andar por aí a fazer coisas. Faz esqui, *skydiving*, monta a cavalo, corre maratonas.

Nina sorriu, mas disse:

— Parece muito cansativo.

Tom assentiu com a cabeça.

— Por vezes, ela é cansativa. O Richard é como ela. A minha irmã, a Amelia, ainda é mais como ela, e eu sou um bocadinho como ela. Não sou tão aventureiro.

Nina olhou-o.

— E o teu pai?

Tom estava a ver onde punha os pés, tentando não tropeçar nos

tapetes.

— Sou mais como ele. Ele é... normal. Gosta de ver a minha mãe fazer aquelas coisas todas e incentiva-a, mas não gosta propriamente de cair de cenas e partir uma perna.

— Ela parte muitas vezes as pernas?

Ele abanou a cabeça.

— Ultimamente, não.

Tinham atravessado todo o relvado e pararam a ver os dançarinos.

Tom virou-se para ela.

— Queres dançar?

Nina abanou a cabeça.

— Não danço bem. Adoro música, mas fico nervosa e troco os pés. — Como se precisasse de enfatizar a minha falta de aventureirismo, pensou.

Começou uma música lenta. *Girl Talk*, de Julie London.

Tom sorriu.

— Não podes trocar os pés numa música lenta. Anda.

Nina abanou a cabeça, mas deixou-se ser arrastada para o recinto de dança.

— Esta é a música mais sexista de sempre — disse.

— Sim — disse Tom, atraindo-a mais a si e começando a dançar.

— Pois é, mas segue-me e não penses nisso.

— Não posso não pensar nisso — disse Nina, embora estivesse a seguir os seus passos e a desfrutar da sensação dos braços dele em torno da sua cintura. Ela tinha de pôr os braços também em volta da cintura dele, visto que ele era demasiado alto para lhos pôr em redor do pescoço. — «*We chew the fat about our tresses and the neighbours' fight*»⁵... francamente.

— Mas a voz dela — disse Tom, baixando a cabeça para ela o ouvir por cima da música. — A voz dela é a coisa mais bonita do mundo.

Nina sorriu e levantou o olhar para ele.

— Pois é. Ela tem mesmo...

E foi então que ele a beijou. Como deve ser. E ainda bem que estava a segurá-la, porque ela quase perdeu o equilíbrio.

De um lado do recinto de dança, Clare virou-se para a mãe e estendeu a mão.

— Eu disse-te!

Lili suspirou e tirou uma goma do bolso.

— Ganhaste.

Clare mastigou e observou Nina e Tom, que ainda se beijavam.

— Eu sabia que eles iam beijar-se. Percebi logo.

— Como é que percebeste? Só tens 6 anos.

— Vi-te com o Edward. As pessoas que se vão beijar fazem-no primeiro com os olhos. — Clare encolheu os ombros. — Dá para ver a um quilómetro.

Tom e Nina afastaram-se e olharam-se em silêncio, e Clare estendeu a mão.

— Vês? Ainda se estão a beijar. Dá-me uma goma.

Lili pôs outro doce na mão da filha.

— E agora com os lábios outra vez.

⁴ Tradução livre do inglês: «Nunca irei desistir de ti / Nunca irei desapontar-te / Nunca irei andar por aí e abandonar-te», versos da canção *Never Gonna Give You Up*, de Rick Astley. [N. T.]

⁵ Tradução livre do inglês: «Tagarelamos acerca dos nossos penteados e dos vizinhos que andaram à bulha». [N. T.]



Em que Nina partilha mais sobre si própria.

— Caramba — disse Tom, entrando no apartamento de Nina. — Isto é que são estantes a sério.

Nina deteve-se, vendo-o entrar no seu espaço, vendo como é que ele ficava em sua casa. Ela quase nunca levava homens para o seu apartamento. Preferia ir aos deles, para se poder ir embora caso precisasse. Nada pior do que um encontro correr mal e ter de pôr alguém na rua a meio da noite ou fingir que está tudo bem até à manhã seguinte. Um arrepio de ansiedade perpassou-lhe o estômago, mas desvaneceu-se assim que Tom se virou e lhe sorriu.

— Devem estar aqui desde que a casa de hóspedes foi construída. Já não se fazem coisas destas. — Passou as mãos pelas arestas das prateleiras.

Nina sorriu.

— Acho que nunca ninguém tinha elogiado as prateleiras em si. Normalmente, as pessoas estão mais concentradas nos livros.

— Pois, há muitos. — Mas ele continuava a olhar para as prateleiras.

— Queres uma bebida? — Nina foi ver se tinha vinho ou cerveja, mas não tinha.

— Não, estou bem — disse ele, pondo-se atrás dela e fazendo deslizar as mãos pela sua cintura. Era pequenina, aquela mulher, mas forte. Sentiu os músculos dela moverem-se sob as palmas das suas mãos quando ela se virou e o beijou novamente. Não

havia nada de hesitante na sua reação a ele, nem no recinto de dança, nem no casamento, nem no carro para ali, nem naquele momento. Ele inclinou-se para ela e enlaçou-a com força, e quase a levantou de encontro a si. De repente, sentiu uma dor aguda no tornozelo e afastou-se com uma exclamação.

Nina riu-se quando olhou para baixo.

— Oh, desculpa. É o *Phil*. — O pequeno gato estava no chão da cozinha, a sacudir a cauda, com as orelhas para trás. — Tem fome.

Tom inclinou-se para acariciar o gato, que lhe bufou.

— Não acho que tenha fome. Acho que me odeia.

Nina abanou a cabeça enquanto enchia um pratinho prateado com biscoitos de gato.

— Não, ele é um amante, não um lutador. — Pousou o prato no chão e *Phil* começou a comer.

— Vês? Só tinha fome.

Tom ia passar ao lado do gato, mas *Phil* virou-se e cravou-lhe novamente os dentes no tornozelo.

— Hum — disse Nina. — Estava enganada. Ele odeia-te.

Finalmente, *Phil* permitiu que Tom passasse para a área de estar. Tom sentou-se na poltrona gigante e puxou Nina para o seu colo.

— É aqui que passas o teu tempo todo? — perguntou ele, entre beijos.

— Sim — disse ela. — É o meu lugar favorito no mundo. — Ela estava montada em cima dele na cadeira e, quando tirou o vestido pela cabeça, Tom sentiu novamente o cheiro a limão e mel, e encostou-lhe os lábios à barriga. — No entanto — disse, desabotoando-lhe a camisa —, nunca... fiz... isto aqui.

Acabou a camisa e começou com o cinto, desapertando a fivela e tirando-lho das calças.

— Surpreendes-me — disse Tom, pondo-se de pé e levantando-a para tirar as calças, com as pernas dela em torno da sua cintura,

depois virou-se e sentou-a na cadeira, ajoelhando-se no tapete diante dela. — É tão perfeito para isto.

Inclinou novamente a cabeça para a barriga dela, depois começou a descer.

— Tens razão. É... — A voz dela falhou por um segundo. — Perfeito.



Na manhã seguinte, através das suas lentes de contacto embaciadas, Nina viu Tom a cirandar na cozinha. Sorriu enquanto se espreguiçava, lembrando-se do que acontecera. Por uma vez, não queria ir-se embora, nem que ele fosse, nem fazer nada além de repetir tudo.

Ele virou-se e apanhou-a a observá-lo.

— Bom dia, linda — disse ele. — Café?

Ela assentiu.

— Já saí para comprar o pequeno-almoço — disse ele. — E fiz as pazes com o teu gato doentiamente ciumento.

Nina percebeu que *Phil* estava na bancada da cozinha, entretido a comer.

— Como é que fizeste isso?

— Suborno à moda antiga — disse Tom, levando duas canecas de café para junto dela. — Parece que ele não se importa de te partilhar em troca de salmão fumado biológico. — Sentou-se no chão ao lado da cama e debruçou-se para a beijar. — Como estás?

Ela bebericou o café e sorriu-lhe.

— Estou bem. E tu?

— Muito bem. — Ele devolveu-lhe o sorriso. — A noite passada foi fantástica. Tu és fantástica.

Ela entregou-lhe a caneca e levantou o edredão.

— Volta para a cama — disse-lhe. — Tive mais algumas ideias

fantásticas.

Ele sorriu e enfiou-se debaixo dos lençóis.



Algumas horas depois, conseguiram sair do apartamento e deambularam de mão dada até Larchmont Boulevard, que usava o seu melhor fato domingueiro. Domingo não era o dia favorito de Nina no bairro, porque o Mercado Biológico atraía o que parecia um milhão de visitantes, que competiam pelos poucos lugares de estacionamento e enchiam de produtos hortícolas a preços exorbitantes as suas sacolas de rede muito ecológicas.

Tom virou-se para Nina.

— Tens fome? — perguntou.

— Não muita — respondeu ela. — Mas posso sempre comer um gelado.

Ele sorriu e beijou-a docemente nos lábios.

— Achas que ainda não és suficientemente doce?

Ela fez-lhe uma careta.

— Posso ser doce, mas será que contenho uma interessante variedade de ingredientes cuidadosamente selecionados? Tenho dúvidas.

— Tens razão — disse ele. — E se desfaleces por falta de baunilha no sangue?

— Exatamente — disse ela. — Só uma rápida ingestão de gelado poderá evitar o desastre.

Dirigiram-se a uma das duas, sim, duas, lojas de gelados artesanais no Boulevard. Por vezes, Nina imaginava que os funcionários passavam as noites a digladiarem-se pelo título de Rei dos Gelados de Larchmont Village. Via-os com as suas conchas em riste, ou mesmo uma catapulta gigante de sorvete que lançava enormes bolas de morte glacial. Uma versão Enio

Morricone de um jingle do camião de gelado pairava no ar e, a meio de agosto, o gelado derretia no asfalto quente e as natas escorriam para as sarjetas.

Nina contou a sua teoria a Tom enquanto esperavam numa fila incrivelmente longa, e ele escutou-a com muita atenção, acenando com a cabeça na parte da catapulta e cerrando os dentes ao ponderar as implicações para a limpeza das ruas. Depois suspirou e beijou-a tão profundamente que as conversas na fila se interromperam enquanto as pessoas admiravam a sua técnica. Por fim, soltou-a e disse:

— És completamente lunática, Nina Hill, e duvido que alguma vez vá fazer ideia do que se passa na tua mente.

Nina recuperou o fôlego e abanou a cabeça.

— Provavelmente, ainda bem — disse, embora nesse preciso momento ele fosse a única coisa na sua mente. Mas é claro que não precisava de lho dizer.

Depois de ela pedir uma bola de manteiga de amendoim salgada com pepitas de chocolate e Tom uma bola de amora crocante, saíram da loja e sentaram-se num banco, dando lambidelas em silêncio, a verem passar a multidão e a desfrutarem daquela sensação incrível que vem depois de termos finalmente dormido com alguém com quem queríamos dormir e de ter sido ainda melhor do que esperávamos.

As pessoas passavam por eles com a *joie de vivre* que todos os angelinos tinham, pelo menos naquele bairro. Estavam em forma, eram saudáveis, atraentes e viviam o seu sonho, ou pelo menos tentavam viver o seu sonho. Era domingo e estavam ocupadas a fortalecer o seu entusiasmo em relação à semana que ia começar. Todas as manhãs enfrentavam a possibilidade de deceções (telefonemas não devolvidos, nenhuma entrevista de emprego, nenhuma chamada da Academia) mas iam fazer yoga à hora de almoço e bebiam um sumo verde e esperavam ansiosamente pela

próxima oportunidade de Chegar Lá ou Ter Êxito ou Fazer Com Que Resulte. Talvez esta semana conhecessem a pessoa certa. Los Angeles funciona a otimismo juvenil, endorfinas e Letras Maiúsculas.

Tom lambia o seu cone em silêncio, o que Nina apreciou. Primeiro, porque o gelado merecia respeito, e segundo porque o seu som favorito era a ausência de som. Contudo, o silêncio não podia durar e Tom interrompeu-o.

— Gosto mesmo do teu nome — disse ele. — É em honra de alguém da tua família?

Nina riu-se.

— Bem, até há três semanas e meia, a única família que eu tinha era a minha mãe e a ama que me criou, mas, não, tenho o nome de uma rapariga de uma fotografia.

— Uma fotografia? — Ele olhou-a confuso, e Nina explicou.

— A minha mãe é fotógrafa. A Ruth Orkin tem uma fotografia famosa, chamada *Rapariga Americana em Itália*, e essa rapariga chama-se Ninalee, e a minha mãe sempre adorou o nome. — Nina encolheu os ombros. — Ela também gosta daqueles desenhos do Hirschfeld, sabes, onde ele escondia o nome Nina algures na imagem...? — Interrompeu-se. O seu gelado estava a pingar e Tom estava a fitá-la e talvez ela estivesse a ser chata.

Tom estava realmente a fitá-la. Estava a pensar que a voz dela soava como um sino, muito mais grave do que a voz da maioria das mulheres, imaginando as suas ondas sonoras a ressaltar-lhe na pele, recordando-se de como soara ao dizer o seu nome, e de repente a única coisa que queria era voltar para o apartamento. Corou.

— Perguntaste-me alguma coisa? — Tossiu — Desculpa. Perdi-me no que estavas a dizer.

Nina franziu a boca.

— Bem, acho que não era muito interessante.

Ele falou precipitadamente.

— Mas era. Falavas sobre fotografia e sobre o teu nome. Distraí-me com a tua voz. — Pegou-lhe na mão. — Vou ser sincero. Olhar para ti faz-me perder a cabeça. Podemos voltar para tua casa? — Baixou a voz. — Por favor?

Nina riu-se e pôs-se de pé.

— Sim — disse. — Acho que apanhámos ar livre suficiente para um dia.



— Como é que o teu pai morreu? — Era o princípio da noite e Tom fitava o teto, com a cabeça de Nina no seu ombro. Não tinham falado muito durante várias horas, mas agora estavam cansados e prontos para conversar. Nina aninhou-se nele, o seu cabelo a fazer-lhe cócegas no pescoço.

— Ataque de coração.

— E tu não o conhecias mesmo, nem sabias absolutamente nada acerca dele?

— Não. Agora parece estranho, mas nessa altura era mesmo assim.

— Então eras uma espécie de órfã.

— Não propriamente. A minha mãe estava ausente, a trabalhar, mas tínhamos muitas notícias dela e ela vinha visitar-nos. Não tive pai, mas tive uma ama que era tão boa ou melhor do que qualquer mãe biológica. Não fui criada numa caixa de papelão.

— A sério?

— Na verdade — disse Nina —, não é verdade. Eu tive sorte. Tive uma caixa de leite condensado nos primeiros anos, depois evolui para uma caixa de frigorífico, quando cresci demais para conseguir ficar de pé na primeira.

— Essas caixas de frigoríficos são robustas — disse Tom. Sabia

que ela se estava a esquivar à pergunta, mas não queria pressioná-la. — E isso explica porque te sentes confortável nesta cama de solteiro. — Ele achara a falta de espaço um desafio, mas contornara o problema.

Nina assentiu com a cabeça, apreciando a forma como Tom estava sempre pronto a ser tolo. É uma qualidade muito subestimada.

— Era de um frigorífico europeu, por isso era reforçada, para exportação.

— Que chique.

Ela abanou a cabeça.

— Não era chique, mas era a minha casa, percebes? — Fez uma pausa. — Na verdade, cresci aqui, neste mesmo bairro. Em toda a minha vida, mal saí da zona este de Los Angeles.

Ele riu-se.

— Se calhar tu é que precisas de ser reforçada para exportação.

Nina sorriu.

— Tu viajas muito?

Ele abanou a cabeça.

— Não. Cresci em Pasadena, frequentei lá a faculdade e depois fiz a extensa mudança de 30 quilómetros para Los Angeles. Depois do curso, viajei pelo país com alguns amigos, como toda a gente. Mas depois apanhei um avião e voltei diretamente.

— Eu nunca fiz isso.

— Ainda podes fazer.

— Não tenho carro. E tenho um gato. — Riu-se. — Um gato feroz e ciumento. Além disso, não quero ir a lado nenhum. — Começava a sentir fome e perguntou-se ociosamente se deviam levantar-se e jantar. — Como é o teu pai?

Tom respondeu.

— É bastante convencional. Como te disse, é mais calmo do que a minha mãe.

— Mas como é? Como era quando tu eras pequeno?

Tom franziu a testa e pensou.

— Era um bom pai, acho eu. Só tive um, não é? Por isso não posso compará-lo com o pai de ninguém. Uma vez salvou a vida à minha irmã.

Nina ergueu as sobrancelhas.

— Sugou veneno de cobra?

Ele sorriu.

— Não. Manobra de Heimlich num McDonald's. A história é que ela se engasgou com um *chicken nugget* e, quando ele lhe fez a manobra de Heimlich, o pedaço de galinha atingiu o meu irmão mais velho no olho com tanta força que tiveram de o levar às Urgências. A cobertura de panado arranhou-lhe a córnea. Teve de ir para a escola com uma pala no olho.

— É uma boa história.

Ele assentiu.

— Sim, e muito comum. Passavam-se sempre muitas coisas em nossa casa. Foi uma infância feliz, a maior parte do tempo. Vi os meus pais discutirem muito, mas faziam sempre as pazes e nunca deixaram de se amar, por isso, estás a ver... Havia... empenho.

— E os teus irmãos?

— São fantásticos. O Richard casou-se, obviamente. Tu estavas lá.

— É verdade — disse Nina.

— Ei — disse Tom de repente. — Isso significa que o aniversário de casamento deles é o nosso aniversário também!

Houve um silêncio.

— Partindo do princípio de que duramos tempo suficiente — disse Nina em tom ligeiro.

— Certo — disse Tom. — Podes fartar-te de mim.

Nina olhou para a sua mão, pousada no peito dele. Enrolou os dedos.

— Ou podes tu fartar-te de mim. Não faço muitas coisas.

Tom olhou fixamente para o teto, tentando desviar o assunto.

— Talvez tenhamos um domingo glorioso e morramos os dois debaixo de um piano em queda.

— Ao mesmo tempo?

— Não, dois pianos em separado, dois lugares em separado, coincidência total.

Nina ficou a pensar naquilo, sentindo a onda de ansiedade que ameaçava instalar-se-lhe no peito perder força.

— Sempre quis morrer assim. Ou debaixo de um cofre. Um daqueles cofres Acme do Papa-Léguas.

— Qualquer das mortes do Papa-Léguas estava bem para mim. Cair de um penhasco ainda a correr, parar a meio do ar com um letreiro a dizer *Whoops* e a seguir mergulhar para a morte.

— Correr para um túnel pintado numa rocha e ser atropelado por um comboio que não devia estar ali.

— Ver um pássaro comer um monte de sementes explosivas e ficar bem, e depois comer só uma e rebentar.

— Sim, qualquer uma dessas mortes estaria bem.

— E seria um fim apropriado para o nosso grande romance. — Tom sentia-a relaxar sob os seus braços. Era sensível, ela. Difícil de compreender, embora na cama estivessem tão à vontade juntos, tão descontraídos e em sintonia. Era só a ressaca que trazia armadilhas. Apertou-lhe o ombro.

— Estás com fome?

Ela confirmou, maravilhada com a forma como a presença dele conseguia bloquear-lhe a ansiedade. Sempre que ela começava a sentir pânico, os sentimentos desvaneciam-se de encontro à grande e sólida parede... que era ele. Ele não o fazia de modo consciente, ou pelo menos ela não achava que sim, mas ele era cem por cento real, e a ansiedade dela — que era, afinal, feita de fumo e espelhos — não tinha capacidade para ele.

— Preciso de arranjar um pouco mais de apetite — disse ela, fazendo deslizar a mão por baixo do lençol.

Ele sorriu e segurou-lhe a mão antes de esta chegar ao seu alvo.

— Não — disse ele. — Vamos deixar espaço para a sobremesa. — Pôs as pernas de fora da cama. — Não quero que fiques com hipoglicemia e tenhamos uma briga no nosso primeiro dia. — Ajudou-a a levantar-se. — Deixa-me tomar conta de ti.

Ela suspirou, assentiu com a cabeça e levantou-se.

Hoje é o dia

DATA Segunda-feira, 27 de maio S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho

OBJETIVOS

*Não
Te
Passos!*

NOTAS

Lençóis novos!



LISTA DE AFAZERES

- ☐ *Comida de gato - sabor*
- ☐ *a salmão?*
- ☐ *Mais preservativos*
- ☐ *Loção corporal*
- ☐ *Giletes*
- ☐
- ☐
- ☐

+ PEQUENO-ALMOÇO

TOM

+ ALMOÇO

TOM

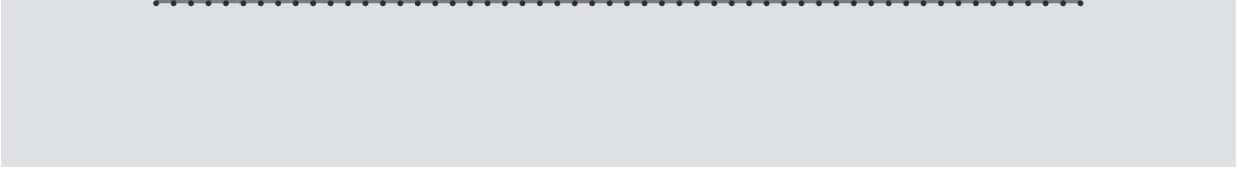
+ JANTAR

TOM

+ EXERCÍCIO

TOM





Vinte e Um

.....

Em que Nina se revela útil.

Polly ficou entusiasmadíssima por ela, mas a verdade é que o estado normal de Polly era de entusiasmo.

— É tudo tão romântico — disse. — Primeiro inimigos, depois um beijo e um falhanço épico da tua parte...

— Ei — disse Nina.

— E finalmente encontrarem-se num casamento, com os destinos a alinharem-se...

Nina franziu a testa.

— Acho que são as estrelas que se alinham, não os destinos.

— E isso interessa?

— Acho que não.

— Vais voltar a vê-lo?

Nina fez que sim com a cabeça. Depois que não. Depois que sim.

— Acho que sim. Demo-nos demasiado bem para não voltarmos a ver-nos. — Pensou um pouco. — Claro que ele é um gajo, por isso sabe-se lá. Talvez nunca mais tenha notícias dele. Ou talvez me mande uma fotografia do seu pénis a qualquer momento.

— Nesse caso — disse Polly —, o melhor é ires espreitando para o teu telemóvel.

O telemóvel de Nina, obedientemente, apitou. Ela pegou-lhe, mas abanou a cabeça.

— Não é ele. É o Archie.

— Oh, estou mais do que disposta a ver o pénis dele. — Polly

debruçou-se, mas Nina afastou o telemóvel.

— Desculpa. Estás a salivar por causa do meu irmão casado. — Olhou para a mensagem. — E seria muito estranho ele mandar uma fotografia do seu pénis à própria irmã.

— Tens razão.

— Quer saber se posso almoçar. Diz que vai trazer alguém que quer que eu conheça. Queres vir? Talvez seja um amigo solteiro.

— Como é que posso ir? A Liz não está cá. Estás a sugerir que fechemos a loja?

— Oh, claro! — Nina riu-se. — Quem diria que te ias tornar tão responsável?

— Não sou eu. — Polly afastou-se. — Acho que é a tua péssima influência. Eu era descuidada e desorganizada, e tu arruinaste-me. No outro dia, fui capaz de pôr a mão diretamente em cima de algo que procurava. Fiquei abalada para o resto do dia.

— Desculpa — disse Nina.

— Bem podes pedir — disse Polly, dirigindo-se ao escritório para ir buscar uns documentos.



A companhia de Archie não era nada do que Nina esperava. Para começar, tinha apenas um metro e vinte.

— Esta é a Millie — disse Archie. — É tua irmã. — Fez uma pausa. — E minha, também.

Millie não era ruiva, mas apesar disso havia algo de familiar nela. Era mais parecida com a mãe, Eliza, a mulher que tentara travar os disparates de Lydia no outro dia, mas ainda tinha muito da estrutura óssea do pai.

Ela estendeu-lhe a mão.

— Olá, Nina. Prazer em conhecer-te.

Nina apertou-lhe a mão. Que criança tão formal.

— Não sabia que vocês os dois saíam juntos — disse.

Os três arranjaram uma mesa ao fundo do restaurante, e Vanessa veio receber o pedido.

— Mais família? — perguntou. Olhou para Millie. — Queres que peça o menu de criança?

Millie olhou-a, pensativa.

— Tem desenhos para colorir?

— Sim, e um jogo de palavras.

— Então, sim, por favor. — Olhou para Nina. — Adoro jogos de palavras.

— Quem é que não gosta? — disse Nina. — E o *Mad Libs*.

— Sim! — disse Millie, claramente entusiasmada por ter encontrado uma alma gémea. Os maluquinhos das palavras gostam de se encontrar uns aos outros. De se descobrir. Identificar. Reconhecer. E por aí fora.

Archie pigarreou.

— Na verdade, não costumamos sair. A Eliza contactou-me depois da reunião no escritório do advogado, há duas semanas, e decidimos que seria divertido. — Olhou para Millie e novamente para Nina. — Trouxe-a porque já não aguento falar mais de livros. Estou exausto. Pensei que tu podias assumir a tarefa.

Millie sorriu-lhe e deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Não faz mal, até sabias bastante acerca do *Harry Potter*.

— E se tu tivesses lido *Os Jogos da Fome*, eu também saberia falar disso. — Sorriu. — Mas a tua mãe é uma mulher sensata.

Nina disse:

— *Os Jogos da Fome* é fantástico, mas talvez um pouco sangrento para...

— Crianças de 10 anos — disse Millie. Deu um gole na limonada que Vanessa tinha trazido. — Mas eu queria era falar contigo acerca do pai.

O sorriso de Nina esmoreceu um pouco.

— Sabes que nunca o conheci, não sabes?

Millie franziu a testa.

— Não conheceste?

Nina olhou para Archie, que encolheu os ombros.

— Ninguém sequer sabia que eu existia, antes de o teu pai morrer. Ele nunca foi o meu pai a sério.

Millie ficou em silêncio, a processar a informação.

— Ele nunca foi casado com a tua mãe?

Nina abanou a cabeça.

— Mas conheces os outros familiares? — perguntou ela.

Millie rodou o copo da limonada lentamente em cima da mesa.

— Um pouco. Eu já tinha encontrado o Archie, nas festas, mas não lhe prestei muita atenção, sinceramente. — Ergueu o olhar para Nina, com os olhos límpidos. — Quer dizer, sou uma criança, e era Natal.

— Fui ver-te ao hospital quando tu nasceste — disse Archie.

Millie sorriu.

— Foste?

Archie confirmou.

— Eu era adolescente, por isso fingi que era tudo muito fixe, mas tu eras uma bebé mesmo feia.

Millie riu-se.

— A tua mãe fartou-se de me perguntar se eu queria pegar-te ao colo, e eu sempre a dizer que não. Tinha medo de que me atacasses de repente.

Millie riu-se com mais força, depois parou.

— Tenho saudades do meu pai.

Nina acenou com a cabeça.

— De certeza que sim. Como é que ele era?

Millie sorriu.

— Era fantástico. Estava sempre a brincar comigo. Era muito velho, mas inventava as melhores brincadeiras. Via os meus

programas favoritos comigo, esse género de coisas. Líamos juntos todos os dias. Ficava comigo à noite quando eu ia dormir, porque às vezes eu tinha medo do escuro. — Olhou de relance para Nina, mas não viu censura. — E às vezes ele arrumava os meus brinquedos de maneiras engraçadas. Filas grandes de Littlest Pet Shop a marchar no chão, dinossauros vestidos com as roupas da Barbie, sabes? Esse tipo de coisas.

Nina sorriu.

— Devia dar muito trabalho.

— Sim, os dinossauros têm braços mais curtos do que a Barbie.

— Toda a gente tem braços mais curtos do que a Barbie.

Millie concordou.

— Ele enrolava as mangas. A minha mãe trabalha muito, mas ele era mais ou menos reformado, por isso ia buscar-me à escola. Agora é a minha ama que vai. Ela é fixe. — Um pouco de limonada entornara-se para a mesa e ela desenhou uma estrela-do-mar. — Já foi há mais de um mês, mas fico sempre triste quando vejo o carro dela.

Nina não sabia bem o que dizer. Estava surpreendida com a descrição que Millie tinha feito do pai. Do pai delas. Pela primeira vez, desejou tê-lo conhecido e, num impulso, estendeu a mão por cima da mesa e apertou a de Millie.

— Ele devia ser fantástico. Tenho mesmo pena de não o ter conhecido.

Millie olhou para cima, com os olhos brilhantes.

— Sim, tu terias gostado dele, acho eu. — Respirou fundo. — Muitas pessoas gostavam. Ele era o meu melhor amigo fora da escola.

— Quem é o teu melhor amigo na escola? — Nina estava curiosa.

— Oh, vai mudando. — Millie olhou para a mesa e houve uma súbita imobilidade nos seus ombros. Nina olhou para Archie.

— Gostas da escola?

Millie abanou a cabeça, e de repente rebentou:

— Não muito. Às vezes tenho amigos, mas na maior parte do tempo ninguém fala comigo. O que, sinceramente, não me faz diferença. Sou feliz sozinha. Está tudo bem. A sério. E ninguém quer falar sobre livros, a não ser, às vezes, sobre o *Harry Potter*, mas sinceramente não sei se leram mesmo, porque não sabem *nada*, e se eu disser, por exemplo, então é o *The Candymakers*, ou *A Evolução de Calpurnia Tate*, ou o *The Penderwicks*, eles ficam, tipo, o que é isso?, e depois eu sinto-me mal. — Calou-se.

— Tanto pior para eles, se não leram esses livros, que, por sinal, são todos fantásticos. Adoro cada um deles. — Nina começava a descontrair-se; aquele era o seu tema favorito. Mas gostaria de não se identificar tanto com Millie; estava a ter *flashbacks* dos seus próprios anos de escola. O recreio e o almoço, descobrir um sítio para estar sozinha, em parte desejando que alguém a encontrasse.

— É pena eu nunca me lembrar de nada para dizer que não ande à volta de livros. — Millie parecia triste. — Eles querem falar sobre os Pokémon e sei lá o quê, e eu gosto dos Pokémon, mas não sei tudo acerca deles como sei acerca de livros. — Olhou para Nina, quase implorante. — Às vezes é difícil. Dá-me dores de barriga.

— Bem, podemos falar de livros sempre que quiseses — disse Nina. — Achas que a tua mãe te deixa entrar para um clube de leitura na livraria? Tenho um grande grupo de meninas da tua idade que adoram esses livros todos e muitos mais. — Lembrou-se de que Millie e Eliza viviam em Malibu. — Mas é muito longe.

Millie parecia ter esperança.

— Posso perguntar-lhe.

Archie acrescentou:

— Também podes fazer perguntas aos outros miúdos. Foi o que a minha mãe me ensinou, e acho que foi um bom conselho.

Pergunta às pessoas se têm um cão, ou se gostam de pássaros, ou se são alérgicas a alguma coisa, ou se ainda acreditam no Pai Natal, o que te vier à cabeça.

— A única coisa que me vem à cabeça são livros — disse Millie, preocupada. — E se eu lhes fizer um monte de perguntas, vão pensar que sou ainda mais estranha do que já pensam que sou. Na semana passada, um menino disse que eu era esquisita, e ninguém disse que eu não era. Ninguém disse nada. — A sua voz cedeu um pouco na última palavra e, de repente, Nina ficou furiosa. Tentando manter uma voz calma, perguntou:

— O que é que ele queria dizer com «esquisita»? — Olhou para Archie e viu que ele sentia o mesmo.

Millie encolheu os ombros.

— Não sei. Esquisita. Tínhamos estado a falar acerca da Aragog, a aranha, sabem? — Tanto Archie como Nina confirmaram. — E depois eu comecei a falar da Charlotte, de *A Teia de Charlotte*, e de todos os bichinhos em *James e o Pêssego Gigante*, e aquele outro livro sobre um rapaz e um escaravelho no Metropolitan Art Museum...

— *Masterpiece* — interrompeu Nina.

— Pois, e nas baratas nos livros do Gregor, e eu disse que os insetos eram interessantes porque são mais pequenos do que as crianças, e a forma como as personagens os tratam é a forma como somos tratados pelos crescidos, e depois ele ficou a olhar para mim e disse que eu era esquisita. — Olhou para a mesa. — Eu achava que era uma teoria razoável.

Archie deu um gole na água.

— Bem, vou ser honesto, Millie. Eu não chamaria a isso esquisito, chamaria a isso inteligente, mas os miúdos de 10 anos não são conhecidos pelas suas perceções literárias. — Pousou o copo. — Nem pela boa educação.

Nina olhava para a sua irmã mais nova sem estar preparada para

o impulso de afeto que estava a sentir por aquela menina que conhecia apenas há meia hora. Voltou a estender a mão por cima da mesa.

— Eu mesma vou telefonar à tua mãe. Tens de vir ao meu clube de leitura, e depois podemos jantar e falar destas coisas todas.

— Quantas vezes é esse clube?

Nina franziu a testa.

— Uma vez por mês.

— Oh — disse Millie. — Não é muito.

— Mas talvez a tua mãe me deixe ir buscar-te às vezes depois da escola, e podemos passar tempo juntas e conversar. Eu não me importo de ir a Malibu. — Quase se engasgou com a frase, mas descobriu que era verdade.

Millie parecia mais feliz.

— Isso seria fantástico. Agora não tenho ninguém com quem falar.

— Então, está combinado — disse Nina. — Vou tratar de tudo. Pode ser às quintas-feiras — disse impulsivamente. — Nunca tenho nada planeado às quintas-feiras.

— A sério? — disse Millie, apertando-lhe a mão.

— Sim, a sério — disse Nina com confiança. — As quintas-feiras podem ser a nossa noite.

Hoje é o dia

DATA *Sábado, 1 de junho*

S T Q Q S S D
△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

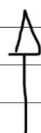
16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h



Festival



Filme?



LISTA DE AFAZERES

- ☐ *Peptoll*
- ☐
- ☐
- ☐
- ☐
- ☐
- ☐
- ☐
- ☐
- ☐
- ☐

OBJETIVOS

Festival de verão

NOTAS

+ PEQUENO-ALMOÇO

Café

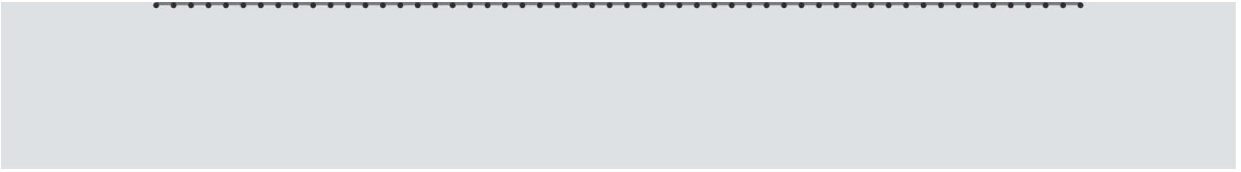
+ ALMOÇO

Granizados

+ JANTAR

Churrasco

+ EXERCÍCIO



Vinte e Dois

.....

Em que Nina tem um choque.

O Festival da Primavera de Larchmont era, como seria de esperar, um evento anual. Havia algodão-doce e granizados, havia cachorros-quentes e hambúrgueres, e o cheiro a cebola queimada misturava-se perfeitamente com o perfume que era a imagem de marca de Los Angeles: protetor solar e dinheiro. Até havia pôneis para montar, apesar de ser difícil chegar junto deles através dos manifestantes pelos direitos dos animais que reclamavam por haver pôneis para montar.

A Knight's não abria nesse dia, mas Nina, Polly e Liz iam sempre juntas ao festival e misturavam-se com os clientes, como dizia Liz.

— É um evento de convívio comunitário — disse ela. — Vão para lá e convivam.

Nina tinha convidado Tom para ir ter com ela ao carroucel e tentou não se encher de alegria infantil quando o viu. Mas era difícil: ela era uma gatinha apaixonada e começava a sentir-se à vontade com isso.

Ele puxou-a para um abraço e beijou-a com firmeza. Polly, que estava por perto, sorriu e exigiu também um abraço.

— Ouvi falar muito acerca de ti — disse ela, mas felizmente não elaborou.

— Que querem fazer primeiro? — perguntou ele. — Andar de pônei? Cachorro-quente?

— Quero andar numa bola flutuante gigante — disse Polly, cheia

de confiança.

Uma atração importante para as crianças de Larchmont era uma grande piscina de borracha com uma dúzia de grandes bolas insufláveis a flutuar. As pessoas enfiavam-se dentro de uma bola, alguém a insuflava e elas rolavam para a água e chapinhavam e transpiravam e ficavam cheias de calor e, 30 segundos depois de sentirem que corriam o risco de ter uma insolação ou de morrer sufocadas, o tempo acabava. Os miúdos adoravam, mas Nina raramente via ali adultos, por motivos, enfim, de sensatez.

Polly, contudo, estava disposta a experimentar.

— Parece-me divertido, e todos os anos tenho vontade de experimentar, e todos os anos me convenço a não o fazer, mas este ano... — Respirou fundo. — Este ano, vou ignorar a minha voz interior e experimentar. — Olhou com ar de desafio para Nina e Tom, mas eles apenas encolheram os ombros.

— Sinceramente, acho que estás a pensar demais. Vai, torna-te a melhor versão de ti própria e enfia-te numa bola de plástico malcheirosa — disse-lhe Nina.

Polly assim fez, e Nina e Tom dirigiram-se à banca dos granizados.

— Os granizados não fazem muito sentido — disse Nina. — São só gelo e água com açúcar, mas são muito agradáveis. Começaram em Baltimore, sabes?

Tom sorriu-lhe.

— Não sabia. Que mais sabes tu acerca do humilde granizado?

— Bem, variam de região para região, naturalmente.

Tom assentiu com a cabeça.

— E tornaram-se muito populares durante a Segunda Guerra Mundial, porque todo o gelado era enviado para os soldados.

— Era? — Tom franziu a testa.

— Oh, sim — disse Nina, entusiasmando-se com o tema. — O gelado é o mimo de eleição para o complexo industrial militar.

Tom fitou-a.

— Sabes, nunca conheci uma mulher que dissesse a frase «complexo industrial militar» com tanta confiança. É muito sexy.

Nina atirou-lhe com gelo.

— Devias investigar. É fascinante.

— Preferia que me explicasses. É muito mais agradável olhar para ti do que para a *Wikipedia*.

— Não digas asneiras — disse ela, virando-se quando ouviu alguém chamar o seu nome.

— Nina! — Era Millie Reynolds, de mão dada com a mãe, Eliza.

— Ei! — Nina ficou encantada e baixou-se para abraçar a irmã.

— Tom, esta é a minha irmã Millie.

— É o teu namorado? — perguntou a menina.

— Sim — respondeu Tom, olhando Nina de esguelha. — Acho que é aceitável dizê-lo, não é?

Nina concordou, sentindo-se invulgarmente descontraída. Talvez fosse do granizado, talvez fosse do sol.

— Sabes, o Archie anda por aí com o seu bebé, o Henry... — Millie riu-se. — Ele é meu sobrinho.

— Vou dizer-lhe que te encontrámos — disse Eliza. Sorriu para Nina. — A Millie falou-me do teu clube de leitura. Parece-me uma boa ideia. Vou ver se consigo levá-la.

— Ótimo — disse Nina. Sorriu para Millie, que lhe ergueu o polegar.

De repente, Liz apareceu, num passo muito apressado.

— Esconde-me — disse. — O Meffo está aqui. Anda a encurralar as pessoas a torto e a direito. Acabou de apanhar o dono da loja de brinquedos em frente da banca das farturas.

Todos se mostraram confusos, à exceção de Nina, que começou a procurar uma rota de fuga. Avistou o senhorio a subir lentamente a rua, examinando a multidão à esquerda e à direita como um carro da polícia a patrulhar um bairro manhoso.

Teve uma ideia.

— Olha, a Polly está prestes a meter-se numa bola gigante insuflável. Vai tomar o lugar dela. — Empurrou Liz para a longa fila junto da atração. — Vai!

Liz tropeçou até onde Polly tinha, literalmente, um pé dentro de uma bola e explicou-lhe rapidamente a situação. O rapaz dos insufláveis foi mais difícil de convencer, e a fila de pais murmurou com irritação, mas o pânico de Liz comunicava por si próprio, e Polly desviou-se. Liz foi lançada mesmo a tempo. Meffo chegara junto deles.

— Olá, Nina — disse ele, sorrindo educadamente para toda a gente. — A Liz está no festival? Tenho andado à procura dela.

— De momento, não a vejo — disse Nina, o que era verdade.

O senhorio suspirou.

— Posso falar consigo em privado? — disse, desviando-a do restante grupo. — Por favor, diga à sua chefe que o tempo acabou. Vou arrendar a loja.

Nina franziu a testa.

— Com certeza não estamos assim tão atrasadas na renda, Sr. Meffo. — Ela julgara sempre que a dança em volta da renda era apenas uma daquelas coisas, uma parte normal do negócio. Liz nunca lhe parecera muito preocupada, mas a verdade era que não discutia negócios com ela. — Eu sei que estamos a 1 de junho, mas maio só terminou ontem.

O Sr. Meffo olhou-a com curiosidade.

— O problema não é a renda de maio, Nina. É a renda de dezembro passado que procuro receber. — Ele parecia triste. — A Knight's não paga a renda há mais de seis meses.

Nina fitou-o e abanou a cabeça.

— Mas temos tido mais negócio do que o habitual. Eu pensava... Meffo abanou a cabeça.

— Lamento, Nina, mas a loja mal se aguenta. Tenho muito afeto

pela Knight's, mas chega um momento em que tenho de ser realista.

Foi-se embora, deixando Nina a olhar para ele, com os sons do festival abafados pelo bater do seu próprio coração. Então, virou-se e observou a chefe a chapinhar em círculos, ela própria mal se aguentando à tona.



Passado algum tempo, Liz, Polly e Nina estavam sentadas na loja às escuras, a falar baixinho.

Liz estava invulgarmente sombria.

— Lamento, mas é verdade — disse. — Apesar de toda a gente declarar a morte dos livros, o negócio é muito bom, mas não o suficiente. — Sorriu para as empregadas. — A vossa geração está cheia de magníficos leitores de livros. Mas a renda aumentou muito e eu não consigo acompanhar. Desculpem. Tinha de manter as luzes acesas, e não queria despedir nenhuma de vocês. — Baixou a cabeça. — Pus-me à espera de que acontecesse alguma coisa.

Polly falou:

— Talvez a Nina herde um zilião de dólares e salve a livraria. Não é isso que acontece nos filmes? Herança milagrosa? — Olhou para Nina. — Quando é a leitura do testamento? Pode acontecer, não pode?

Nina encolheu os ombros.

— É na próxima semana. Mas não sei se herdei alguma coisa e, caso tenha herdado, se a minha sobrinha maluca me deixará recebê-la sem uma batalha. O Sr. Meffo parecia muito determinado. — Olhou para Liz, não querendo censurá-la, mas precisando de saber. — Pediste um empréstimo ao banco?

Liz riu-se.

— Claro. Foi assim que paguei a renda há dois anos. No ano passado, hipotequei a minha casa pela terceira vez, por isso estive tudo bem até dezembro. Tentei encontrar um comprador para os meus rins, mas sou demasiado velha.

— Podes ficar com um dos meus — disse Polly, obviamente falando a sério. — Só preciso de um, não é?

— Sim — disse Nina. — O outro rim aumenta, para compensar. Na verdade...

— Não vou ficar com o rim de uma nem com o dinheiro da outra — interrompeu Liz. — O negócio é meu, não é vosso, e sou eu que o vou perder, infelizmente.

— Eu podia fazer pornografia! Podíamos jogar na lotaria! — Polly estava quase a chorar. — Adoro este emprego.

Nina ficou surpreendida. Ela sabia que adorava o seu trabalho, amava a livraria como o lugar mais seguro onde já estivera, mas não tinha percebido o que este representava para Polly. Pensou nos clientes, em Jim a passar tempo na secção de História Natural, na hora da leitura e nos marcadores, e de repente começou também a chorar.



Ao sair da livraria, Nina encontrou vários membros da sua nova família ali perto, em conversa divertida com Tom. Peter foi o primeiro a vê-la e foi ao seu encontro. Nina estava a tentar controlar-se, mas precisava de ir para casa e pensar nas coisas em sossego. O grupo na rua era avassalador e o cheiro a açúcar queimado deixava-a tonta.

Peter abraçou-a com força.

— Olá, disseram-me que tinhas voltado ao trabalho por um bocadinho. Está tudo bem?

— Sim, vai ficar bem. — Olhou para ele, resplandecente no seu

fato de verão. — Nem sabia que estavas aqui.

Peter parecia chocado.

— Eu lá ia perder o Festival de Larchmont? Estás louca? No ano passado houve quase um motim por causa dos póneis, enquanto as forças concorrentes da nostalgia e do progresso iniciavam uma guerra entre a santa ignorância infantil e os direitos dos animais. Foi um filão rico, antropológicamente falando. — Olhou em volta. — Todo este festival é trabalho no terreno para mim, com o bónus das farturas.

Nina inclinou-se para ele e sacudiu-lhe açúcar em pó da lapela.

— Pareces estar a entrar no espírito. Mas o açúcar em pó é difícil de tirar da anarruga. Entra nas covinhas.

— É bem verdade. — Ele baixou a voz. — A propósito, gosto do teu namorado. É muito simpático.

— Ele não é meu namorado — disse Nina. — Estamos só a começar a sair juntos.

Peter franziu a testa.

— Ele apresentou-se como teu namorado. Qual é o problema?

Nina fez que sim com a cabeça, e depois que não.

— Não sei. É só que eu... — Tom e os outros aproximaram-se e ela calou-se.

— Está tudo bem? — perguntou Tom.

Nina voltou a fazer que sim, sem sequer perceber o que é que tentava dizer, mas foi então que Polly saiu da livraria a chorar. Aproximou-se deles e atirou-se para cima de Nina.

— O que é que vamos fazer? — gemeu. — Está tudo arruinado, tudo a correr mal. Vou acabar indigente, a trabalhar no teatro comunitário, e o que é que vou fazer em relação aos presentes de Natal a partir de agora? — Os transeuntes abrandavam o passo; como todas as atrizes, Polly era boa na projeção.

Nina deu-lhe uma palmadinha no braço e percorreu com o olhar todos os rostos surpreendidos à sua volta, tentando analisar

logicamente a mágoa de Polly.

— Vai correr tudo bem — disse-lhe. — Não precisas de te preocupar. A sério.

— Bem, isso parece muito grave... — começou Peter, mas Nina interrompeu-o.

— Não, está tudo bem. Ela está só um bocadinho emocional, não é, Pol?

Polly encarou-a, com os olhos vermelhos.

— Não estás perturbada? Não te importas? — Recuou um passo.

— Uma vez disseste-me que esta loja era o único sítio onde te sentias realmente segura.

Nina começou a sentir a sua respiração mais superficial, a sua visão a estreitar. Dissera-o a Polly com leveza, mas era verdade. Era embaraçoso que fosse transmitido a toda a gente, mas continuava a ser verdade.

— Claro que me importo, mas ainda não acabou. A Liz vai pensar numa solução. Vamos fazer uma venda de bolos. — Tentou rir-se, mas começava a ter dificuldades em respirar. Olhou para Archie. — Preciso de ir para casa — disse.

Ele acenou com a cabeça, vendo na cara dela o que se passava.

— Não há problema — disse, virando-se para Eliza. — Podes ficar uns 20 minutos com o Henry, enquanto levo a Nina inteira até casa? Já volto. — Eliza disse que sim e pegou no bebé, que desatou imediatamente a chorar.

— Eu posso levar a Nina — disse Tom. Avançou, mas Nina abanou a cabeça. Ele parou e franziu a testa. — O que é que se passa?

— Preciso de ir imediatamente. Depois mando-te uma mensagem, OK? — Estava dominada pela náusea e começava a perder a sensação nas mãos.

— Eu posso levar-te a casa, Nina. — Tom olhou quase zangado para Archie.

— Está tudo bem — disse Archie. — Somos família.

— Espera... — disse Nina, com a cabeça a começar a andar à roda. A livraria ia fechar. Ela ia perder o seu apartamento. Polly estava a fitá-la. Tom estava a fitá-la. Havia pessoas a toda a volta que precisavam de coisas dela, que esperavam coisas dela, coisas que ela decerto não poderia dar. Estendeu os braços cegamente e foi Tom que avançou a tempo de a apanhar quando desfaleceu.

Vinte e Três

.....

Em que Nina se dececiona a si mesma.

Nina sentou-se no chão e encostou a cabeça à borda da banheira. Tinha a nuca suada e as palmas das mãos escorregavam no chão de mosaicos. Embora não tivesse vomitado, quando Tom a levara ao colo para dentro de casa, sussurrara-lhe que a pusesse na casa de banho. Tudo o que mais queria era ficar sozinha, mas ele andava de um lado para o outro no apartamento, a fazer coisas. Ela precisava que ele se fosse embora, precisava de pôr a sua casa em torno dos ombros como um manto da invisibilidade.

Odiou-se a si mesma. Naquele dia, pelo menos, sabia porque é que estava a perder a cabeça; noutros dias, a ansiedade de repente florescia dentro dela, desencadeada por uma palavra. Um olhar. Uma música na rádio que ela nem se lembrava de já ter ouvido. A ansiedade instalava-se dentro dela como um parasita que ocasionalmente ameaçava matar o seu hospedeiro; por vezes, ouvia-o respirar.

Claro que ter medo de ter um ataque de pânico a obrigava a viver permanentemente à beira do precipício, o que aumentava as hipóteses de ter um, por isso ela repreendia-se por ficar ansiosa... e por aí fora, como diria Vonnegut.

Pôs-se de pé, passou água fria pelo interior dos pulsos e borrifou a cara, esfregando-a a seguir com uma toalha. Chegara a hora de enfrentar a realidade.

Tom estava sentado no cadeirão confortável, à sua espera. Tinha fechado as cortinas e acendido o candeeiro ao lado da

cama, tinha feito a cama e abria-a. Uma chávena de chá estava na sua mesa de cabeceira, ainda a fumar um pouco. Era tudo o que ela teria feito por si própria, por isso sentiu-se comovida. Ainda precisava de estar sozinha, mas estava comovida.

— Não sabia se querias chá, mas fi-lo, de qualquer maneira.

Nina acenou com a cabeça. Ficava sempre tão esgotada depois de um episódio daqueles, tão resaca emocionalmente, sentindo cada nervo do seu corpo desesperado por bloquear e retomar atividade mais tarde, quando, com sorte, a tempestade tivesse passado.

— Obrigada — disse ela. — Já me sinto melhor.

— Eu posso ficar.

— Não, estou bem.

— Mas eu gostava de ficar.

— Obrigada, mas eu estou bem. A sério.

— Tens a certeza? Podes deitar-te e eu leio para ti. — Ele ficou na cadeira, apesar de querer muito ir ter com ela e abraçá-la até ela relaxar. Mas ela estava em pé, na ombreira da porta da casa de banho, ligeiramente dobrada, pálida e cansada.

Nina sorriu, apesar de as entranhas se lhe retorcerem. Ele não percebia.

— É simpático da tua parte, mas preciso de dormir.

Ele franziu a testa.

— Então, vai dormir. Eu não te acordo. Só quero ter a certeza de que estás bem.

Nina respirou fundo, rezando para o pânico se manter afastado durante mais alguns segundos.

— Sai, por favor, Tom. Preciso que saias.

Aquele pedido simples ficou suspenso no ar.

— Eu gosto mesmo de ti, Nina. Preocupo-me contigo.

— Isto não é por tua causa, Tom. É por minha. Tenho ansiedade, já te disse. Quando fico assim, assoberbada, preciso de ficar

sozinha, para recuperar.

— Eu quero ajudar.

Nina começou a sentir-se um pouco irritada.

— Tom, tu não estás a ouvir-me. Para me sentir melhor, preciso de ficar sozinha. O máximo de tempo possível.

Ele olhou-a.

— Tipo...

Nina decidiu arriscar-se a perder o apoio da porta da casa de banho. Sentou-se na ponta da cama e pegou no chá. Estava bom, doce e quente.

— Obrigada por me trazeres a casa, fazeres chá e tudo o resto.

Tom cruzou as pernas.

— Não estás a responder à minha pergunta.

Nina estava exausta.

— Qual pergunta?

— Quanto tempo precisas de ficar sozinha?

Nina já não conseguia ficar sentada. Deitou-se, puxou a colcha por cima de si e fechou os olhos.

— Posso ligar-te daqui a uma semana, ou assim? É demasiado, a família, e agora o trabalho está terrível... Preciso de alguns dias para pensar e organizar tudo.

A voz dele foi clara:

— Não tens a certeza de que eu me encaixo na tua vida neste momento?

Nina abanou a cabeça, incapaz de encontrar as palavras certas.

Devia ter dormitado, porque, quando voltou a abrir os olhos, ele tinha-se ido embora e era *Phil* quem estava sentado no cadeirão.

— Dia difícil? — perguntou o gato.

— Horrível — respondeu ela.

— Posso caçar um rato para ti, se quiseres — sugeriu ele. — A proteína fazia-te bem.

— Eu estou bem — disse ela, fechando novamente os olhos.

O gato observou-lhe o rosto e bocejou.

— Mentirosa — disse.



Muito mais tarde, Nina voltou a acordar e deixou-se ficar deitada no escuro por algum tempo, tentando organizar o interior da sua cabeça. Estendeu a mão para o telefone e marcou um número conhecido.

— Olá, Lou.

A voz sonolenta da ama respondeu.

— Olá, tu. — Eram as suas saudações habituais, uma copla rimada que fazia sempre Nina sentir-se amada.

Louise murmurou:

— É tarde, amor. Que se passa?

Nina olhou para as horas.

— Desculpa.

— Não faz mal. Estás bem?

— Nem por isso.

Nina ouviu um suspiro, depois um restolhar de lençóis.

— Espera, deixa-me acordar bem, fazer um chá e já te ligo. Dá-me cinco minutos.

— Obrigada.

Nina sentou-se na cama e esfregou a cara. Encostou a almofada atrás da cabeça e arranhou no lençol até *Phil* se espreguiçar e ir para o lado dela. O gato enrolou-se em volta da mão dela e deu-lhe coices com as suas patinhas traseiras de coelho. O telefone tocou.

A voz de Louise estava muito mais límpida. Nina imaginou o seu cabelo grisalho e macio, a sua cara enrugada, ainda bonita. A chávena de chá amarela.

— Pronto, querida, desembucha.

Nina respirou fundo.

— Bem, a primeira notícia é que tenho um pai.

Louise não disse nada por um instante.

— Bem, nunca imaginei que a tua mãe fosse do género da Virgem Maria, por isso faz sentido.

— Ela nunca te disse nada acerca dele?

— Ela nunca disse. Eu nunca perguntei.

— Ah. Bem, ele está morto.

Louise riu-se.

— Não aqueceu o lugar. Quando é que descobriste?

— Há cerca de um mês. Tenho um irmão e três irmãs, sobrinhas, sobrinhos e primos.

— Caramba — disse Louise. — Dava imenso jeito teres sabido mais cedo. Imagina só todos os presentes de aniversário que terias recebido. — Nina sorriu e Louise continuou. — Mas deves estar a dar em doida. Com essa gente toda.

— Pois, mas na maioria são bastante simpáticos.

— Ótimo. — Louise aguardou. — E então?

— Há outra coisa. Conheci um rapaz.

Uma gargalhada baixa.

— Eu sabia que havia um rapaz algures na história.

Nina começou a balbuciar.

— E gosto mesmo dele, mas é demasiado. Tenho problemas no trabalho, depois tenho todas estas pessoas novas. Preciso de me habituar, por isso, de certa forma, rompi com o rapaz. Bem, não foi mesmo romper, mas mais ou menos, e está tudo bem, mas ele é mesmo maravilhoso, por isso, se calhar, eu devia ter... — A voz vacilou. — Não sei. Costumava trabalhar para bloquear tudo o resto, mas já não está a resultar.

Louise suspirou e Nina ouviu-a beber um grande gole de chá. Esperou.

— Bem, querida, não podes esperar que os mesmos truques

funcionem toda a vida. Quando eras pequena e tinhas demasiada pressão, tapavas os ouvidos e cantavas, mas se fizeres isso agora as pessoas vão pensar que estás louca, e além disso saberias que, quando baixasses as mãos, o problema continuava lá. O pensamento mágico só funciona para as crianças. E para os políticos, talvez.

A voz de Nina era muito baixa.

— Então, o que é que eu faço?

— Não sei, querida. A primeira coisa que deves fazer sempre é...

— Louise esperou.

— Nada. A primeira coisa que deves fazer sempre é nada. — Nina deu a resposta que Louise lhe tinha dado muitas vezes ao longo dos anos.

— Isso mesmo. Espera um dia ou dois, e vê o que acontece. A vida precisa de espaço, tal como tu. Dá-lhe espaço. — A mulher mais velha fez uma pausa. — Como está a tua ansiedade?

Nina encolheu os ombros, apesar de Louise não a ver.

— Mal.

— Está só a fazer o seu trabalho, pobre criatura excessivamente entusiasmada. Ainda me lembro do que disse aquele psicólogo: a ansiedade era o que nos mantinha vivos, nos tempos antigos. Ajuda-nos a saber quando as coisas estão erradas, quando as situações são perigosas ou as pessoas nos querem fazer mal. Só que às vezes precipita-se, não é?

Nina concordou.

— Pois é.

— Então, não faças nada, permite-te acalmar, respira fundo várias vezes e espera. A tua ansiedade vai passar e as coisas vão tornar-se mais claras. Se esse rapaz tiver de acontecer, acontecerá.

— E se ele não conseguir lidar com a minha ansiedade?

Louise foi firme.

— Ele é que perde.

— Ele não me faz sentir ansiosa. Na verdade, faz-me sentir bem.

Louise riu-se.

— Então não sofras por antecipação, querida. Não te preocupes com o que pode correr mal. Permite-te ser feliz.

— Falar é fácil.

— Como na maioria dos casos.

— As outras pessoas também se sentem assim?

— Como? Preocupadas? Sem certezas? Esperançosas e cínicas ao mesmo tempo?

— Sim.

— Claro que sentem, querida. Chama-se a isso estar vivo.

— Não é uma boa sensação.

— Bem, sabes lá como é que se sente um peixe. Pode ser pior ainda.

— E certamente mais molhado.

— Pois. — A voz de Louise era doce. — Agora dorme um pouco, e telefona-me amanhã. Tu gostas de estar por tua conta, Nina, mas nunca estiveste sozinha. Sabes disso, não sabes?

Nina acenou com a cabeça, segurando o telefone com força.

— Eu sei. Eu adoro-te.

— Eu adoro-te mais. Dá um beijo meu ao *Phil*. Falamos amanhã.

— Adeus, Lou.

— Adeus, tu.

Hoje é o dia

DATA *Segunda-feira, 3 de junho* S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Trabalho

Yoga



LISTA DE AFAZERES

- ☐ *Organizar roupa suja*
- ☐ *Limpar prateleiras*
- ☐ *Lavar toalhas*
- ☐ *Limpar cozinha*
- ☐ *Limpar casa de banho*
- ☐ *2 minutos em prancha!*
- ☐ *50 agachamentos*
- ☐
- ☐
- ☐ 

OBJETIVOS

*Beber água
Pôr-me em forma
Arranjar psicólogo
Ser produtiva*

NOTAS

*Cortinas de
duche novas*

Halteres



+ PEQUENO-ALMOÇO

Ovos

+ ALMOÇO

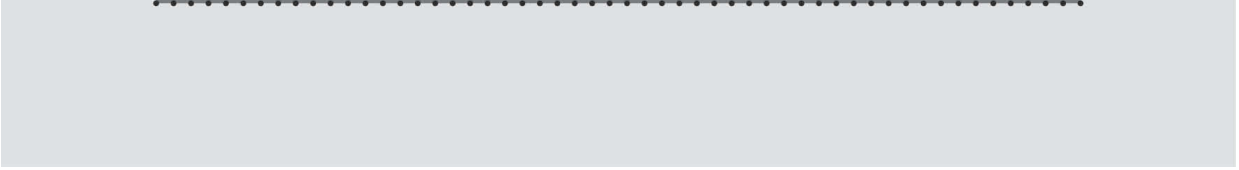
Salada

+ JANTAR

Salada

+ EXERCÍCIO

Em casa



Vinte e Quatro

.....

Em que Nina se torna objeto de comiseração.

É difícil guardar um segredo em Larchmont. Depois do ataque de nervos de Polly no festival, foram necessárias aproximadamente três horas para todas as pessoas num raio de 10 quarteirões ficarem a saber que a Knight's corria o risco de fechar. Alguém começou um *crowdfunding*. Uma pessoa publicou nas redes sociais que as forças do mal triunfavam e a existência da literacia estava sob ataque. Outra pessoa fez sopa para Liz e na segunda-feira de manhã levou-a à loja.

Liz ficou incomodada com a explosão de apoio.

— É só uma livraria — disse, depois de passar 20 minutos a acalmar a doadora de sopa, que ia à livraria há mais de dez anos e a considerava imprescindível para a experiência de classe média dos filhos. — Quero dizer, isto é adorável, e estou sempre disponível para comida de borla, mas precisamos é que as pessoas comprem mais livros.

Nina olhou-a.

— Acho que precisamos de mais do que isso, não? Precisamos de pagar seis meses de renda atrasada, liquidar as três hipotecas da tua casa e voltar a comprar o rim que a Polly já vendeu na *Craigslist*.

Liz fez uma careta.

— Ela só vendeu a promessa de um rim. Na verdade, acho que pode ter descoberto um novo produto financeiro. Se eu tivesse doença renal num estado inicial, podia considerar a opção de

alugar o órgão de outra pessoa, com hipótese de compra.

— A venda de órgãos é ilegal nos Estados Unidos, embora seja legal no Irão.

Liz riu-se.

— Claro que tu tinhas de saber isso.

Nina encolheu os ombros.

— Estou chocada por tu não saberes.

Polly tinha telefonado a dizer que ia procurar um trabalho no Valley, o que Nina e Liz entenderam como um trabalho em pornografia. Convenceram-na a não o fazer e ela apareceu antes do almoço, vestida de preto dos pés à cabeça.

— Morreu-te alguém ou tens uma audição para o papel de avozinha italiana? — perguntou Liz.

— Estou de luto pela loja — disse Polly, baixando a cabeça, mas provavelmente só para mostrar a elaborada trança francesa que fizera. Incorporara uma fita preta que fez lembrar a Nina os cavalos que puxam os carros fúnebres nos funerais de estado. Talvez não fosse o efeito pretendido por Polly, mas era a lei das consequências não desejadas a funcionar.

Liz riu-se.

— Ponham-se a trabalhar, vocês as duas. Façam os livros parecer bonitos. Sorriam, mas mostrem-se dignas de comiseração. Quando as pessoas perguntarem se vamos fechar, abanem a cabeça devagarinho e sugiram-lhes que comprem uma caixa de livros.

— Queres que nos aproveitemos da piedade dos nossos clientes?

— Sim. É exatamente isso.

Liz desapareceu no interior do gabinete e reapareceu passado um momento, vestindo o casaco.

— Aonde vais?

Liz encaminhou-se para a porta.

— Vou a casa, vestir algo mais andrajoso.



Ao longo dos dias seguintes, o negócio melhorou muito, principalmente porque algumas celebridades fizeram publicações nas redes sociais e as pessoas apareceram na esperança de as encontrar na loja. Não tendo sucesso, compraram livros e tiraram *selfies*. Nina não achou que fosse suficiente, mas era agradável estar atarefada. Isso distraía-a do silêncio ensurdecedor de Tom.

Mandara-lhe uma mensagem um dia ou dois depois do festival, só para dizer olá, que esperava que ele estivesse bem, que se sentia melhor e se ele tinha visto que a final do Campeonato de Quiz tinha sido marcada...? Nicles. Som dos grilos. Ela não o censurava; tinha sido muito específica ao dizer que queria ficar sozinha, e não se podia queixar de ele a ter levado a sério. Mas tinha saudades dele.

Polly acalmara-se e ia aliviando o preto com um ocasional toque de cor. Também fora a muitas audições e aguardava respostas de um anúncio a nível nacional para a prevenção de pulgas (por uma vez, não se candidatara ao papel de gato nem de pulga, o que era um progresso) e de uma série online sobre uma jovem que fora possuída pelo espírito de um velho judeu chamado Morty (a série chamava-se *Mortyfried* e provavelmente não devia ter passado da brincadeira de drogados que obviamente começara por ser). Liz andava invulgarmente calada e passava a maior parte do tempo na sala dos fundos, a organizar papéis.



No sábado de manhã, depois do festival, Nina fez algo que

raramente fazia: pôs-se a caminho do oeste. Havia tão pouco trânsito ao início da manhã, que chegou a Malibu antes das 10 horas e, quando viu o mar pela primeira vez a seguir a uma curva, até ela sentiu que se animava.

Eliza e Millie viviam numa daquelas casas cuja fachada não é nada de especial, mas que impressionam depois de se entrar. Depois de atravessar salas amplas e de dobrar as esquinas de corredores, Millie conduziu Nina ao seu quarto na parte de cima da casa.

— Que bela vista — disse Nina, quase desnecessariamente. Uma das paredes do quarto era toda em vidro e o cenário que dali se avistava era o oceano Pacífico do outro lado de uma ravina salpicada de oliveiras e carvalhos californianos.

— Sim — disse Millie, claramente indiferente. — É bonita.

Foi então que Nina olhou para o outro lado do quarto e se apercebeu de que a parede do fundo estava toda coberta por prateleiras. Era como entrar numa versão mais pequena do seu apartamento: a mesma organização, o mesmo alinhamento cuidado das lombadas. Em alguns casos, os mesmos livros, apenas lidos menos vezes.

— É uma vista ainda melhor — disse Nina, aproximando-se e inclinando a cabeça para ler os títulos. — Le Guin, excelente; Susan Cooper, sim; Ruth Plumly Thompson, muito boa...

— Já os li todos — disse Millie. — Os que ainda não li estão ao pé da cama. — Parecia triste. — A regra da mãe é que eu só posso ter seis livros «para ler» ao mesmo tempo, senão ela diz que é o descontrolo total.

— Seis é um bom número. E, naturalmente, quando acabas de ler um podes ir buscar outro, certo?

Millie assentiu com a cabeça.

— É assim que tu fazes? Seis de cada vez?

— Basicamente. — Nina também assentiu, embora se referisse a

prateleiras e não a livros individuais. — Lês os livros por ordem?

— Sim, se houver uma ordem. Se não houver uma ordem, leio-os por data de publicação. — A criança fez uma pausa. — Por vezes, o primeiro que leio não é o primeiro que escreveram, claro está, o que me faz sentir um bocado mal.

Nina riu-se.

— Já conheci muitos autores na livraria, e nunca nenhum que se importasse com o primeiro livro que é lido. Ficam felizes por leres um que seja.

— A sério?

— Sem dúvida.

— Tens um livro favorito? — Millie sentou-se na carpete. Havia um pufe que já tinha tido muito uso e um coelho usado que parecia ter feito muitas sessões de leitura com ela. De repente, Nina pensou na filha de Lili, Clare, e no seu cão. Talvez ler em conjunto fosse mais reconfortante do que ela julgara. Pensou na mãe, que nunca tinha lido com ela, e em Lou, que lia com ela todas as noites. Pensou em Tom. Parou de pensar.

— Tenho montes de livros favoritos, porque passo por muitos estados de espírito e tenho um livro favorito para cada estado de espírito.

— O que é que lêes quando estás feliz?

— Gosto dos livros do Jeeves e do Wooster, de P. G. Wodehouse. O Jeeves é um mordomo, e trabalha para aquele tipo que é um idiota. São divertidos.

— E quando estás triste?

— Depende de querer continuar triste ou animar-me.

— Para animar.

— Livros de mistério. Resulta sempre.

— O meu pai também gostava de livros de mistério — disse Millie.

Nina sentou-se ao lado de Millie e puxou uma almofada para

pousar os cotovelos.

— Gostava?

Millie encolheu os ombros.

— Sim, mas ele gostava de todo o género de livros. — Fez uma pausa, depois levantou-se. — Anda, vou mostrar-te a biblioteca dele.

O quarto de Millie ocupava metade do piso superior da casa. A outra metade, a porta ao lado, era a biblioteca do pai. Ou escritório. Ou uma coisa qualquer. Mais uma vez, com prateleiras e um cadeirão com vista para o mar que era ainda mais impressionante do que o de Nina.

Ao contrário das de Nina, estas prateleiras não estavam organizadas.

— Eu estava sempre a perguntar se podia, pelo menos, pô-los por ordem alfabética — disse Millie, quase como que a pedir desculpa, quando Nina começou a percorrer as estantes. — Mas ele dizia que gostava de ir passando como uma nuvem e pegar em qualquer coisa que lhe saltasse à vista.

— Espero que não literalmente.

Millie riu-se.

— Pois, e ele também não se parecia nada com uma nuvem, mas era o que dizia sempre.

Era uma mistura extraordinária. Havia Austen, assim como Trollope, Dickens, Stephen King e S. J. Perelman. Dorothy Parker estava espremida ao lado de Joan Didion, e Chinua Achebe arranjava espaço para John Grisham. Muitos livros de mistério e a chamada ficção popular, e não ficção sobre temas que iam do montanhismo até trabalhar no Denny's. Muitos, ela tinha lido; outros, não. Pensou nas suas próprias prateleiras e no que os títulos podiam revelar a alguém acerca dela, percebendo que agora sabia mais acerca do seu falecido pai do que alguma vez poderia ter sabido, mesmo que o tivesse conhecido.

Millie estava a observá-la.

— Ele adorava livros, como nós.

Nina assentiu com a cabeça.

— Tu terias gostado dele.

Nina percorreu com os dedos as lombadas dos livros do pai, parando num exemplar gasto de *A Comédia Humana*, de Saroyan.

Sorriu.

— Bem, gosto dos livros dele, o que é essencialmente a mesma coisa.

De repente, Millie abraçou-a e Nina correspondeu ao abraço.

— Tenho saudades do meu pai, a cada minuto do dia — disse a menina, com a voz abafada pela camisola de Nina. — Mas estou feliz por te ter conhecido.

— Eu também — disse Nina. — Muito feliz.

Mais tarde, depois do almoço, Millie foi trabalhar num projeto que envolvia uma árvore, um coelho de plástico e um lustre de casa de bonecas, e Nina deu por si sozinha com Eliza. Engoliu em seco e fez a pergunta que estava desejosa de fazer.

— Já sabias da minha existência? Antes, quero dizer? — Prendeu o cabelo atrás das orelhas, nervosa.

Eliza mostrou-se surpreendida e um pouco triste.

— Não, não sabia. Se soubesse, tínhamo-nos conhecido há anos. — Bebeu um pouco de água e fez deslizar o copo em cima da mesa, descrevendo semicírculos, como os rastos de uma serpente na areia. — Foi um choque, porque pensava que o William me contava tudo.

Nina olhou-a.

— Toda a gente o descreve de maneiras tão diferentes. — Fez uma pausa, insegura. — Era só uma pessoa, mas parece que não há consenso sobre como ele era. Para a mãe do Peter, era um

arrogante que bebia demais, para a Millie, era o homem mais generoso do mundo, que lhe dedicava um tempo infinito.

Eliza encolheu os ombros.

— As pessoas mudam. Passaram 40 anos entre o William que a mãe do Peter conheceu e o William que a Millie conhecia. Os pais ficam gravados no âmbar da infância, não é? Sempre que os meus pais nos visitam, sinto que me transformo numa rabugenta de 14 anos. Eu vi o William pelas lentes de ser mulher dele, olho para a Millie apenas como mãe dela... Percebes o que quero dizer?

— Claro. Nunca verei o meu pai com exatidão, apenas através do filtro das opiniões de outras pessoas.

— Ou talvez faças a média e sejas a única pessoa a ver o seu eu real.

Nina riu-se.

— Talvez não exista o «eu real» para ninguém. Talvez todos mudemos, dependendo de onde estamos e com quem estamos.

— E é por isso que gostas de estar sozinha. — Eliza fitou-a e sorriu.

— Como assim?

— Porque preferes a pessoa que és quando estás sozinha.

Nina encolheu os ombros.

— Estar com outras pessoas requer muita energia. É mais fácil ser eu própria quando não está mais ninguém presente.

— Algumas pessoas sugam energia, outras transmitem energia... De vez em quando, tens a sorte de encontrar alguém cuja energia equilibra a tua e deixa tudo num ponto neutro. — Fez uma pausa.

— Meus Deus, vivo em Malibu há demasiado tempo. Disse isto sem qualquer ironia.

Nina riu-se.

— Foi muito convincente. Acho que até ouvi a sineta de um templo a tocar algures...

Eliza fez uma careta para si própria.

— O teu pai dizia que estar comigo era tão bom como estar sozinho. — Riu-se. — Acho que era um elogio. — As duas mulheres fitaram-se. — Acho que estamos a pensar demasiado nisto. Mais vinho?

Hoje é o dia

DATA *Segunda-feira, 10 de junho* S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Leitura do testamento

Trabalho

OBJETIVOS

*Nada
de
nada*

NOTAS

Outras livrarias?

Voltar à escola?



LISTA DE AFAZERES

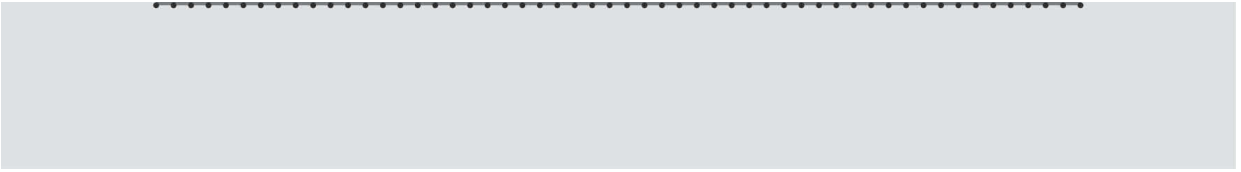
- ☐ *Pão*
- ☐ *Compota*
- ☐ *Manteiga de amendoim*
- ☐ *Algodão*
- ☐ *Rimel*
- ☐ *Passas*
- ☐ *Brócolos*
- ☐ *Fritas*
- ☐
- ☐

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO



Vinte e Cinco

.....

Em que o testamento é lido e é surpreendente.

A segunda-feira seguinte era finalmente o dia da leitura do testamento de William Reynolds. Nina empurrou as pesadas portas de vidro do escritório de Sarkassian e encontrou a mesma rececionista bonita atrás da secretária. A mulher levantou o olhar e sorriu.

— Bom dia, menina Hill. O resto da sua família já chegou. Vou levá-la à sala de reuniões. — Não mencionou o «Boa jogada, madame» da última vez, e, claro, era possível que nem se lembrasse. Nina lembrava-se, e muitas vezes pensava nisso a meio da noite, mas vamos ter pensamento positivo, certo?

— Eles já estão aqui?

A mulher confirmou e fez um gesto para Nina a seguir.

— A reunião começou às 9h30.

Nina abanou a cabeça.

— Não, às 10h00.

— Não, era às 9h30.

— Tem a certeza?

A mulher lançou-lhe um olhar e Nina viu-a literalmente a recordar a última interação e a ajustar o tom.

— Sim, tenho a certeza. Pus os *bagels* na mesa de reuniões.

— Está bem — suspirou Nina. Talvez ela e aquela mulher pudessem um dia ter-se tornado amigas, mas agora Nina estava para sempre cimentada na cabeça da outra como uma maluquinha completa, e atrasada, ainda por cima. Além disso, os

bagels de canela e passas já deviam ter ido todos.

Ao aproximar-se da sala de reuniões, Nina começou a escutar uma vozeria, mas a rececionista nunca abrandou o ritmo. Talvez fosse costume haver grandes berrarias naquela sala. De repente, Nina teve uma visão das portas do escritório a abrirem-se como se fossem portas oscilantes dos *saloons* texanos, transpostas num rompante por quinze cowboys cambaleantes, com as esporas a tilintar. Sorriu para si mesma; seria demasiado esperar que Sarkassian estivesse lá dentro com um corpete vermelho-vivo e plumas amarelas no cabelo? Ela perguntava-se sempre como é que as damas dos *saloons* nos filmes traziam sempre os vestidos de seda tão asseados, quando viviam rodeadas por nuvens de poeira. Não havia máquinas de lavar, nem de secar. Isto sempre a preocupava, mas a verdade é que muita coisa a preocupava.

Ela e a rececionista tiveram um momento embaraçoso quando Nina estendeu a mão para o puxador da porta e a mulher também e depois recuaram ambas para deixar a outra fazê-lo, até que Nina levantou as mãos, rendendo-se, e a outra mulher emitiu um som de triunfo e abriu a porta.

A entrada de Nina pôs imediatamente fim ao ruído, pois todos se viraram para a olhar. Infelizmente, não havia plumas à vista, embora, obviamente, Sarkassian pudesse estar a usar qualquer coisa por baixo do fato.

— Bom dia, Nina — disse o advogado.

— Bom dia — respondeu ela, puxando a cadeira mais próxima e sentando-se. Bolas, sentara-se outra vez mesmo diante de Lydia. *A sério, Nina, da próxima vez tira cinco segundos para olhar em volta e procurar abrigo.*

— Por favor, continuem — disse Nina, educadamente. Decidira-se por uma estratégia no caminho para ali: silêncio, quebrado apenas por monossílabos e pequenos sorrisos. Ia sair daquela sala viva, selecionar os parentes simpáticos e nunca mais voltar a ver

os outros. Estava totalmente calma e controlada.

Lydia inclinou-se para a frente.

— Olá, oportunista *millennial* fingida.

Lá se ia o plano.

— Olá, vaca marinha mercenária e maluca — respondeu. Desculpem, mas não se pode chamar fingida a uma pessoa sem esperar resistência. Não sabia bem era de onde tinha vindo a parte da vaca marinha.

— Mercenária? — Lydia riu-se desdenhosamente. Ou não tinha registado o insulto da vaca marinha, ou não se importava. — Não há nada de mercenário em obter o seu justo quinhão. — Apontou o dedo grosso a Nina. — Nunca conheceste o meu avô, por isso, qualquer parte que recebas é completamente injusta.

Sarkassian pigarreou.

— Lamento, Lydia, mas está enganada. O William escolheu legar os seus bens à sua maneira, e temos de nos conformar com as suas escolhas. As relações familiares não são para aqui chamadas. Ele podia ter deixado tudo a um abrigo de cães, e a Lydia não poderia fazer nada em relação a isso.

Eliza riu-se e disse:

— Além disso, não sei a que outra família é que ela podia pertencer. Adora livros e que a deixem sozinha, o que é cem por cento igual ao pai e, devo acrescentar, à irmã mais nova, a Millie. — Sorriu para Nina. — Ela está muito feliz por vocês estarem a tornar-se amigas.

Nina devolveu o sorriso, comovida.

Archie acrescentou:

— A Nina é inteligente e sarcástica. Mas ao mesmo tempo é ansiosa e socialmente desajeitada. Muito como eu. Além do cabelo, obviamente.

Peter disse:

— Ela tem uma mente aberta e lê muito. — Encolheu os ombros.

— Não é para me gabar, mas...

— E é obcecada por factos e trivialidades, o que, para ser franco, é como a Lydia. — Sarkassian inclinou-se para a frente na sua cadeira. — De facto, é muito parecida consigo, e é irrelevante que seja genética ou coincidência, mas está lá.

Lydia não disse nada, mas fervia.

— Então, se mais ninguém tem objeções, acho que é altura de avançar e ler o testamento. — Sarkassian olhou lentamente para todos por cima dos óculos, mas ninguém falou. Aproveitando o momento, abriu uma pasta, retirou um longo documento legal e clareou a garganta.

— William Reynolds era um homem abastado, como todos sabem, e o património ascende a um pouco mais de 40 milhões de dólares em ações e dinheiro, a casa em Malibu, um apartamento na Baixa e as casas de férias em Mammoth e Palm Springs.

— Cum caraças — disse Nina.

— Oh, como se não soubesses — ripostou Lydia.

Sarkassian continuou.

— Vinte milhões de dólares serão imediatamente divididos entre os seus quatro filhos legítimos, sendo que os filhos adultos recebem o dinheiro agora e a parte da Millie ficará num fundo. Os netos receberão, cada um, um milhão de dólares. A Eliza fica com o restante dinheiro, bem como com todas as propriedades.

Deteve-se. Toda a gente olhou para Nina, que olhava para o advogado.

— A Nina não recebe nada? — perguntou Peter, claramente surpreendido.

Lydia riu-se.

— Perfeito. Parece que o avôzinho afinal tinha mais neurónios do que eu julgava.

— Não, não, o William redigiu uma secção muito especial para a

Nina. — O advogado virou a página e começou a ler. — «À minha filha Nina, que não foi reconhecida por mim até agora, deixo o conteúdo da garagem no número 2224 de Cahuenga Boulevard.» — Houve alguns murmúrios em redor da mesa, mas, quando Nina olhou para eles, não lhe pareceram zangados, embora Lydia estivesse a franzir o sobrolho.

— O que é que está nessa garagem? — perguntou Nina. Teve uma visão daquele programa em que as pessoas licitam o conteúdo desconhecido de um contentor. O que é que ela ia receber? Uns candeeiros de mesa partidos e um álbum de selos? Uma cabeça decepada num grande frasco de vidro? Nina percebeu que isso era de um filme e começou a tentar lembrar-se de qual.

Sarkassian parecia levemente embaraçado.

— Bem, o William era um homem invulgar, dado a gestos e ideias de certa forma românticos.

— A garagem está cheia de chocolate? — Nina não se importava nada se assim fosse. — Champanhe?

— Não.

— Rosas?

— Não.

Nina teve um súbito e insano ataque de esperança.

— Gatinhos. — Percebeu que não resultaria. Ela esperava sempre que fossem gatinhos.

O advogado tossiu.

— Não. A garagem contém um *Pontiac Trans Am* de 1982.

Nina olhou-o com uma expressão vaga, depois surgiu-lhe um facto na cabeça.

— Espere, como o do *Justiceiro*?

— Exatamente igual. Um *Pontiac Firebird Trans Am* preto.

— Ele deixou-me o KITT? — Nina teve imediatamente memórias de muitas noites felizes, deitada no chão em frente ao televisor,

ouvindo Louise murmurar acerca das calças de cabedal de David Hasselhoff. — Ele achava que eu era uma *cruzada solitária num mundo perigoso*?

— Santo Deus. — O tom de Lydia era incrédulo. — Ele deixou-te um carro?

— Podes ficar com ele, se quiseres. Não o quero. — Não queria mesmo. Nina não se interessava por carros; mal sabia conduzir. O filme com a cabeça num frasco era *O Silêncio dos Inocentes*, a propósito. Tinha acabado de se lembrar.

Lydia abanou a cabeça. Estava claramente incomodada.

— Um carro inteligente é muito mais divertido do que dinheiro. Nina olhou-a.

— Não é um carro inteligente. É só um carro. — Virou-se para Sarkassian. — A não ser que venha com aquele comunicador do relógio de pulso, porque nesse caso fico mesmo com ele.

— Eu sei — disse Lydia, com voz desdenhosa. — Mas aos outros todos só deixou dinheiro.

Houve uma pausa.

— Talvez ele pensasse que vocês só se interessavam pelo seu dinheiro — disse Eliza calmamente.

— Bem, se assim fosse, estaria enganado. Mas, uma vez que nunca me fez uma única pergunta acerca da minha vida, como poderia ele saber? — Lydia olhou em volta. — Nunca nenhum de vocês me pergunta seja o que for.

Após outro silêncio embaraçoso, Sarkassian tossiu e disse:

— Bem, quer a Nina fique com o carro quer não, o testamento deixa bem claro que ela tem de o conduzir pelo menos uma vez antes de decidir vendê-lo ou dá-lo.

Nina franziu a testa.

— Que espécie de provisão legal é essa? Isto é o quê, o *Milionário à Força*?

Claramente, o advogado nunca desfrutara desse género de

comédias hollywoodescas de advogados, porque se formou uma pequena ruga entre as suas sobrancelhas.

— Não sei o que isso quer dizer. Tenho aqui as chaves. Por favor, seja simpática com o mecânico, que tem tratado muito bem dele nos últimos 20 anos. Quando lhe falei do testamento, ele desejou que a Nina fosse impossível de encontrar. — Fez deslizar as chaves por cima da mesa e Nina teve um pensamento terrível.

— Não sei conduzir com mudanças.

Ele levantou as sobrancelhas, alisando aquela ruga desagradável.

— Bem, é a sua oportunidade para aprender.



Quando Nina se sentou no Lyft de regresso a casa, verificou o telemóvel. Nada. Impulsivamente, enviou uma mensagem a Tom.

«Olá, acabei de herdar um carro.»

Nenhuma resposta. Talvez estivesse a trabalhar.

«É um Pontiac Firebird de 1982. Como o KITT do Justiceiro.»

Ainda nada. Talvez ele estivesse ocupado.

«Mas não tem a voz do William Daniels, por isso...»

Silêncio. Talvez ele estivesse com outra pessoa.

Olhou pela janela, reparando em todos os casais que passavam, de mãos dadas, sorrindo um para o outro, ou simplesmente sentados em frente um do outro a olhar para os telemóveis. Ela sempre adorara a sensação de estar separada, de estar sozinha enquanto os outros estavam todos agarrados uns aos outros como bolor no interior do rebordo de uma velha chávena de café. Mas agora sentia-se sozinha.

Inclinou-se para a frente.

— Desculpe, podemos mudar o nosso destino?

O motorista olhou-a pelo espelho.

- Claro, mas tem de o fazer na aplicação.
- Não lhe posso só dizer? Assim, verbalmente?

Ele abanou a cabeça.

— Claro que me pode dizer verbalmente, em linguagem gestual ou numa folha de pergaminho trazida por um pombo, mas para que eu altere o percurso, tem de o fazer na aplicação. — Encolheu os ombros e voltou a olhar para a estrada. — Apesar de estarmos a meio metro de distância, a nossa relação exige a intermediação de um sistema computadorizado, instalado num centro de dados que nenhum de nós alguma vez verá. Deste modo, a tecnologia separa-nos mais, destruindo a nossa confiança uns nos outros e levando a nossa espécie por um caminho descendente em direção a um futuro em que apenas nos conhecemos uns aos outros num ecrã e apenas podemos falar uns com os outros através de caracteres, e onde as ideias serão propriedade de empresas geridas por algoritmos.

Nina olhou para a nuca dele por um momento.

- Então... na aplicação?
- Pois.

Vinte e Seis

.....

Em que Nina conhece um Pokémon lendário em forma humana.

A garagem em Cahuenga fazia parte de uma oficina maior cuja especialidade era claramente o restauro de automóveis clássicos. Havia vários carros antigos estacionados cá fora, incluindo um Mercedes, que era o único ornamento de capô que Nina reconhecia. Ficou muito surpreendida por se lembrar, sequer, que se chamavam ornamentos de capô. Para ela, os carros eram todos mais ou menos iguais, embora os distinguisse em categorias abrangentes como «chique», «normal», «empecilho» ou «com velocidade excessiva para uma zona residencial». Vistos do banco do condutor, eram todos iguais, achava ela, a não ser que uma pessoa se importe com a maneira como é vista pelos que estão a olhar de fora.

O mecânico já tinha alguma idade, talvez andasse perto dos 60 anos. Nina não conseguia dizer; ele estava coberto por uma camada de rugas e óleo que o tornava indistinto. Apanhou-o no seu escritório, que parecia ser a sua versão da sala dos fundos na Knight's. Lá tinham pilhas de livros, este tipo tinha pilhas de manuais e peças de máquinas que Nina não reconhecia. Quando se apresentou, a temperatura baixou consideravelmente. Sentiu-se mal pela mecânica em topless — bem, tinha uma chave-inglesa na mão — no calendário atrás dele.

— Ah, a menina é a nova proprietária? — Mirou-a de cima a

baixo e, claramente, não estava satisfeito. — Conduz muito?

— Quase nunca.

— Percebe de carros?

— Sei que têm rodas.

— Compreende a beleza inerente de um motor bem oleado, o ronronar gutural de uma máquina afinada?

Ela franziu a testa para ele.

— Compreendo que ronronar gutural é um cliché, mas tirando isso, não. Olhe, senhor...

— Moltres.

Ela olhou-o.

— Moltres?

— Sim. Moltres. M-o-l-t-r-e-s.

— Sabe que partilha o seu nome com um Pokémon lendário? — Como lhe acontecia amiúde, Nina arrependeu-se imediatamente de o ter dito. Ou ele já sabia, caso em que, *duh*, ou não fazia a menor ideia do que ela estava a dizer e talvez até a considerasse perigosa. Devia haver uma espécie de programa de 12 passos para pessoas como ela: *Non Sequitur* Anónimos. Depois ficou a pensar se seria isso que queria dizer NSA; afinal de contas, não era a segurança nacional que lhes interessava. Depois percebeu que, estritamente falando, aquilo não tinha sido um *non sequitur*, apenas uma pergunta estúpida, e que o seu programa de 12 passos devia antes chamar-se Pessoas Estúpidas Anónimas, que seria um grupo muito grande e cujo acrónimo seria PEA. Depois reparou que Moltres continuava a falar com ela.

Ele tinha uma fala arrastada:

— Veio buscar o carro? — Aquilo não ajudou, porque agora Nina não sabia se ele tinha percebido a história do Pokémon ou não, embora ele claramente percebesse que ela tinha de ser manuseada com cuidado.

Ela abanou a cabeça.

— Não, se não se importar. Precisa que o tire daqui rapidamente? A conta da garagem é...

Moltres interrompeu-a rapidamente.

— A conta está paga até ao fim do ano, na verdade. O Bill era assim, pagava sempre adiantado. «Para o caso de ficar debaixo de um autocarro», dizia ele. — Fez cara de chateado, que talvez fosse a sua forma de mostrar embaraço. — Quer vê-lo?

Nina seguiu-o para o exterior, através de corredores tortuosos e encardidos, até chegarem a um espaço surpreendentemente amplo nas traseiras, onde existiam várias garagens com portões corridos. Abriu o do meio e ali estava ele: o carro de Nina.

Nina virou-se para Moltres.

— Sabia que o David Hasselhoff tem um recorde no Guinness como o homem mais visto na televisão?

Ele olhou-a de relance.

— Não — disse.

— Sim — disse Nina. — Ele já era famoso por causa de uma telenovela, mas O *Justiceiro* foi mesmo o princípio para ele.

— Ah, foi? — disse Moltres. — Que coisa mais desinteressante.

Contornou o automóvel e abriu a porta do condutor.

— Quer dar uma volta com ele?

Nina abanou a cabeça.

— Não sei conduzir com mudanças.

Ele já estava desapontado com ela, e aquilo não ajudou. Nina percebeu que era o mesmo que uma pessoa admitir que não sabia nadar ou andar de bicicleta. Não propriamente desastroso, apenas uma dessas capacidades que se supõe que alguém perto dos 30 já adquiriu. Oh, pronto, pensou ela, para que fique registado, eu sei nadar e andar de bicicleta, por isso dois em três não é mau. Ela também sabia fazer malha e croché, por isso, depois do apocalipse, ele saberia manejar uma transmissão manual, mas ela teria um cachecol, por isso, quem é que se riria

por último no inverno?

Moltres sentou-se no banco do condutor e ligou o motor. Era ruidoso, mesmo muito ruidoso, e foi então que Nina percebeu a origem do *ronronar gutural*. Teve a sensação de que Moltres estava com vontade de conduzir. Deu a volta, sentou-se no banco do passageiro, e o carro arrancou devagar da garagem.



Moltres, sem surpresa, revelou-se uma pessoa pouco faladora. Contudo, tinha algumas perguntas.

— O seu pai nunca a ensinou a conduzir carros com mudanças manuais?

— Nunca conheci o meu pai.

Moltres relanceou-a rapidamente.

— A sério? E ele deixou-lhe a sua coisa favorita?

— Pensava que a coisa favorita dele era dinheiro.

Moltres abanou a cabeça.

— Não.

Nina encolheu os ombros.

— É assim tão raro não saber conduzir com mudanças manuais? Os carros neste país não são maioritariamente de mudanças automáticas?

Moltres encolheu os ombros, contornando uma pequena colisão no meio do cruzamento. Ela olhou, como toda a gente olha. Era capaz de distinguir um condutor experiente em LA pela rapidez com que sacava da carta de condução e do seguro, fotografava os danos mútuos, se os houvesse, e seguia caminho. Em breve, pensou, bastará agitarmos os telemóveis uns para os outros e aparecerá um drone para fotografar tudo antes que o semáforo fique verde. Nem vai ser preciso sair do carro que, nessa altura, provavelmente, nem estaremos a conduzir. Então

percebeu que Moltres lhe tinha perguntado qualquer coisa.

— Desculpe, não ouvi a pergunta.

Moltres revirou os olhos.

— Perguntei-lhe porque é que não conhecia o seu pai.

Ela ergueu o olhar para ele.

— A sério? Passa diretamente de criticar os meus conhecimentos de condução para perguntas pessoais acerca da minha família?

A boca dele estremeceu.

— Você é uma mistura fascinante de lunática e mimada. Não está a prestar qualquer atenção e depois volta a si e larga um disparate qualquer.

— Bem, o senhor é muito metedico.

Ele suspirou.

— Olhe, conheci o seu pai durante mais de 20 anos. Ele nem uma só vez a mencionou. Sem ofensa.

— Não me ofende. Eu também nunca o mencionei. Repare, ele sabia que eu existia, e eu não tinha essa vantagem, por isso, percebe que tenho uma desculpa razoável. — Nina olhou para Moltres. — De que é que ele falava?

— De carros — disse Moltres. — Sempre de carros. — Descreveu uma curva com o carro, que a abraçou como a uma amiga há muito perdida. — Era boa companhia. — Relanceou Nina. — Lamento.

Nina olhou-o, depois olhou pela janela.

— Porquê? — perguntou ela. — Não creio que a minha vida tivesse sido melhor se tivesse tido mais conversas sobre carros.

— Mas talvez ele a tivesse ensinado a conduzir carros com mudanças.

— Ou talvez me tivesse abandonado, como fez com os outros filhos. Fui a única que ele não abandonou, porque nunca estive lá. — Procurou um botão para abrir o vidro. — Sinceramente,

acho que me livrei de boa.

Moltres abanou a cabeça enquanto subiam Laurel Canyon em direção às estradas sinuosas no cimo de Hollywood Hills.

— Era um bom tipo, o Bill. Vou sentir a falta dele.

— É a história da vida dele — disse Nina, debruçando-se da janela e deixando o vento despenteá-la.

Moltres ficou em silêncio por um momento, depois virou abruptamente à esquerda e entrou num grande parque de estacionamento quase vazio. Parou o carro e virou-se para Nina.

— Vou ensiná-la a usar as mudanças.

Moltres começou a aula apresentando Nina ao seu mais recente amiguinho, o pedal da embraiagem.

— Compreende como funciona o motor de um carro?

— Sim e não — respondeu Nina, que estava nervosamente sentada atrás do volante. — Carrega-se nos pedais e as rodas giram.

Moltres suspirou.

— A potência do motor é transferida para as rodas através da transmissão. Para meter uma mudança sem espatifar a transmissão, a embraiagem interrompe-a momentaneamente.

— Fascinante — disse Nina. O nervosismo estava a fazê-la ser má.

Moltres ignorou-a.

— Ligue o carro.

Ela assim fez.

— Tem pedais por baixo dos pés. A embraiagem à esquerda, o travão no meio, o acelerador à direita. Para arrancar num carro que não é automático, aumenta a potência da transmissão enquanto solta lentamente a embraiagem para engatar as rodas. Percebeu?

Nina assentiu com a cabeça, sem ter percebido nada.

— Enquanto solta lentamente a embraiagem ao mesmo tempo que carrega no acelerador, há um ponto em que o carro começa a andar ligeiramente. Chama-se ponto de embraiagem, e é o que vamos praticar agora.

Nina fitou-o e ergueu as sobrancelhas.

— Se carregar no acelerador muito depressa, afoga o motor e o carro vai abaixo. Vamos lá.

Ela fez como ele mandou, mas afogou o motor.

Esperaram um momento em silêncio. Depois Moltres disse:

— Então, o que é que faz na vida?

Nina tinha pousado a cabeça no volante.

— Trabalho numa livraria.

— Ai é? — disse Moltres, interessado. — Adoro ler. Sou um fã de livros de mistério.

— A sério? — Nina não percebia bem porque soava surpreendida. Os leitores de mistério estavam em todo o lado, vorazes e apaixonados. Eram dos melhores clientes da loja, e infalivelmente educados. Em privado, acalentavam um implacável desejo de vingança e interesse pelo uso de venenos e pela investigação, mas em público eram sedutores e generosos. Os leitores de ficção romântica costumavam ser divertidos e tinham opiniões fortes. Os de não ficção faziam muitas perguntas e era fácil entretê-los. Os leitores de romances sérios e os fãs de poesia é que era preciso ter em atenção.

Moltres assentiu com a cabeça.

— Sim, desde miúdo. São contos de fadas modernos, não são? O bem triunfa sempre sobre o mal.

— Quase sempre. Mas há exceções.

— Claro, mas eu sou à moda antiga. Não aprecio os mais recentes e mais desagradáveis. Eu e o seu pai costumávamos falar de livros, quando não falávamos de carros.

— A sério? — Porque é que a voz dela soara como um guincho?

— Sim. A coisa que ele mais gostava de fazer era subir a costa de carro e encontrar uma praia deserta onde pudesse sentar-se a ler em paz. — Olhou-a pacientemente. — Agora tente outra vez ligar o carro.

Nina rodou a chave na ignição. Foi muito, muito lenta, e houve um momento em que sentiu o carro mover-se debaixo dela. Continuou a trabalhar os pedais e, de repente, arrancaram, o que a fez de imediato pisar o travão sem largar a embraiagem e deixar o carro ir abaixo outra vez.

— Caramba, é difícil.

Moltres fez que sim com a cabeça.

— Já percebe porque é que as mudanças automáticas tiveram sucesso.

— Porque é que alguém havia de preferir mudanças manuais?

— É mais divertido — respondeu ele. — Tem de se concentrar mais, prestar mais atenção. Tem de trabalhar com o motor. Mais fácil nem sempre é melhor.

Nina rodou novamente a chave e, desta vez, quando o carro arrancou, controlou-se e conseguiu avançar sem incidentes.

— E agora, como é que meto as mudanças?

A voz de Moltres era calma.

— Faz outra vez a mesma coisa. Acelera até ouvir o motor pronto para mudar.

— Não oiço nada. — A voz de Nina era menos calma.

— Pare o carro — disse Moltres. — Vamos tentar outra coisa. Não se esqueça de desengatar a embraiagem quando trava.

Nina conseguiu parar o carro sem o desligar.

— Vamos trocar de lugares — disse ele. Ele deu a volta pela frente e Nina deu a volta por trás, e de repente estavam a olhar um para o outro na situação inversa.

— Preciso que se concentre. Vou explicar enquanto conduz, e

a Nina vai ouvir o som. — Nina assentiu com a cabeça. — Ouça, vou fazer o ponto de embraiação, soltar a embraiação, acelerar — o som do motor mudou —, e agora estamos a andar. Se der mais gás, ganha velocidade, e não começa a sentir o motor a fazer demasiado esforço?

Nina sentia, mais ou menos.

— Faz muito barulho. É a isso que se refere?

— Se é assim que sente, seja. Adiante, vamos lá, carregar na embraiação, meter a primeira, soltar, voltar a carregar, meter a segunda.

O motor parecia mais feliz. Voltaram a acelerar, andando às voltas pelo parque de estacionamento.

— E agora outra vez, segunda para terceira. Carregar na embraiação, meter a mudança, terceira.

Duas horas depois, Nina já tinha apanhado o jeito.

Três horas depois, Moltres entregou-lhe as chaves, declarou-se satisfeito e deixou-a conduzir.

— Fique com ele alguns dias — disse-lhe. — Depois traga-o e eu arranjo o que você tiver estragado.

Quatro horas, dois afogamentos e muitas voltas depois, Nina encontrou um lugar para estacionar e lembrou-se de porque é que não tinha carro em Los Angeles.

Andar para trás e para diante dava cabo dos nervos, e Nina estava sempre a ter de pisar o travão para não bater no carro de trás. Após uma travagem particularmente brusca, o porta-luvas do carro abriu-se e uma pilha de papéis e envelopes tombou para o banco do passageiro e para o chão.

Nina desligou o carro e pegou em tudo o que caíra. Viu o nome dela, depois viu *Becky*, *Katherine*, *Archie*, *Millie*, *Lydia*, *Peter*... Havia muitos envelopes amarelos, daqueles com pequenas borboletas de metal na aba, todos endereçados a um dos filhos ou netos de William.

Nina franziu a testa. Aquilo não devia ser coisa boa. Descobriu o dela e abriu-o, ainda sentada no carro, o motor a tiquetaquear ao arrefecer. Havia uma folha de papel dobrada e uma caderneta bancária com uma aparência muito anos 80, com *A Minha Primeira Conta Poupança* escrito com letras douradas e um unicórnio com as cores do arco-íris. Os bancos eram muito mais giros. Abriu-a e viu o saldo com olhos arregalados. Mais de dois milhões e meio de dólares. Devia haver um engano. Pegou na carta.

Querida Nina,

Vou começar esta carta da maneira clássica: Se estiveres a ler isto, é porque já estou morto.

Nina fez uma careta por causa do cliché, mas continuou a ler.

O facto de eu estar morto provavelmente não te incomoda muito, porque nunca descobriste que eu estava vivo antes de não estar. Tive vontade de te contactar muitas vezes, e costumava ir ver-te quando te iam buscar à escola, para ter a certeza de que eras feliz. A tua mãe teve muita razão em manter-me fora da tua vida. Em retrospectiva, a minha maior mágoa é a forma como magoei os meus filhos, e tu foste poupada a isso. Mas eu amava-te, mesmo que fosse de uma forma esquisita, e à distância.

Nina olhou pela janela. Seria bom saber como soava a voz do pai, para poder imaginar a carta a ser lida por ele, mas, como não sabia, decidiu fingir que o carro falava com ela com a voz do William Daniels. Tinha começado a chover, o que lhe parecia apropriadamente anómalo para aquele momento.

Adiante. Deixo-te este carro e também a conta poupança. A tua mãe recusou-se a aceitar o meu dinheiro, por isso pu-lo de parte para ti. Cem dólares todas as semanas desde que nasceste, mais os juros, e acaba por ser um excelente exemplo do milagre da poupança. Gasta-o em algo divertido. Se quiseres vender o carro, por favor, oferece-o primeiro ao Moltres; ele adora-o. Não te deixes enganar pela sua casca grossa. Na verdade, é um coração mole e um bom homem. Não estou a sugerir que te cases com ele, nada disso, mas ele haverá de pagar-te um preço justo.

Eis a questão, Nina: tenho a sensação de que tu e eu somos muito parecidos. Sei que adoras livros ainda mais do que eu e sei que adoras estar sozinha (Sim, cusquei um pouco a tua vida online quando ficaste mais crescida. Não podes fazer nada acerca disso, agora que estou morto. Desculpa.). Mas cometi erros na minha vida e quero dar-te um conselho.

Oh, santo Deus. Tal como a Becky dissera. Tábuas da Lei. Conselhos de além-túmulo.

Eu fui uma criança ansiosa, com pais que não gostavam de mim. O meu pai queria um rapaz forte e valente, e a minha mãe queria que o meu pai fosse feliz. Desde pequeno que aprendi a disfarçar, e disfarçava bem. Tinha pavor dos outros miúdos na escola, ainda mais do que dos professores. Por isso mantinha-me discreto, tinha notas excelentes, não estabelecia contacto visual e fugia para casa todas as noites, para fazer os trabalhos de casa e ler. Foi assim até à faculdade. Não tenho um único amigo desse tempo e, quando os meus pais morreram, não sabia o suficiente acerca deles para lhes escrever uma homenagem. Pedi a um vizinho que o fizesse.

Por fim, descobri a bebida e isso ajudou, até ao momento em

que deixou de ajudar. De certeza que me ajudou a atingir o meu primeiro objetivo, que era, a todo o custo, evitar sentir-me desconfortável. Emoções difíceis? Bebe e fica entorpecido. Relação dolorosa? Bebe e vai-te embora. Filhos que precisam de mim ou cujas mães precisam de mim? Bebe, vai-te embora e finge que foi para o bem deles. Eu era um verdadeiro falhado, Nina, como decerto o teu irmão e as tuas irmãs já te disseram.

Mais tarde, após a morte da Rosie, a mãe do Archie, a minha vida desmoronou-se por completo. À superfície, era melhor do que nunca. A empresa prosperava, a minha conta bancária era enorme, tinha namoradas lindas e carros maravilhosos e absolutamente nenhuma alegria. Bebia até adormecer e esperava não sonhar.

E então tive sorte: a Eliza apareceu no meio deste desastre e puxou-me para fora. Ajudou-me a deixar de beber, ajudou-me a fazer terapia, ajudou-me a começar de novo. Havia algo nela, um profundo reservatório de calma e confiança a que eu podia agarrar-me. Pela primeira vez, era aceitável que eu fosse simplesmente eu. Mas não havia nada que ela pudesse fazer para remediar a porcaria que eu deixara à minha passagem, e confesso: era mais fácil para mim avançar do que voltar para trás e emendar as coisas. Eu podia ver os estragos que tinha feito, mas disse a mim mesmo que era demasiado tarde. A verdade é que tinha medo dos meus filhos, e da raiva que eles podiam ter, por isso escondi-me do outro lado da cidade.

Não estou a dizer que não deves desfrutar de estar sozinha; isso tem muitas vantagens. Mas se estás a escolher ficar sozinha por teres medo das outras pessoas, resiste a esse medo. Confia às pessoas a tua verdade e diz-lhes com bravura que não és nada valente.

Por fim, abraça a família que adquiriste subitamente; eles são o meu verdadeiro presente para ti. E tu, querida Nina, és o meu

presente para eles.

Assinava,

Com amor, Pai

Caramba, pensou Nina. Devo ter deixado a janela aberta. Tenho a cara toda molhada.

Hoje é o dia

DATA *Terça-feira, 11 de junho*

S T Q Q S S D



HORÁRIO

07h-08h

08h-09h

09h-10h

10h-11h

11h-12h

12h-13h

13h-14h

14h-15h

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h

Entregar as cartas

Final do Campeonato



LISTA DE AFAZERES

- ☐ *Lydia*
- ☐ _____
- ☐ *Millie*
- ☐ _____
- ☐ *Archie*
- ☐ _____
- ☐ *Becky*
- ☐ _____
- ☐ *Peter*
- ☐ _____
- ☐ _____

OBJETIVOS

Avançar!

NOTAS

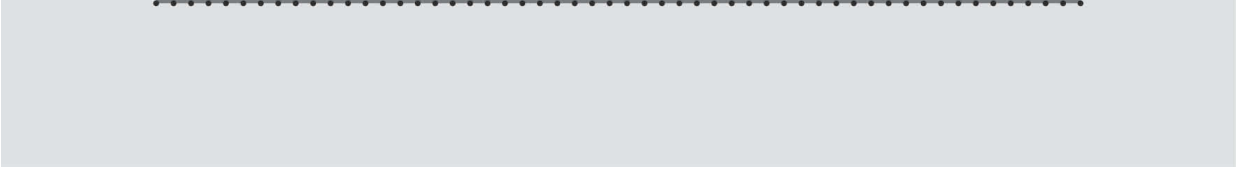
Clube trans-am?
Streaming
do Justiceiro?

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO



Vinte e Sete

.....

Em que Nina entrega uma carta.

Lydia vivia em Santa Monica, o que, normalmente, já seria razão suficiente para a evitar a todo o custo. Mas Nina tinha uma missão, por isso, no dia seguinte, atravessou a 405 pela segunda vez numa semana e fez o seu caminho glacial até Olympic Boulevard.

Santa Monica é literalmente uma cidade separada de Los Angeles, apesar de não ter uma fronteira perceptível nem um centímetro sequer de separação física. Até tem o seu próprio clima. Mais frio, mais enublado, mais... costeiro. Tem os seus devotos fervorosos que olham para a zona leste de LA com o mesmo desdém que Nina nutria pela zona oeste, mas como tendiam a ser mais ricos, mais opinativos e mais interessados em coisas como cristais e irrigação do cólon, Nina não se ralava com isso.

Lydia vivia na 16th Street, num simpático bairro residencial, onde presumivelmente podia semear o caos na paz e tranquilidade dos seus vizinhos. A intenção de Nina era deixar lá a carta e ir-se embora o mais depressa possível, porém, quando se encaminhava para a porta da frente, esta abriu-se, revelando Lydia.

— Vens para me matar?

Nina parou a meio do caminho de acesso. Aquela mulher tinha uma insanidade mental séria, mas Nina não conseguia deixar de admirar a sua receção corajosa à possibilidade da morte.

— Sim, Lydia — respondeu. — Vou matar-te recorrendo a este envelope letal, e depois vou banquetear-me com as tuas entranhas.

— O papel, na verdade, tem muita força, quando bem dobrado.

— Eu sei. Há uma coisa chamada *buckypaper* que tem uma força tênsil maior do que a do aço.

Lydia semicerrou os olhos para Nina.

— Como sabes isso?

— Leio. — Nina estendeu-lhe o envelope. — Este, contudo, é um envelope normal, que não envenenei nem armadilhei. Encontrei-o no carro que o teu avô me deixou e está endereçado a ti. — Encolheu os ombros. — Sou só o mensageiro, por isso não me mates.

Um gato, atraído pelas vozes delas, fez a sua aparição à porta, postando-se ao lado de Lydia. Depois decidiu irritar a dona e foi cumprimentar a visita. Parecia um leopardo e era extremamente amigável.

— É um gato-de-bengala?

— Sim — disse Lydia, observando-os da porta.

Cansado de receber festinhas, o gato sentou-se ao lado de Nina e começou a lavar-se.

— Como é que se chama?

— *Euclides*.

— O fundador da geometria?

— Não. Euclides O'Hara, que trabalha na pizzeria de Montana. — Lydia riu-se desdenhosamente. — Sim, o pai da geometria. — De repente, virou-se e entrou em casa. — Vá lá, entra.

Nina começou a andar.

— Traz o gato — disse Lydia de algures dentro de casa, mas o gato já ia a caminho. Os gatos odeiam perder alguma coisa.

O corredor da casa de Lydia era escuro, mas abria para uma grande e soalheira sala nas traseiras que fez Nina parar de repente. Os livros cobriam todas as paredes e estavam também em pilhas em cima de grandes mesas. Havia livros abertos numa secretária, livros empilhados no chão e até havia dois livros abertos nos braços de um cadeirão que parecia ser tão confortável como o dela.

— Caramba — disse ela, e impediu-se de dizer «Calculo que gostes de livros», porque era algo que as pessoas diziam sempre que iam a sua casa e que a irritava.

Lydia virou-se para ela e apanhou-a boquiaberta, a observar as prateleiras.

— Gosto de livros — disse Lydia. — Não gosto de pessoas.

— Nem eu.

Lydia abanou a cabeça.

— Isso não é verdade. Já estás mais próxima da minha família do que eu, e acabaste de os conhecer. Podes ser tímida, podes até ser introvertida, mas gostas de pessoas.

Nina abriu a boca para objetar, mas fechou-a. Talvez Lydia tivesse razão.

— Um verdadeiro misantropo, porém — continuou Lydia —, odeia e despreza as pessoas, e eu não as odeio, apenas não gosto muito delas, da mesma forma que também não gosto de ostras. Infelizmente, as pessoas são mais difíceis de evitar do que as ostras.

Nina assentiu compreensivamente, fez-lhe um pequeno sorriso e estendeu o envelope. Lydia aceitou-o.

— Obrigada.

Houve uma pausa, e depois Nina perguntou:

— Não vais abri-lo?

Lydia mirou a tia por um longo momento, depois sentou-se na cadeira com os dois livros abertos. Nina sentou-se no sofá e

Euclides saltou para o seu lado.

— Tens algum gato? — perguntou Lydia.

— Sim — disse Nina. — Chama-se *Phil*.

Lydia não disse nada, apenas ergueu uma sobrancelha exatamente como Nina fazia. Então Nina fez-lhe o mesmo gesto, e de repente Lydia riu-se.

— Talvez tenha de admitir que és mesmo da minha família. Gostas de livros, gostas de gatos, claramente aprecias um facto inútil e levantas a sobrancelha exatamente como eu. — Observou o envelope. — Porque é que hei de abrir isto? Não há quase nada que possa conter que me faça diferença.

— Talvez seja uma receita mesmo boa de bolo de banana.

Lydia riu-se desdenhosamente.

— Ou uma bomba.

— Porque é que o teu avô te deixaria uma carta-bomba?

Lydia lançou-lhe um olhar fulminante.

— Porque é que me deixaria uma receita de bolo de banana?

Nina encolheu os ombros.

— Talvez seja um pedido de desculpa.

— Por ser uma porcaria de avô? Demasiado pouco, demasiado tarde, não achas? A menos que o envelope contenha o vira-tempo da Hermione e uma promessa de que, desta vez, vai mesmo prestar-me atenção, é só papel.

— Mas não queres ver?

— Não — disse Lydia, mas depois virou o envelope e despejou o conteúdo no colo. Observou tudo em silêncio, em seguida pegou num postal de aniversário. — Dei-lhe isto quando tinha uns 10 anos. — Pegou numa pulseira da amizade feita com fios vermelhos e amarelos. — E dei-lhe isto muito mais tarde.

Acabou por pegar numa folha de papel dobrada e abriu-a.

— Querida Lydia — leu. — Se estás a ler isto, receio bem que já esteja morto.

— Hum — disse Nina. — Também dizia isso na minha carta.

Lydia olhou-a por cima da folha de papel.

— Bem, é verdade em ambos os casos, não é? — Continuou a ler.

Foste sempre a mais inteligente dos meus netos, e a que me punha mais nervoso. Tinha medo de que conseguisses ver-me por dentro, que visses o quanto eu era superficial e me censurasses por isso. Agora penso que estava errado e não tenho palavras para manifestar o meu arrependimento por nunca te ter conhecido melhor. És uma pessoa muito especial, Lydia, e espero que consigas perdoar-me. Imagino-te a dizer que é demasiado pouco e demasiado tarde, e terás razão. Mas é a única coisa que posso fazer, porque ninguém pode andar para trás no tempo. Tirando a Hermione, claro.

Lydia olhou para Nina e a sua boca tremeu.

— É sinistro.

Nina encolheu os ombros.

— As pessoas fazem referências a livros. O que é que se pode fazer?

Lydia continuou a ler.

A propósito, tu e a Nina provavelmente vão dar-se muito bem. Deviam ir jantar juntas, ou algo do género. Pus um cartão de oferta para o AOC no envelope. Espero que ainda esteja aberto e que vocês possam começar a ser amigas.

Lydia levantou o olhar para Nina e franziu a testa.

— Que velhaco manipulador, mesmo depois de morto. É engraçado como as pessoas se portam mal uma vida inteira e depois pensam que podem pedir desculpa e fica tudo apagado. Mas o AOC é um excelente restaurante. — *Euclides* abandonou

Nina e saltou para o colo de Lydia. — Ele deixou a minha mãe e a irmã quando ainda eram muito novas, e a minha mãe ficou praticamente destruída com isso. A minha avó é uma bruxa completa, deste por isso?

Nina assentiu com a cabeça.

— Foi subtil, mas, sim, dei por isso.

— Tornou a vida da minha mãe difícil, e a minha mãe tornou a minha vida difícil, e agora eu torno a vida das outras pessoas difícil e talvez esteja na altura de este ciclo terminar. — Suspirou.

— Mas eu acho as pessoas tão...

— Assustadoras? — perguntou Nina empaticamente.

Lydia fitou Nina por muito tempo.

— Não — contrapôs. — Acho que são profundamente irritantes, e é divertido atormentá-las.

— Ah — disse Nina.

De repente, Lydia rasgou a carta de William numa dúzia de pedacinhos que lançou para o ar.

— Lá se vai o avôzinho. — Sorriu. — Queres um chá?

Nas traseiras da casa de Lydia havia um grande jardim em curva. Ali sentada, tomando uma excelente chávena de chá, Nina sorriu cautelosamente.

— O que é que fazes? — Apontou para dentro, para todos os livros. — És professora, ou algo assim?

Lydia abanou a cabeça.

— Não, trabalho para a RAND Corporation. Conheces?

Nina assentiu com a cabeça.

— Começou originalmente com a Douglas Aircraft Company para investigação de novas armas, é um *think tank* internacional que produziu mais de 30 vencedores do Prémio Nobel. — Nina fez uma pausa. — RAND significa «research and development»⁶. —

Fez uma nova pausa e hesitou. — Na verdade, estou um bocadinho obcecada com a RAND, porque fazem todas aquelas coisas secretas e provavelmente têm uma sala com um daqueles mapas enormes no chão, com luzes e modelos em miniatura.

Lydia riu-se.

— Posso levar-te lá, se quiseres.

— A sério? Há uma sala com um mapa e modelos miniatura?

— Não, mas tem uma cafetaria razoável.

Euclides foi até ao meio do relvado e estendeu-se, assegurando-se de que podia ser admirado.

Nina perguntou:

— O que é que fazes na RAND?

— Oh, é apaixonante — disse Lydia. — Investigo padrões de trânsito globais.

— Caramba — disse Nina. — Isso é mesmo incrivelmente chato.

Lydia riu-se.

— Para mim não é, por isso é que o faço. Não vejo carros, vejo padrões. E nem sequer são só carros; é a forma como as pessoas se movimentam em geral. — Bebeu um gole de chá e tirou uma bolacha. — Adoro. Tu adoras o teu trabalho?

Nina pensou um pouco.

— Sim, acho que adoro. Foi mais uma coisa que aconteceu do que uma escolha, mas combina bem comigo. Levo uma vida muito tranquila, vou a pé para o trabalho, leio muito, pertenço a uma equipa de *quiz* e tenho um gato. — Virou as mãos para cima. — É tudo bastante bom.

— Não tens namorado? Ou namorada?

Nina abanou a cabeça.

— Não. Havia uma pessoa, mas estraguei tudo.

— Como?

Nina respirou fundo.

— Sofro de ansiedade.

— Como o Archie? — perguntou Lydia.

Nina confirmou.

— Acabei com ele ainda antes de termos começado. Senti-me pressionada e pu-lo fora da minha vida. — De repente, começaram-lhe a arder os olhos. — É tão estúpido!

— Não é estúpido. A ansiedade é a doença mental mais comum na América, com mais de 40 milhões de doentes.

Nina fitou-a.

Lydia encolheu os ombros.

— Partilho o gabinete com um investigador de doenças mentais. Na verdade, a RAND está cheia de pessoas como nós, *nerds* obcecados com boa memória. — Tirou outra bolacha e começou a comê-la. — Mas porque é que não lhe explicas e vês se podem recomeçar? É isso que queres?

Nina fez primeiro que sim e depois que não.

— Não sei. Gosto mesmo dele e sinto-me bem com ele, mas há demasiadas coisas a acontecer. Pensei que estava praticamente sozinha, e estava bem assim. Muito bem, até. De repente, tive de lidar com vocês todos, e o namorado foi a gota de água.

Lydia fitou-a.

— És uma idiota. Nós somos família, podes ignorar-nos completamente. Somos como as suculentas: uma ligeira atenção ocasional é mais do que suficiente. Deves absolutamente recuperá-lo.

— Ele está a ignorar as minhas mensagens.

— Já consideraste a velha conversa em pessoa? — Lydia pousou a chávena.

— Não — respondeu Nina. — Além disso, esta noite ele tem um concurso de quiz. Vai competir na final do Campeonato de Quiz do Sul da Califórnia. Não quero perturbá-lo.

— Bolas — disse Lydia. — Essa é a desculpa mais esfarrapada e *nerd* que já ouvi para a inação. Não sei se te dê um murro na cara,

se te aplauda.

Nina estava a abrir a boca para responder quando o seu telemóvel tocou.

— Podes vir imediatamente? — Era Liz, e parecia nervosa. Nina ouvia gritos em fundo.

— Que se passa?

— Bem, o Meffo veio cá pôr um anúncio a dizer que a livraria vai fechar e vai ser substituída pela loja de uma grande empresa de maquilhagem infundida com erva, chamada Puff and Pout.

— Estás a brincar. Um dispensário de erva?

— Não. Maquilhagem artesanal, personalizada para cada cliente a partir de uma gama de minerais e pigmentos naturais, infundida com óleo CBD e marijuana orgânica de origem local.

— Memorizaste isso tudo?

— Não, estou a ler o anúncio. O slogan é: *Fique fantástica, sintase ainda melhor.*

— Bolas!

— Depois as pessoas começaram a ler o anúncio e juntou-se uma multidão lá fora com cartazes, e agora a polícia está aqui e as coisas ficaram um bocadinho descontroladas.

Houve um barulho de vidros a partirem.

— Oh, céus, tenho de desligar.

— Isso foi a nossa montra? — Nina teve a visão de uma multidão de zombies a invadirem a loja, o que não fazia sentido nenhum, mas foi o que lhe passou pela cabeça.

— Não, foi o para-brisas do Meffo. Tranquei-o no escritório por segurança, mas não podia fazer muito pelo seu carro. — Desligou.

Nina virou-se para Lydia.

— Quanto tempo achas que demoramos daqui até Larchmont Boulevard?

Lydia sorriu.

— No KITT? Comigo a conduzir? Vinte minutos.

Nina abanou a cabeça.

— Não, num *Trans Am* normal, porque o KITT é uma personagem de ficção, durante a hora de ponta e comigo a conduzir.

Lydia fez uma careta.

— Quarenta minutos.

— Tudo bem, conduzes tu.

⁶ Investigação e desenvolvimento. [N. T.]

Vinte e Oito

.....

Em que as coisas ficam um pouco descontroladas.

Eis uma dica útil: atravessar Los Angeles num carro rápido com um génio da investigação ao volante não é uma experiência agradável, a não ser que sejas uma dessas pessoas que bebe cinco *Red Bulls* e snifa coca antes de se sentar no banco da frente de uma montanha-russa com os braços bem esticados no ar. Nina começou a recitar *A Canção de Amor de J. Alfred Prufrock*⁷ enquanto aceleravam por Beverly Hills e, no exato momento em que chegaram, ia no verso sobre enrolar os fundos das calças, o que diz bem da velocidade vertiginosa a que seguiam. Além disso, parece que a maneira de resolver o problema do trânsito em LA é tratar os percursos diretos como abominações e seguir por ruas laterais como quem joga *Tetris*. Não ajudou o facto de Lydia ir berrando os nomes das ruas, como um campeão de bilhar a anunciar as bolsas.

Quando viraram para Larchmont Boulevard, ficou imediatamente claro que algo de errado se passava. Havia peões de ambos os lados, olhando para sul, na direção da livraria, e Nina começou a ter aquilo a que Han Solo podia ter chamado um mau pressentimento. Ainda estava nauseada por causa da viagem de carro, mas aquilo era outra coisa.

Havia umas 20 pessoas amontoadas diante da loja, além de dois polícias, e todos assistiam a uma discussão entre uma mulher de meia-idade que Nina conhecia da livraria (ficção histórica) e uma mulher mais jovem que usava uma saia comprida, com franjas,

uma blusa feita com asas de pássaro e macarrão e um grande chapéu de feltro com uma aba do tamanho de Poughkeepsie. Podia servir de poleiro confortável para muitas aves, desde que estas conseguissem perdoar-lhe o corpete de asas de pássaro.

— Discordo da sua concepção de que a maquilhagem é, culturalmente, menos válida do que a literatura — dizia a jovem quando Nina e Lydia se aproximaram. Ah, pensou Nina, é uma Luta de Rua Liberal em Larchmont.

A mulher mais velha franziu a testa.

— Não estou de forma alguma a pôr em causa a validade dos seus produtos, seja culturalmente ou de outra forma, e longe de mim criticar as ambições de carreira de outra mulher, mas esta livraria está aqui há quase oito décadas e é um marco da nossa comunidade.

— O progresso é inevitável — respondeu a jovem.

— Isso é tão verdade quanto irrelevante para a nossa discussão — disse a mulher mais velha, a quem Nina se referia mentalmente como a Leitora. — Não precisamos de mais uma loja de produtos de beleza em Larchmont, e decerto não precisamos de uma loja de droga.

— Não somos um dispensário — respondeu a outra mulher, a quem Nina se referia mentalmente como Betty Asas de Pássaro. — Criamos maquilhagem infundida com plantas potentes que a fazem sentir-se tão bem quanto a sua aparência. Somos cem por cento orgânicos, locais e legais.

Houve murmúrios entre a multidão. Claramente, a Betty Asas de Pássaro tinha alguns apoiantes. Como que para o provar, surgiu de repente um grupo de jovens vestidas como ela.

— Vimos a tua publicação no *Instagram* — disse uma delas, aproximando-se de Betty e tocando-lhe no braço. — Lamento que os cotas estejam a estragar a tua onda.

— Que seca — disse outra. — Trouxe-te um pouco de geleia real

e um shot de vinagre de cidra para te alcalinizar. — Entregou-lhe um frasquinho que trouxe à mente de Nina o livro *Alice no País das Maravilhas*.

Os polícias viram ali uma oportunidade.

— Minhas senhoras — disse um deles, que parecia achar aquilo uma variação agradável de tirar sem-abrigo das ruas. — Lamento, mas como não têm licença de manifestação, têm de dispersar e ir para casa.

— Não — disse a Leitora. — Estamos aqui para mostrar o nosso apoio à leitura.

— Oh, amiga, nós somos completamente a favor de ler — disse uma das jovens que acabara de chegar. — Mas as livrarias são tão anos 90. As histórias agora vivem na nuvem, livres como pássaros. Não as acorremem ao reino físico.

A Leitora riu-se na cara dela.

— Estás com uma grande moca.

— E tu estás velha. A mim, pelo menos, há de passar-me.

Ouviu-se então a voz de um tipo na multidão:

— Voltem para Santa Monica, seus imitadores baratos de *hippies* contracultura! — Convenhamos, são palavras de luta, embora desnecessariamente complicadas.

E foi então que começou. Alguém — não se chegou a saber exatamente quem — atirou uma bola de gelado de cardamomo, figo e queijo *brie* que atingiu a Betty Asas de Pássaro exatamente nas... asas de pássaro. Até que enfim, pensou Nina, puseram a catapulta de gelado a funcionar.

Um dos amigos de Betty virou-se e atirou um shot de sumo de limão e pimenta-de-caiena à cara de um apoiante da livraria que gritou «Os meus olhos!» e cambaleou para trás. Outra bola de gelado passou-lhes por cima das cabeças e atingiu um polícia, que não ficou muito satisfeito. Nina virou-se para ver quem estava a lançar a artilharia gelada exatamente quando outra bola

de gelado lhe bateu na cabeça e caiu em cima de Betty, desta vez na cara.

Betty bateu com o pé.

— Tenho intolerância à lactose! — gritou ela.

— Não, tens é um feitiço completamente intolerável — disse a Leitora, empurrando-a.

Nina apalpou a cabeça, que estava pegajosa. Ouviu risinhos. Lydia estava divertida.

— Tens um bocadinho... de alguma coisa... — Lydia limpou uma gota da testa de Nina e lambeu. — Hum — disse. — Menta e chocolate. Surpreendente. — Abriu a boca para continuar e foi atingida em cheio por um queque sem glúten, o que também foi surpreendente. Começou a falar e a cuspir.

Nina sorriu.

— Não fales com a boca cheia, Lydia.

Um miniqueque (ou talvez fosse um *brownie*, mas voava demasiado depressa para ser identificado) passou por elas e atingiu os óculos da Leitora.

Os polícias, que tinham sido bem treinados (embora não, obviamente, para uma guerra de comida), começaram a abrir caminho por entre a multidão, procurando os arruaceiros. Isto fez com que as pessoas fora da multidão, que não conseguiam ver bem, assumissem que se passava algo mais sério. Começaram a correr ou, pelo menos, a apressar o passo — afinal, estavam em Larchmont, não havia necessidade de pânico indecoroso.

O bandido do gelado fez um último lançamento por cima das cabeças da multidão cada vez menos numerosa, encontrando tanto Nina como Lydia na linha de fogo. Tacada profissional, bola dupla.

Lydia, que decidira ver o lado divertido da coisa, exibiu o braço todo salpicado.

— Estou ferida — gritou ela, a cambalear para trás.

— Frio, tanto frio — disse Nina, imitando a morte heroica de tantos ídolos das matinés. Avançou para a porta da livraria, encostou-se e caiu numa morte muito credível. Depois lembrou-se de porque é que estava ali.

— Vamos — disse, pondo-se de pé. — Entramos pelas traseiras.

— A sério? — gemeu Lydia. — Mas isto é tão divertido!

— Esquece — disse Nina. — Vamos embora.

Atravessaram a confusão e correram pela rua estreita nas traseiras das lojas de Larchmont Boulevard. Nina abriu a porta com as suas chaves e encontrou Liz e o Sr. Meffo escondidos na sala dos fundos. Apesar de o gelado estar lá fora, a atmosfera na sala era decididamente muito fria.

— Já se foram embora? — perguntou Liz.

— Sim, a multidão está a dispersar.

Liz virou-se para Meffo.

— Bem, o senhor já pode sair.

O Sr. Meffo pôs-se de pé, tenso.

— Obrigado pelo abrigo temporário, Elizabeth.

Liz encolheu os ombros. Caramba, pensou Nina, aposto que esta última hora foi divertida, aqui dentro. O Sr. Meffo olhou para Liz com ar de quem ia dizer alguma coisa, mas limitou-se a virar-se e sair da loja.

Liz suspirou.

— Queria pedir-lhe que me desse mais tempo, mas não encontrei as palavras certas. É sempre tão fácil nos livros e tão difícil na vida real.

— Que grande verdade — disse Lydia. Depois virou-se para Nina. — Contudo, isso não é desculpa para não tentares, pelo menos, falar com o teu namorado. — Apontou-lhe um dedo. — Talvez esperasses que eu me tivesse esquecido da nossa conversa, mas não esqueci. Precisas de fazer das tripas coração, arranjar coragem e lembrar-te de que uma tartaruga só avança

quando põe a cabeça de fora.

Liz e Nina olharam para ela.

— É um provérbio coreano — explicou Lydia, encolhendo os ombros.

— Tens razão — disse Nina, sentindo-se subitamente mais corajosa do que alguma vez se sentira. Lydia era uma mulher de ação, e era da sua família, por isso Nina devia ter algures os genes de mulher de ação. Além disso, agora Nina tinha uma família. Tinha amigos. Tinha dinheiro. Tinha um carro do caraças. Sobrevivera a uma viagem terrível naquele carro do caraças e não havia nada que não pudesse fazer, ou pelo menos tentar. — Vamos.

Ela e Lydia viraram-se para sair. Liz ficou a vê-las ir, depois foi buscar papel de cozinha e limpa-vidros. Por sorte, o gelado artesanal, produzido com ingredientes naturais, era muito mais fácil de limpar do que os produtos de fábrica.

² Poema escrito em 1911, por T. S. Eliot. Sucintamente, Prufrock tem medo da morte, da rejeição, de críticas e de envelhecer sozinho. Está ciente da passagem do tempo e das suas dificuldades em estabelecer ligações com outras pessoas. [N. T.]

Vinte e Nove

.....

Em que Nina torna as coisas públicas.

Havia tanta gente à porta do bar que se podia pensar que algo de monumental estava a acontecer. Sereias a lutar num lago de milho com natas. Gatinhos a fazer malabarismo. Uma *flash mob* de painéis de pressão. Alguma coisa. Mas na verdade era apenas a Final do Campeonato de Quiz do Sul da Califórnia e, depois de muito serpentearem, Lydia e Nina conseguiram chegar-se à frente.

Howard, o Parvo do Quiz, não se poupou a esforços, e até havia uma equipa de operadores de câmara de uma estação local. Howard ataviara-se com um fato prateado e um daqueles microfones que parece meio chupa-chupa espetado numa longa vara de prata que obtivera num leilão do eBay. Estava mesmo a dar o seu melhor.

De onde se encontrava, Nina via ambas as equipas, cada uma sentada de um dos lados do palanque, que era maior e mais impressionante (e, assim esperava, mais seco) do que o último.

— Damas, Cavalheiros e fantásticos Indecisos, bem-vindos à Final do Campeonato de Quiz do Sul da Califórnia. Pela primeira vez, temos uma equipa concorrente de San Diego, os Ursos Sábios da Califórnia, a defrontar os nossos heróis locais, És um Quiziceiro, Harry.

Nina olhou para o banco da equipa dos Quiziceiros... Tom não estava lá. Mas Lisa estava, e avistou Nina. Franziu a testa e levantou-se.

— Os concorrentes devem permanecer nas suas posições — disse Howard.

— Não sejas parvo, Howard — respondeu Lisa. — Volto já. Tenho de perceber porque é que nos falta o capitão de equipa.

— Não há substituições depois de o tempo começar — avisou Howard, num tom muito oficial.

— Não te enerves — disse Lisa por cima do ombro.

Ela e Nina encontraram-se junto ao bar.

— Onde está o Tom? — gritou Nina por cima do rebuliço. — Esta é a minha sobrinha, a Lydia. É especialista em padrões de trânsito.

— Olá — disse Lisa, parecendo surpreendentemente interessada. — Escolheste uma boa cidade para isso, embora o maior engarrafamento de sempre tenha sido em Pequim, em 2010.

— Eu sei — disse Lydia com satisfação. — Cem quilómetros, e durou 12 dias. — Mirou Lisa atentamente; nunca tinha conhecido ninguém que se interessasse por trânsito. — No ano passado, fiz férias em São Paulo. Há sempre enormes engarrafamentos. Foi fantástico.

Lisa sorriu-lhe como se aquela não fosse uma afirmação ridícula, depois virou-se para Nina.

— O Tom não está aqui, mas devia estar. Tem andado completamente alheado. Porque é que acabaste com ele?

— Porque tive medo — disse Nina. — Tenho tentado pedir-lhe desculpa, mas ele não atende o telefone.

— Eu sei, também tenho tentado contactá-lo. — Lisa parecia ligeiramente preocupada. — Queres jogar pela nossa equipa? Sem ele não temos hipótese, mesmo que ele estivesse a jogar a meio-gás.

— Não posso, acho que não é permitido.

— Bem, vamos perguntar.

Nina hesitou.

— Não. Tenho a certeza de que o Tom vai chegar a tempo.

— Estou aqui — disse Tom, surgindo por trás delas. — Desculpa, Lisa, estava a trabalhar e perdi a noção do tempo. — Olhou para Nina. — Olá, Nina. — Pegou no braço de Lisa. — Vamos. Vai começar.

— Tom, a Nina quer falar contigo — disse Lisa.

Tom olhou para Nina.

— Isso é simpático — respondeu. — Tens gelado no cabelo — disse, e virou-lhe as costas, seguido por Lisa, que encolheu os ombros como que a desculpar-se. Nina sentiu aquele cheiro a serradura que sempre o acompanhava e deu alguns passos sem se aperceber.

Ela cometera um grande erro.

— Ele é giro — disse Lydia atrás dela. — Vai-te a ele, tigre!

Nina viu Lisa voltar a sentar-se no banco da sua equipa ao lado de Tom, que evitava conscientemente o seu olhar.

— Vou tentar — respondeu. — Mas acho que sou mais um gatinho.

— Os gatos domésticos partilham 95,6 por cento do seu ADN com os tigres — disse Lydia. Fez uma pausa. — De acordo com um estudo, pelo menos.

O Parvo do Quiz avançou e levantou uma mão a pedir silêncio.

— Vamos rever o formato. Na primeira ronda, vou fazer conjuntos de perguntas de várias categorias. Qualquer pessoa da equipa pode responder, mas só é aceite uma resposta. Uma resposta correta recebe dois pontos. Uma resposta incorreta significa que a pergunta será oferecida à outra equipa. Se acertarem, recebem um ponto. Se ninguém souber, a pergunta é oferecida à assistência, e quem acertar pode oferecer um ponto à equipa que apoia.

Como a assistência apoiava maioritariamente a equipa local, a

proposta era popular, mas os Ursos Sábios da Califórnia também tinham trazido um bom contingente de fãs, que usavam luvas com garras e chapéus do Urso Smokey. Era bonito de se ver.

— Ambas as equipas estão completas? — O Parvo do Quiz olhou cuidadosamente para os concorrentes, provavelmente para confirmar que nenhum deles era o Ken Jennings disfarçado. — Para reduzir as hipóteses de batota, as categorias são tiradas à sorte. A nossa primeira categoria é Desporto nos EUA.

Ambas as equipas se saíram muito bem em Desporto, mas os Quiziceiros tomaram a dianteira na categoria seguinte, que era Casais da Vida Real que Interpretaram Casais na TV. Então os Ursos Sábios dominaram em Países Minúsculos de que Nunca Ouviste Falar (um estatuto que, claramente, não se lhes aplicava) mas os Quiziceiros arrasaram em Séries de Comédia da Década de 1980, tendo chegado à ronda final com o resultado equilibrado.

Nina estava a observar a cara de Tom e era impossível não reparar no quanto ele a ignorava. Era quase cómico o que ele estava disposto a fazer para não cruzar o olhar com o dela. Lydia começou a murmurar comentários e a responder às perguntas muito baixinho, e Nina fez uma nota mental para verificar se Santa Monica tinha um concurso de cultura geral, porque ela ia arrasar.

— Nesta ronda final, são os membros da equipa um a um, frente a frente com um opositor. Cada par terá seis perguntas, duas de cada categoria, e há 12 pontos para arrecadar, sem tretas.

Lisa foi a primeira e esmagou o seu adversário dos Ursos Sábios, tendo aparentemente memorizado as vidas dos Primeiros Presidentes Americanos, a Tabela Periódica e Cães e Gatos dos Desenhos Animados. Os Quiziceiros não tiveram tanta sorte na ronda seguinte, e o membro da sua equipa apenas conseguiu dois pontos por identificar corretamente Fresno como a Capital Mundial das Passas. Na última ronda, os Quiziceiros responderam

corretamente a todas as perguntas sobre Receitas Com Ovos, mas não conseguiram vencer os Ursos em Cocktails e Raças de Cães.

Os Ursos Sábios começaram a ficar arrogantes e a celebrar a vitória iminente. O chão do bar estava cheio de vidros partidos e cerveja, porque aparentemente as garras de urso são giras mas pouco apropriadas para segurar copos de cerveja escorregadios. Devia ser por isso que os ursos preferiam barris.

— Aqui vamos nós — disse Howard, que aperfeiçoara o seu papel de anfitrião e estava a levar tudo com muita calma. — Com um empate, chegamos finalmente aos capitães de equipa, que têm de responder a dez perguntas rápidas retiradas das categorias desta noite. — Pegou no seu pequeno saquinho de categorias e tirou um pedaço de papel. — Aplicam-se as mesmas regras, dois pontos se acertarem, um ponto se o adversário acertar, e a opção de perguntar ao público se ambos falharem.

Tom levantou-se e subiu ao palanque, assim como a capitã de equipa dos Ursos Sábios, que era uma mulher não muito maior do que Nina. O seu chapéu representava uma cabeça completa de urso pardo que era maior do que ela, e de vez em quando tinha de se agarrar ao palanque para não se desequilibrar. Ou a cabeça era mesmo pesada, ou ela retirara as garras para poder beber cerveja. Fosse como fosse, estava pronta para arrasar, se não caísse primeiro.

Howard pigarreou e assumiu uma expressão séria, assegurando-se de que a câmara estava a apanhar o seu melhor lado.

— Quem tem mais vitórias como treinador principal na NFL?

Tom respondeu.

— Don Shula.

Nina nunca ouvira sequer falar de Don Shula, mas era bom saber que a vida lhe corria tão bem. Tom olhou para os

companheiros de equipa e sorriu, mas conseguiu ainda assim evitar olhar para Nina. Lisa estava claramente irritada com ele, porque apontou dois dedos aos seu próprios olhos e depois apontou para Nina, mas Tom ignorou-a.

— Próxima pergunta: Quem desempenhou o papel de pai de Chandler em *Friends*?

Tom respondeu novamente.

— Kathleen Turner. — Nina ficou satisfeita por ver que ele era versado nos clássicos.

E depois os Ursos Sábios responderam a cinco perguntas seguidas, e Tom às três seguintes.

O Parvo do Quiz, deleitado por as coisas estarem tão apaixonantes, e satisfeito por ver que as câmaras ainda gravavam, pigarreou.

— Incrivelmente, temos um empate! Para quem vencer, a honra de se declararem campeões de Quiz do Sul da Califórnia, 500 dólares para uma instituição à vossa escolha e pizza grátis da Domino's por um ano...

— Só para os membros da equipa — gritou um homem que devia ser da Domino's. — Não para toda a gente que conhecem.

— Sim, pizza grátis para vocês. Temos de ir a um emocionante desempate. — Olhou em volta e levantou uma mão a pedir silêncio. Quando finalmente o conseguiu, disse: — Quem me sabe dizer as famosas últimas palavras de Arthur Conan Doyle?

— Quem é esse? — perguntou a capitã dos Ursos Sábios.

— O homem que escreveu *Sherlock Holmes* — ripostou o Parvo do Quiz, surpreendido.

A capitã encolheu os ombros. Toda a gente olhou para Tom, que também encolheu os ombros. Todos os membros das equipas encolheram os ombros; foi um festival de ombros encolhidos, até que, por fim, o apresentador se virou para a assistência e perguntou se alguém sabia a resposta.

Nina levantou a mão. Howard apontou para ela e ela olhou para Tom, que finalmente lhe retribuía o olhar.

— A Nina não pode responder — disse ele a Howard. — Ela estava numa equipa adversária.

Howard olhou para Nina.

— Sim, mas a equipa dela foi desclassificada há semanas. — Olhou para Tom. — Tu viste, estavas lá. — Estremeceu. — Sofri um corte com papel que demorou dias a sarar.

Nina falou.

— As regras são claras, Howard. Se mais ninguém souber a resposta, a pergunta passa para a assistência.

— Pois, mas parece que o capitão da equipa não quer que tu respondas. — Ele parecia perplexo. — Mas tu podias dar o ponto à equipa que quisesse, por isso talvez os Ursos Sábios... — A sua voz enfraqueceu. — Não tenho a certeza se as regras cobrem essa eventualidade.

— Podemos fazer uma votação — disse Nina, olhando em volta. — Mão no ar?

— Não — disse Howard. — Isto não é uma democracia, é a Final do Campeonato de Quiz. — Virou-se para os capitães de equipa.

— Receio que isto signifique um empate. Não há vencedor.

— Calma! — Lisa pôs-se de pé de um salto. — Deixa a Nina responder à pergunta, Tom. Não és o único membro da equipa. — Estava claramente a tentar arranjar uma boa razão. — É que eu... adoro mesmo pizza.

— Tu és vegan — disse Tom.

— Nós fazemos pizza vegan! — berrou o tipo da Domino's. Devia estar bêbedo, porque acrescentou: — Sabe a cartão, mas é vegan!

Tom hesitou. Olhou para Nina.

— Deixa-me responder, por favor — disse ela.

Tom suspirou.

— Está bem.

Howard parecia chateado, mas assentiu.

— Força, membro da assistência. Vou repetir a pergunta. Quais foram as famosas últimas palavras de Arthur Conan Doyle?

Nina pôs-se de pé.

— As suas últimas palavras foram: «Cometi um erro horrível, Tom. Há espaço para ti na minha vida, muito espaço. Por favor, dá-me uma segunda oportunidade.»

Silêncio total. O Parvo do Quiz franziu a testa e virou o cartão na sua mão.

— Hum, não é isso que tenho aqui.

— Espera — disse Tom. — Ele também disse: «E da próxima vez que te passares? Não quero estar com alguém que me põe na rua sempre que se descontrola.»

— Ele tem razão — murmurou Lydia.

— Está calada — disse Nina.

A capitã dos Ursos Sábios interveio.

— Esperem lá, temos duas hipóteses?

— Eu sei — respondeu Nina. — Peço desculpa. Só posso prometer tentar fazer melhor. — Engoliu em seco e levantou a voz. — Estar contigo é tão bom como estar sozinha.

Fez-se uma pausa e Tom saiu do palanque para ir ter com Nina.

— Foi a coisa mais simpática que já me disseram — disse ele, e pôs os braços em volta dela, levantando-a do chão e beijando-a profundamente. Estava vagamente consciente de uma mulher aos pulos perto deles, que dizia:

— As últimas palavras de Conan Doyle foram para a sua mulher. Ele disse: «És maravilhosa.» — E depois, como Nina e Tom não davam sinais de parar: — O beijo mais longo de que há registo demorou mais de 58 horas.

Embora Tom e Nina não tivessem batido o recorde para o beijo, fizeram com que o vídeo da Final do Campeonato de Quiz se tornasse viral no *YouTube*. Semanas mais tarde, quando o Canal

de Trivialidades do Parvo do Quiz foi lançado no YouTube, ele reconheceu que, se não fosse aquele momento de apogeu romântico, o seu sucesso nunca teria acontecido. Não estava disposto a partilhar os lucros da publicidade, claro, mas apreciou a ajuda.

Depois de o concurso terminar e os Ursos Sábios terem a delicadeza de pagar uma cerveja a todos os clientes do bar, Tom e Nina despediram-se. Lydia e Lisa estavam embrenhadas numa discussão acerca dos engarrafamentos mais fantásticos da história e mal deram pela sua saída.

— Quero levar-te a minha casa — disse Tom. — Na verdade, não é longe daqui. — Nina assentiu com a cabeça e os dois caminharam pelas ruas escuras em perfeita felicidade, de mãos dadas e em silêncio. Chegaram a um edifício baixo e Tom tirou a chave do bolso. — Aqui é onde trabalho, não propriamente onde vivo, mas preciso de te mostrar uma coisa.

Abriu a porta e conduziu-a através de um corredor estreito até uma grande sala nas traseiras do edifício. Nina seguiu-o, desejando ainda estar de mão dada com ele. A sala onde entraram estava cheia de madeira e peças de mobília. Exalava um cheiro maravilhoso, a serradura e óleo de linhaça. Cheirava a Tom.

— Esta é a minha oficina — disse Tom, acendendo as luzes.

— Disseste que eras carpinteiro.

— E sou — respondeu ele, sorrindo-lhe. — Mas não da construção. Faço armários. Faço móveis. — Apontou. — Em particular, estantes.

— Estás a brincar. — Nina olhou em volta. Era evidente que ele não estava a brincar. Havia na sala várias estantes, grandes e bonitas. Não eram apenas prateleiras; tinham portas, vidro, gavetas e pequenas coisinhas de madeira que deviam ter um

nome próprio.

Tom abanou a cabeça.

— Não propriamente. Falei com o Peter no outro dia, no festival, e concluímos que era demasiado piegas dizer-te. Digamos que eu estava à espera do momento certo, mas depois... bem... acabámos, e deixou de ter importância.

Nina fitou-o.

— Isto é...

Ele corou.

— Eu sei. É ridículo. Um homem que faz estantes namorar com uma rapariga que vende livros.

— Pois.

— E se eu me concentrar em roupeiros e cómodas?

Ela sorriu.

— Eu podia deixar o meu trabalho.

— Eu podia continuar a fazer estantes, mas fazê-las tão mal que os livros estivessem sempre a cair.

— A Knight's podia dedicar-se apenas à venda de audiolivros.

Olharam-se.

— Como vês — disse Nina —, estou disposta a mudar.

Tom aproximou-se mais dela e pegou-lhe nas mãos.

— Não quero que mudes, Nina. Quero tomar conta de ti. Se te tornares menos ansiosa, ótimo; se não, também está bem, porque é assim que tu és. — Encolheu os ombros. — Nunca serei um grande leitor, nunca irei saber tudo acerca das coisas que tu dominas, mas é assim que eu sou.

— Gosto de como tu és — disse Nina, sem se sentir minimamente ansiosa. — E tu sabes muitas coisas que eu não sei. Como o Don Shula. Eu nem sequer sei quem é o Don Shula.

— Não sabes? Bem, afinal, talvez isto não resulte. — Ele sorriu. — Olha, arranjei um cantinho para ti. — Tom apontou para uma área perto de uma grande janela. Estava escuro, é óbvio, mas

durante o dia receberia muita luz. — Ia fazer-te uma surpresa e pôr ali um cadeirão para te sentares a ler enquanto eu trabalhasse, e assim podíamos estar juntos. — Aproximou-a mais e beijou-a. — Quero estar contigo da maneira como tu és, como tu vais ser, da maneira como acabares. Sejas como fores, és linda para mim.

Beijaram-se, e então Nina disse:

— Isso foi a coisa mais pirosa que já ouvi.

Tom riu-se.

— A sério? Andei a trabalhar isto na minha cabeça durante dias.

Nina ia troçar dele novamente, mas não o fez. Ele não era um poeta, mas não fazia mal. Ela não era uma esquiadora de competição. Não importava o que eles não eram, apenas o que eram.

— Sou capaz de me apaixonar por ti — disse ela.

— Também sou capaz de me apaixonar por ti — respondeu ele.

— Somos muito românticos, não somos?

— Muito — disse ele, beijando-a novamente. — Vamos para casa, para podermos ficar sozinhos juntos.

Trinta

.....

Em que Liz perde a cabeça, faz um amigo e ganha uma sócia.

Na manhã seguinte, Nina despertou e encontrou Tom já acordado, a olhar para ela.

— Bom dia, namorado sinistro — disse ela. — Estás a olhar para mim há muito tempo?

— Cerca de 30 segundos — respondeu ele. — O teu gato apresentou queixa sentando-se no meu olho.

Phil instalara-se no cadeirão e lavava a pata com o ar de um querubim a limpar uma asa.

Nina sorriu e levantou-se para lhe dar comida. Foi ligar a cafeteira e encontrou-a já ligada, com água no depósito e café no filtro. Deteve-se.

— Foste tu que fizeste isto?

Tom virou-se na cama e disse que sim.

— Fui inspirado pelos votos de casamento do meu irmão.

Nina ia abrir a boca para fazer um comentário positivo quando o telefone tocou. Viu as horas. Oh, eram 10 horas. Não propriamente o romper da alvorada.

Era a sua amiga Vanessa.

— Olá, acho que é melhor vires à livraria.

— Porque é que estás na livraria? E porque é que estás a falar tão baixinho?

— Não estou. — Vanessa parecia conter-se, como se estivesse

prestes a desatar a rir ou a chorar. — Estou a esconder-me da gerente porque não podemos falar ao telefone durante o horário de trabalho, e é melhor despachares-te, porque há uma multidão à porta da livraria e de vez em quando a Liz aparece e entrega-lhes livros.

— Está a vendê-los?

— Não, está a dá-los. — Vanessa fez uma pausa. — Com grande entusiasmo.

— Vou já.

Quando chegaram, Nina e Tom encontraram Liz sentada no meio da loja com o Sr. Meffo, num completo caos. Todos os livros do stock da loja tinham sido tirados das prateleiras e Liz estava sentada no meio deles como a lagartinha no seu cogumelo. Meffo, que Nina achou parecido com o Coelho Branco, estava empoleirado junto da caixa registadora. Pareciam ambos estar a divertir-se muito.

— Ah, Nina — disse Liz. — Chegaste mesmo a tempo.

— A tempo de quê? — disse Nina cautelosamente. — Parece que já perdi o evento principal, que parece ter sido a destruição da loja.

— Nada disso! Tivemos uma discussão literária que precisou de ser ilustrada — respondeu Liz com fluidez. — Foram necessários variadíssimos volumes.

— Tu estás bem? — Nina abriu caminho até junto de Liz, que desviou uma pilha de livros para lhe arranjar espaço. Deu uma palmadinha na carpete, ao seu lado.

— Estou fantástica — disse Liz. — Abanca-te aí.

O Sr. Meffo riu-se, o que foi alarmante.

— Já tomaste o pequeno-almoço? — perguntou Liz, estendendo-lhe uma caixa de bolos com uma seleção de

brownies, cupcakes e queques.

Nina tirou um miniqueque e meteu-o na boca.

— Caramba, são bons. — Tirou outro. — De onde são?

— Não me lembro. Sabes — continuou Liz, encostando-se a ela — que os livros têm sido a pedra de toque da minha vida?

— Sim — disse Nina, sem parar de mastigar.

— Lembro-me perfeitamente da primeira vez que recomendei um livro: *Samurai: Nome de Código*, de Neal Stephenson, e recomendei-o porque o cliente gostava de William Gibson e S. J. Perelman, e eu pensei, ei, este livro é futurista e hilariante... — Aqui pareceu perder o fio da conversa por um momento, mas passado um segundo lembrou-se do que queria dizer. — E ele voltou à loja e disse que tinha adorado e eu fiquei viciada.

— Em ficção científica?

— Não, em apresentar livros às pessoas. Em ler livros, conhecer pessoas e juntá-las. Adoraste *Bridget Jones* e *Rebeca*? Experimenta *Mary Stewart*, que domina o romance de suspense e escreveu mais de uma dúzia de livros fantásticos. — De repente, estendeu a mão e pegou no braço de Nina. — Sabes qual é a melhor sensação do mundo?

— Hum... — Nina abanou a cabeça, apesar de ter algumas ideias. Liz iluminou-se.

— É ler um livro, adorar cada segundo e depois olhar para a capa e descobrir que o autor escreveu mais 14 ziliões de livros.

— Catorze ziliões?

— Ou uma dúzia! — Liz virou-se para o Sr. Meffo. — O Sr. Meffo veio ajudar. Não é tão querido da parte dele?

Liz estava mesmo a enlouquecer. Nina olhou para o senhorio. Ex-senhorio. Parecia acanhado.

— Estava de passagem — disse ele, um tanto defensivo. — Ouvi barulhos e vim investigar. Era a Liz. — Pigarreou. — A cantar. — Sorriu para Liz. — Ela convidou-me para entrar, comemos

bolinhos, tomámos café e falámos de livros. — Parecia quase feliz. Nina nunca o tinha visto assim. — Descobrimos que temos muito em comum.

— Ambos nos preocupamos com George, o Curioso, por exemplo — disse Liz. — Porque é que o Homem do Chapéu Amarelo não leva as suas responsabilidades a sério? Porque é que está sempre a colocar o George naquelas situações obviamente perigosas e depois se vai embora?

— Não, não — disse Meffo. — Está a ver as coisas mal. O Homem do Chapéu Amarelo é a vítima. O George está sempre a prometer que vai portar-se bem, mas nunca cumpre. Para não dizer — entusiasmou-se com o tema — que o George, o Curioso, basicamente ensina os miúdos que é aceitável danificar propriedade desde que se faça alguma coisa gira a seguir. — Ergueu as mãos no ar. — Que raio de mensagem é essa?

Nina olhou para Tom, que estava encostado à porta, ouvindo em silêncio. Olhou para Liz e Meffo de olhos semicerrados.

— De onde vieram esses bolos?

— Daquela senhora maravilhosa que está a roubar a minha loja — disse Liz. — Acho que se sentiu mal por causa da luta e do gelado, por isso apareceu aí na noite passada e deixou uma oferta de paz. — Pegou na última miniatura. — Acabei por comer alguns ao jantar e decidi reorganizar os livros. — Olhou em volta. — Comecei bem, mas depois distraí-me.

Após uma pausa Nina constatou:

— Estás com uma grande moca.

— Não sejas tola, Nina.

— Liz, ela vende maquilhagem com erva. Alguém que acha que a erva deve estar na sombra que se aplica nos olhos não irá certamente coibir-se quando se trata de pastelaria.

— Hum — disse Liz. — Bem, isso pode explicar o meu desejo premente de criar cabras e viver em harmonia com a natureza. —

Virou-se para Meffo. — As minhas desculpas, Sr. Meffo. Parece que lhe dei queques adulterados.

— Queques Adulterados é um nome ótimo para uma banda — disse ele, novamente a rir-se. — Além disso, somos adultos, por isso, adulterados é muito apropriado.

— O senhor é divertido — disse Liz. — Nunca devia ter-lhe chamado Mefistófeles.

— E eu não lhe devia ter chamado Liz Escorregadia. — Os olhos dele adoçaram. — Vou sentir falta do nosso jogo do gato e do rato mensal. Entre todos os meus inquilinos delinquentes, a Liz é a minha favorita.

— Mas, espere — disse Nina ao senhorio. — Temos mesmo de fechar? Agora tenho dinheiro. Quero investir na loja, pagar-lhe, ajudar a Liz a gerir a Knight's por mais 20 anos. — Olhou para a chefe. — Até agora, eu não tinha a certeza, mas também adoro os leitores, e os livros, e não há nada que deseje mais do que passar a minha vida profissional a fazer apresentações.

— Tens a certeza? — disse Liz, preocupada. — Quero dizer, eu sei que o universo gira num misterioso blá, blá, blá, mas não preferias viajar pelo mundo?

— Não. Prefiro ficar em casa a ler.

— Que tal investir em imobiliário? — perguntou Meffo.

— Com este mercado? Está louco? — respondeu Nina.

— E a fotografia? — perguntou Liz.

— Vou comprar uma máquina melhor, mas não vou deixar o meu emprego. — Nina começou a ficar irritada. — O que é que se passa com vocês todos? Não quero viajar, não quero comprar uma casa, quero gerir uma livraria, e esta é a livraria que quero gerir. — Virou-se para Tom. — Acreditas em mim, não acreditas?

Tom assentiu com a cabeça.

— Querida, fazes o que tu quiseres.

— Bem, não sei... — Meffo estava a franzir a testa. — A Puff and

Pout assinou um contrato.

— Elas acabaram de vos drogar sem aviso prévio! Acho que uma conversa musculada pode convencê-las a recuar.

Liz olhou em volta.

— Vou levar algum tempo a reorganizar isto tudo.

Nina estava triunfante.

— Não faz mal. Eu e o Tom vamos fazer uma viagem.

— Vamos? — admirou-se Tom.

— Sim — disse Nina com animação. — Vamos ao México. Acabei de decidir. Gosto de ser espontânea!

— Oh, meu Deus — disse Liz, que começava claramente a ficar mais sóbria. — Pareces uma personagem de um livro.

— Lizzy Bennet? Katniss Everdeen?

— Não. O tipo teimoso de *Ovos Verdes e Presunto*. Depois de tanto planeamento irritante e obsessivo, afinal parece que gostas de improvisar. — Adotou um tom cantado. — A sério! Gosto de ser flexível! E vou fazê-lo num comboio, e vou fazê-lo à chuva! — Virou-se para Tom. — Acho que isto faz de ti o Sam-Eu-Sou.

Tom encolheu os ombros.

— Aceito. Persistente e leal são bons traços de personalidade.

Nina riu-se sonoramente. Encontrara o seu propósito — não ler o máximo de livros possível, mas ajudar as pessoas a fazê-lo. Ia transformar a Knight's num grande sucesso, ia instalar uma grande e reluzente máquina de café e pôr fotografias na parede e arranjar um cão para a loja e chamar-lhe Almirante Frontispício... ou talvez fosse só o efeito do queque.

— Vamos — disse a Tom. — Vamos embora.

E, querido leitor, foi isso que fizeram. E quando acabaram de fazer isso, viveram felizes para sempre.

Hoje é o dia

DATA DIA DA GRANDE INAUGURAÇÃO! S T Q Q S S D

△ △ △ △ △ △ △

HORÁRIO

07h-08h Ir buscar a Lou ao aeroporto

08h-09h

09h-10h Acabar a decoração

10h-11h

11h-12h Ir buscar os bolos - Polly

12h-13h

13h-14h

14h-15h PORTAS ABERTAS

15h-16h

16h-17h

17h-18h

18h-19h

19h-20h

20h-21h



LISTA DE AFAZERES

☐ Cupcakes

☐ Vinho

☐ Queijo

☐ Pão

☐ Pocky!!

☐

☐

☐

☐

☐

LIVRARIA

KNIGHTSHILL

Arranjar
designer!!

OBJETIVOS

Não ficar sem vinho
Rulote de catering
323 177217

NOTAS

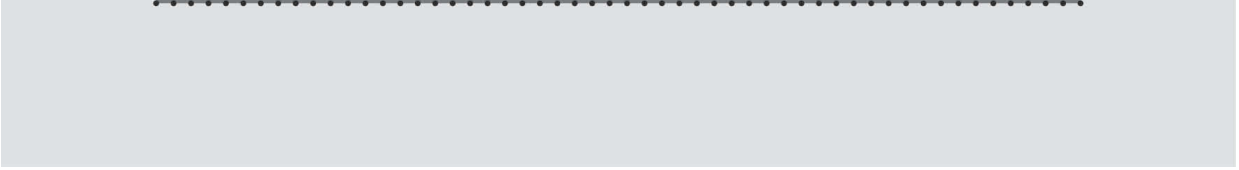
Tom
Peter - trazer cão
Lydia + Lisa?
Lili + miúdas + gajo
Becky e John

+ PEQUENO-ALMOÇO

+ ALMOÇO

+ JANTAR

+ EXERCÍCIO



Agradecimentos

Escrever livros é um trabalho solitário e, ao mesmo tempo, um esforço de equipa. Nunca teria concluído *A Vida Livresca de Nina Hill* sem o meu trio de primeiros leitores e sem a minha maravilhosa editora. Leah Woodring, Candice Culnane e Ali Gray leram-no muuuito antes de estar pronto e fizeram comentários e alterações que o melhoraram muitíssimo. E depois a minha editora, Kate Seaver, levou tudo até à linha da meta. Vocês as quatro são deusas e cheias de estilo, e sou uma felizarda por vos conhecer.



Edição original

Título: *The Bookish Life of Nina Hill*

Texto: Abbi Waxman © 2019 Dorset Square LLC

Capa: Vikki Chu

Publicado pela Berkley, uma chancela da Penguin Random House, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *A Vida Livresca de Nina Hill*

Tradução: Fernanda Semedo

Revisão: Manuela Duarte

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-564-774-3

ISBN edição ePub: 978-989-564-869-6

1.^a edição: outubro de 2021

Versão 1.0: outubro de 2021

© 2021 **Topseller**, uma chancela da **20|20 Editora**.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização da editora.



os livros em primeiro lugar

Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

A Vida Livresca de Nina Hill é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Também disponível em versão impressa.

Abbi Waxman

«Um romance
peculiar e excêntrico
que irá encantar
qualquer leitor.»

ENTERTAINMENT
WEEKLY

A vida
liwresca
de
Nina Hill

BESTSELLER IMEDIATO DO USA TODAY

TOP
SEL
LER

